

CHRISTINA
LAUREN

AUTORA BEST-SELLER DO
THE NEW YORK TIMES COM A
SÉRIE CRETINO IRRESISTÍVEL

Surpresa
IRRESISTÍVEL

RUBY E NIALL VÃO PARA NOVA YORK A TRABALHO,
MAS A VIAGEM PROMETE PEGAR FOGO

UNIVERSO DOS LIVROS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

CHRISTINA LAUREN

**Surpresa
IRRESISTÍVEL**

Formatação: Epub e Mobi: Star Books Digital

Revisão: Camila S Macedo

Star Books Digital
The logo graphic consists of a teal-colored horizontal bar that curves downwards at both ends, resembling an open book. To the right of this bar are three small, solid-colored squares: a purple one, a pink one, and a red one.

Para Kresley: A primeira linha – e tudo que segue – é para você.

Um

– Não vou dizer que aposto que ele tem pau enorme, mas também não vou *negar*.

– *Pippa* – eu disse, cobrindo o rosto horrorizada. Pelo amor de Deus, eram sete e meia da manhã de uma quinta-feira. Ela não podia estar bêbada tão cedo assim.

Tentei jogar um sorriso de desculpas para o homem de olhos arregalados na nossa frente e fiquei desejando poder acelerar o elevador com o poder da minha mente.

Quando olhei feio para ela, *Pippa* fez um movimento com os lábios dizendo “o que foi?”, e depois mostrou com as mãos o tamanho que ela tinha em mente. Então, sussurrou:

– Igual a um *cavalo*.

Fui salva de precisar me desculpar de novo quando paramos no terceiro andar e as portas se abriram.

– Você percebeu que tinha mais gente no elevador, não é? – eu disse num tom bravo, seguindo *Pippa* pelo corredor e virando em outro. Paramos na frente de uma porta com o nome Richardson-corbett gravado no vidro fosco.

Ela ergueu os olhos de sua bolsa enorme, onde procurava as chaves, enquanto os braceletes no seu pulso tilintavam como sininhos que balançam com o vento. Sua bolsa tinha uma forte cor amarela e era cravejada com metal brilhante. Debaixo da luz fluorescente, seu longo cabelo ruivo parecia feito de neon.

Meu cabelo era loiro-escuro e eu carregava uma bolsa bege: sentia-me um biscoito de caramelo ao lado dela.

– Tinha mais gente?

– Sim! Aquele cara do financeiro estava bem na sua frente. Tenho que ir lá mais tarde, e graças a você vou sofrer um momento constrangedor quando olharmos um para o outro e lembrarmos-nos de você falando *pau*.

– Eu também disse “igual a um cavalo”. – Ela se sentiu momentaneamente

culpada antes de voltar a atenção para a bolsa. – Os caras do financeiro precisam relaxar um pouco, de qualquer maneira. – Então, com um gesto dramático mostrando o corredor escuro à nossa frente, ela disse: – Agora estamos sozinhas o bastante pra você?

Fiz uma reverência irônica para Pippa.

– Por favor. Você primeiro.

Ela assentiu, juntando as sobrancelhas como se estivesse se concentrando.

– Quer dizer, logicamente ele *tem* que ser enorme.

– *Logicamente* – eu repeti, tentando segurar um sorriso. Meu coração batia loucamente como sempre fazia quando conversávamos sobre Niall Stella.

Especular sobre o tamanho do seu pênis seria a minha ruína.

Jogando o braço no ar num movimento vitorioso, Pippa sacudiu as chaves do escritório antes de enfiar a maior delas na fechadura.

– Ruby, você já reparou nos dedos dele? Nos *pés*? Sem falar que ele tem uns três metros de altura.

– Dois metros – eu corriji discretamente. – Mas o tamanho da mão não quer dizer nada. – Fechamos a porta atrás de nós e acendemos as luzes do escritório. –

Muitos caras têm mãos grandes, mas não são especialmente dotados lá onde importa.

Continuei seguindo a Pippa pelo corredor estreito até uma sala cheia de escrivainhas, num canto menor e menos opulento do terceiro andar. Apesar do aperto, nossa pequena seção do escritório era pelo menos confortável, uma sorte, considerando que eu passava mais tempo ali, trabalhando, do que no meu pequeno apartamento alugado em South London.

A Richardson-Corbett Consultoria podia ser uma das maiores e mais bem-sucedidas empresas de engenharia da Europa, mas oferecia apenas poucas vagas de estágio. Logo depois de me formar na UC San Diego, fiquei extremamente animada quando consegui uma vaga na empresa. As horas eram longas e o pagamento acabou com meu vício de comprar sapatos, mas o sacrifício já estava valendo a pena: depois de completar os primeiros

noventa dias do estágio, uma placa de metal substituiu a fita crepe com o nome Ruby Miller, e me mudaram – daquilo que não passava de um armário no segundo andar para um dos escritórios adjuntos do terceiro andar.

Passei sem problemas pelo colégio e sobrevivi à faculdade com apenas alguns surtos ocasionais. Mas me mudar para o outro lado do mundo e conviver com alguns dos melhores engenheiros da Inglaterra? Nunca trabalhei tão duro por nada em minha vida inteira. Se terminar o estágio tão bem quanto comecei, eu provavelmente conseguiria uma vaga dos sonhos na pós-graduação da Oxford. É claro, *terminar bem* significa não ficar falando sobre o pau dos executivos no elevador...

Mas a Pippa estava apenas começando.

– Lembro de ter lido que você deve medir do punho até a ponta do dedo do meio... – ela acrescentou, usando os dedos para medir a própria mão, depois mostrou para mim tentando ilustrar o argumento. – Se for verdade, o cara do seu sonho deve ser muito bem-dotado.

Eu confirmei, pendurando meu casaco no encosto da cadeira.

– Acho que sim.

Pippa deixou a bolsa sobre a cadeira e me olhou com uma expressão mordaz.

– Adoro quando você tenta parecer toda desinteressada. Como se não ficasse olhando para o pau dele sempre que ele aparece num raio de três metros de você.

Tentei fingir indignação.

Tentei parecer horrorizada e argumentar qualquer coisa.

Não consegui pensar em nada. Nos últimos seis meses, joguei tantos olhares disfarçados na direção do Niall Stella que se alguém pudesse ser considerada uma especialista na topografia da sua virilha, essa seria eu.

Enfiei minha bolsa na gaveta debaixo da minha mesa e fechei soltando um suspiro resignado. Aparentemente, meus olhares disfarçados não foram muito eficazes no quesito “disfarce” como eu pensava.

– Infelizmente, tenho certeza que o pau dele nunca esteve, nem vai estar, tão perto de mim assim.

– Não se você nunca falar com ele. Quer dizer, olha só, assim que eu tiver uma chance, vou pular no pescoço daquele ruivo do RH. Você deveria pelo menos *falar* com ele, Ruby.

Eu já estava sacudindo a cabeça quando ela bateu com sua echarpe em mim.

– Pense nisso como uma pesquisa para sua aula de Integridade Estrutural. Diga a ele que você precisa testar a resistência à tração da barra de aço dele.

Soltei um gemido frustrado.

– Ótimo plano.

– Certo, então pense em outra pessoa. Tipo aquele loiro da sala de correspondência. Ele sempre fica de olho em você.

Fiz uma careta.

– Não me interessa.

– Então o Ethan, do financeiro. Ele pode ser baixinho, mas é *sarado*. E você viu quando ele fez aquele truque com a língua no pub?

– Deus, não. – Eu me senti, afundando sob o peso da investigação dela. – Estamos mesmo tendo essa conversa? Não podemos só fingir que minha enorme paixonite não existe?

– Não mesmo. Você não está interessada em nenhum dos outros caras, mas também não consegue ir atrás do

Sr. Certinho – ela suspirou. – Não me entenda mal. O Stella é realmente gostosão, mas um pouco certinho demais, você não acha?

Passei minha unha sobre a beira da mesa.

– Eu meio que gosto disso nele – falei. – Ele é estável.

– Careta – ela retrucou.

– *Contido* – eu insisti. – É como se ele tivesse saído de um romance da Jane Austen. Ele é o Mr. Darcy. – Achei que isso ajudaria no meu argumento.

– Não entendo isso. O Mr. Darcy é curto e grosso com a Elizabeth, quase chegando à grosseria. Por que você quer alguém que daria tanto trabalho?

– Por que você acha que isso dá mais trabalho? – perguntei. – O Mr.

Darcy não fica jogando elogios baratos sem significado. Quando ele diz que a ama, é porque ama *mesmo*.

Pippa desabou na cadeira e ligou o computador.

– Acontece que eu gosto de um pouco de flerte.

– Mas um flerte é igual com todo mundo – argumentei. – O Mr. Darcy é desajeitado e difícil de entender, mas quando você conquista seu coração, ele se torna apenas seu.

– Para mim, isso parece trabalhoso demais.

Eu sei que sempre fui um pouco romântica demais, mas a ideia de ver o herói contido se entregando por completo de um jeito que ninguém conseguia fazer – sem inibições, faminto, sedutor – tornava difícil pensar em outras coisas quando Niall Stella aparecia na minha frente.

O problema era que eu ficava totalmente idiota quando ele estava por perto.

– Como é que eu posso pensar em ter uma conversa de verdade com ele? – perguntei. Eu sabia que nunca daria o primeiro passo, mas gostei de finalmente conversar sobre isso com alguém que o conhecia, alguém que não fosse a London e a Lola, minhas amigas que estavam do outro lado do oceano. Eu continuei:

– Sabe, uma conversa em que nós dois soubéssemos que era *aquele* tipo de conversa? Na reunião da semana passada, o Anthony me pediu para apresentar uns dados sobre o projeto da Diamond Square e eu estava *arrasando* até que ergui os olhos e vi que ele estava atrás do Anthony. Você sabe quanto tempo eu trabalhei duro naquilo? Foram *semanas*. Mas foi preciso só um vislumbre do Niall Stella para destruir minha concentração.

Por alguma razão, eu não conseguia falar dele usando apenas o primeiro nome. Dizer “Niall Stella” era um tipo de honra, como Príncipe Harry ou Jesus Cristo.

– Fiquei muda no meio de uma frase – eu continuei. – Quando ele está perto de mim, acabo soltando algo ridículo ou perco completamente a fala.

Pippa riu antes de cerrar os olhos e me olhar de cima a baixo. Ela apanhou o calendário e fingiu que estava analisando.

– Engraçado, acabei de perceber que hoje é *quinta-feira* – ela disse, quase cantando. – Isso explica por que o seu cabelo está particularmente sexy hoje e você está usando essa minissaia devassa.

Passei a mão sobre meu cabelo curto e repicado que chegava até o queixo.

– Está do jeito que fica todos os dias.

Pippa riu. Na verdade, passei tempo demais me arrumando pela manhã, mas eu precisava de uma confiança extra hoje.

Pois, assim como ela disse, hoje era quinta-feira, meu dia favorito da semana.

Nas quintas-feiras eu me encontrava com ele.



No geral, as quintas-feiras não deveriam ser motivo para ficar animada. A lista de afazeres para hoje, em particular, incluía coisas mundanas como regar a pequena figueira que a Lola insistiu que eu contrabandeasse de San Diego à Londres, digitar um orçamento e enviar pelo correio e colocar o lixo reciclável na calçada. Uma vida glamorosa. Mas no topo da lista das quintas-feiras havia o encontro do grupo de engenharia do Anthony Smith, onde, por uma hora toda semana, eu tinha uma visão sem obstruções do Niall Stella, Vice-Presidente, Diretor de Planejamento e, meu Deus, o Cara Mais Gostoso do Mundo.

Se pelo menos eu pudesse incluí-lo na minha lista de “coisas” a fazer.

Uma hora de observação privilegiada do Niall Stella era ao mesmo tempo uma bênção e uma maldição, pois eu *estava* interessada de verdade no que acontecia com a empresa e achava fascinante a maioria das conversas entre os sócios majoritários. Eu tinha 23 anos, não doze. Tinha um diploma de engenharia e seria a chefe *deles*, algum dia, se tudo desse certo. A ideia de que um único indivíduo possuía o poder de sequestrar minha atenção era mais do que horripilante. Normalmente, eu não era desajeitada ou medrosa, e eu namorava, sim. Na verdade, namorei mais desde que me mudei para Londres do que no tempo em que morava em casa porque, bom, Garotos Ingleses. Isso diz tudo.

Mas este Garoto Inglês em particular estava, infelizmente, além do meu

alcance. Quase literalmente: Niall Stella tinha uns dois metros de altura e uma educação refinada, cabelos morenos perfeitamente arrumados, olhos castanhos cheios de vida, largos ombros musculosos e um sorriso tão lindo que, nas raras vezes em que dava as caras no escritório, fazia minha linha de raciocínio despencar num abismo.

De acordo com os rumores do escritório, ele terminou a faculdade ainda um menino, para depois se tornar um urbanista lendário. Mas só descobri que isso era verdade quando comecei a trabalhar com o grupo de engenharia da Richardson-Corbett e testemunhei a maneira como ele aconselhava tudo, desde diretrizes de construção até a composição química de aditivos do concreto. Ele era praticamente a palavra final em Londres sobre todas as pontes e construções comerciais e de transporte. Para minha completa decepção, ele até sumiu no meio de uma quinta-feira para dirigir uma equipe de construção quando um trabalhador em pânico ligou dizendo que outra empresa havia errado no projeto da fundação e o concreto já estava sendo despejado. Nada em Londres era erguido sem uma opinião do Niall Stella em algum ponto.

Ele tomava seu chá com leite (sem açúcar) antes de qualquer coisa, tinha um escritório enorme no terceiro andar – longe do meu –, claramente nunca tinha tempo para televisão, mas era torcedor fanático do Leeds United. E, apesar de ter sido criado em Leeds, fez faculdade em Cambridge, depois Oxford, e agora morava em Londres. Em algum ponto do caminho, Niall Stella adquiriu um sotaque muito elegante.

Além disso tudo: era recentemente divorciado. Meu coração mal podia aguentar.

Enfim, seguindo em frente.

Número de vezes em que o Niall Stella me olhou durante as reuniões de quinta? Doze. Número de conversas que tivemos? Quatro. Número de eventos desses de que ele se lembra? Zero. Estive lutando contra minha paixãoite pelo Niall Stella por seis meses, mas tinha certeza de que ele não sabia distinguir se eu era funcionária da empresa ou se estava lá apenas entregando comida.

Ele era sempre um dos primeiros a chegar ao escritório, mas hoje curiosamente ainda não havia chegado. E eu chequei – *várias vezes* –

esticando meu pescoço para enxergar através das pessoas sonolentas que lentamente enchiam a sala de conferência.

Nossa sala de reuniões tinha uma parede de janelas, cada uma com vista para a rua movimentada lá embaixo. Minha caminhada matinal para o trabalho foi relativamente seca, mas, como quase sempre acontecia por aqui, uma garoa começou a cair do céu pesado com nuvens. Era o tipo de chuva que parecia uma névoa inocente, mas aprendi a não me deixar enganar: se eu demorasse mais que três minutos, acabaria encharcada. Mesmo se tivesse crescido em algum lugar mais chuvoso que o sul da Califórnia, eu nunca estaria preparada para o jeito como o ar londrino, entre outubro e abril, parece saturado com água, pesado e úmido. Como se uma nuvem de chuva envolvesse meu corpo e penetrasse até meus ossos.

A primavera havia apenas começado em Londres, mas a pequena praça na Southwark Street ainda estava vazia e decepcionante. Ouvi dizer que no verão a praça ficava cheia de cadeiras cor-de-rosa e mesinhas de um restaurante nos fundos. No momento, tudo que se via era concreto, galhos pelados e folhas marrons dançando pelo chão.

Ao meu redor, as pessoas continuavam a reclamar do clima enquanto abriam seus notebooks e terminavam seus chás. Tirei os olhos da janela a tempo de ver os últimos retardatários chegando apressados. Todos queriam estar acomodados antes que Anthony Smith – meu chefe e diretor de engenharia da empresa – descesse do sexto andar.

Anthony era... bom, certo, ele era um sujeito meio idiota. Ele ficava secando as estagiárias, adorava ouvir a si mesmo e nada que falava soava sincero. Em todas as manhãs de quinta ele gostava de fazer um exemplo da última pessoa que entrava, comentando rispidamente com um sorriso falso sobre suas roupas ou o cabelo para que todo mundo na sala ficasse olhando em silêncio, enquanto a pessoa buscava um lugar para sentar, toda envergonhada.

A porta rangeu enquanto abria. *Emma.*

Mas ela ficou segurando a porta para outra pessoa. *Ah! Karen.*

Vozes soaram do corredor, aumentando quando entraram na sala. *Victoria e John.*

E então, lá estava ele.

– É hora do show – Pippa murmurou ao meu lado.

Vi o topo da cabeça do Niall Stella quando ele entrou logo atrás do Anthony, e era como se o ar sumisse da sala. As pessoas e o burburinho se transformaram num borrão até sobrar apenas *ele*, com uma expressão neutra enquanto instintivamente analisava quem estava presente e quem não estava, os ombros cobertos num terno escuro, uma das mãos casualmente dentro do bolso da calça.

Aquela sensação urgente e ferosa em meu peito aumentou.

Havia algo no Niall Stella que fazia você querer olhar para ele. Não porque fosse chamativo ou espalhafatoso, mas porque não era. Havia uma confiança discreta nele, um jeito de se portar que exigia atenção e respeito, e a sensação de que enquanto não estava falando, ele estava observando, estudando cada pessoa.

Todos, exceto a mim.

Por ter crescido numa família de terapeutas que discutiam *tudo*, nunca fui do tipo silencioso. Meu irmão e até a Lola me chamavam de tagarela quando eu não parava de falar. Então, o fato de que eu, entre todas as pessoas, não conseguia articular uma simples palavra com Niall Stella por perto não fazia nenhum sentido. O que eu sentia por ele era um tipo de encanto que impedia qualquer concentração.

Ele nem precisava comparecer às reuniões de quinta-feira; ele apenas *aparecia*, pois queria ter certeza de que havia “consenso entre os departamentos”, então sua divisão de planejamento “poderia ao menos ter um vocabulário de engenharia em comum”, já que era sua responsabilidade coordenar a engenharia com as políticas públicas e seu próprio departamento de planejamento.

Não que eu decorasse tudo que ele dizia nas reuniões.

Hoje ele vestia uma camisa azul-clara debaixo do terno escuro. A gravata exibia um desenho hipnotizante em amarelo e azul, e meus olhos subiram pelo nó Windsor duplo até a pele macia do pescoço, passando pela curva pesada do pomo de adão, chegando ao queixo quadrado. Sua normalmente impassível boca estava curvada para baixo em consternação, e quando

cheguei nos olhos... percebi, horrorizada, que ele estava olhando para mim – enquanto eu o comia com os olhos como se fosse meu trabalho.

Oh, Deus.

Baixei os olhos para meu notebook, e a tela se tornou um borrão sob a intensidade do meu olhar. A cacofonia de telefones e impressoras do escritório lá fora invadia pela porta aberta, o volume aumentando até se transformar num caos sonoro, e então alguém fechou a porta, sinalizando o começo da reunião. E como se a sala fosse isolada a vácuo, todo o barulho silenciou abruptamente.

– Sr. Stella – Karen disse num cumprimento.

Cliquei em meu e-mail, tentando focar minha audição em sua resposta. Respirei fundo. Mais de uma vez. Digitei minha senha. Forcei meu coração a se acalmar.

– Karen – ele disse, finalmente, em sua perfeita voz grave e discreta. Um sorriso se espalhou inconscientemente em meu rosto. E não foi um simples sorriso, foi um *largo* sorriso, como se alguém tivesse me oferecido uma fatia gigante de bolo.

Meu Deus, estou profundamente perdida.

Mordendo o interior da minha bochecha, fiz força para endireitar a expressão. Julgando pelo toque do cotovelo de Pippa nas minhas costelas, tive certeza de que falhei.

Ela chegou mais perto.

– Calma lá, garota – ela sussurrou. – Foram apenas duas sílabas.

A porta se abriu e Sasha, outra estagiária, entrou rapidamente.

– Desculpe o atraso – ela sussurrou. Uma olhada para o relógio do notebook me disse que, na verdade, ela foi perfeitamente pontual, mas Anthony, claro, não deixaria passar.

– Tudo bem, Sasha – ele disse, observando enquanto ela se espremia entre a longa fila de cadeiras e a parede, sob um silêncio constrangedor. – Que blusa bonita. É nova? Azul fica bem em você. – Sasha tomou seu lugar, o rosto todo vermelho. – E, a propósito, bom dia – ele acrescentou com um grande sorriso.

Fechei meus olhos, respirando fundo mais uma vez. Ele era *tão* babaca.

Finalmente, a reunião em si começou. Anthony passou sua lista de questões para cada um de nós, papéis foram distribuídos, e quando eu me virei na cadeira para entregar a pilha de papéis para a próxima pessoa, olhei para a mesa. E quase engoli minha própria língua.

Niall Stella estava a apenas duas cadeiras de mim.

Por debaixo de meus cílios, olhei para ele, para o ângulo de seu queixo – sempre perfeitamente barbeado, nunca nem mesmo um resquício de barba –, para seus olhos de cílios negros e perfeitos, as sobrancelhas castanhas, a impecável camisa e a gravata. Seu cabelo parecia tão suave sob a leve iluminação da sala de reunião. Acabei franzindo as sobrancelhas quando notei que provavelmente também era macio – tinha que ser, é *claro* – e imaginei pela centésima vez como seria passar minhas mãos ali, agarrar, puxar e...

– Ruby? Já recebemos notícias da Adams e Avery? – Anthony perguntou.

Endireitei-me na cadeira e olhei para o notebook. Passei a noite em claro trabalhando naquele arquivo.

– Ainda não – eu disse, minha voz quase normal. – Eles já estão com nossos planos prontos para a assinatura. Mas checarei de novo com eles se eu não receber nenhum telefonema até o fim do dia.

E, sim, isso até que foi bem articulado, considerando a maneira como Niall Stella voltou toda sua atenção para o meu rosto.

Muito satisfeita comigo mesma, digitei um rápido lembrete e apoiei o cotovelo na mesa, puxando uma mecha de cabelo enquanto passava o olho em meu calendário.

Mas algo parecia errado. Eu me sentava nesta cadeira por uma hora todas as semanas, e tinha quase certeza de que nunca tive a sensação de agora. Era uma pressão na lateral do meu rosto, como se fosse o *peso físico* da atenção de alguém.

Enrolei o cabelo em meu dedo e casualmente olhei para Pippa. Não, nada.

Com aquilo que eu imaginava ser uma sutil inclinação para frente, estiquei o pescoço olhando para a direita e imediatamente congelei.

Ele ainda estava olhando para mim. Niall Stela estava olhando para mim. Olhando *de verdade*. Olhos castanhos claros encontraram os meus, algo que não poderia ser descrito como uma simples olhada, mas sim como uma completa *encarada*. Sua expressão era de curiosidade, como se eu fosse um móvel novo que acabaram de deixar aleatoriamente na sala.

Meu coração disparou, martelando a pulsação em minhas veias. Dentro do meu peito, tudo parecia líquido e maluco, e se alguém gritasse “fogo!” eu acabaria explodindo, pois não conseguia controlar nenhum aspecto do meu corpo.

– Niall – Anthony disse.

Niall Stella piscou antes de desviar os olhos do meu rosto.

– Sim?

– Você se importaria de nos informar a situação da proposta na Diamond Square? Quero que minha equipe tenha alguns parâmetros até o fim da semana, mas não sabemos a dimensão do espaço compartilhado...

Eu me distraí quando o Anthony, como sempre, fez sua pergunta de um jeito que era sete vezes mais complexo do que deveria ser.

Quando a questão terminou, Niall Stella sacudiu a cabeça.

– As dimensões – ele disse, depois começou a revirar uma pilha de papéis na sua frente. – Não tenho certeza se tenho os números aqui...

– Eles marcaram de terminar as dimensões hoje de manhã – eu respondi e expliquei que as permissões seriam entregues no máximo até amanhã. – Pedi ao Alexander para enviar uma cópia da planta à tarde.

A sala ficou tão silenciosa que pensei que tinha perdido a habilidade de ouvir.

Acontece que todos estavam olhando para mim. *Oh, Deus, o que foi que eu fiz?*

Eu interrompi sem pensar.

Respondi a uma questão que claramente não era para mim.

Respondi a uma questão que *ele* claramente sabia a resposta.

Senti minhas sobrancelhas franzirem. Mas por outro lado, por que ele não havia respondido?

Inclinei-me para frente e olhei para ele.

– Bom – ele disse. Discreto. Profundo. Perfeito. Depois de se ajeitar na cadeira, olhou-me nos olhos e exibiu o vestígio de um sorriso agradecido. – Encaminha pra mim depois?

Meu coração voou completamente para fora do meu corpo.

– É claro.

Ele ainda olhava para mim, claramente tão confuso quanto eu sobre o que acabara de acontecer, mas satisfeito, de um jeito misterioso. Não sei o que me fez falar aquilo. Em um minuto Niall Stella estava olhando para mim, no minuto seguinte ele estava todo atrapalhado procurando uma informação para responder a uma questão que eu tinha certeza de que ele poderia responder até mesmo dormindo.

Era como se sua mente estivesse viajando em outro lugar. Algo que nunca vi acontecer antes.

– E agora, a boa notícia – Anthony disse, olhando para uma pilha de papéis antes de passá-la adiante e se levantar. Ergui meus olhos, apreensiva por causa do seu tom de voz. Anthony adorava ter a atenção da sala e, pelo visto, estava se preparando para algo grande.

– O sistema de metrô de Nova York foi construído com a ideia de que tempestades perfeitas acontecem apenas uma vez a cada cem anos. Infelizmente, a realidade não é essa. Desastres como o furacão Sandy provam que aquilo que era esperado uma vez a cada século tem acontecido muito mais frequentemente. Os Estados Unidos estão gastando *bilhões* com projetos para entradas elevadas e comportas contra enchentes e, já que trabalhamos bastante com o metrô de Londres, eles também querem nossa opinião. Então, viajarei por um mês para participar da Conferência Internacional sobre Preparação Emergencial para transportes públicos, viagens aéreas e infraestrutura urbana.

– *Um mês?* – uma das engenheiras disse, ecoando aquilo que todos provavelmente estavam pensando. Imaginei se mais alguém estava ecoando minha comemoração mental com a ideia de ficar livre do Anthony por um bom período.

Ele fez um gesto na direção dela.

– Serão três conferências diferentes. Nem todos os convidados ficarão durante todo o tempo, mas já que nossa empresa é especialista tanto em infraestrutura urbana quanto em transporte público, Richard decidiu que gostaria que nós ficássemos por toda a duração do evento.

– Nós? – perguntou um dos executivos do departamento do Niall.

– Isso mesmo – Anthony disse, inclinando a cabeça para sua esquerda. – Niall irá me acompanhar.

– Vocês *dois* vão ficar fora por um mês? – eu disse de repente, instantaneamente desejando poder agarrar minhas palavras e enfiá-las de volta na minha garganta. Eu era uma estagiária. Uma das regras veladas do Anthony era que nós não deveríamos falar nada, com exceção a perguntas diretas. Eu podia sentir o peso dos olhos de todos sobre mim novamente. E, pior do que isso, podia sentir os olhos *dele* pressionando minha pele, analisando.

– Hum, sim, Ruby – Anthony disse, claramente confuso. Ele deu a volta em sua cadeira para ficar de pé ao meu lado, com as mãos no bolso da calça.

– Mas não se preocupe, sei que seu projeto da Oxford Street está quase pronto, minha ausência não irá afetar a liberação. Se você precisar de alguma coisa, é só ligar.

– Oh – eu disse, sentindo o calor lentamente sumir do meu rosto. – É bom saber disso, obrigada. – É claro que o Anthony pensou que minhas palavras vomitadas eram porque eu estava preocupada por *ele* – meu *chefe* – viajar, e que talvez sua ausência pudesse de alguma forma interferir no meu trabalho.

– Isso foi muito sutil – Pippa disse, enquanto suas longas unhas digitavam no teclado.

– Cala a booooca – gemi, afundando na cadeira.

Eu não sabia se o Niall Stella ainda estava olhando na minha direção, e a parte de mim que ainda tinha doze anos queria arrastar Pippa até o banheiro para que ela descrevesse a cena, segundo a segundo.

Mas eu sabia que isso seria um erro. Era o primeiro dia que ele reparava em mim de verdade e estraguei tudo, agindo como uma psicopata. Eu não aguentaria ouvir dela que ele fez *aquela* cara na minha direção, quando ele fechava o rosto como se alguém tivesse derramado chantilly em seu terno

caro.

Eu achava melhor voltar para os tempos em que ele não sabia que eu existia.



Ao fim do dia, eu estava em nossa longa mesa compartilhada organizando uma pilha de permissões. Minha Coca diet já estava morna e eu contava os minutos para um banho quente e um livro (ainda mais quente) quando meu e-mail piscou com uma nova mensagem.

– Finalmente – suspirei. Estive esperando pela confirmação do número o dia todo, e agora, talvez, eu poderia ir para casa.

Ou talvez não.

Pippa bocejou ao meu lado e espreguiçou os braços sobre a cabeça. Já estava escuro lá fora e a caminhada até o metrô seria fria e molhada.

– Podemos ir agora?

Meus ombros caíram.

– Na verdade, é um e-mail do Anthony – eu disse a ela, franzindo as sobrancelhas diante da tela. – Ele quer me ver em seu escritório antes de eu ir embora. Posso pensar em pelo menos umas cem coisas que eu preferia fazer a isso.

– O quê? – ela disse, chegando mais perto para olhar meu monitor. – O que ele quer?

Eu sacudi a cabeça.

– Sei lá.

– Ele não tem relógio? Nossa hora já passou faz vinte minutos.

Digitei uma resposta rápida, dizendo que estava a caminho, depois comecei a arrumar minhas coisas.

– Espera por mim? – eu pedi.

Parando antes de fechar a gaveta com violência, ela fez uma cara triste.

– Tenho que correr, desculpa, Rubes. Esperei o máximo que podia, mas tenho muito que fazer à noite.

Eu disse que estava tudo bem, mas senti um pouco de desconforto por

ficar sozinha no escritório, tarde assim, com Anthony.

Os corredores estavam vazios quando peguei o elevador para o sexto andar.



– Ruby, Ruby, entre – ele disse, parando de arrumar algumas coisas sobre sua mesa e as colocando dentro de uma caixa de papelão. *Será que ele foi despedido? Será que isso é um sonho?*

– Feche a porta e sente-se – ele continuou.

Senti minha boca querendo se curvar para baixo.

– Mas não tem ninguém aqui – eu disse, deixando a porta aberta e me sentando na cadeira em frente à mesa.

– Por que seus pais te deram esse nome, Ruby? – ele perguntou, analisando meu rosto lentamente.

Minha careta aumentou. *O quê?*

– Hum... não sei direito. Acho que eles simplesmente gostavam do nome.
– Anthony tinha vários hábitos do mundo dos negócios, incluindo manter uma garrafa de uísque numa mesa atrás de sua escrivaninha. Será que ele tinha bebido?

– Eu já contei a você qual era o nome da minha avó?

Olhei para o uísque, tentando lembrar o quanto estava cheio na última vez que estive aqui.

Anthony deu a volta na mesa e se sentou na beirada mais perto de mim. Sua coxa pressionou contra a lateral do meu braço e eu me ajeitei na cadeira.

– Não, senhor. Nunca me contou.

– Não, não me chame de “senhor” – ele disse, balançando a mão em protesto. – Isso me faz sentir como se eu pudesse ser o seu pai, lembra? Me chame de Anthony.

– Certo. Desculpe... Anthony...

– Não sou o seu pai, sabe? – ele disse, enquanto se inclinava na minha direção. Houve uma pausa pesada. – Nem perto dessa idade.

Tentei disfarçar o estremecimento que se espalhou por meu corpo. Tenho certeza que, se fosse possível, Anthony literalmente se derreteria numa poça aos meus pés. E depois olharia debaixo da minha saia.

– Mas não foi por isso que chamei você aqui. – Ele se endireitou e puxou um arquivo de uma pilha em sua mesa. – Chamei você aqui porque houve uma mudança nos planos. Acontece que surgiu uma coisa e não vou poder ir para Nova York.

O que isso tinha a ver comigo? Ele achava mesmo que eu estava tão preocupada com sua ausência que precisava me atualizar pessoalmente?

Engoli em seco, tentando parecer interessada.

– Não vai poder?

– Não – ele disse, sorrindo, tentando ser generoso, até mesmo indulgente.

– *Você vai.*

Dois

Apoiei o celular entre meu ombro e a orelha para juntar uma pilha de papéis com as duas mãos na minha frente.

— Entendo.

Um silêncio tomou o outro lado da linha.

— *Entende?* — Portia repetiu, numa voz que se tornou fina e apertada. — Você está me ouvindo?

Ela sempre soou tão impaciente comigo assim?

Infelizmente, acho que a resposta era sim.

— É claro que estou ouvindo. Você disse que está presa. Mas não vejo o que eu poderia fazer sobre isso, Porsh.

— Foi o que nós combinamos, Niall. Você concordou em me deixar ficar com o cachorro se *eu* concordasse em deixar você cuidar dele quando eu saísse de férias. Vou sair de férias e agora preciso que você cuide dele.

Mas se for um *transtorno* para você... — A voz dela sumiu, mas o eco reverberou através da linha, como ácido pingando em metal.

— Sob circunstâncias normais, cuidar do Davey não seria problema algum — respondi calmamente. Sempre calmo, sempre paciente, mesmo quando discutíamos quem deveria cuidar do cachorro enquanto ela viajava para Mallorca por uma semana para se recuperar do estresse da finalização do nosso divórcio. — A questão é que eu estarei fora do *país*, meu amor.

Soltei um palavrão na minha mente, estremecendo.

Amor.

Depois de quase dezesseis anos juntos, alguns hábitos não morrem facilmente.

Seu silêncio em resposta foi pesado e denso. Dois anos atrás, essa mudez ao telefone teria me deixado em pânico. Um ano atrás, teria deixado meu estômago revirado.

Agora, nove meses após eu me mudar da casa onde morávamos juntos, seu

silêncio irritadiço simplesmente me cansava.

Ergui os olhos para a quantidade de e-mails em minha caixa de entrada, depois olhei para os contratos em minha mesa, e então para o relógio, que me dizia que já passava em muito da hora de ir para casa. Lá fora o céu havia escurecido. Assim que voltasse para casa teria que começar a arrumar as malas para Nova York e mal conseguiria avançar com o trabalho.

— Portia. Desculpe. Eu realmente preciso ir. Sinto muito pelo cachorro, mas não posso cuidar dele na próxima semana.

— Certo — ela suspirou. — Vai se *foder*.

Fiquei olhando para minha mesa por vários segundos depois que ela desligou, sentindo um pouco de enjoo, antes de baixar meu celular. Tive apenas uns dois segundos para me recuperar antes da porta abrir de repente e Tony entrar.

— Más notícias, cara.

Olhei para ele, erguendo uma sobrancelha num questionamento silencioso.

— Minha esposa está no hospital e as contrações começaram.

Já acompanhei a gravidez de muitos irmãos para saber que ainda não era hora disso com a esposa do Tony.

— Ela está bem?

Ele encolheu os ombros.

— Vai ficar de cama até a chegada do bebê. Ou seja, vou ficar em Londres.

Um alívio se espalhou em meu sangue. Tony era um colega de trabalho decente, mas uma viagem de negócios com ele geralmente significava visitas noturnas a boates de *strip* e, honestamente, isso era a última coisa que eu queria fazer durante um mês em Nova York.

— Então vou sozinho — eu disse, com uma voz mais suave do que antes.

Tony sacudiu a cabeça.

— Vou enviar a Ruby.

Demorei alguns segundos para entender de quem ele estava falando. A Richardson-Corbett não era uma empresa muito grande, mas o Tony

contratava o máximo de estagiárias bonitas que o orçamento permitia. Havia várias em sua equipe e eu nunca conseguia distingui-las direito.

— Aquela morena da região de Essex?

Sua expressão de inveja frustrada parecia tão óbvia que foi quase audível.

— Não. Aquela maravilha da Califórnia.

Oh. Eu sabia quem era. Aquela que me socorreu hoje quando tive um raro caso de perplexidade.

Ironicamente, essa bobeira foi causada pela visão dela.

Aquela garota era *adorável*.

Porém...

— Aquela que parecia preocupada por você ficar ausente por um mês?

Eu praticamente podia ver o ego de Tony crescendo, e ele então sorriu todo orgulhoso.

— Exatamente.

— Mas você acha mesmo necessário enviar alguém? — perguntei. — A maioria das reuniões será sobre logística, de qualquer maneira. Os engenheiros estarão lá apenas para aconselhar.

— Ah, seu cachorro. Tenho certeza que conseguirá convencê-la a ir com você nas baladas.

Eu gemi por dentro.

— Não foi isso que eu quis...

— E, além disso — ele interrompeu —, ela é gostosa demais. Você nem vai precisar de um inferninho se der em cima da Ruby. Boas pernas, bons peitos, rosto *fantástico*.

— Tony — eu disse com uma calma extrema —, não vou “dar em cima” de uma estagiária.

— Mas talvez devesse. Se eu não fosse casado, com certeza experimentaria isso. — Ele deixou o silêncio reverberar pela sala, e eu tentei esconder minha aversão por ele parecer mais frustrado por não poder comer a Ruby do que preocupado por sua esposa ter entrado em trabalho de parto cedo demais. — Desde quando você não dá uma?

Desviei os olhos de sua expressão desafiadora e olhei para minha mesa. Não saí com nenhuma garota desde o divórcio e, com exceção da mão-boba que recebi no pub algumas semanas atrás, fazia uma eternidade que eu não ficava com uma mulher.

— Certo, então você vai ficar — mudei de assunto — e a Ruby vai me acompanhar em Nova York. Você passou a agenda para ela?

— Eu disse que a agenda era levar você até lá, sair nos bares, beber bastante e transar um monte.

Passei a mão no rosto, gemendo.

— Maldição.

Ele riu, virando e se dirigindo para a porta.

— É claro que passei a agenda. Estou só brincando com você. Ela é uma boa estagiária, Niall. Ela pode até impressionar alguém como você.



Eu estava sozinho no elevador, indo embora para casa, quando Ruby entrou um pouco antes de as portas se fecharem. Nossos olhos se encontraram, eu tossi com força, ela quase engasgou... e na descida, o silêncio pesado se tornou imediatamente horrível.

O elevador descia devagar demais.

A quietude parecia enorme.

Nós viajaríamos juntos a negócios, e ao olhar para ela agora — jovem, cheia de energia e, admito, incrivelmente linda — lembrei que teríamos que conversar e nos conhecer, e havia poucas coisas em que eu era pior do que falar com mulheres.

Ela abriu a boca para falar, e então parou, voltando a ficar em silêncio. Quando olhava para mim e eu olhava de volta, ela desviava os olhos. Quando as portas para o saguão se abriram, fiz um gesto para ela ir em frente, e em vez de se mexer, ela quase gritou:

— Parece que vamos viajar juntos!

— É verdade — eu disse, mas meu sorriso deve ter parecido forçado.

Tente, Niall. Tente sair do modo robô por ao menos uma conversa.

Nada. Meu cérebro deu um branco, completamente despido de habilidades sociais. E ela ainda não havia saído do elevador.

Este momento precisava acabar. Sempre fui horrível em conversas casuais e, de perto, ela era ainda mais atraente do que eu esperava. Vários centímetros mais baixa do que eu, mas nem de longe baixinha, Ruby era esbelta e sarada, o cabelo curto e dourado, rosto bronzeado... e uma boca realmente perfeita.

Ruby era mesmo extraordinária. Por algum estranho instinto, segurei minha respiração.

Ela encolheu os ombros levemente, sorrindo.

— Sou americana, mas nunca estive em Nova York. Estou realmente animada.

— Ah. Bem... — Procurei uma boa resposta, olhando ao redor do pequeno espaço antes de acabar soltando um “Que legal”.

Gemi de frustração em minha mente. Isso foi ruim, mesmo para mim.

Seus olhos eram enormes, verdes e tão claros que percebi com apenas uma olhada que ela provavelmente não era uma boa mentirosa: todo o seu mundo se revelava através dos olhos, e no momento ela estava extremamente ansiosa.

Eu era o vice-presidente da empresa. É claro que ela ficaria nervosa perto de mim.

— Vamos nos encontrar no aeroporto na segunda-feira de manhã? — ela perguntou, voltando a olhar para mim. Sua língua apareceu para molhar os lábios e fixei minha atenção no meio de sua testa.

— Sim, acho que sim — comecei a falar, mas depois parei. Será que eu deveria arranjar um carro para nós dois? Meu Deus, se passar três minutos num elevador já era esse desastre, eu nem podia imaginar o quanto seria claustrofóbica a viagem de 45 minutos até o aeroporto de Heathrow. — A não ser que...

— Eu não...

— Você...

— Oh, desculpe — ela disse, com o rosto corado. — Eu te interrompi.

Pode falar.

Suspirei.

— Não, por favor, continue.

Isso era horrível. Eu queria que ela se movesse para o lado para simplesmente me deixar passar. Ou que o chão se abrisse e me engolisse por inteiro.

— Posso encontrar você no aeroporto. — Ela ergueu sua bolsa sobre o ombro, fazendo um gesto inexplicável para trás. — Quer dizer, no portão. Vai ser muito cedo, você não precisa...

— Não vou. Quer dizer, eu não *faria*.

Ela piscou, compreensivelmente confusa. Eu já tinha perdido completamente o fio da meada de nossa conversa.

— Certo. Bom. É claro, você não... *faria*.

Olhei sobre seu ombro para a gloriosa liberdade lá atrás, depois olhei de novo em seu rosto.

— Desse jeito está bom.

A porta do elevador começou a vibrar enquanto eu continuava segurando-a aberta, numa trilha sonora perfeita para aquilo que deveria ser um dos encontros mais constrangedores da história da humanidade.

— Então, vejo você na segunda. — Sua voz deixou transparecer nervosismo e eu senti um suor frio descendo por minha testa. — Estou muito animada para isso — ela acrescentou.

— Certo. Bom.

Com um leve inclinar da cabeça e um último rubor que explodiu de um jeito muito gracioso em seu rosto, ela saiu do elevador.

Sem realmente ter a intenção, meus olhos pousaram em sua bunda enquanto ela andava. Era redonda, empinada, perfeitamente encorpada em sua saia macia e escura. Imaginei a curva em minha mão e ainda podia sentir o perfume de rosas que ela deixou como rastro.

Entrei no saguão e a segui em direção à saída. Sem esforço, minha mente viajou em pensamentos sobre como seria tocar os seios e sentir sua boca em mim enquanto eu agarrava sua bunda. Eu não era ruim na cama, era? E

apesar da Portia ter sempre tratado o sexo como se estivesse fazendo um favor para mim, ela nunca deixou de aproveitar...

Esse lampejo inconsciente de interesse foi interrompido quando Tony apareceu descendo as escadas, soltando uma piscadela para mim e levantando a sobrancelha enquanto murmurava “sexo total” depois da Ruby sair de vista. Em seu lugar ficou uma ponta de vergonha por ter permitido que sua sugestão invadisse minha cabeça.



Crescer numa casa com doze pessoas significava que viagens aéreas não eram muito frequentes e, quando acontecia — em rápidos pulos para a Irlanda e, uma vez, quando sobramos apenas eu e a Rebecca em casa, nossos pais nos levaram até Roma para ver o Papa —, a casa inteira se transformava numa grande confusão. Tínhamos roupas formais que não eram tão elegantes quanto as roupas de Natal, mas mesmo essas não chegavam perto das roupas para viajar de avião. Era um hábito difícil de matar, mesmo precisando me vestir antes do sol nascer, mas essa história explica por que eu acabei no aeroporto de Heathrow vestindo terno às quatro e meia da manhã de segunda-feira.

Em contraste, Ruby apareceu correndo na hora em que eu entrava em pânico — quando o embarque havia começado — vestindo uma blusa de moletom rosa, calça de lycra preta e tênis azul. Vi as pessoas reagindo a ela numa onda discreta percorrendo a multidão. Não sei se ela percebeu, mas quase todos os olhares masculinos — e muitos femininos também — a seguiram enquanto ela passava pelo portão de embarque.

Ela estava casual, mas disposta, o rosto corado por causa da corrida. Seus lábios rosados se abriam enquanto ela recuperava o fôlego.

Ruby parou de repente e arregalou os olhos quando me encontrou na multidão.

— Merda. — Ela bateu com a mão na boca. — Quer dizer, *droga* — ela murmurou. — Nós temos alguma reunião logo depois de desembarcar? — Ela começou a procurar algo no celular. — Eu decorei a agenda e podia jurar que...

Senti minhas sobrancelhas franzirem.

— Não...? — Ela decorou a agenda?

— Eu... você está realmente arrumado para o voo. Eu me sinto uma indigente em comparação.

Eu não sabia se deveria me sentir lisonjeado ou insultado.

— Você não parece uma indigente.

Ela gemeu, cobrindo o rosto.

— Vai ser um longo voo. Achei que fôssemos dormir o tempo todo.

Eu sorri por educação, embora a ideia de dormir ao lado dela no voo tenha criado uma ansiedade esquisita em meu estômago.

— Tenho algumas coisas do trabalho para fazer antes de chegarmos. Me sinto melhor vestido para a ocasião, só isso.

Eu não tinha certeza sobre quem de nós tinha errado na roupa, mas olhando para a maioria dos outros passageiros, comecei a entender que o errado era eu.

Com uma última olhada para o meu terno, ela se virou e começou a andar pelo corredor do avião, depois colocou sua bolsa de mão no compartimento acima. Fiz todo o esforço do mundo para não olhar sua bunda de novo... mas falhei.

Deus do céu. Era inacreditável.

Sem perceber nada, Ruby se virou e chamou minha atenção para o seu rosto enquanto gesticulava entre os assentos.

— Você quer o corredor ou a janela? — ela perguntou. — Qualquer um está bom.

Tirei o casaco do terno e entreguei para a comissária, observando enquanto a Ruby se sentava na janela e guardava seu iPad e livro, mantendo o notebook no colo.

Após sentar do lado dela, e mesmo com o resto dos passageiros ainda embarcando, um pesado silêncio recaiu sobre nós. *Cristo*. Não apenas tínhamos seis horas de voo pela frente, mas depois mais quatro semanas em Nova York, juntos, durante toda a conferência.

Quatro semanas. Senti-me levemente enjoado.

Acho que deveria perguntar se ela estava gostando da Richardson-Corbett, ou quanto tempo fazia que morava em Londres. Ela não trabalhava no meu departamento, mas sim com o Tony, então eu tinha certeza de que o tempo que passou com ele deve ter sido... agitado. Eu poderia perguntar onde ela cresceu — embora eu soubesse pelo Tony que foi na Califórnia. Ao menos podia quebrar um pouco o gelo.

Mas então teríamos que continuar conversando, e isso definitivamente não estava funcionando. Era melhor deixar do jeito que estava.

— Gostaria de alguma bebida antes da decolagem? — a comissária perguntou antes de me entregar um guardanapo.

Fiz um gesto para Ruby, que se inclinou para falar com a mulher em meio ao barulho das pessoas embarcando. Um seio encostou em meu braço sobre a camisa, e senti meu corpo inteiro enrijecer, tomando cuidado para não parecer que era eu quem estava me encostando nela.

— Eu gostaria de um pouco de champanhe — Ruby disse.

A comissária sorriu desconfortavelmente ao assentir — com certeza não era algo que eles geralmente serviam antes das cinco da manhã — e depois se virou para mim.

— Eu... — comecei a falar, mas parei. Será que eu deveria pedir champanhe também para não parecer estranho para ela? Ou será que eu deveria dar o exemplo de profissionalismo e pedir um suco? — Bom, acho que se não for muito trabalho eu também gostaria de... Ruby ergueu a mão.

— Estou totalmente brincando. Desculpe. Piadinha bombástica! Quer dizer, não! Nada de bomba, eu nunca brincaria sobre... isso. — Ela fechou os olhos e gemeu. — Quero só um suco de laranja.

Olhei para a comissária com a mesma expressão confusa que ela tinha.

— Eu gostaria de um suco de uva, por favor.

Depois de anotar nossos pedidos, a comissária se virou para a esquerda e a Ruby se virou para mim. Algo em seu rosto, com aquela honestidade indefesa em seus olhos... despertou um sentimento de proteção em mim ao qual eu estava totalmente desacostumado.

Ela desviou os olhos, olhando agora tão forte para sua bandeja que achei que fosse quebrar com a intensidade.

— Está tudo bem? — perguntei.

— É só que... desculpe por aquilo. E, sim. Eu... — Ela parou, depois tentou de novo. — Eu não iria pedir champanhe. Você achou mesmo que eu pediria?

— Bem. — Ela *tinha* pedido, mesmo que fosse piada. — Não? — Eu esperava que isso fosse a resposta certa.

— E aquela coisa da bomba — ela sussurrou, balançando a mão na frente do rosto como se tentasse jogar o pensamento fora. — Eu fico tão idiota quando estou perto de você.

— Então é só comigo?

Ela se encolheu, percebi como aquilo tinha soado.

— Não. Eu... digo, eu não concordo com o que você falou: nunca vi você agindo como idiota perto de mim.

— E no elevador?

Sorrindo, eu tive que ceder.

— Bom...

— E agora mesmo?

Isso fez algo revirar dentro de mim.

— Posso fazer alguma coisa sobre isso?

Ela virou para meu rosto e me olhou com um tipo familiar de afeto.

Depois piscou, sacudiu a cabeça, e aquela expressão sumiu.

— Vou ficar bem. Estou só um pouco nervosa de viajar com o diretor de planejamento e *blá, blá, blá...* Querendo acalmá-la um pouco, perguntei:

— Onde você fez sua graduação?

Ela respirou fundo e depois se virou completamente para mim.

— UC San Diego.

— Engenharia?

— Sim. Com o Emil Santorini.

Eu reagi, erguendo levemente uma sobrancelha.

— Ele é difícil.

Ela sorriu abertamente.

— Ele é *incrível*.

Uma pontada de interesse reverberou por mim.

— Só as pessoas brilhantes acabam pensando assim.

— Ou vai ou racha — ela disse, encolhendo os ombros e sorrindo enquanto apanhava o suco de laranja da comissária. — Foi isso o que ele disse na primeira semana do laboratório. E ele não estava errado. Havia mais dois alunos quando começamos. Fui a única que sobrou no final do primeiro ano.

— Por que você está em Londres? — perguntei, embora suspeitasse já saber.

— Estou querendo entrar para o programa de engenharia civil na Oxford. Já entrei na engenharia geral, mas ainda não recebi a resposta da Margareth Sheffield se consegui entrar em seu grupo.

— Ela só decide um pouco antes do começo do semestre. Se bem me lembro, isso deixa os alunos completamente malucos.

— Nós engenheiros gostamos de tudo planejado com antecedência. Acho que não somos a categoria mais paciente do mundo.

Eu sorri.

— Como eu disse, completamente malucos.

Ela mordeu o canto do lábio e sorriu de volta.

— Você não estudou com ela.

— Não oficialmente, mas ela foi mais mentora minha do que meu mentor de verdade.

— O Petersen se aposentou quanto tempo depois de você se formar?

Senti meus olhos se arregalarem. Quanto ela sabia sobre meu antigo departamento? E sobre mim?

— Suspeito que você já saiba a resposta.

Ela tomou um gole do suco e pediu desculpas discretamente depois de engolir.

— Eu sabia que você foi seu último aluno, mas acho que estava curiosa

para saber o quanto foi difícil.

— Foi horrível — admiti. — Ele era um bêbado e, mais do que isso, uma pessoa realmente ruim. Mas isso foi há quase dez anos. Você era uma criança. Como sabe disso tudo?

Ela apertou levemente os lábios e eu senti minha pele se aquecer. *Cristo*. Ela era tão linda.

— Uma das repostas é que — ela começou a dizer com um pequeno sorriso — fiquei sabendo do trabalho da Maggie Sheffield no meu segundo ano e fizemos um tour pelo edifício Stately. Fiquei um pouco obcecada em estudar com ela antes que se aposentasse. Quando perguntei para o Emil sobre ela, ele também contou um pouco da história do seu antigo departamento. — Encolhendo os ombros, ela acrescentou: — Ouvi algumas histórias sobre o Petersen.

Inclinei minha cabeça, imaginando quais histórias ainda flutuavam por aí.

— É verdade que ele jogou uma garrafa num aluno? — ela perguntou.

Ah. O boato que nunca morria.

— Sim, mas não foi em mim. O pior que recebi dele foi um xingamento verbal... ou uns dez.

Ruby assentiu, parecendo aliviada.

Ela disse que *uma* das repostas era essa.

— E qual é a outra resposta? — perguntei.

Ela olhou para a janela por alguns segundos antes de continuar.

— Comecei a trabalhar na Richardson-Corbett e descobri que você estudou na Oxford, então fiquei pensando se você tinha estudado no programa da Maggie. Descobri que não, mas... pesquisei um pouco mais sobre você mesmo assim.

Parecia que havia uma camada oculta sob aquilo que estava dizendo, e pensei por um segundo que agora entendia o olhar de afeto familiar que ela exibiu alguns momentos atrás. Então ela virou para frente, com um sorrisinho docemente diabólico no rosto.

— Você se surpreenderia com o quanto consegue notar apenas prestando atenção.

— Me dê um exemplo.

Endireitando-se no assento, ela disse:

— Você veio depois de trabalhar no metrô de Londres para começar uma divisão de urbanismo. Estudou em Cambridge na graduação, Oxford na pós e foi o mais jovem executivo da história do metrô — Ruby sorriu timidamente.
— Você quase se mudou para Nova York para trabalhar com o Gabinete de Transporte

Metropolitano, mas recusou a oferta em favor da RC.

Erguendo uma sobrancelha, murmurei:

— Impressionante. O que mais você sabe?

Ela desviou os olhos, corando ainda mais.

— Você cresceu em Leeds. E era uma das estrelas do time de futebol de Cambridge enquanto esteve por lá.

Será que ela tinha estudado tudo isso na noite passada? Ou sabia disso tudo antes da viagem? E qual resposta eu preferia? Acho que eu sabia qual delas aumentaria esse frio no estômago que senti.

— E o que mais?

Hesitando, ela disse:

— Você tem um Ford Fiesta, o que acho infinitamente engraçado, já que provavelmente ganha mais dinheiro do que a rainha. Você é conhecido por ser um ferrenho defensor do transporte público, então nunca usa o carro. E, além disso? Não tenho ideia de como você caberia num Fiesta. E, também, você se divorciou recentemente.

Meu queixo se apertou quando qualquer divertimento com sua pesquisa foi rapidamente extinguido.

— Eu achava que esse detalhe não seria discutido no trabalho, nem estaria disponível facilmente numa pesquisa da internet.

— Desculpe — Ruby disse, e percebi quando ela afundou mais um pouco no assento. — Eu sempre esqueço que nem todo mundo cresceu com dois psicólogos. Nem todo mundo é um livro aberto.

— Estou sentindo uma tentação de perguntar como você sabe do meu divórcio, mas acho que a fofoca do trabalho...

— Acho que tudo estava sendo finalizado quando comecei a trabalhar lá, então as pessoas estavam comentando... — Ela se endireitou e olhou para mim com grandes olhos que pediam desculpas. — Não é um assunto frequente, eu juro.

Eu podia apenas imaginar meu humor sombrio na época em que ela entrou na empresa. Naquele ponto eu estava tão irritado com os dramas de Portia que facilmente teria me mudado para dentro de um barril de cerveja, se fosse possível. Decidi trocar o assunto.

— Você tem irmãos ou era só você com os terapeutas?

— Um irmão — ela disse, depois tomou outro gole de suco. — E você?

— O quê? Quer dizer que ainda não sabe?

Ela riu, mas ainda parecia um pouco constrangida.

— Se eu tivesse pesquisado ainda mais... poderia acabar num território esquisito.

Com uma piscadela, eu murmurei:

— *Poderia.*

Ela ficou me olhando com expectativa, e quando o avião começou a acelerar, notei suas mãos agarrando os braços do assento. Ela estava tremendo.

Continuar conversando para distraí-la parecia uma boa ideia.

— Na verdade, tenho nove irmãos — eu disse.

Seu queixo caiu.

— Nove?

Eu me acostumei tanto com essa reação que nem piscava mais.

— Sete irmãs e dois irmãos. Sou o segundo mais novo.

Ela franziu a testa enquanto pensava mais um pouco.

— Minha casa era tão silenciosa e calma. Eu... não conseguiria imaginar como foi a sua infância.

Rindo, eu disse:

— Acredite em mim, isso é verdade. Você não conseguiria.

— Oito irmãos mais velhos — ela disse para si mesma. — Aposto que às vezes você sentia que eram oito pais.

— Às vezes — admiti. — Meu irmão mais velho, o Daniel, era o pacificador. Sério, ele mantinha todo mundo na linha. Acho que ajudou o fato de termos mais meninas do que meninos; de modo geral, nós até que éramos bem-comportados. Meu irmão do meio, o Max, era geralmente quem aprontava mais, só que sempre escapava das broncas porque era tão charmoso. Pelo menos, é assim que ele descreve. Eu era quieto e estudioso. Um pouco chato, na verdade.

Ela ficou em silêncio por um momento enquanto me observava, depois disse:

— Conta mais?

Encostei minha cabeça no assento, respirei fundo, calmamente. Fazia *anos* que eu não conversava tão casualmente assim com uma mulher que não fosse a Portia, uma irmã, ou esposa de um amigo. Seu interesse era genuíno e me deu uma sensação de confiança que eu não sentia há muito tempo.

— Fazíamos a maioria das nossas aventuras juntos. Formamos uma banda de sopro. Escrevemos um livro de memórias. Uma vez pintamos a lateral da casa com os dedos.

— Eu honestamente não consigo imaginar você com tinta nas mãos.

Encolhi os ombros dramaticamente e sorri para sua risada. Havia algo ali, um alívio em seus olhos, algo lá no fundo que me fazia sentir um afeto em relação a ela.

Continuei falando de um jeito totalmente não característico, mas ela ouvia com toda a atenção, fazendo perguntas sobre o Max, sobre minha irmã Rebecca, sobre nossos pais. Ela perguntou sobre minha vida fora do trabalho, e quando eu disse com um sorriso provocador que ela já sabia sobre o divórcio, Ruby perguntou como eu e minha esposa nos conhecemos. Curiosamente, não achei estranho contar que eu e a Portia nos conhecemos quando tínhamos dez anos de idade, nos apaixonamos aos catorze e nos beijamos aos dezesseis.

Mas não admiti a ela que a mágica começou a morrer apenas três anos mais tarde, no dia do nosso casamento.

— Deve ser estranho passar tanto tempo com uma pessoa e depois acabar tudo — ela disse discretamente, virando para a janela. — Não posso nem imaginar. — Sua franja caiu sobre os olhos; um pequeno brinco de diamante decorava delicadamente a curva de sua orelha. Quando voltou a me olhar, ela disse: — Sinto muito as pessoas comentarem sobre isso no trabalho. Isso deve parecer uma invasão de privacidade tão grande.

Desviei os olhos e não respondi. Todas as potenciais respostas que eu tinha pareciam honestas demais.

Não é tão estranho, e talvez isto seja o mais estranho.

Estou solitário há bastante tempo. Então por que só agora isso começou a me incomodar tanto?

Nunca imaginei querer falar sobre isso com alguém, mas aqui estamos nós. Você pode perguntar o que quiser.

Mas quando fiquei em silêncio, o constrangimento voltou. Porém, com sua atenção voltada para a janela e seu corpo relaxado, eu percebi com alívio que era constrangedor apenas para mim. A tensão da decolagem havia dissipado, algo dentro dela se acalmara.

Fiquei surpreso ao pensar no quanto eu gostava de ficar perto dela.

—

Ruby acabou caindo no sono, lentamente se inclinando para o meu lado até sua cabeça pousar em meu ombro. Eu me virei, dizendo a mim mesmo que estava olhando para a janela, mas aproveitei para sentir o aroma floral de seus cabelos. De perto, sua pele era perfeita. Pálida, com uma leve porção de sardas sobre o nariz e uma linda aparência cheia de frescor. Seus lábios estavam molhados onde ela havia passado a língua, e os cílios negros contrastavam com o rosto corado.

Na mão, ela segurava um pequeno caderno de anotações da Richardson-Corbett e uma caneta. Eu o tirei delicadamente de suas mãos e — contrário a meu melhor julgamento — não resisti à curiosidade e abri na primeira página, onde havia anotações do trabalho. Nossa agenda, alguns recursos para empresas de engenharia e projetos na área, uma lista de pessoas que ela encontraria em Nova York e uma lista de pensamentos sobre como poderia usar a conferência para escrever sua proposta de tese para Margareth

Sheffield. Percebi que ela anotou cuidadosamente tudo que Tony havia passado.

No final, escrito com sua bonita caligrafia, havia o seguinte:

Anotação da Agenda nº 1: Não seja idiota perto do Niall Stella. Não fique olhando vidrada, não gagueje, não fique muda. Você consegue. Ele é apenas humano.

Só agora me ocorreu que esse caderno poderia ser algum tipo de diário em vez de uma agenda profissional. Ela estava tão ansiosa em viajar com o vice-presidente da empresa que escreveu um encorajamento para si mesmo.

Depois de devolver o caderno em suas mãos, fechei os olhos, inclinando a cabeça em sua direção, enquanto silenciosamente pedia desculpas por desta vez ter sido *eu* quem invadiu sua privacidade.

Sonhei com uma pele macia descansando sobre meu peito nu e beijos com sabor de champanhe.

Três

Acordei com a voz da comissária no sistema de som dizendo que logo aterrissaríamos em Nova York.

Abri os olhos devagar e imediatamente estremeci. Um jato frio de ar seco soprava diretamente em meu rosto, e parecia que um motor roncava ao fundo. Eu estava deitada de um jeito estranho no assento, sem mencionar a vontade desesperada de ir ao banheiro, mas por algum motivo...

Eu estava tão confortável. Seja lá quem estivesse ao meu lado era tão quente e firme e tinha um cheiro delicioso e...

Endireitei-me de repente, desenroscando meu braço de Niall Stella, e – *oh, Deus* – eu tinha enlaçado sua *coxa* com minha perna?

Já foi ruim o bastante no elevador, e agora isso? *Oh, Deus*. Será que eu chutei algum cachorrinho numa vida passada? Por que estava sendo punida desse jeito?

Cuidadosamente soltei seu corpo e olhei ao redor, percebendo que não tinha ideia de que horas eram. A cabine ainda estava escura e notei que as pessoas estavam dormindo com as janelas abaixadas para bloquear a luz. Arrumando o cabelo, tentei alongar meus músculos. Meu pescoço ficaria bem, mas a urgência do banheiro realmente precisava ser resolvida. Imediatamente.

Recostei-me, passei minhas mãos suadas em minhas coxas e me permiti um momento para acordar. Ontem, Niall Stella não sabia que eu existia. Hoje, eu praticamente voei para Nova York em seu colo. Em 24 horas passei de *Ruby Miller: Admiradora Secreta e Semiassediadora*, para *Ruby Miller: Companheira de Viagens Internacionais*.

Sem mencionar o fato de que dormi em cima dele e partes dele definitivamente dormiram sobre mim. E bem, isso iria para meu diário ainda *hoje*.

Ele não se moveu ainda. O que era ruim, por causa da situação do banheiro, mas ao mesmo tempo era incrível, afinal, quando eu teria outra

oportunidade assim? Com exceção daquela hora semanal, nunca tinha chance de olhar para ele desse jeito. Em reuniões, sempre havia muitas pessoas ao redor ou passando rapidamente nos corredores. Uma vez, fiquei atrás dele na fila do bufê numa festa da empresa, mas tudo que consegui foi uma boa olhada em sua bunda sob a calça do terno. Não que eu esteja reclamando, é claro. Niall Stella jogava futebol e remava com seus companheiros no Rio Tamisa todos os sábados. Suas costas faziam parte da minha lista de Dez Partes Favoritas do Corpo do Niall Stella (e por enquanto eu deixava o primeiro lugar vago).

Mas aqui eu estava tão perto que podia contar os cílios dele se quisesse. E meio que fiz isso.

Niall Stella não era *tão* mais velho que eu – apenas sete anos –, mas parecia tão jovem desse jeito. Seu cabelo estava levemente despenteado atrás, a franja caía em sua testa brilhante e macia. Sua camisa verde-clara já estava amassada e no ombro havia uma mancha escura no tecido.

Onde eu havia babado.

Oh, Deus.

Limpei meu rosto, praguejando por ele ser tão quentinho e macio e me fazer dormir tão pesado que acabei babando em seu terno chique das quatro da manhã. Socorro. Olhei ao redor e não encontrei nada além de um guardanapo amassado na minha bandeja. Apanhei o guardanapo e passei cuidadosamente, esperando que talvez eu pudesse consertar tudo antes que ele notasse. Mas não estava funcionando. Não só isso: o movimento fez seus olhos abrirem para encontrar meu rosto a apenas alguns centímetros dele.

Eu sorri.

– Oi.

Ele piscou algumas vezes antes de acordar de vez, passando os olhos do guardanapo em minha mão e depois para o ombro.

– Foi mal – murmurei, seguindo com uma risada trêmula e nervosa. – Meu sono é delicado.

Ele sorriu e eu vi um lampejo gracioso de covinhas.

– Acontece.

Queria dar um tapa em mim mesma pelo pensamento que veio a seguir, um desejo de subir em cima dele e montar naquela cintura fina e sarada. Maldição, Ruby. Você não leu a anotação número um da sua agenda? *Não seja idiota perto do Niall Stella.*

Ele se espreguiçou, sem perceber que eu estava surtando.

– Acho que eu também cochilei, então... também peço desculpas.

– Oh, Deus, não. Não peça desculpas. Você estava adorável... – comecei a falar, mas fechei a boca imediatamente. – Vamos aterrissar logo, então vou trocar rapidinho de roupa.

Sem esperar que ele se mexesse, levantei do assento, subindo em seu colo no processo. Ele tentou se levantar antes de perceber que eu estava determinada a escapar, e se ele se levantasse, sua virilha iria entrar em contato direto e constrangedor com a minha bunda, então ele simplesmente agarrou os braços do assento como se sua vida dependesse disso. E isso significou que minha bunda ficou diretamente na frente do rosto dele, mas acho que isto era preferível a uma encoxada.

Botão interno de sobrevivência? Temos um problema aqui.

Nem olhei para ele enquanto tirava minha bolsa de mão do compartimento acima e comecei a andar o mais rápido que minhas pernas permitiam até o banheiro mais próximo.

Trancada em segurança lá dentro, respirei fundo pela primeira vez em uns dez minutos. Por que era tão impossível agir como um ser humano normal quando eu ficava perto dele?

– Controle-se – falei para mim mesma automaticamente, e abri a bolsa com força. Tinha tudo que eu precisava ali dentro; infelizmente, a teoria de trocar de roupa num banheiro de avião era muito mais fácil do que a prática.

Bati a cabeça na pia quando me abaixei para descer a calça. O avião balançou com uma turbulência quando ergui meu pé para entrar na saia, e quase pisei dentro da privada antes de cair para trás batendo na porta com força. Demorei dez minutos para me vestir e pentear, e com certeza todas as pessoas na primeira classe – e provavelmente nas outras classes – olharam na direção do banheiro, tentando entender o que diabos se passavam ali dentro. Mas saí com a cabeça erguida e voltei para o meu lugar.

O fato de Niall Stella estar notadamente parado não acalmou meus nervos.

Ele não olhou na minha direção, mas manteve os olhos diretamente para frente e murmurou um “está tudo bem?” quando apertei o cinto.

– Perfeito – menti. – Já que estava presa num lugar minúsculo, decidi que era uma boa hora para dançar um pouco.

Um pequeno sorriso apareceu no canto de sua boca antes de ele abaixar e começar a rir de verdade.

– Eu fiz um pouco disso também enquanto você estava lá.

Algo dentro de mim derreteu e me segurei para não virar, capturar seu rosto nas mãos e beijá-lo como se não houvesse amanhã.



O avião pousou dez minutos antes da hora marcada. Os passageiros começaram a levantar e apanhar a bagagem nos compartimentos, e fiquei de pé na frente do Niall enquanto esperávamos para entrar no corredor até a saída.

Olhei sobre meu ombro para ele, querendo ter certeza que estava pronto. Mas ele não baixou os olhos para mim. Ele estava olhando com determinação para o teto do avião.

Alguma coisa estava errada.

Por seis meses trabalhei no mesmo prédio de Niall Stella e ele nunca havia me notado antes. Mas agora era diferente. Ele não estava me evitando sem perceber, como antes; era deliberado. Ele estava inquieto e afobado e, se fosse aceitável sair correndo para o táxi e fugir dali, acho que ele faria isso.

A primeira classe e a classe econômica estavam saindo pela mesma porta e virei de novo, sorrindo para ele enquanto esperávamos as pessoas na frente se moverem.

– Chegamos um pouco cedo, o motorista pode não estar aqui.

Ele olhou para mim rapidamente, depois desviou os olhos.

– Certo – ele disse.

Ceeeeerto.

Virei e continuei a andar pelo corredor, quando uma mulher perto de mim me agarrou pela camisa.

– Aviso de amiga, aviso de amiga – ela sussurrou, e a olhei confusa. – Sua saia está presa na calcinha.

MINHA O QUÊ?

Ela chegou mais perto e eu senti o sangue sumir do meu rosto.

– Mas, cá entre nós, acho que o cara atrás de você gostou disso.

Levei a mão para trás e não senti nada além de pele. Puxei freneticamente a saia para soltá-la da posição que estava expondo minha bunda inteira.

Botão interno de sobrevivência? Sou eu de novo, a Ruby.

Agradei a mulher e descii a escada, carregando minha bagagem de mão, rezando para o chão se abrir e me engolir inteira. Quando entramos no terminal, fingi procurar algo dentro da bolsa para que Niall Stella andasse na minha frente e eu não precisasse lutar contra o impulso de ficar constantemente checando a saia.

Ele viu minha bunda.

Por que você escolheu usar fio dental?

Ele viu sua bunda pelada, Ruby.

Ficamos lado a lado enquanto esperávamos nossa bagagem e, honestamente, eu não tinha certeza de quem de nós estava mais horrorizado. Era impossível ele não ter visto. Eu sabia que ele tinha visto. E ele sabia que eu sabia que ele tinha visto.

Fiquei olhando para a esteira, esperando minha mala aparecer, quando o senti chegar mais perto.

Ele cheirava a sabonete e creme de barbear e, quando sussurrou, seu hálito tinha cheiro de hortelã.

– Ruby? Desculpe sobre... Eu não sou muito bom com... – Ele parou e eu me virei para encará-lo. Estávamos tão próximos. Seus olhos castanhos possuíam toques verdes e amarelos, e senti meu coração subir pela garganta quando ele olhou rapidamente para minha boca. – Não sou muito bom com...mulheres.

Minha humilhação foi substituída por algo mais calmo, mais quente e infinitamente mais doce.



Já estive em cidades grandes – San Diego, San Francisco, Los Angeles, Londres –, mas tinha certeza de que não eram nada comparadas a Nova York.

Todas as construções eram enormes, tomando o mínimo de espaço no chão possível enquanto se erguiam para o alto. Os edifícios lotavam o céu, deixando apenas uma faixa azul-acinzentada diretamente acima de nós. E era barulhento. Nunca ouvi tanta buzina ao mesmo tempo – não que alguém nas ruas notasse. O ar era preenchido com uma mistura de buzinas e gritos, e enquanto andamos do terminal quatro do JFK para o nosso carro, e do carro para as portas giratórias do Parker Meridien, não vi uma única pessoa incomodada com o barulho.

Niall me seguiu a uma distância apropriada quando entramos no saguão – perto o bastante para deixar claro que estávamos juntos, mas não *juntos* – e fomos para nossos respectivos quartos. Eu estava ali como colega dele, não como sua funcionária ou assistente, ou mesmo... sua amiga, então não recebi nenhuma informação sobre qual era seu quarto ou, digamos, qual era o tamanho da cama dele. Nem recebi uma despedida formal; quando o celular dele tocou, Niall apenas acenou educadamente e desapareceu num corredor.

Certamente fiquei parecendo como se tivessem roubado meu cachorrinho, e então tive um sobressalto quando o funcionário tossiu ao meu lado, claramente esperando para me levar até o quarto.

Uma vez dentro do elevador, o peso do dia me atingiu como um caminhão, e me ocorreu que eu estava acordada desde as três da manhã, mais um cochilo no ombro do Niall. Uma tela na parede do elevador mostrava um desenho animado antigo: Tom acertou Jerry na cabeça com um martelo, e, enquanto eles corriam ao redor de um barril, o elevador subia até o décimo andar e senti meus olhos cada vez mais pesados.

Segui o funcionário pelo corredor e fiquei olhando enquanto ele abria a porta. No centro do quarto havia uma cama Box grande o bastante para umas quatro pessoas, em frente a uma televisão enorme. Havia um conjunto de cadeiras *art déco* num dos cantos e uma janela que cobria toda a parede

oposta, com uma longa escrivaninha embaixo.

A cama realmente parecia um sonho – lençóis imaculados e travesseiros fofinhos. Meu corpo amoleceu com a vontade de desabar de cara no colchão. Infelizmente, eu já havia aprendido da maneira mais difícil o quanto o *Jet lag* pode ser um problema, então, por mais que eu quisesse, tirar um cochilo era exatamente o que eu *não* deveria fazer.



Droga.

Era a segunda vez no mesmo dia que eu acordava de repente depois de um sono profundo. Babando.

O quarto à minha volta estava quase completamente escuro, e por um momento eu não sabia onde estava. E então lembrei: Nova York. O hotel.

Niall Stella.

Lembrei de ter tomado banho e vestido um roupão, depois decidi descansar os olhos apenas enquanto o serviço de quarto não chegava e... bom, aqui estamos.

Levantei-me, sentindo os músculos endurecidos enquanto esfregava o rosto na manga do roupão. Cara, quando dormia, eu dormia *mesmo*.

Enquanto meus olhos se acostumavam, abri as cortinas e me forcei a encontrar o celular. Havia duas mensagens da minha mãe, querendo saber se eu já tinha chegado, e uma da Lola. Depois de passar o dia todo longe da internet, preni a respiração antes de checar os e-mails.

Reunião amanhã: *preciso ler*.

Ideias do Tony: *isso pode esperar até amanhã*.

Liquidação na Victoria's Secret: *oooooh, vou marcar como importante para mais tarde*.

Aviso da assistente do Niall... *Espera aí, o quê?*

Ela anexou nossa agenda atualizada para o dia seguinte, junto com a hora para nos encontrarmos no saguão e alguns pontos que ele queria passar. Também havia o número de seu celular, “caso surgisse algo problemático”.

Fiquei olhando para a tela.

Eu tinha o número do celular de Niall Stella.

Será que ousaria ligar? Já que certamente dormi enquanto entregavam minha comida, eu poderia enviar uma mensagem para ver se ele queria sair para comer alguma coisa. Mas isso não se encaixava na categoria *problemático*, por mais fome que eu tivesse. E se ele não pediu para sua assistente perguntar quais eram meus planos para o jantar, então eu tinha que assumir que ele tinha seus próprios planos, e eu deveria fazer os meus.

Foi só agora que percebi que estava *mesmo* imaginando as próximas quatro semanas: Niall Stella e eu, *juntos*, no escritório temporário de Nova York ou passeando pela Broadway, ou discutindo animadamente sobre o trabalho durante refeições em restaurantes ótimos recomendados pelos próprios nova-iorquinos. Antes, eu havia imaginado *inconscientemente* como seria sua risada quando eu fizesse alguma piada enquanto tomávamos cerveja no fim do dia, e como trocaríamos olhares durante a correria das reuniões.

Mas a realidade era que eu provavelmente ficaria sentada ao fundo de uma sala de reunião fazendo anotações, depois voltaria para o hotel sozinha e passaria um mês pedindo comida no quarto.

Eu não podia enviar uma mensagem para ele, e definitivamente não queria chamar o serviço de quarto de novo.

Olhei para meu reflexo no espelho do banheiro e – *nossa* – o cabelo parecia um ninho de passarinho, a maquiagem estava borrada, o rosto todo marcado pelas linhas do travesseiro. Eu parecia melhor do que isso até quando ficava a noite toda acordada na faculdade. A menos que estivesse disposta a gastar um tempo para ficar minimamente apresentável, eu teria que me conformar com salgadinhos e refrigerante de alguma máquina no corredor.

Com um rolo de notas e algumas moedas no bolso do meu roupão, abri a porta lentamente e olhei para o corredor. Estava escuro e pouco familiar (obrigada, *Jet lag*): o papel de parede tinha padrões escuros e cada porta estava iluminada com uma pequena placa de neon e campainhas.

Avistei uma placa iluminada de uma máquina de gelo ao longe e comecei a andar hesitante, deixando a porta se fechar atrás de mim. Senti o carpete macio e grosso contra as solas dos pés, e isso me lembrou de que eu estava

completamente nua debaixo do roupão. Tentei, mas não consegui ouvir nenhum burburinho de vozes nos quartos, nem mesmo o zumbido de alguma tevê ligada. Tudo estava quieto demais, parado demais. O corredor se estendia ameaçadoramente na escuridão à frente. Dei alguns passos para longe do meu quarto, cerrando os olhos e me preparando para a chegada de qualquer coisa inesperada.

– Ruby?

Soltei um gritinho de surpresa e pulei de susto, depois fechei os olhos com força quando reconheci a voz, pensando se deveria ou não me virar. Talvez eu pudesse sair correndo. Talvez pudesse fingir ser outra pessoa e ele perceberia seu erro e voltaria para o seu quarto, seja lá qual fosse.

Mas, óbvio, não deu certo.

– Ruby? – ele perguntou de novo, com um toque de incredulidade na voz, já que pessoas normais não andam descalças em corredores de hotéis usando apenas um roupão. E, olha só, considerando a brisa que entrou por baixo do roupão, o ar-condicionado tinha acabado de ser ligado também.

Que ótimo detalhe, universo, muito obrigado.

– Oi! – eu disse, animada demais, alto demais, e depois me virei.

Assustado, Niall Stella deu um passo para trás, quase batendo na porta aberta que, a propósito, ficava do lado da minha.

Então iríamos compartilhar uma parede... Talvez até a parede do banheiro... Onde ele tomava banho... Pelado.

Concentre-se, Ruby!

Tentei parecer casual.

– Por que você está no corredor? Eu estava procurando algo para comer...
– eu disse, girando o cinto do roupão antes de perceber o que estava fazendo.

Soltei como se estivesse pegando fogo.

– Algo para comer? – ele repetiu.

Coloquei a mão na parede e me apoiei ali.

– Isso.

Niall Stella olhou ao redor do corredor e depois voltou a me olhar, inspecionando meu roupão. E talvez, apenas talvez, se meus olhos não estavam mentindo, ele deu uma olhada em meus peitos. Onde o roupão estava aberto, possivelmente expondo um seio.

Aparentemente chegamos a essa conclusão ao mesmo tempo.

Seus olhos dispararam para minha testa e eu agarrei o tecido. Se continuasse assim, Niall Stella me veria totalmente nua até o fim da semana.

– Da máquina – expliquei, e passei uma mecha de cabelo atrás da orelha, gemendo quando lembrei como estava minha aparência. – Eu estava apenas indo pegar umas batatinhas.

Ele fingiu que estava olhando ao redor.

– Não sei se um lugar desses teria batatinha – ele disse, corando um pouco junto com um leve sorriso no canto dos lábios. – Talvez barrinhas de cereal? Caviar, com certeza. Ainda bem que você está vestida para a ocasião.

Ele estava me *provocando*.

Meu irmão era meu melhor amigo, seus amigos eram meus amigos, e eu era boa *nisso*. Piadinhas. Ser marota com os caras. Eu conseguia fazer isso sem parecer uma idiota. E sem pensar no quanto eu queria levar ele para a cama. Talvez. Mas ele estava usando um terno cinza – meu favorito – e uma camisa escura sem gravata. Nunca vi Niall Stella sem gravata, e foi preciso uma força sobre-humana para manter meus olhos em seu rosto e não na pequena faixa de pele exposta sobre o colarinho aberto.

Ele tinha cabelo no peito e meus dedos formigaram de vontade de tocar. Mas ele ainda estava esperando minha resposta.

– Sorte sua eu pelo menos ter vestido isto – eu disse.– Geralmente como batatinha só de calcinha no sofá.

Sua sobrancelha subiu de um jeito gracioso enquanto o rosto permaneceu estoico.

– Na verdade, eu sei que isso faz parte dos dez mandamentos dos salgadinhos. Infelizmente, o mesmo não é verdade quando se trata de caviar.

– Ou barrinhas de cereal – acrescentei, e ele riu.

– Verdade.

Encolhendo os ombros, olhei de volta para a porta do meu quarto.

– Acho que vou dar mais uma olhada no cardápio do serviço de quarto.

– Vou deitar – ele disse – e fazer você gozar.

Arregalei os olhos e virei para ele imediatamente.

– Você vai... *o quê?*

Juntando as sobrancelhas com um olhar confuso, ele disse lentamente:

– Vou descer, você quer me acompanhar?

– Oh – eu disse, tentando respirar fundo. – Você vai jantar lá embaixo?

– Você disse que era sua primeira vez? – Niall começou a falar, e nossos olhos se arregalaram antes de ele acrescentar rapidamente: – Em Nova York. Sua primeira vez em Nova York.

– Hum, sim – respondi, apertando o roupão na altura do pescoço.

– Talvez você... – ele começou a falar, mas parou de novo, levando a mão na garganta como se quisesse afrouxar uma gravata que não estava lá. Depois baixou as mãos. – Vou encontrar meu irmão. Ele mora com a esposa aqui na cidade. Vou jantar com ele e alguns parceiros lá embaixo. Você quer vir junto?

O irmão dele morava aqui? Guardei essa informação no fundo da minha mente, junto com o quanto eu queria ir, e – certa de que iria me odiar mais tarde por isso – sacudi a cabeça, negando. Não queria ser intrometida.

– Acho que provavelmente vou...

– Você estaria me fazendo um favor, na verdade. Às vezes é difícil lidar com todo o entusiasmo do meu irmão Max. – Niall parou novamente, como se estivesse reconsiderando, depois sacudiu a cabeça levemente e continuou: – Você será uma distração bem-vinda.

Já que eu sou a Capitã Sem-Noção e insisto em pintar cada interação entre nós com toques de nudez ou constrangimento, fiquei parada ali, muda, piscando por muito mais tempo do que seria socialmente adequado.

– É claro, se não quiser...

– Não, não! Desculpe, eu... Você pode me dar uns dez minutos pra me

trocar e...? – Fiz um vago gesto mostrando o desastre na minha cabeça.

– Você só precisa de dez minutos? – ele perguntou com um tom cético.

Deus, ele está me provocando de novo.

– Dez minutos – confirmei com um sorrisinho. – Doze, se não quiser minha saia presa na calcinha.

Niall soltou uma risada que surpreendeu a nós dois, antes de se recompor.

– Então está combinado. Vou esperar no saguão. Nos vemos em *dez* minutos.



Nunca na história deste planeta alguém se arrumou tão rápido quanto eu.

No momento que as portas do elevador se fecharam atrás dele, saí correndo. Joguei o roupão no chão, arranquei o vestido azul da mala e corri para o banheiro. Passei um pano úmido no rosto e juntei minha maquiagem. Passei hidratante e pó na velocidade da luz. Passei um pouco de creme no cabelo e liguei o secador, penteando mecha por mecha. A prancha aqueceu em questão de segundos, e depois de algumas passadas, tirei da tomada e a guardei. Escovei os dentes, apliquei blush, passei rímel e gloss. Coloquei o vestido com cinco minutos sobrando. Infelizmente, esqueci de vestir a calcinha, então usei o tempo restante para apanhar uma na mala, encontrar um carregador para o meu celular e colocar um sapato razoável.

Apanhei a bolsa, chequei novamente se todas as partes do vestido estavam no lugar, e depois de tomar fôlego e rezar um pouco, andei até o elevador.

Quatro

Levantei do meu lugar, olhar vidrado no ponto de onde ela saía do elevador, completamente sem palavras. Ela se trocou em dez minutos, mas estava... Deslumbrante. Imediatamente fiquei ao mesmo tempo animado por estar perto dela e um pouco ressentido por essa complicação — Ruby — invadir aquilo que seria uma viagem rotineira, chata e *fácil*.

Engolindo em seco, fiz um gesto para a entrada de um dos bares do hotel, o Knave.

— Vamos comer algo?

— Sim, por favor — ela disse, com seu enorme sorriso e a longa silhueta vibrando levemente com empolgação, atraindo todos os pensamentos que restavam em minha mente. — Eu poderia comer uma vaca inteira agora. Espero que eles tenham um filé do tamanho do seu tórax.

Ergui uma sobrancelha achando aquilo divertido.

Ela riu enquanto procurava algo na bolsa, murmurando para si mesma:

— Juro que normalmente sou mais inteligente que isso.

Eu queria dizer que ela era divertida e entusiasmada. Mas segurei a língua; dessa vez, parecia que sua observação não a afetara tanto assim.

— Meu irmão estará lá — lembrei-a. — E seus amigos. Espero que não se importe. Eles são legais, mas são...

— Caras? — ela completou.

— De certa maneira, sim — eu disse com um sorriso.

— Oh, eu sei lidar com caras — ela disse, começando a andar junto comigo. Eu notei, talvez não pela primeira vez, que ela possuía a habilidade de dizer coisas que, se fosse outra pessoa, poderiam soar convencidas, mas quando ela dizia era apenas divertido.

— Imagino que sim.

Virando-se para olhar meu rosto quando chegamos na frente do bar, ela disse discretamente:

— Isso é um elogio?

Seus olhos cintilavam sob as luzes, e novamente ela parecia já saber que, fosse ou não um elogio, com certeza não era um insulto. A verdade é que foi sim um elogio. O que eu deveria ter dito é que ela parecia saber lidar com quase qualquer coisa.

— Eu nem sonharia em insultar suas qualidades.

— Viu? — Ela sacudiu a cabeça levemente. Com um sorriso provocador, disse: — Eu nunca sei se você está tirando com a minha cara. Você é tão sisudo. Acho que vou te dar uma placa pra sinalizar ironia.

Eu sorri em resposta e me virei para a anfitriã do bar.

— Viemos encontrar nossos amigos. — E enquanto eu falava, avistei meu irmão e seus amigos lá dentro. — Ah, ali estão eles.

Sem pensar, enlacei o cotovelo da Ruby e comecei a conduzi-la para uma mesa cercada por sofás de veludo e poltronas macias. Seu braço estava quente e firme, mas quando percebi o quanto isso parecia um flerte, soltei-a. Era assim que eu conduziria uma *namorada* para a mesa, não uma colega de trabalho.

Eles notaram nossa aproximação quando ainda estávamos longe, e os homens sentados — Max, Will, Bennett e George — pararam de falar para nos ver chegando. Ruby era alta e magra, quase desengonçada, mas não de um jeito ruim. Sua postura era perfeita, o queixo sempre erguido. Ela tinha a graciosidade de uma mulher de longas pernas que mal havia entrado na idade adulta.

Quatro pares de olhos se moveram do rosto da Ruby para seu corpo esbelto, descendo para os pés e depois subindo, antes de se virarem para mim com um brilho renovado.

Maldição.

Eu sabia, sem precisar ouvir palavra nenhuma, o que meu irmão idiota estava pensando. Sacudi a cabeça discretamente, mas seu sorriso sacana apenas aumentou.

Todos se levantaram, cumprimentando a mim e se apresentando, um a um, para Ruby. Mãos foram apertadas, nomes foram ditos e amabilidades trocadas. Fui tomado por um nervosismo. Isso já não parecia mais um jantar

de negócios, ou mesmo um jantar social com meus amigos. Senti que a Ruby estava sendo mostrada, como se eu a estivesse exibindo para eles. Como se fosse sua *apresentação*.

— Isso parece uma entrevista de emprego — ela disse ao tomar seu lugar ao lado do George num sofá de veludo vermelho. — Todos esses *ternos*.

Eu engoli em seco, sentindo meu rosto se aquecer com constrangimento e alívio quando percebi que ela não sentia o mesmo que eu. Não havia flerte entre nós.

Sempre fui péssimo para entender os sinais das pessoas.

— Esse é o problema do centro da cidade — Bennett disse com um sorriso fácil, depois fez um gesto para a garçonete.

— Um gim e tônica com bastante limão — Ruby disse, depois olhou rapidamente para o limitado cardápio do bar. — E um sanduíche de presunto serrano, por favor.

Uma mulher que gosta de gim e tônica, meu drinque favorito? Deus do céu. Até o Max percebeu, erguendo as sobrancelhas na minha direção.

— O mesmo para mim — eu disse, entregando o cardápio para a garçonete. — Mas com pouco limão.

— Então, de onde vocês todos se conhecem? — Ruby perguntou ao Max.

— Bom — ele inclinou a cabeça na minha direção —, esse cara aqui é meu irmão mais novo, claro.

Ruby sorriu.

— Ouvi dizer que não é o único.

— É verdade — Max disse com uma pequena risada. — Somos dez irmãos. — Ele apontou para os outros ao redor. — O Bennett aqui eu conheci na faculdade; o Will eu conheci quando me mudei para Nova York, e tivemos a péssima ideia de abrir um negócio juntos...

— Sim, péssima, sua carteira reclama até hoje — Will disse ironicamente.

— O George aqui trabalha com minha esposa, Sara — Max finalizou.

— Sou o Faz-tudo dela — George esclareceu. — Arrumo sua agenda, encho as garrafas no escritório e escondo as páginas sociais quando ela e o

Max são flagrados fazendo alguma coisa que não deviam.

Passadas as apresentações, voltamos nossa atenção, obviamente, para a Ruby, embora no meu caso acho que isso aconteceria de qualquer maneira. Sob a fraca luz de velas e contra o cenário de paredes espelhadas, pesadas cortinas de veludo e o chão de madeira dramaticamente polido, ela parecia quase brilhar.

— Há quanto tempo você mora em Londres? — Bennett perguntou. — Você claramente não é britânica.

— Sou de San Diego — ela disse, enquanto passava uma mecha de cabelo para trás da orelha.

Bennett ergueu uma sobrancelha.

— Minha esposa e eu nos casamos no Hotel Del Coronado.

— Que lindo! — O sorriso da Ruby poderia iluminar o salão mesmo no breu da noite. — Já participei de alguns casamentos lá, e foram maravilhosos. — Ruby agradeceu à garçonete quando ela trouxe nossos pedidos e tomou um gole de seu drinque. — Eu me formei em junho passado e me mudei para Londres em setembro, então já faz uns seis meses. Entrei no programa de estágio de um ano na Richardson-Corbett, mas vou cursar a pós em Oxford no outono.

— Ah, teremos mais uma urbanista? — Max perguntou, olhando para mim.

— Não — Ruby disse, sacudindo um pouco a cabeça.

— Engenheira de materiais.

Meu irmão suspirou, fingindo alívio.

— Então você vai concordar comigo que urbanismo é a profissão mais entediante que existe?

Rindo, Ruby sacudiu a cabeça outra vez.

— Odeio desapontar você, mas minha tese na faculdade foi sobre urbanismo e políticas públicas. — Max gemeu ironicamente. — Espero voltar algum dia para a Califórnia vestindo um uniforme de super-heroína e revolucionar completamente o sistema de transportes de lá, ou a falta de um.

Acabei me inclinando um pouco em sua direção para ouvi-la melhor.

— O sul da Califórnia está lotado de carros — ela disse, quando o

silêncio continuou. — Todo mundo viaja entre as cidades usando carro ou trem, mas não existe um jeito fácil de andar dentro das cidades sem dirigir. Los Angeles cresceu muito, e muito rápido, sem um sistema integrado de transporte, então o projeto seria redesenhar um cenário urbano que já é complicado.

Olhando para mim, ela acrescentou:

— É por isso que quero trabalhar com a Maggie. — Tomando um gole e depois voltando para os outros, Ruby explicou: — Margareth Sheffield, a mulher com quem quero estudar, ajudou a criar infraestruturas ao redor de velhas estações de metrô, em espaços urbanos apertados. Ela é genial.

Até o Bennett se juntou ao resto de nós olhando para ela com uma mistura de curiosidade e deslumbramento.

— Jesus. Quantos anos você tem, Ruby? — George perguntou.

Fiquei grato por George estar ali. Ele estava disposto a fazer todas as perguntas que eu queria mas nunca teria coragem de fazer.

Ela arrumou a mecha de cabelo de novo, fazendo um gesto que agora eu reconhecia como sendo seu sinal de desconforto.

— Vinte e três.

— Você é praticamente um zigoto — George disse, suspirando. — Toda essa ambição e você não têm nem um quarto de século ainda.

— Bom, e quantos anos *você* tem? — ela perguntou, com seu sorriso brilhante tomando todo o seu rosto. — Você não parece muito mais velho do que eu.

— Não quero falar sobre isso — George reclamou. — É depressivo. Estou praticamente alcançando a idade do Viagra.

— Ele tem *vinte e sete* — Will respondeu, empurrando.

o George de brincadeira.

— Mas, falando sério. Vamos direto ao assunto — George disse. — Você tem namorado, adorável-garota-de-vingte-e-três-anos-Ruby? — Virei o rosto imediatamente para baixo e fiquei olhando para o meu drinque. — E ele possui um amigo gay igualmente adorável?

— Eu tenho um irmão — ela desconversou, e depois franziu as

sobrançelas como se pedisse desculpas. — Acho-o adorável, mas, infelizmente, ele é hétero. Eu poderia ter feito uma fortuna cobrando das minhas amigas para dormir em casa durante o colégio.

Bennett assentiu e disse:

— Gosto do seu espírito empreendedor.

George chegou mais perto, dizendo:

— Não pense que não percebi o jeito como você escapou da pergunta do namorado. Por acaso eu preciso bancar o cupido enquanto você estiver em Nova York?

— Honestamente, acho que você não quer fazer isso. — Ruby levantou seu drinque e colocou o canudo na boca enquanto olhava em meus olhos. — Esse cara aqui pode confirmar, apenas meia hora atrás eu parecia uma indigente.

— Pelo contrário — argumentei. — Ninguém veste um roupão de hotel com mais dignidade que você.

Ela riu e depois tossiu, tentando engolir.

— Você é meu mentiroso favorito.

— Estou sendo sincero — eu disse, baixando meu drinque sobre a mesa. — Também fiquei impressionado com o jeito como você conseguiu deixar o cabelo espetado para todos os lados. Poucas pessoas conseguem isso apenas cochilando na cama do hotel.

Ela encolheu os ombros, sorrindo ainda mais com nossa troca de piadinhas.

— Muitos tentaram me ensinar os caminhos do cabelo alisado. Muitos falharam.

Todos na mesa estavam nos olhando cheios de insinuação. Eu definitivamente teria que aguentar as provocações do Max mais tarde.

— Então, sem namorado — George disse, sorrindo de um jeito mordaz.

— Exato — ela respondeu.

— E não está interessada em ninguém em particular?

Ruby abriu a boca e depois imediatamente fechou, enquanto seu rosto

corava. E depois olhou ao redor da mesa com olhos apertados.

— Não me diga que vocês se encontram para falar de relacionamentos? Qual é o próximo assunto? Sapatos?

Bennett inclinou a cabeça na direção do George.

— O culpado é esse cara aqui. É só levar ele junto nos bares e isso acontece.

— Eu já disse centenas de vezes, Ben-Ben — George respondeu. — Você é o chefão durante o dia, eu comando quando a noite cai.

Bennett o encarou friamente, e fiquei olhando para o George enquanto ele lutava para não desabar sob a pressão.

— George — ele disse, finalmente, tentando não rir —, você nunca me disse isso.

Explodindo numa risada de alívio, George respondeu:

— Eu sei, mas achei que seria divertido falar. Estou só tentando impressionar a Ruby.

— Ruby, você vai acabar roubando o George de mim — Will disse, sorrindo.

— Dificilmente. — George esticou a mão e tocou o nariz do Will com cada palavra: — Ela. Não. Tem. As. Partes. Certas.

— Certo, certo — Bennett disse, apanhando seu drinque e tomando um longo gole. — Voltamos a discutir anatomia. Tudo está normal.

—

Um silêncio recaiu sobre a mesa quando todos se viraram para olhar a Ruby se retirar do bar e subir para o quarto. Ela foi absolutamente charmosa durante o jantar, e o grupo suspirou ao mesmo tempo quando ela pediu licença para ir embora por causa de nosso trabalho logo cedo. Também fiquei triste.

— Olha só, quem diria.

Olhei para a expressão convencida do meu irmão.

— Agora que estamos sozinhos — Will começou —, acho que não precisamos mais fingir que nossa conversa será civilizada, não é? — Cada

um deles concordou e, ao meu lado, com seu drinque na mão, Will tomou um pequeno gole de uísque. — Também acho que podemos concordar que o Bennett será um importante consultor neste caso.

Max riu.

— A conferência? — perguntei, confuso.

— Isso acontece sempre — Bennett acrescentou ironicamente. — Estagiária gostosa. Chefe em negação. Vou escrever um passo a passo para você não se ferrar no caminho.

Pisquei incrédulo, engolindo em seco quando entendi o que eles queriam dizer.

— Ela não é minha estagiária. Não tenho nada a ver com a carreira dela. — Sacudi a cabeça, frustrado, porque isso era exatamente o que eu *não* deveria ter falado. — Não estou... quer dizer, ela não está interessada. E nem eu.

Os quatro riram ao mesmo tempo.

— Niall — Will disse, apoiando os cotovelos nos joelhos. — Ela quase derrubou o drinque em você quando o George perguntou se estava interessada em alguém.

— Eu ia dizer a mesma coisa — Bennett comentou.

— E algo me diz que ela seria a primeira a se voluntariar para limpar — Will acrescentou.

— Bom, talvez seja porque ela está interessada em alguém que trabalha com a gente na RC.

— Exatamente. *Você*. — Max levantou seu copo e terminou o resto do líquido âmbar.

— Sinceramente — eu disse, lutando contra um sorriso. — Ela é uma garota fantástica, mas certamente não é uma opção romântica para mim.

Inclinando a cabeça, Bennett perguntou:

— Qual é a cor dos olhos dela?

Verdes, mas não falei nada. Balancei a cabeça como se não soubesse.

— O que ela estava vestindo? — Will perguntou.

Um vestido azul que chegava só até o joelho, mas também não falei nada. Uma delicada corrente de ouro ao redor do pescoço e um anel no dedo anelar direito – que tive que resistir para não mencionar até o George lançar a bomba sobre o namorado.

Revirei os olhos, e meu irmão riu novamente, desta vez apontando seu drinque para mim.

— Caras não notam essas coisas a menos que estejam *interessados*.

— Ou se for o George — Will acrescentou, e o George agarrou sua nuca e tentou puxá-lo para um beijo.

— Bom, está óbvio que não preciso pensar mais sobre isso — eu disse. — Vocês todos já decidiram por mim.

— Essa é a nossa função — Will disse, ajustando o colarinho da camisa e se ajeitando na cadeira. — É um vício, nós sabemos.

— Honestamente, eu até achava que tínhamos perdido o dom — George disse.

— É um alívio saber que ainda estamos na ativa. As garotas ficarão tão orgulhosas. — Max bateu os dedos na mesa quando se levantou. — Bom, é melhor eu ir embora. Tenho uma nova rotina: a Sara coloca a bebê para dormir e eu dou mamadeira depois da meia-noite.

— Então sua filha finalmente está aceitando quando você dá a mamadeira? Aposto que agora você também cheira igual a uma mulher — eu disse para o Max, lembrando da piadinha que ele fez na minha última visita.

Max riu e deu um tapinha nas minhas costas, e todos levantaram, num acordo silencioso que dizia que era hora de ir para casa. Fiquei olhando meu irmão juntar suas coisas e se despedir, sentindo uma mistura de orgulho e um pouco de inveja daquilo que ele encontraria em casa: uma esposa, uma filha. Um lar.

— Dê um beijo nas garotas por mim — pedi, enquanto ele saía do bar. Ele acenou, depois desapareceu de vista. O bar do hotel pareceu completamente deserto, silencioso de um jeito opressor, agora que os quatro tinham ido embora.

Deixe-me descrever melhor a inveja que senti. Não era uma amargura ou nada ruim desse jeito. Acontece que eu havia percebido, quando visitei o

Max e a Sara há algumas semanas, que eu *sabia* o que eu queria — estabilidade, uma esposa, uma família — mas agora estava muito longe disso. Nunca fui bom com mudanças, e parecia assustador encarar a ideia de alterar minhas expectativas sobre a vida e meu futuro pós divórcio.

Não tinha percebido até agora o quanto eu havia evitado até mesmo *pensar* sobre como a vida seria daqui em diante e como eu gostaria que ficasse. Eu simplesmente apertei o botão PAUSE. Por sete meses, segui em frente no automático: centrado no trabalho, no futebol e no remo nos fins de semana; saindo à noite ocasionalmente com meus amigos, Archie e Ian.

Porém, para conseguir o que eu queria, seria preciso me expor e conhecer alguém.

E agora, através do poder da sugestão — do Tony, Max, Will e do Bennett, até do George — ou talvez, simplesmente, por estar na presença de uma mulher linda e doce, meu cérebro imediatamente começou a imaginar se a Ruby *poderia* ser o tipo de mulher com quem eu sairia.

Mas eu não queria investir em Ruby simplesmente porque os outros pensavam que eu deveria, ou porque possuía esse espaço vago em minha vida. É claro que eu a achava atraente, e — em alguns lugares secretos da minha mente — podia facilmente me imaginar tentando algo com ela.

Será que eu conseguiria ter uma relação com paixão e honestidade, com um grau de lealdade que nunca senti com Portia? Minha lealdade sempre fora primeiro para ela, mas a dela nunca deixou de ser primeiro para seus pais, deixando-me num distante segundo lugar. Nunca me ocorreu que isso era estranho, mas olhando agora eu sabia que isso significava que nunca seríamos capazes de uma verdadeira parceria em nosso casamento.

No último ano ou dois, entendi que estava resignado em ter a Portia como minha parceira simplesmente porque ela era grande parte da minha história. Mas, apesar da minha hesitação e reserva, fui criado numa casa cheia de amor, crianças e as mais absurdas aventuras. Embora não fosse eu quem criasse a espontaneidade e a animação, precisava disso ao meu redor, daquela maneira passiva que as pessoas precisam de ar ou calor.

O rosto divertido e sapeca da Ruby pairava em meus pensamentos quando peguei o elevador para meu andar.

Era como se ela tivesse aparecido para mim no momento perfeito. Não necessariamente para que eu pudesse me aproximar com intenções românticas, mas para eu adquirir uma perspectiva sobre quantos tipos diferentes de mulheres existem por aí — e de que nem todas são iguais à Portia.

Desfazer uma vida compartilhada com ela foi um processo gradual e excruciante. Primeiro, o apartamento: quase sem discussão, decidimos que ficaria com ela. Depois, o carro: também dela. Portia ficou com o cachorro, a mobília e uma grande parte da poupança. Deixei tudo para trás, surpreendentemente aliviado.

Ela foi meu primeiro beijo, meu primeiro amor, meu primeiro tudo. Casamos com dezenove anos, e eu queria continuar casado, apesar do martírio, por mais que isso estivesse fora de moda.

Acontece que num certo dia nosso tormento alcançou o ponto onde eu não conseguia enxergar uma razão para continuar.

Não conseguia mais enxergar ela sendo ardente comigo de novo, e também para mim o sexo há muito havia se transformado em algo mecânico e indiferente. Há anos não falávamos sobre crianças e, para ser justo, eu não conseguia imaginar a Portia amando seus filhos da maneira como minha mãe nos amava: com beijos entusiasmados em nossa barriga e constantes lembretes físicos de adoração maternal. Agora, meses após o divórcio, eu me pergunto como pude imaginar uma vida com ela: numa casa asséptica, fria, com tudo perfeitamente arrumado.

No fim, nosso divórcio foi desencadeado por algo tão inócuo quanto remarcar um almoço. Eu havia recebido um aviso de uma reunião que ultrapassaria a hora em que deveríamos nos encontrar no restaurante. Portia geralmente trabalhava em casa, mas uma hora de flexibilidade foi pedir demais.

— Você alguma vez já considerou o *meu* dia? — ela perguntou. — Alguma vez já considerou o que *eu* coloco de lado para passar tempo com você?

Pensei em todas as férias românticas que ela havia cancelado, e os jantares de comemoração que havia perdido porque ficou até tarde na casa das amigas, ou porque esqueceu; ou quando estendeu suas férias com as

amigas porque estava se divertindo demais.

— Eu tento considerar.

— Mas não considera, Niall. E, honestamente, estou cansada disso.

Sendo a Portia, ela precisava ter a última palavra. E, naquele momento, com uma lucidez que eu não estava esperando, conformei-me com a ideia de aquela ser a última palavra. Eu simplesmente queria uma saída.

— Eu entendo, Portia. Todo mundo tem seu limite.

Ela se assustou um pouco quando usei seu nome; eu só a chamava de “amor”.

— Já chega — ela disse, irritada. — Niall, estou me afogando. Eu simplesmente não consigo viver minha vida e carregar o peso de tudo isso.

Tudo isso, ela disse, significando: nós. Significando: o peso de um casamento sem amor.

Ela me olhou, movendo os olhos por meu rosto, descendo pelo pescoço, chegando onde minhas mãos descansavam confortavelmente nos bolsos da calça.

Eu nunca conseguia evitar a suspeita de que, quando me olhava daquele jeito, ela estava me comparando a outra pessoa. Alguém mais elegante, menos alto, mais americano, menos paciente com ela.

Após minutos de intenso silêncio, ela voltou a falar.

— Nós não nos parecemos mais — começou a dizer, com a voz indiferente — naturais, como antes.

E foi assim.

Cinco

Quando meu despertador tocou às seis da manhã, parecia que eu tinha acabado de fechar os olhos.

Com o rosto debaixo do travesseiro, podia perceber que o quarto ainda estava escuro. Mesmo assim, também ouvia o eco das buzinas na cidade lá fora, o burburinho das pessoas que já encaravam a manhã fria a caminho do trabalho, faculdade ou seja lá o que os adultos fazem a essa hora.

Rolei para o lado, calculando em minha mente quantas vezes poderia apertar o botão de soneca sem me atrasar, quando lembrei exatamente *onde* eu estava...

E com *quem* estava...

E o quanto me *diverti* na noite passada.

E a cama de *quem* provavelmente estava do outro lado, separada apenas por uma insignificante parede.

Ele poderia estar na cama neste exato instante. Fechei os olhos e me permiti imaginar isso. De repente, levantar e me arrumar para um dia inteiro com ele parecia mais importante do que dormir.

Pulei da cama e corri para o banheiro, tomando cuidado para evitar qualquer espelho no caminho. Hoje seria meu primeiro dia na conferência. Meu primeiro dia trabalhando ao lado do Niall Stella, aprendendo e sendo parte daquilo que ele fazia, e não apenas um vulto em seu campo visual.

Depois da noite passada, passei a enxergá-lo de um jeito muito diferente. Ele ainda era o homem que preferia ficar a distância, observando e tomando nota sobre que estava sendo dito e *como* foi dito, mas também sabia ser um cara simples, relaxado e engraçado, saindo com outros caras e tomando drinques num bar. Sabia descontraír, ser sociável, rir de si mesmo e dos outros com sua maneira gentil.

Ele me provocou de novo – na frente de seu irmão – com seus olhos escuros brilhando com diversão e ternura. Senti meu estômago dar um nó e o coração martelar no peito só de lembrar. Será que ele seria assim durante

toda a viagem? E se fosse, como eu resistiria a não cair a seus pés declarando meu amor?

Ah!

Eu poderia pensar em centenas de maneiras para estragar tudo num dia normal de trabalho. Mas hoje? Cansada e sofrendo os efeitos do *Jet lag*? Quem sabe o que poderia acontecer?

Eu praticamente sentia as bolsas pesadas debaixo dos meus olhos, mas mesmo assim um lampejo de adrenalina disparou por minhas veias. Meu coração acelerava quando eu imaginava nós dois trabalhando pertinho um do outro, debruçados sobre algum arquivo na mesa, nossos ombros se tocando lado a lado e seu cabelo macio caindo sobre a testa.

Isso acabaria num desastre, com certeza.

Comida era a última coisa em minha mente, mas eu precisava dar o meu melhor hoje. Liguei para o serviço de quarto e adorei ouvir a campainha apenas alguns minutos depois de sair do banho.

O cheiro de café da manhã invadiu o quarto, e qualquer ideia sobre não estar com fome desapareceu imediatamente. Corri para a porta, parando para checar se estava tudo certo com meu roupão, pois era cedo demais para acharem graça de qualquer gafe com meu vestuário.

Assinei a conta e estava fechando a porta, quando Niall Stella apareceu saindo do elevador.

Deus do céu. Ele estava malhando.

– Bom dia, Ruby.

Mantenha a compostura. Você consegue.

– Bom dia. Acordou cedo – eu disse.

Número de Vezes Em Que Vi Niall Stella Suado: uma.

Tentei olhar discretamente, mas era impossível ser sutil. Eu achava que o Niall Stella sabia usar um terno, mas ele usava camiseta como se tivesse nascido para isso. Eu queria agradecer aos céus por aquela camiseta azul extremamente apertada. Ele a vestia de um jeito tão casual. Totalmente sem malícia. Conhecendo a pessoa, deve ter escolhido por algum benefício aerodinâmico complicado. E, Deus do céu, a camiseta fazia maravilhas com

seu peitoral.

Ele tinha ótima postura, a barriga era reta, o peito definido e volumoso. Vestia um calção de futebol, e as pernas eram musculosas, como eu imaginava. Vê-lo assim desse jeito me deixou impressionada com seu tamanho novamente. Eu sempre fui alta e nunca estive perto de um homem que me fazia sentir tão miúda e feminina. Com essa proximidade e o frescor de seu suor entre nós, fiquei ciente demais das minhas próprias curvas, minha boca, e o quanto ele se sobrepunha a mim por vários centímetros. Sem esforço, tudo nele era drasticamente masculino.

– Você pediu batatinha no serviço de quarto? – ele provocou, fazendo um gesto para meu roupão.

Olhei para baixo e comecei a rir.

– Eu estava pensando em vestir isso durante o mês inteiro, espero que não se importe. – Segurei o nó do cinto e percebi seus olhos seguindo o movimento.

Meu Deus.

Eu queria esticar os braços e agarrá-lo, usando a gola da camiseta para puxá-lo para a cama. Ou talvez pudesse agarrar a barra suada da camiseta e usar para me apoiar enquanto ele me comia por trás...

Oh.

Senti meu rosto corar.

Ele apoiou seu largo ombro na parede e me encarou.

– O vestido que você usou ontem era muito bonito.

Você podia alternar entre os dois.

Eu ri.

– Eu...

Espera um pouco, o quê?

Meus olhos se arregalaram enquanto eu processava aquilo. Seu rosto também estava corado, mas ele não desviou os olhos. *Não fique afobada, Ruby. Não estrague tudo.*

– É uma boa ideia – eu disse, sentindo um sorriso enorme invadir meu

rosto. Fingi arrumar a saia do roupão descendo até as coxas. – Entra vento demais por aqui.

Concordando, ele pareceu morder a parte de dentro da bochecha para impedir um sorriso.

– É o que parece.

Apontei meu polegar para a porta atrás de mim.

– Então... acho que vou vestir umas roupas de verdade.

– Certo. Vou tomar banho e encontro você lá embaixo, pode ser? – ele perguntou quando me virei para entrar no quarto.

Secretária Imaginária, por favor, acrescente “assistir ao Niall Stella tomando banho” na minha lista de coisas a fazer antes de morrer. E ponha no primeiro lugar, se não for muito trabalho.

– Bom plano.

Ele assentiu uma vez.

– Vou ser rápido.

– Não – eu disse, alto demais, rápido demais. Fechei os olhos, respirando fundo para me acalmar. – Não tenha pressa.

Ele parou com o cartão de acesso inserido na maçaneta da porta de seu quarto e olhou sobre o ombro para mim. Seu pequeno sorriso mostrou que ele leu cada pensamento em minha mente antes que eu tivesse a chance de colocar tudo em ordem.

– Está tudo bem? – ele perguntou num tom baixo.

– Sim. Só preciso de café.

Seus olhos brilharam com um deleite misterioso.

Como se gostasse do meu absoluto e desesperado tormento.

– Certo, então. Vejo você lá embaixo. *Que comecem os jogos, Mr. Darcy.*



A descida do elevador foi a mais longa da minha vida. contei cada andar que passava na tela, sentindo meus nervos aumentarem enquanto me aproximava do térreo. Niall estaria esperando por mim e depois andaríamos

até o escritório temporário. Apenas nós dois. Sem distrações. Sozinhos. Nada de mais.

Só que era, *sim*, algo enorme. Era o começo de uma das experiências profissionais mais empolgantes da minha vida, e também um dia cheio com a pessoa que eu tinha certeza que era o Homem Mais Maravilhoso do Planeta.

Ajeitei meu vestido, endireitei o colarinho da jaqueta e chequei tudo novamente: bolsa, notebook, celular, bunda e calcinha, tudo certo. Apesar do nervosismo, eu ainda estava cansada. A bolsa do notebook parecia mais pesada do que de costume, a combinação de fadiga e tensão me deixava um pouco inquieta.

Chequei meu reflexo outra vez e subitamente comecei a questionar meu visual. Lá fora estaria frio, mas dentro do escritório provavelmente estaria quente demais, com o aquecedor ligado para compensar o clima de março. Escolhi botas que subiam até o joelho e com um salto considerável; seriam, ao mesmo tempo, confortáveis para andar e quentes o bastante, caso tivémos que ir até a cidade para vistoriar as muitas estações de metrô sob nossa supervisão. Imprimi todos os arquivos e relatórios que precisaria. Eu estava pronta.

Mas ainda aterrorizada.

Cheguei ao saguão, comecei a procurar por Niall e logo o encontrei. Ele estava atrás de mim, perto da recepção e – *Jesus, me salve* – junto com o casaco dobrado no braço, seu terno era de outro mundo.

– Putz, você fica bem de terno.

Pensei essas mesmas palavras centenas de vezes nos últimos meses. Milhares. Eu as dizia para mim mesma quando passava por ele nos corredores; provavelmente possuía mais de uma fantasia sexual que começava com esse exato comentário. Mas nunca, em nenhuma delas, ele engolia em seco, olhava para meu corpo e respondia com um:

– E você fica bem com qualquer coisa.

E então senti que imediatamente queria enfiar as palavras de volta na garganta e morrer.

Perdão?

Quando eu era pequena, eu tinha uma Lousa Mágica. Passava horas

olhando para aquela moldura vermelha e tela cinza, girando os botões para rabiscar sempre que meu ônibus atrasava ou quando voltava para casa. A maioria das pessoas fazia desenhos ou jogava algum jogo, mas eu tinha obsessão em desenhar meu próprio nome e aperfeiçoar a arte de desenhar cada letra sem deixar aparecer as linhas que as conectavam.

Minha mãe dizia para desenhar outra coisa, que eu iria marcar a tela com aquelas letras se continuasse a fazer a mesma coisa toda vez. E ela estava certa. No fim, por mais que eu sacudisse a moldura querendo apagar a imagem, uma sombra das letras permanecia na tela.

Eu sabia que agora seria exatamente a mesma coisa: essa frase ficaria marcada em minha alma para sempre.

E você fica bem com qualquer coisa.

Niall Stella realmente falou isso? Será que eu estava tendo um derrame? Será que conseguiria pensar em qualquer outra frase pelo resto da vida?

Quando acordei do transe, percebi que ele já tinha começado a andar e estava quase saindo. Acelerei meus passos e o segui para fora do hotel, virando à esquerda na Rua 56.

E você fica bem com qualquer coisa.

– ... recebeu tudo? – ele disse, e pisquei de volta para a realidade.

– Desculpe, o que você disse? – perguntei, tentando acompanhar suas longas passadas. É sério, andar ao lado dele era como galopar ao lado de uma girafa.

– Perguntei se minha assistente, Jo, enviou tudo para você. Se tudo chegou bem. Normalmente eu não enviaria coisas para você, já que não está trabalhando para mim aqui, mas achei que seria melhor se estivéssemos no mesmo compasso.

– Oh, sim, sim – eu disse, concordando. – Os e-mails chegaram ontem logo depois que aterrissamos. Ela é muito... eficiente.

Niall Stella olhou para mim com seus cílios obscenamente longos.

– É verdade.

– Desde quando ela trabalha com você? – perguntei, minha voz soando um pouco distraída, até mesmo para meus próprios ouvidos. Nunca estive com

ele sob a luz do dia desse jeito, e estava me sentindo um pouco atrapalhada com o quanto ele era bonito: sua pele era maravilhosa, clara, macia e absolutamente impecável. Estava óbvio que ele se barbeou sem pressa e tudo era perfeito, até mesmo as costeletas. Fiquei imaginando se ele media com uma régua.

Ele pensou um pouco.

– Quatro anos em 12 de setembro.

– Uau. Isso foi... específico.

Ele sorriu e pegou seu celular.

E você fica bem com qualquer coisa.

O ar estava gelado em meu rosto e fechei os olhos, agradecida pela brisa matinal. Ajudou a clarear minha cabeça enquanto andávamos pelos primeiros quarteirões antes de virar à direita na Sexta Avenida.

Apenas agora me ocorreu que esta era minha primeira manhã em Nova York. Londres era enorme e você se sentia numa cidade grande. Mas sempre tive a sensação de ser um lugar que existia há séculos, que as árvores e os prédios e até mesmo as calçadas não haviam mudado desde que foram criados. Nova York claramente tinha seus prédios antigos, mas muitas coisas eram modernas e novas, muito aço e vidro se estendendo até as alturas. Parecia um constante ciclo de renascimento. Andaimes envolviam a maioria das calçadas e nós simplesmente passávamos por baixo ou seguíamos setas para contorná-los.

Tentei usar esse tempo para revisar o que poderia acontecer hoje: marcar reuniões com as autoridades locais, apanhar a agenda completa de todos os palestrantes e compilar uma lista de quais estações precisam mais de reforma.

Mas eu não conseguia me concentrar, e sempre que o som do trânsito diminuía e meus pensamentos finalmente começavam a se organizar, Niall desviava de alguém e raspava meu ombro. Ou apontava para uma tábuia solta na calçada e tocava meu braço para avisar. Andamos por cinco minutos, e se alguém perguntasse em que eu estava pensando, eu gaguejaria algo sem sentido e ficaria rindo sem graça.

Chegamos à esquina e esperamos o sinal abrir. Niall guardou o celular no

bolso e ficou a uma distância respeitável de mim, mas perto o bastante para que o braço de seu casaco tocasse em mim quando ajeitei minha bolsa no ombro. A manhã estava fria e sua respiração soltava uma nuvem de condensação sempre que exalava. Precisei me forçar para não ficar olhando vidrada os seus lábios, e a maneira como a língua aparecia para umedecê-los.

Quando o sinal abriu, a multidão começou a andar na nossa frente, e senti sua mão pressionando nas minhas costas para que eu andasse.

Sua mão nas minhas costas... a apenas alguns centímetros da minha bunda. E se fosse pegar na minha bunda, era basicamente o mesmo que se tocasse entre as pernas. Então, sim, meu cérebro reagiu como se o Niall Stella estivesse tocando meu clitóris e eu quase tropecei e caí de cara na rua.

Chegamos no outro lado, e ele pareceu fazer um esforço consciente para diminuir o passo.

– Você não precisa ir mais devagar – eu disse. – Consigo acompanhar.

Niall Stella sacudiu a cabeça.

– Perdão? – ele perguntou, fingindo que não tinha entendido. Então, primeiro: ele estava tentando ser educado e não apontar que minhas pernas curtas não conseguiam acompanhar as dele. E segundo: ele era um péssimo mentiroso.

– Você tem uns dois metros, com pernas que são o dobro das minhas. É claro que vai andar mais rápido que eu. Mas eu consigo acompanhar, prometo que não vou fazer você ir mais devagar.

Seu rosto ganhou um toque de vermelho e ele sorriu.

– Você quase caiu ali atrás – ele provocou, mostrando a rua atrás de nós. Meu coração acelerou, e não tinha nada a ver com a corrida pelas ruas de Nova York.

– Eu estava tentando fingir que aquilo não aconteceu – eu disse, rindo. Ainda bem que ele manteve o olhar para a frente, pois meu sorriso se abriu tanto que podia até rachar meu rosto em dois. – Para o inferno estes sapatos chiques, da próxima vez vou usar tênis.

– Não são nada mal – ele disse, fazendo um gesto com a cabeça em direção às minhas botas. – São bonitos, na verdade. Eu lembro que a Portia

usava o salto mais alto possível, mesmo em viagens. Ela... – Ele parou, olhando para mim como se percebesse que eu não saberia de nada disso. – Desculpe. Vou não chatear você com os detalhes daquilo.

Espera aí, como é?

Mesmo de perfil, eu podia ver suas sobrancelhas se juntando. Ele claramente não pretendia despertar nenhuma lembrança, mas eu não podia negar que uma parte secreta de mim adorou esse deslize. Esse lampejo em que ele se permitiu entrar num lugar confortável onde baixava suas defesas, mesmo que fosse por apenas um momento.

– A Portia era sua esposa? – perguntei, mantendo um tom de conversa casual. Definitivamente sem mostrar que eu estava destrinchando cada palavra dita. Ele havia mencionado ela antes no avião, mas não tinha falado o seu nome.

Andamos mais alguns passos antes de ele assentir, sem acrescentar mais nada. Apenas tive contato com a ex - Sra. Stella de passagem, mas não sabia quem era e, portanto, não pude notar cada detalhe. Ouvi histórias aqui e ali, mas nada de mais. Era como se houvesse uma regra implícita sobre fofoca no escritório: um pouco pode ser aceitável, mas muitos detalhes seria mau gosto.

Passamos por um trio de lindas estátuas de bronze em frente a um arranha-céu, uma delas ao lado do edifício, e duas no outro lado.

– Estas estátuas representam a Vênus de Milo – eu disse, apontando para elas. – São chamadas de *Mirando sempre a avenida*.

Ele seguiu meu olhar.

– Mas elas não têm cabeça – ele notou. – Não estão mirando nada.

– Não falei isso – eu disse. – Os peitos é que são ótimos.

Niall fez um som como se estivesse engasgando.

– O que foi? – perguntei, rindo da sua expressão. – São mesmo! A cidade recebe um monte de reclamações por causa disso.

– Por causa dos peitos ou da falta de cabeça? – ele perguntou.

– Talvez as duas coisas.

– Como diabos você sabe tudo isso? Você disse que nunca esteve aqui.

– Minha mãe tem uma fascinação romântica por Nova York. Eu poderia ser sua guia turística e ficar enchendo sua paciência com um monte de informações aleatórias.

– Parece ótimo – ele disse, mas o tom de voz saiu estranho. Ele estava sendo sarcástico, ou...?

Oh, meu Deus.

Parei de repente, e Niall Stella precisou se virar.

– O que foi? – ele perguntou, olhando para a frente, tentando enxergar o que havia chamado minha atenção. – Está tudo bem?

– É o Radio City Music Hall – ofeguei, continuando a andar mais rápido.

– Icônico – ele concordou, com um toque de confusão em sua voz e facilmente alcançando minhas passadas.

– Eles fazem um show aqui no natal e minha mãe vai morrer quando souber que estive tão perto. – Minhas luvas deixavam quase impossíveis conseguir pegar qualquer coisa enquanto eu buscava meu celular no bolso do casaco. – Você tira uma foto pra mim?

Pela reação dele, parecia que eu tinha pedido para me desenhar nua.

– Não posso... – ele disse, depois sacudiu a cabeça, olhando ao nosso redor. – Quer dizer, não podemos simplesmente *parar* aqui.

– Por que não?

– Por que...

Ele não disse “não vale a pena”, mas seu rosto dizia tudo.

Olhei para as pessoas ao redor fazendo exatamente a mesma coisa.

– Ninguém está prestando atenção em nós. Poderíamos provavelmente nos beijar loucamente e ninguém iria notar.

Seus olhos se arregalaram antes de suspirar e apanhar seu celular.

– Vou tirar com o meu e depois envio pra você. O seu celular tem pedrinhas femininas demais pro meu gosto. – Um pequeno sorriso surgiu no canto de sua boca. – Olhe pra mim, sou masculino demais para ser visto segurando seu celular.

Tive um vislumbre disso na noite passada, mas adorei ver de novo: Niall

Stella era educado, brilhante, refinado e discreto, é verdade, mas Niall Stella era capaz de ser um *cara*, e sabia *muito bem* ser charmoso.

Eu sabia que estava abusando da sorte, mas, putz, ele ficou tão fofo parado ali, no meio de um mar de turistas passando ao redor enquanto preparava a câmera. Ele podia até ter protestado, mas a expressão em seu rosto quando tirou a primeira foto o fez parecer... Encantado?

– Certo – ele disse, depois virou o celular para me mostrar. – Ficou boa.

– Venha aqui. – Ele se aproximou e eu apanhei seu celular, examinando a foto. – Vamos tirar uma juntos – eu disse, segurando o celular na nossa frente.

– O quê... – ele começou a falar, mas pensou melhor. – Seu braço não é longo o bastante.

– Você está brincando? Sou ótima em tirar selfies. Só... dobre um pouco o joelho para minha cabeça não ficar grudada no seu ombro, o que não é algo ruim, não me entenda mal, mas...

– Não acredito que estou fazendo isso – ele disse, tirando o celular da minha mão.

– Prometo que não vou contar ao Max que você tirou uma selfie na Sexta Avenida – sussurrei, e ele virou a cabeça, me olhando nos olhos.

Ele ficou apenas alguns centímetros do meu rosto. Ficamos praticamente casados ali.

Niall olhou em meus olhos por mais alguns segundos antes de limpar a garganta.

– Vou cobrar isso.

Foi preciso tentar algumas vezes até encontrar o ângulo certo, e para a última, ele envolveu o braço na minha cintura e me apertou forte.

E foi assim. Eu mentalmente acrescentei um número “um” para o “Número de Vezes Em Que Niall Stella Envolveu os Braços na Minha Cintura e Me Puxou Para Perto”. Fiquei sabendo naquele instante como seria celebrar o natal e os aniversários, e as promoções de trabalho e ter o melhor orgasmo da minha vida, tudo ao mesmo tempo.

Ele olhou para a foto e virou a tela para que eu pudesse ver. Era uma boa

foto, uma ótima foto, na verdade. Nós dois sorrimos; a câmera nos pegou no meio de uma risada quando ele tentou bater a foto com luvas.

– Qual é o número do seu celular? – ele perguntou, olhando para a tela. Percebi seu rosto corar ainda mais do que já estava por causa do frio.

Passei o número enquanto ele digitava. Ele apertou o botão *enviar* e sorriu para mim: um pouco tímido, um pouco divertido, um pouco algo mais que eu não sabia se estava pronta para acreditar. Naquele momento, ele não se parecia em nada um vice-presidente, ou uma paixonite intimidadora, ou um homem que terminou a faculdade antes dos vinte anos. Apenas parecia um cara lindo, no meio da rua, ali comigo.

No bolso do meu casaco, meu celular tocou.

Tentei não pensar no fato de que agora ele tinha fotos minhas, e de nós dois juntos, em *seu celular*. Tentei não pensar no fato de que agora ele tinha meu número de telefone. Tentei não pensar no quanto nos divertimos quando parei de me preocupar sobre como agir perto do Niall Stella, e apenas comecei a aproveitar esse momento espontâneo com o Niall. Apenas Niall.

Quando ele guardou o celular e fez um gesto para eu segui-lo ao atravessar a rua, notei seu enorme sorriso.

Tentei não pensar sobre o quanto ele também parecia estar muito animado com tudo isso.



Nosso escritório temporário ficava num andar vazio de um grande edifício comercial. Toda a suíte fora alugada como escritório temporário para consultores visitantes pelo Gabinete de Transporte Metropolitano. É verdade que a cavalo dado não se olha os dentes, mas honestamente: nosso escritório tinha o tamanho do banheiro do meu hotel, e o aquecedor estava claramente ligado no modo “expição dos pecados no inferno”. A janela não abria, e descobrimos isso só depois do Niall passar uns cinco minutos tentando abrir. Ele definitivamente roubou minha atenção durante esse tempo. Seus ombros largos precisavam de um nome próprio: Niall Stella e os Deltoides.

E você fica bem com qualquer coisa.

Um escritório pequeno demais significava que Niall ficaria perto de mim o dia todo, tornando impossível me concentrar em qualquer tarefa simples. E quente demais significou que em menos de uma hora ele tirou o blazer do terno e – depois de ficar visivelmente consternado – afrouxou a gravata e abriu um botão da camisa. Também dobrou as mangas até o cotovelo. Se eu pudesse, provavelmente subiria o termostato mais uns dez graus para dar uma olhada em seu peito nu. Nota relevante: nunca me deixe no comando de nada.

Nunca vi seus braços antes (o que tirou o zero na coluna “Número de Vezes Em Que Vi os Braços Nus do Niall Stella”) e, como esperado, sua pele era perfeita: braços torneados e pulsos terminando em dedos longos e finos. Sendo o mais discreta possível, observei os músculos flexionando quando ele digitava, quando girava a caneta enquanto pensava, como os tendões das mãos se apertavam quando ele batucava os dedos no braço da cadeira.

Niall Stella era uma pessoa inquieta.

Não conversamos muito enquanto trabalhávamos em nossas respectivas mesas, abrindo caixas e arrumando as coisas. Para o almoço, descemos na rua e topamos com um vendedor de cachorro-quente na esquina. Foi preciso um pouco de persuasão da minha parte.

– Precisamos ficar na fila mais longa – expliquei, esperando pacientemente pela minha vez. – Você nunca assistiu o Food Network? Você percebeu que na outra barraquinha tem apenas duas pessoas, mas nesta aqui tem um fila grande? O da fila pequena provavelmente vende churrasquinho de gato.

Ele suspirou, murmurando algo com seu sotaque delicioso sobre como estaria morto até o fim do dia, e também lançando um “Você chama isso de batatinha?”.

– Realmente, não sei *como* o seu irmão sobrevive numa cidade com tão pouco a oferecer – provoqueei.

– Nem eu.

– O que você está fazendo? – perguntei, impedindo que ele passasse uma mostarda chique com cor de vômito em cima do pão. Pelo amor de Deus,

tinha até *sementes* naquilo.

Ele arregalou os olhos para mim, segurando o frasco no ar como se não estivéssemos falando a mesma língua.

– Você não pode passar isso num cachorro-quente de rua – eu disse. – Você vai preso.

– Você pode gostar dessa “mostarda” genérica com cor artificial – ele disse, e eu podia praticamente ver as aspas suspensas no ar – e eu vou usar a *minha* mostarda. – Nosso recém-casamento já precisava de um pouco de terapia.

Soltei vários gemidos de satisfação enquanto comia o cachorro-quente, só para provar meu argumento: o meu era muito melhor do que o dele.

Niall fechou os olhos para esconder uma risada e sacudiu a cabeça para mim.

– Sabe – eu disse, depois de engolir uma mordida gigante –, se eu não flagrasse ocasionalmente esse sorrisinho que você tenta esconder, eu acharia que você é a pessoa mais disciplinada do planeta, ou é um replicante, ou então usa botox.

– É botox. – Ele deu uma grande mordida no cachorro-quente.

– Eu sabia. Você mal consegue esconder sua vaidade.

Ele riu e quase engasgou, depois roubou o guardanapo da minha mão.

– Exatamente.



Quando voltamos para o escritório, com as linhas de telefone ainda desconectadas e o aquecedor ainda forte demais (acho que cheguei a reclamar que estava derretendo), não conseguimos realmente trabalhar. As reuniões começavam no dia seguinte e arrumamos algumas caixas de arquivos, mas nós dois estávamos distraídos – por razões diferentes, tenho certeza. Às duas da tarde ele já estava se preparando para ir embora.

Niall tinha planos para revisar e telefonemas a fazer, e tudo isso podia ser feito no hotel.

Caminhamos de volta em silêncio, do outro lado da rua do Radio City,

mas eu podia jurar que seus lábios quase sorriram quando passamos por lá.



Na manhã seguinte, acordei antes do despertador, ansiosa para começar o dia e – patética, do jeito que sou – caminhar até o trabalho com um certo alguém. Mas no meu celular, ao lado de uma mensagem do meu irmão e três da Lola, havia uma mensagem desse Alguém:

Chame um carro e vá sem mim. Tenho algumas coisas para fazer e chegarei mais tarde.

A esperança dentro do meu peito esfarelou-se como uma bolacha seca. Respondi que o encontraria lá e depois caminhei os poucos quarteirões ao invés de chamar um carro, escolhendo um caminho diferente e tirando algumas fotos para minha mãe. Quando cheguei, o escritório ainda estava sufocante, e dei graças a Deus por ter escolhido uma blusa de manga curta e por ter sido esperta e deixado o *collant* de lado. Afinal, não precisaria parecer levemente mais magra para ninguém, de qualquer maneira.

Ficar sozinha na sala foi realmente entediante, mas o telefone estava funcionando e finalmente pude trabalhar um pouco, assegurando ao Tony que tínhamos chegado e tudo estava em ordem, além de conhecer algumas das outras pessoas que compartilhavam o escritório. Niall apareceu e entrou na sala por volta do meio-dia, carregando várias sacolas.

Ele descarregou tudo sobre sua mesa e cadeira, e eu fiquei olhando com curiosidade.

– Bom dia – ele disse, pendurando o casaco num gancho perto da porta. – Ou melhor, boa tarde. E pelo visto ainda está quente como o inferno aqui.

– Liguei para a administradora e amanhã alguém virá para consertar, mas pelo menos não tirei minha calça ainda, então você está com sorte.

– Isso é discutível – ele murmurou.

Ou pelo menos foi o que achei que ouvi.

– *Como?*

Ele me ignorou, colocando uma grande sacola de compras sobre a mesa e se distraíndo com o conteúdo. Hoje ele estava usando óculos. Bom Deus. Em qualquer outra pessoa, aquela armação em particular – com aros pretos e

uma tira cromada nas hastes – significaria uma certa atitude cuidadosamente escolhida de acordo com a moda. Mas eu sabia que o Niall Stella se vestia impecavelmente porque comprava só as melhores coisas, e provavelmente tinha um alfaiate extremamente perfeccionista – e não porque prestava atenção em modinhas.

– Uma mulher escolheu a armação dos seus óculos –eu disse, apontando para seu rosto.

Ele tirou os olhos da sacola e deixou uma pasta na mesa, parecendo confuso.

– Desculpe?

– Uma vendedora escolheu essa armação. Você entrou numa loja, ela apareceu numa fração de segundo porque... – olhei para ele de cima a baixo mostrando a razão óbvia – ... e ela insistiu em encontrar a armação certa para você.

Ele me estudou por alguns segundos e depois ergueu sua mão gigante e esplêndida para baixar os óculos e perguntou:

– O que significa *isso*? – Ele repetiu meu gesto, com seus olhos sobre meu corpo e a boca tentando impedir um sorriso.

– Significa “um gostosão entrou na loja e ele não tem uma aliança no dedo?”. É como amarrar cachorro com linguiça.

– Como você sabe que quando comprei os óculos eu não estava usando aliança?

Ele estava me testando. E se divertindo. Putz, Niall Stella *ainda* estava flertando hoje.

– Você está menosprezando minhas habilidades de dedução. Está achando que eu não conheço a sua linha do tempo? Achei que você já sabia que minha esquisitice ultrapassa todos os limites.

Ele ergueu uma sobrancelha como se pedisse para eu continuar.

– Você comprou esses óculos em novembro. – Ele esperou pela próxima informação. Aquela que me fazia parecer completamente insana. – Certo, aqui vai – eu gemi. – Você parou de usar aliança em setembro.

Ele riu, colocando os óculos de volta e voltando a vasculhar a sacola.

– Você acha que eu sou esquisita? – perguntei com a voz mais fraca do que pretendia.

Ele ajustou os óculos de novo e passou os olhos sobre meu rosto antes de murmurar:

– Sim, esquisita num bom sentido. Acho que você é inesperada, e eu raramente me surpreendo com as pessoas. Acho você uma pessoa realmente rara.

Rara? Isso era definitivamente um adjetivo interessante.

Antes de ter uma chance de responder – e, sejamos honestos, eu provavelmente demoraria uma década – ele se levantou, sorrindo.

– Eu trouxe uma coisa para você. Percebi que já era hora do almoço, então... – Ele apanhou uma sacola branca e melada e tirou um cachorro- quente lá de dentro. Coberto com mostarda normal.

– Você se rebaixou até o meu tipo de mostarda barata– eu murmurei, aceitando o cachorro-quente.

– Como não poderia? Você gemia de prazer em cada mordida ontem.

Só agora me ocorreu como aquilo devia ter soado.

– Eu...

– E até que o cara da manutenção apareça... – Ele puxou uma caixa da sacola para revelar um grande ventilador de mesa.

– Você trouxe um ventilador?

– Não queremos que você se derreta toda, não é mesmo?

E foi assim. Finalmente com coragem suficiente, eu me levantei, dei a volta em sua mesa e fiz aquilo que há meses eu queria fazer: arrumei sua gravata. Não me apressei, usando a oportunidade para ajustar o nó e alisar o tecido sedoso descendo pelo peito.

Ele segurou a respiração e eu esperei, achando que tinha passado dos limites, achando que tinha estragado esse pequeno progresso sendo ousada demais. O silêncio se agigantou sobre nós, crescendo cada vez mais pesado com cada tique do relógio.

– Obrigada pelo almoço – sussurrei.

– Imagina. – Um breve sorriso, um lampejo da covinha, e depois sua expressão ficou séria e seus olhos encontraram os meus durante uma pequena eternidade.

Finalmente – e enquanto meu pulso martelava na garganta – Niall tomou minhas mãos e as moveu subindo por seu corpo. Pude sentir seu torso, os planos definidos da barriga sob o tecido da camisa, e então o peitoral rígido.

Agora foi a minha vez de segurar a respiração. A possibilidade de algo acontecer entre nós passou de uma adorável pequena fantasia para um novo tópico da minha agenda chamado “Número de Vezes Em Que o Niall Stella Levou Minha Mão ao Seu Peito”. O que estávamos fazendo?

O leve aroma de seu perfume pairava no ar, além de um toque do café quente e a tinta fresca de um escritório em algum ponto no mesmo andar. Cheguei mais perto lentamente, meu corpo se movendo por impulso, meu cérebro já não estava mais no controle de nada.

Ele também se aproximou, em pequenos movimentos hesitantes que fez o espaço entre nós desaparecer. Seu nariz raspou na ponta do meu e pude enxergar seus cílios, sentir sua respiração sobre meus lábios. Fechei os olhos, sem saber se poderia ficar tão perto assim, vendo essas coisas, e continuar sendo a mesma pessoa depois disso.

– Você vai me beijar? – perguntei, surpreendendo a mim mesma quando as palavras escaparam da minha boca.

Seu peito estava pressionado contra o meu, mas ele não fez o que eu esperava que faria. Ele se afastou apenas o suficiente para olhar em meus olhos.

– Acho que eu não conseguiria parar – ele suspirou.

Botão interno de sobrevivência? Este não é um exercício.

– Talvez eu não queira que você pare. – Suas sobrancelhas se ergueram, mas ele não disse nada, apenas esperou que eu continuasse. Eu não sabia se conseguiria falar, mas no fim consegui. – Já pensei muito sobre este exato momento, e o que eu faria ou diria.

Ele se afastou ainda mais para estudar meu rosto.

– Você pensou?

Fechando os olhos, admiti.

– Já faz vários meses.

Dessa vez suas sobrancelhas desaparecem sob a franja e continuei:

– Eu achava que sempre seria apenas uma paixonite. Nunca realmente achei que iríamos passar qualquer tempo significativo juntos. Mas aqui estamos nós, juntos por bastante tempo e nosso flerte é divertido, mas estou prestes a enlouquecer completamente... – Levantei o rosto, encontrando seus olhos arregalados. Minha boca havia se adiantado e deixado o cérebro para trás. Fechei os olhos novamente, gemendo de frustração. – E agora eu deixei você constrangido.

Quando olhei novamente para o Niall, ele ainda estudava o meu rosto, com uma expressão suave.

– Não deixou. De jeito nenhum. Estou apenas... Desacostumado.

– Desacostumado com garotas admitindo que gostem de você? – Tentei rir casualmente, mas a risada saiu completamente constrangedora, mais um latido do que uma risada. – Difícil de acreditar.

– Bom – ele disse, dando um passo atrás e encolhendo os ombros como se pedisse desculpa –, mas é verdade.

Como já disse antes, a Portia é a única mulher com quem... quer dizer, nunca tive mais ninguém, entende? – Ele passou a mão em sua nuca. – Além de estarmos numa situação de trabalho e que acabamos de nos conhecer, tem esse fato. Eu me sinto um pouco fora do meu ambiente aqui.

Meu queixo caiu. Quer dizer que o Niall Stella, o cara charmoso com um corpo que gritava *Transei-Com-Todas-As-Deusas-Do-Sexo-Do-Mundo* estava diante de mim dizendo que ficou com apenas uma mulher a vida inteira? Eu sabia que ele conheceu a Portia quando era pequeno, mas a ficha de que ele tinha transado apenas com ela não tinha caído. Nada de namoros no colégio. Nada de anos na faculdade cheios de sexo selvagem. Nada de passar os vinte e poucos anos com uma mulher diferente a cada noite. Zero sementes plantadas.

Eu podia praticamente sentir minhas sinapses se reorganizando.

– Então, veja só – ele disse, sorrindo um pouco –, se tiver algum interesse em mim de verdade, você tem que entender que estou praticamente tateando

no escuro.

E nesse momento, quando eu esperava que ele fosse continuar me olhando nos olhos, que fosse pegar na minha mão e apertar, ou fazer qualquer outra coisa para manter o clima – ou ao menos reconhecer que um clima *aconteceu* –, ele desviou os olhos, virou para sua mesa e começou a ler um relatório até que murmurei algo sobre precisar usar o banheiro e saí da sala.

Seis

Venha nos encontrar para uma cerveja.

Eu tinha acabado de voltar para meu quarto, mente e estômago dando nó, quando a mensagem do Max chegou. A única coisa que eu queria mais do que cair de cara no colchão era tomar uma cerveja.

Na verdade, o que eu mais queria era estar com a Ruby.

Como é possível, pensei, me apaixonar numa questão de dias? Num espaço de tempo que ainda podia ser facilmente medido em horas?

Havia uma pequena parte de mim que parecia estar se expandindo, dobrando de tamanho dentro do meu peito a cada dia. Esse espaço secreto, um núcleo romântico inexplorado, dizia que o fato da Ruby ter se infiltrado tão facilmente em minha alma era algo importante. E não porque ela seria uma distração ou algo casual, mas porque ela combinava comigo. Eu queria confiar nessa sensação estranha que me atingia quando ficava perto dela, não porque a sensação era familiar, mas porque *não* era.

E mesmo assim, quando tive a chance de explorar as coisas, fechei-me imediatamente.

Era melhor mergulhar meu nariz numa caneca de cerveja.

Os caras estavam no Knave de novo, como se fosse seu bar de sempre. Mas eu conhecia meu irmão bem o bastante para saber que ele estava se esforçando para ficar de olho em mim. Aposto que sentia que algo estava estranho comigo.

Ele e seus amigos estavam na mesma mesa de antes, cada um com um drinque já pela metade e petiscando os aperitivos na mesa. Já eram quase onze horas e eu ainda não tinha comido nada.

— Seja um bom amigo e olhe para o outro lado enquanto eu devoro os aperitivos — eu brinquei, sentando ao lado do Max e enchendo minha mão de castanhas.

Ele riu.

— Imaginei que você estaria faminto.

— Ei? — Bennett disse, olhando ao redor como se estivesse procurando por algo. — Nada da Ruby? Tenho que admitir que estou um pouco decepcionado.

— Ah... — comecei a falar, mas coloquei uma enorme fatia de presunto serrano na boca para não precisar responder.

— Você acha que talvez ela também queira comer alguma coisa? — Will perguntou.

Engolindo, murmurei:

— Mas que droga, vocês são mesmo discretos. Mas tenho certeza que ela chamou o serviço de quarto. E, já que estamos no assunto: por que vocês ficam me enchendo tanto? Não estou vendo nenhuma das suas mulheres por aqui.

— Tenha cuidado com o que deseja — George disse. — Chloe, a Bárbara, está vindo para nos encontrar aqui.

— Chloe, a... Desculpe, você está falando da *esposa* do Bennett? — perguntei, achando que não tinha entendido direito.

Mas o Bennett fez um gesto para eu não me preocupar.

— A Hanna e a Sara estão em alguma festa. A Chloe deve chegar daqui a pouco. E não se preocupe — ele disse. — Elas usam apelidos muito piores entre elas.

George encolheu os ombros e depois se inclinou sobre a mesa.

— A Chloe e eu temos uma ligação especial. Somos tão terríveis que ninguém quer ficar com a gente. — Bennett limpou a garganta e George voltou a olhar par mim. — Com exceção desse cara aí, mas ele próprio é um cretino, então você sabe...

E como se fosse combinado, uma das mulheres mais lindas que eu já conheci apareceu no bar. Ela não era alta, mas certamente se portava como se estivesse acima de qualquer mero mortal. Cabelos negros se estendiam até o meio das costas, e usava um vestido preto agarrado e salto tão alto que eu não sei como os tornozelos aguentavam.

— Falando do diabo — Bennett disse, depois se levantou, observando sua esposa se aproximar com um sorriso orgulhoso.

— É melhor desviar os olhos — Will disse quando ela chegou.

Confuso, olhei para cada um deles antes de voltar os olhos rapidamente para Bennett e Chloe. Imediatamente entendi, e realmente precisei desviar os olhos. Dizer que o beijo foi apaixonado seria um grande eufemismo, e mais uma vez eu senti a pontada de dor da minha relação fracassada, e o fato de que eu mal tinha tirado a cabeça da areia para me juntar ao mundo, além de precisar fazê-lo sozinho.

Will gemeu de frustração.

— Arrumem um quarto, vocês dois.

Chloe beijou seu marido mais uma vez antes de voltar a atenção para nós.

— Você está com ciúme porque sua noiva está sentada com um monte de mulheres falando sobre livros em vez de aqui, olhando apaixonada para você.

— Falando assim... é, você tem razão — Will disse.

— E por que mesmo você não está com elas?

Chloe pediu um drinque para a garçonete e sentou-se.

— Porque hoje é a única noite livre que tenho esta semana, e pretendo passá-la transando com meu marido. Falando nisso — ela olhou para Bennett com uma expressão dominadora —, termine logo a sua bebida.

Bennett ergueu o corpo.

— Sim, madame.

— Que nojo — George comentou.

— George — a Chloe disse, cumprimentando-o com um sorriso.

— Dominatrix sombria — ele respondeu.

— E você deve ser o Niall — ela disse, voltando a atenção para mim.

— Sim — eu disse, oferecendo a mão. — É um prazer conhecê-la.

Chloe apertou a minha mão com firmeza.

— Você também. Onde está a garota?

— Garota? — perguntei, olhando para os caras.

Chloe sorriu, e eu tinha que admitir que o efeito era realmente encantador

— apesar de um pouco assustador também. Eu podia apenas imaginar o terror que essa mulher poderia infligir às pobres almas que cruzavam seu caminho.

— Imagino que ela está falando sobre a sua Ruby — Max disse.

— Ela não é a *minha* Ruby — corriji.

— Claro que não — Chloe disse. — Isso é o que eles dizem.

Enquanto eu estava ocupado engolindo um pedaço de batata frita trufada, a ficha caiu. Eu quase a *beije* no trabalho.

— Certo, vocês já decidiram sobre isso na outra noite.

— Claro que sim — George continuou. — Só você estava confuso. Você se transforma num robô quando está perto dela...

— Para ser justo, ele sempre foi um pouco robótico — Max interrompeu.

— Valeu, cara — resmunguei sarcasticamente. — Engraçado como sou o único aqui que parecia não saber disso.

O drinque da Chloe chegou e ela ergueu a taça.

— Isso é porque os homens são idiotas — ela disse. — Quer dizer, não me entenda mal, as mulheres também podem ser estúpidas e são tão capazes de estragar tudo quanto os homens. Mas, pela minha experiência, quando essas coisas dão errado, geralmente quem errou foi a pessoa com pênis. — Ela olhou para mim com sua expressão de certeza antes de acrescentar: — Sem ofensa.

— Falou tudo — Max disse, enquanto ria.

Eles me estudaram por alguns segundos antes de voltarem a conversar entre si. Todos, com exceção da Chloe, que continuou a me olhar.

— Você não explicou por que você e as garotas não podem viajar com a gente no fim de semana — Bennett disse para o Max.

— A Sara está redecorando o apartamento — Max disse, passando a mão sobre o topo da cabeça. — A decoradora vai fazer uma visita. Acho que vamos derrubar umas paredes e... Você sabe...

— Max, é melhor você cuidar disso — Bennett disse. — Você lembra quando a Chloe pintou nosso apartamento? Uma criança com lápis de cor teria feito um trabalho melhor.

— Cuidado com o que fala, Mills — ela alertou.

— Não começa, *Ryan* — ele respondeu. Eu estava completamente confuso. — Aquela cozinha verde? Até você precisa admitir que foi uma péssima ideia.

— Nunca vou admitir nada. Foi um processo eliminatório; eu precisava experimentar umas coisas antes de decidir o que eu realmente queria — ela disse, sorrindo docemente para ele. Estava muito claro que eles não estavam falando sobre tons de tinta.

George já estava balançando o dedo para os dois.

— Não, não, não. Nem comecem com as suas preliminares aqui na mesa.

— Essa coisa de decoração da Sara é uma situação... — Max continuou, cuidadosamente, para não criticar a esposa. — Uma situação que ainda está se *desenrolando*.

— Uma situação delicada — Will acrescentou.

Rindo, meu irmão murmurou:

— Um pouco.

O garçom trouxe minha cerveja e perguntou se queríamos mais alguma coisa. Eu me antecipei e já pedi outra — é melhor estar preparado, afinal de contas. O garçom olhou para cada um de nós e, vendo que ninguém queria mais nada, se virou para ir embora.

Will se inclinou sobre a mesa e eles começaram a sussurrar.

— *George*. E quanto a ele? Ele é bonito... Não é?

— Não! — *George* exclamou. — Isso seria como transar com carne desidratada.

— Bom Deus — *Bennett* murmurou, passando a mão sobre o rosto. — Ninguém está falando sobre transar. Só uma festa.

— Espera — Will disse, sacudindo a cabeça. — *George*, você é *ativo*?

Gemendo, Max disse:

— Pelo amor de Deus, *William*, para de falar.

Não consegui mais aguentar.

— O que está acontecendo?

George nos ignorou.

— É sério, ele parece tostado! Ele está tão bronzeado que tenho certeza que queimou até os órgãos internos.

— Preciso que alguém me explique o que está acontecendo — repeti.

— Esses dois idiotas — Chloe disse para mim. — O George precisa encontrar um par para uma festa da RMG, o Will aqui está sugerindo que ele convide o garçom. Obviamente o George está certo de que ele não é um candidato viável.

— Desculpe, “RMG”? — perguntei.

— Ryan Media Group — George disse. — Bennett decidiu oferecer um *soirée*, e aqui estou eu, sem ninguém pra me acompanhar. Os garotos estão tentando me ajudar. É algo embaraçoso para todos nós. Eu realmente prefiro conversar sobre o que você vai fazer com a Ruby.

Eu sabia que voltaríamos a esse assunto. Na verdade, parte de mim precisava conversar sobre isso... estranhamente. Nunca senti vontade de falar sobre meu divórcio, mas a história da Ruby me afetava de um jeito pouco familiar.

— Eu... — Olhei para minha cerveja. — Na verdade, eu não sei.

Um silêncio caiu sobre a mesa. Finalmente, admiti:

— Ela disse que gosta de mim. Na verdade — eu disse, erguendo os olhos —, disse que gosta de mim faz tempo.

— Só de olhar para ela eu já sabia disso — Bennett comentou.

— Eu também — George acrescentou.

— Idem — Will disse.

O Max foi o último a comentar.

— Nem preciso dizer nada, não é mesmo?

— Nós quase nos beijamos no escritório hoje — eu disse sem pensar, e por alguma razão todos eles se viraram para o Bennett, que reagiu mostrando o dedo do meio, fazendo um lento arco pela mesa. — Nem preciso dizer que está acontecendo rápido demais pra mim. Eu só, bom, nós trabalhamos juntos por meses, mas eu a *conheço* apenas há alguns dias.

— Então, o que você vai fazer? — Chloe disse.

— Bom, eu... — comecei a falar, e ela ficou olhando para mim como se eu não falasse coisa com coisa. — Como disse antes, eu...

— Ela disse que gosta de você. Vocês quase se beijaram. Você disse que está acontecendo rápido demais, então eu suponho que é por isso que você está aqui e ela não.

— Isso — eu disse a ela.

— Então, ou você está interessado ou não está.

— Não é tão simples assim — eu disse. — Nós trabalhamos juntos.

Chloe ergueu a mão.

— Nada disso importa. — Quando todos fizeram uma expressão de surpresa, ela continuou: — O que foi? Não importa mesmo! Obviamente eu não conheço todos os detalhes, mas pelo que ouvi, ela é uma garota bonita e inteligente, e eventualmente alguém bem mais esperto que você vai notar que ela existe. Não seja idiota.

Eu ri, tomando um gole da cerveja.

— Certo, certo.

— Como de costume, a Chloe vai direto ao assunto. — Meu irmão tocou meu braço gentilmente. — Apenas ligue para ela. Pergunte se ela quer descer e se juntar a nós.

Concordando, eu me levantei, andei para uma área mais silenciosa do bar e disquei seu número no celular.

Enquanto tocava, lembrei que eu nunca havia ligado para ela.

Lembrei que não tínhamos feito planos para hoje à noite.

Lembrei que ela poderia ter planos, e talvez a Chloe estivesse certa e alguém mais esperto *já tinha* notado sua existência.

— Alô?

Assustei-me, pois já tinha decidido que ela não atenderia o celular. Por dentro, eu estava extremamente nervoso.

— Alô? — Uma pausa. — Sr. Stella?

Estremeci ao ouvir sua voz.

— Ruby. Me chame de Niall, ok?

— Está tudo bem?

— Você não quer descer para comer alguma coisa?

Ela hesitou no outro lado da linha por uma eternidade.

— A menos que você tenha... — Eu parei, procurando pelas palavras certas. — Quer dizer, um agente... de... prazer no seu quarto.

Oh, meu Deus, o que foi que eu falei?

— Um agente de prazer? — ela perguntou, e pude ouvir a risada em sua voz, assim como um leve arrastar causado por álcool.

Eu gemi discretamente.

— Quer dizer, companhia. Ou planos. Ruby, não quis insinuar nada. Nem sei se você está...

Ela me interrompeu com uma risada suave.

— É quase meia-noite. Estou sozinha aqui, eu prometo. Mas acabei de sair da banheira, tomei um drinque ou dois e pedi serviço de quarto.

Meu cérebro viajou na imagem da Ruby na banheira. Nua. Já um pouco alta por causa da bebida. Com a pele macia e quente. Os músculos relaxados.

— Ah, certo.

Ruby fez outra pausa.

— Quer dizer, acho que eu poderia... — Suas palavras sumiram.

— Não, Ruby, não quero... só queria ter certeza que você jantou. Foi um longo dia. E nós... — Fechei os olhos, murmurando: — Nós... ou melhor, *eu* fiquei preocupado pensando que você ficou brava...

Eu podia ouvi-la respirando, tão rápido e superficial. Senti uma pontada em meu peito por pensar que ela estava ansiosa de novo, sofrendo de alguma forma por minha causa. Eu sabia que poderia fazer algo por ela... eu simplesmente não sabia como começar.

— Estou bem, eu prometo. Obrigada.

Ficamos quietos na linha por longos segundos.

— Certo, então. Boa noite, Ruby.

— Boa noite... Sr. Stella.

Voltando para a mesa, sentei e levei minha segunda caneca de cerveja aos lábios. Eu me sentia pior do que antes; fui horrível no telefone, o que era algo notável, já que eu era horrível pessoalmente também. Quando o Max perguntou sem palavras se a Ruby iria se juntar a nós — erguendo a sobrancelha com expressão de expectativa —, neguei com a cabeça. Eu não sabia se estava aliviado ou decepcionado por ela não querer descer. Depois decidi que estava mesmo aliviado, pois eu sabia que não seria capaz de ficar longe dela, querendo sua mão na minha perna, querendo olhar em seus olhos e enxergar o mesmo desejo ali; mas eu seria horrível na hora de demonstrar que queria tudo isso.

Que merda.

Bennett e Chloe já tinham ido embora, espantados pelo George, que disse que preferia atear fogo em si mesmo a ficar assistindo aos dois se beijando. Eu pedi um gim e tônica, depois outro, contribuindo para a conversa antes de me perder em meus próprios pensamentos conturbados. Passei de confuso para calmo; e de bêbado para finalmente convencer a mim mesmo que seria uma boa ideia, à uma da manhã, subir e bater em sua porta.

— Onde você está indo? — Max perguntou. — Hoje é minha única noite livre do mês. De jeito nenhum você vai embora cedo.

— Tenho um dia cheio de reuniões amanhã. Boa noite.

Ignorei os protestos e continuei andando até o elevador, subindo para o décimo andar e me dirigindo para a porta do quarto dela.

Meus dedos bateram pesadamente na madeira; Jesus, até minha batida na porta parecia bêbada.

Depois de alguns segundos tensos, a porta se abriu e Ruby apareceu diante de mim, usando uma pequena camiseta regata cor-de-rosa e um shorts combinando que mal cobria sua...

Meu Deus.

Ela se encostou à porta.

— Está tudo bem, Sr. Stella?

Limpei minha garganta uma vez, depois de novo.

— Caramba. Você sempre dorme vestindo isso?

— Sim... — ela disse, e eu podia ouvir seu sorriso na voz quando acrescentou — ... a menos que eu tenha um *agente de prazer* aqui comigo.

Finalmente consegui tirar meus olhos de seus peitos, nus debaixo da camiseta.

— Você adora me provocar.

A língua dela apareceu para molhar os lábios.

— Com certeza.

Fiquei na frente da porta, sentindo que estava olhando para ela do jeito que um homem olha para uma mulher que ele deseja sem ter jantado, dormido ou se masturbado por dias.

— Você quer entrar? — ela perguntou. — Mas preciso avisar: tomei alguns drinques. Mas ainda sobrou alguma coisa no minibar se você gostar de Midori ou Jägermeister.

— Eu não deveria tocar você — falei sem pensar, e imediatamente fechei os olhos com força. — Desculpe. Eu também estava bebendo e... — Abrindo os olhos, olhei para seu rosto. Ela estava sorrindo, parecendo... *Aliviada*. — Não sei por que estou aqui. Não consegui parar de pensar em você hoje, e em quanto eu queria ver você de novo. Mas eu realmente não deveria tocar você, Ruby.

Eu podia enxergar sua pulsação no pescoço. Podia perceber que ela estava *tremendo*.

— Não deveria? — ela perguntou. — Ou não quer?

Sem responder e sem realmente pensar no que estava prestes a fazer, dei um passo para a frente, entrando no quarto. Ela deu um passo atrás, deixando a porta se fechar atrás de mim. O som da batida reverberou pelo quarto vazio.

— É mesmo verdade aquilo que você disse antes? — perguntei. — Você pensa em fazer isso? Comigo?

Ela corou, do pescoço até o rosto, mas mesmo assim conseguiu soar corajosa.

— Sim.

Ela parou de se mover, mas eu não. Continuei me aproximando até ficar a quase um centímetro dela. Na verdade, eu podia até sentir sua respiração em meu pescoço. Podia sentir a doçura do suco de laranja e o toque de vodca em seus lábios.

Isso é estúpido, Niall. Saia já desse quarto.

— O que *você* pensa em fazer? — perguntei.

— Em ter você no meu quarto do hotel. — Ela sorriu, olhando para meus lábios. — Como um agente de prazer. Rindo um pouco, passei a mão no rosto, admitindo:

— Nos últimos dias... eu também penso nisso. Você sequestrou meu cérebro.

— Isso é algo ruim?

Olhei para ela. Ruby parecia nervosa, mas também confiante; eu estava em seu quarto, ela havia reconquistado ao menos um pouco do poder entre nós.

— Não, não é algo ruim. Apenas não tenho certeza se sei o que fazer com você. — Não sei por que disse isso, mas ela não pareceu nem um pouco abalada.

— Podemos descobrir juntos.

Olhando em seus olhos, eu perguntei:

— Podemos?

Ruby confirmou, esticando o braço e pousando a mão em meu peito.

— Eu entendo você. E acho que você também me entende.

Engoli em seco, sem ter palavras.

— Vou dizer o que gosto — ela sussurrou. — E você me diz o que *você* precisa.

Ela passou a mão descendo por meu peito, sobre a barriga, e então — pouco antes de alcançar meu cinto — ela deixou a mão cair.

Eu deveria ir embora. Deveria voltar para meu quarto e deixar nós dois dormirmos para esfriar a cabeça.

Olhando para mim, ela perguntou:

— Então, do que você precisa?

— Disto — eu disse. — A estranha certeza que sinto quando estou tão perto assim de você. A maneira como você olha para mim.

Seus grandes olhos buscaram os meus.

— Muitas mulheres olham pra você desse jeito.

— Não, você está errada. Talvez elas olhem para mim como os homens olham você, quando te desejam e pensam de um jeito sexual. Mas você não faz isso comigo. Sinto que você consegue me enxergar além da fachada exterior. — Depois de fazer uma pausa, acrescentei: — Além disso, nunca fui de querer ficar com um monte de mulheres.

Seu sorriso foi tão radiante que me fez esquecer aquilo que eualaria depois.

Meu coração batia tão forte no peito que quase me causava tonturas. Isso não misturava bem com o álcool, mas eu não queria que a sensação acabasse. Nunca experimentei algo igual. Ela estava tão perto, cheirando a perfume de rosas e um indescritível aroma de mulher. Ela encaixaria tão perfeitamente em meu peito, debaixo do meu queixo. Ou me cavalgando, com as pernas enlaçando meu quadril, o peito molhado com nosso suor.

— Ruby, o que você está fazendo?

Ela passou uma mecha de cabelo para trás da orelha, rindo um pouco.

— Foi você quem entrou no meu quarto. Acho que nós dois estamos um pouco bêbados. Então, você me diz o que estamos fazendo.

— Eu... eu gostaria de explorar isto.

Seu sorriso se transformou em algo mais sério.

— Eu também.

— Mas talvez agora não seja a melhor hora. Eu não deveria tocar em você. — *Talvez se eu repetisse um milhão de vezes, eu me convenceria.* — Nós bebemos um pouco. Quero estar sóbrio se...

Ela fechou os olhos, e a decepção ficou evidente em seu rosto. E então, uma transformação ocorreu: Ruby abriu os olhos, olhou para o meu rosto e, num instante, transformou-se de resguardada a maliciosamente tímida. Ela se virou, andando pelo quarto até apanhar uma camisola sobre a cama.

— Mas *se* você me tocasse, como faria? — ela perguntou, dobrando o tecido cuidadosamente e guardando numa gaveta.

Eu nem precisava pensar na pergunta antes da resposta escapar dos meus lábios.

— Desesperadamente. — Dei um passo em sua direção.

— Bruscamente?

— Eu... Não. Eu nunca...

— Eu *gosto* de pensar em você me tocando com força — ela interrompeu, me acalmando com um sorriso. Outra peça de roupa estava sobre a cama, uma regata, eu acho, e ela apanhou, examinando a barra antes de também guardar na gaveta. — Imagino as suas mãos grandes tremendo, precisando me tocar, e você tão *impaciente*.

— Eu ficaria, sim — admiti, e quando ela olhou para mim, pedindo com olhos por mais, murmurei: — Já estou. — Eu mal conseguia respirar e minhas mãos tremiam. — Eu tentaria ser cuidadoso, mas seria um esforço inútil.

Ela fechou a gaveta empurrando com o quadril, depois deu um passo na minha direção.

— Você arrancaria suas roupas antes mesmo de chegarmos na cama — ela concordou, continuando a brincadeira quando ergueu a mão e segurou a alça da camisola, esperando que eu a impedisse.

Mas eu não podia fazer isso, nem em um milhão de anos.

Descendo as mãos sobre os seios e além, chegando na barra da camisola, ela começou a levantar o tecido sobre a cabeça até... tirar por inteiro.

Meu coração parou, e quando voltou a bater, estava dez vezes maior, dez vezes mais rápido.

Ruby deixou o tecido cair no chão sem tirar os olhos do meu rosto.

Seu peito estava nu para mim, curvas exuberantes, pequenos mamilos rosados e a perfeita pele branca. Engoli em seco, lutando contra o ritmo selvagem da minha pulsação. Eu queria tocá-la, beijá-la. Queria deitar sobre ela e entrar dentro dela.

Ruby deu um passo atrás, depois virou, afastando-se de mim e seguindo

para a cama.

— Ruby. — Eu não tinha nada para dizer. Falei seu nome apenas por instinto, quase uma súplica.

— Você tocaria meus seios como se os conhecesse. — Ela se virou para me encarar de novo, passando as mãos sobre os seios, apertando-os juntos, beliscando com força os mamilos. — Você chuparia. Com se estivesse faminto.

Cristo.

— Eu estou faminto.

— Você amaria os meus seios e faria o que quisesse com eles. Você se lambuzaria todo.

Eu quase engasguei. Nunca em minha vida participei de um jogo igual a esse.

— É mesmo?

— Sim. Você esfregaria seu corpo neles.

Senti minha pele corar e a pulsação acelerar dentro da calça.

— Meu... corpo?

— O seu pau.

Minha boca se encheu de saliva e fiquei olhando para seus lábios, imaginando beijá-la ali.

— Mas agora, você me quer nua... — Era uma pergunta, inocentemente disfarçada com ousadia.

Ela enlaçou o shorts com os polegares, mais uma vez me desafiando a impedi-la.

Quase precisei enfiar meu punho na boca para não gemer alto. A bebida me deixou corajoso.

— Eu quero.

Ela deslizou o shorts para baixo dos quadris, rebolando sedutoramente para mim, descendo a seda por suas coxas. Estava sem calcinha, e sua nudez era suave e macia. Nunca vi nada mais lindo em minha vida.

— Você gosta de olhar pra mim — ela disse, mas desta vez não era uma

pergunta. Com certeza minha expressão denunciava todas as ideias em minha mente.

A ideia de montar sobre ela, e ser tão faminto e safado com seu corpo quanto ela sugeriu.

A ideia de fazer algo tão inocente quanto tocar o ponto escorregadio no meio de suas pernas.

Engolindo com dificuldade, eu disse:

— Você é a única coisa que eu quero olhar, minha querida.

Ruby sentou na cama, arrastando o corpo pelo colchão, depois se deitou, deixando os joelhos caírem para os lados.

— Então... olhe.

Sem sentir vergonha, fixei meus olhos entre suas pernas abertas. Meus ouvidos martelavam e me encostei no armário, procurando um apoio.

— *Nossa.*

Ela passou os dedos sobre as pernas, do joelho até a coxa. Depois, enquanto eu olhava, Ruby passou os dedos de uma mão sobre a pele molhada de seu sexo.

— Você também adoraria sentir meu sabor — ela sussurrou.

Consegui apenas engolir e assentir. *Nada no mundo me daria mais prazer.*

— Mas você estaria me provocando.

Olhei para o seu rosto ao ouvir a voz dengosa, sentindo minhas sobrancelhas se juntarem.

— É mesmo?

— Sim — ela gemeu docemente. — Seria horrível. Você me faria implorar por sua boca no meu clitóris.

No... clitóris? Passei a mão no rosto, voltando a sentir tonturas. Tudo isso estava girando rápido demais e saindo de controle.

— O quê... quer dizer, *como* eu faria isso?

Encolhendo levemente os ombros, ela disse:

— Você beijaria minhas coxas, depois meus lábios bem aqui. — Ela

circulou os dedos entre suas pernas. — Você também lamperia onde estou molhada. — Seu dedo ficou brilhando com sua excitação. — Está vendo onde fiquei molhada?

Quase pulei na cama. Minha voz quase não saiu.

— Estou vendo onde, e quanto.

— Mas é assim que você me provocaria. Você não me lamperia aqui. — Ela subiu os dedos, circulando o clitóris. — Não até eu estar quase gritando para você lamber.

Dei um passo na direção da cama.

— Isso me parece tortura.

Ruby riu levemente, soltinha pela bebida, sorrindo para mim.

— Parece mesmo, não é?

Com sangue bombeando nas veias, comecei a sentir o poder que eu tinha sobre seu corpo. *Simplesmente olhe para ela*. Era impossível ignorar suas reações.

— Mas isso é apenas porque eu adoro ver a sua pele corada quando você começa a precisar de mim, minha querida.

Ela abriu a boca e deixou um suspiro escapar com força.

— Mas eu *preciso*.

— Não... por enquanto você apenas *quer* — eu a corriji. — Como punição, vou sentir apenas o sabor das suas coxas.

Seus quadris se ergueram na cama, os dedos se moveram obedientes para a coxa.

Meu coração martelava contra o peito. Eu queria tanto me juntar a ela nesse jogo.

— Você tem os peitos mais perfeitos que eu já vi.

Ela gemeu, fechando os olhos.

— Eu deixaria uma mão sobre um seio enquanto beijo você aqui.

— Sim — ela concordou, deslizando a mão sobre seu corpo e tocando o seio com a palma. — Eu adoro isso. Mas a sua provocação me enlouquece. Por favor, deixa eu sentir você.

— Apenas um beijinho, minha querida.

Com um gemido aliviado, Ruby passou os dedos sobre o clitóris novamente, soltando um pequeno grito abafado.

— Deixe eu enfiar a língua em você.

Seus olhos se abriram de repente e ela observou meu rosto enquanto penetrava um dedo, que fiquei olhando desaparecer dentro dela, para dentro e para fora, e voltei a olhar seu rosto. Ela parecia estar à beira das lágrimas.

Eu me perdi naquele jogo, enfeitiçado pela imagem dela. Eu já não era o mesmo. Não era alguém que reconhecesse. Ela me deixou assim.

— Será que eu gosto do seu sabor?

Com um esforço aparente, ela disse:

— Você sabe que sim.

— Isso me deixou maluco, não é mesmo? Me deixou...

— Duro — ela completou.

Eu ri, dando um passo à frente até meus joelhos encostarem o colchão, apenas a alguns centímetros dela. Abaixando, coloquei cada mão ao lado de seu quadril, tomando cuidado para não tocá-la.

— Já estou dolorosamente duro, minha querida. E eu ia dizer que isso me deixou *possessivo*. Querendo acabar com qualquer outro homem que tenha saboreado você.

Ela deixou escapar um suspiro entrecortado.

— Você está duro?

— Bom, veja você mesma.

Os olhos dela desceram até o zíper da minha calça, encontrando o volume que pressionava ali.

— Deixa eu ver — ela disse, lambendo os lábios.

Eu sacudi a cabeça, mas passei a mão sobre a frente do zíper, deixando que ela visse meu volume.

Céus! O que está acontecendo? O que estou fazendo?

— Não hoje — sussurrei.

Ela começou a se sentar na cama, perplexa, a expressão lentamente esfriando.

— Pois eu não conseguiria parar — tranquilizei-a rapidamente. — Mal consigo me segurar, Ruby, por favor, não pare o que está fazendo.

— Está bom assim? — ela perguntou. Seu rosto corou.

Eu concordei, querendo não atrapalhar o momento.

— Está mais do que bom. É como um sonho.

— Eu quero tocar você — ela disse, quase sem voz.

— Mas não pode.

Seus olhos buscaram meu rosto.

— Nunca?

— *Shh* — murmurei, inclinando-me sobre ela. — Estou te beijando entre as pernas. Como pode pensar em qualquer outra coisa agora?

Com seus olhos grudados nos meus, ela voltou a se tocar, lentamente, como se estivesse esperando que eu dissesse exatamente o que fazer.

— Isso mesmo. Deixa eu chupar você, sim... ali mesmo. Quero ouvir você gozando.

Ruby se arqueou sobre a cama, deslizando os dedos em pequenos círculos.

— Eu... eu...

— Mas já? — eu sussurrei, lutando contra a vontade de me abaixar e chupar a pele debaixo de sua garganta que estava apenas começando a brilhar com suor.

— Estou insana por você — ela ofegou.

— Adoro sentir você com minha língua — murmurei. — Meus sentidos estão inundados com você.

Aquela visão era irreal; facilmente a visão mais erótica da minha vida. Suas coxas eram macias e torneadas, abertas ali diante de mim. Eu precisaria apenas me abaixar e colocar a boca nela para tornar esse jogo realidade. Pressionei as palmas contra minha calça e soltei um gemido torturado.

Seus olhos se abriram de repente quando ela gozou, separando os lábios, com a voz apertada e desesperada.

Eu soube naquele instante que nunca tiraria o som de seu orgasmo da minha mente. Os pequenos sons ofegantes, o grito agudo.

Seu peito inteiro corou, mamilos enrijeceram enquanto ela se acariciava preguiçosamente, sorrindo para mim. Fiquei com inveja de seus dedos, deslizando por aquela suavidade tão luxuriante.

— Deixa eu tocar você — ela sussurrou. — Por favor.

— Você está me tocando — respondi, inclinando-me sobre ela novamente. — Sua mão está me apertando cada vez mais.

Um sorriso provocador surgiu em seus lábios.

— *Minha mão?* Que retribuição fraca.

— Bom. — Encolhi os ombros. — Agora a sua boca está faminta pela minha boca.

Seus olhos brilharam quando ela entendeu.

— *Oh.*

— Você está adorando sentir o próprio sabor na minha língua.

Sua expressão pegou fogo, os lábios se abriram ofegando fortemente.

— Sim, adoro.

— E eu adoro dar aquilo que você quer — eu disse, e ela concordou. — Além disso, você adora sentir meu peso em suas mãos.

A garganta da Ruby se movia com o frenesi de sua pulsação.

— Sim — ela disse, sem fôlego e selvagem. — E eu poderia beijar sua boca exigente por dias.

— Às vezes você faz isso, mesmo.

— Deus, por que você não está *dentro* de mim?

Eu sorri diante do som gentil de sua reclamação.

— Porque ainda não fizemos amor.

Seus olhos se arregalaram com essa súbita revelação em nosso estranho e surreal joguinho.

— Ainda não?

Sacudi a cabeça.

— Estamos esperando.

Ela riu, e o som foi tão doce que quase me abaixei para experimentar o eco em seus lábios.

— Mas fazemos todo o resto?

Eu confirmei.

— Quase.

Seus olhos ainda estavam tão arregalados, tão genuinamente famintos, quando perguntou:

— O que estamos esperando?

— Ter certeza.

E finalmente estiquei meu polegar, acariciando a pele nua de seu quadril.

— Certeza sobre mim? — ela sussurrou.

Fiquei olhando para seus doces lábios e para a leve ansiedade em sua expressão, antes de dizer:

— Certeza sobre *mim*. Certeza sobre tudo isso antes de não ser mais possível voltar atrás. E isso não é nada fácil.

— Eu sei — ela sussurrou. — Eu posso esperar.

A verdade estava estabelecida. E que estranho ter acontecido após a visão mais erótica da minha vida. Eu me sentia inseguro, como se os últimos vinte minutos tivessem sido apenas um sonho.

Poderia ter sido constrangedor; éramos colegas de trabalho e, menos de uma semana atrás, ela era apenas uma estranha para mim. Agora Ruby estava completamente nua e tinha acabado de se masturbar enquanto eu a comandava. Poderia ter sido o momento mais aterrorizante da minha vida. Mas com o álcool em nosso sangue, e a satisfação relaxando o corpo dela, não foi.

Criei coragem e deslizei a palma sobre seu quadril.

Ela esticou o braço e tocou minha mão.

— Como podemos dormir juntos depois disso?

— Comigo abraçando você por trás — eu disse, depois engoli em seco.
— Você encaixa em mim perfeitamente.

— Mas você não me acorda para sexo.

— Eu acordo você para tocá-la novamente, pois sou insaciável por você, mas não ainda por aquilo. — Será que ela entendeu? Ou será que eu parecia estranho por pensar, em pleno século XXI, que o sexo muda tudo? Que significa algo.

Ela fechou os olhos, movendo as mãos até parar em seu coração acelerado.

— Você sabe o quanto eu quero sentir você?

— Sim, eu sei — sussurrei.

— Espero que você me beije algum dia.

Engoli em seco, sentindo a pressão da realidade voltando.

— Eu também.

— Você sempre me dá beijo de boa-noite quando vai embora? — ela perguntou, voltando para nosso joguinho. Seus olhos, tão grandes e vulneráveis, eram um alerta para que eu fosse cuidadoso. Eles me diziam que, talvez, até mesmo Ruby não sabia o quanto eu precisava ser cuidadoso com seu coração.

— Sempre. — Mas não faria isso hoje. Eu não poderia, ao menos não em sua boca. Em vez disso, abaixei e dei um único beijo na pele logo ao lado da minha mão, sobre a maciez de seu umbigo. Suas mãos passaram brevemente por meus cabelos, enviando um pulso de calor renovado pelo meu corpo.

Quando me levantei, Ruby sentou. Observando enquanto eu apanhava meu casaco, ela não se deu ao trabalho de se vestir.

— Será que amanhã vai ser estranho? — ela perguntou, com a voz baixa e os olhos voltando ao normal. — Será que já estraguei tudo?

Meu instinto era sair correndo e beijá-la loucamente para tranquilizá-la. Não sei como fui capaz de resistir a isso.

— Pelo contrário.

Ruby sorriu um pouco, mas suspeitei que ela queria o mesmo que eu: que passássemos a noite juntos. Mesmo sem tocá-la, era melhor ficar perto dela

do que em qualquer outro lugar.

— Boa noite, Ruby, minha querida.

— Boa noite, Sr. Stella.

Seu nome se transformou num constante eco em meus pensamentos, mas em nenhum momento eu a ouvir me chamar de Niall.

Sete

Abri os olhos com o sol invadindo a janela, o celular tocando o alarme e uma dose amarga de “Putá merda, o que foi que eu fiz?”.

Sabe como é, apenas uma manhã comum depois de eu ter me masturbado bêbada na frente do Niall Stella.

Rolei de cara no travesseiro e soltei um gemido.

Enquanto os detalhes voltavam com a força que a ocasião merecia, não me senti exatamente constrangida. Eu me lembro do joguinho. Lembro do quanto ele estava duro e ofegante. Lembro de como ele ficou olhando vidrado para minha mão entre minhas pernas, sem um pingão de vergonha por simplesmente *olhar*. Vê-lo ali, faminto daquele jeito, completamente aberto para seu desejo... me transformou numa mulher *possuída*.

Meu medo era que, após algumas horas sozinho para meditar sobre o que tínhamos feito, ele ficasse horrorizado. Se a sugestão de um beijo no escritório ontem o deixou congelado e silencioso, o que aconteceu na noite passada poderia fazê-lo voltar para sua concha e nunca mais sair.

Quantas vezes eu fantasiei sobre algo acontecendo entre nós? Inúmeras vezes. E em cada fantasia, eu tinha coragem de dizer a ele o que eu queria, e isso despertava algo nele que o fazia entender que poderia confiar em mim.

Que eu entendia sua personalidade reservada e permitiria que ele se afastasse quando precisasse.

E então na noite passada – de repente – ele *apareceu*. E, pela primeira vez, não fiquei muda, não fiquei toda atrapalhada.

Ele estava tão lindo, com os olhos pesados e o rosto corado pelo álcool, sua figura discreta se segurando por apenas um fio. Ele tinha receio de estar sendo atrevido demais, ou de estar tirando vantagem de mim, mas estava errado.

Eu queria ver essa última barreira se desfazer. Eu queria vê-lo por *inteiro*. Queria tanto que mal conseguia respirar. Minha pele parecia queimar, tão sensível que eu poderia me transformar em cinzas com um mero

toque. Ele pode ter pensado que manter a distância foi um benefício para ele, mas nós dois bebemos e ele queria ter total controle sobre seus sentidos quando seguíssemos em frente – mas, por algum motivo, isso era exatamente o que *eu* precisava.

Aposto que ele achava que intimidade acontece em estágios ordenados: admirando, flertando, chegando a um consenso sobre os sentimentos – mas sem muita conversa – permissão para tocar, beijando, mãos tirando camisas, mãos tirando calças, o “eu te amo”, e então, finalmente, o sexo. Eu me pergunto se, em sua mente, aquilo que fizemos – ou que não fizemos – na noite passada ainda permitia uma certa distância emocional.

Como ele poderia não saber que aquilo foi mais íntimo do que qualquer sexo que eu já experimentei?

Como eu poderia mostrar a ele?

Eu sabia que precisava levantar e me arrumar, mas eu ainda não estava pronta. Meu estômago estava todo amarrado e os músculos tremiam com uma onda de nervosismo grande demais para minha pele. Eu sentia falta dos meus amigos e de ter alguém para conversar. Sentia falta de não fazer nada num domingo de manhã e tomar café com as garotas enquanto conversávamos sobre nossas vidas, trabalho, faculdade e homens.

Puxando o cobertor ao meu redor, rolei para o lado e procurei meu celular. Eu estava três horas à frente da Califórnia, mas pensei que isso seria muito melhor do que a diferença de horário para Londres, onde eu acordava quando todos estavam indo dormir. Fiquei acordada noites a fio para poder ouvir a Lola ou a London desabafarem comigo; agora era a vez delas emprestarem seus ouvidos. *Eu precisava conversar com alguém.*

Sem pensar duas vezes, enviei uma mensagem para nosso grupo. Lola passava a maioria das noites trabalhando, então eu duvidava que ela fosse responder. Ela era a nossa voz da razão, aquela-que-nasceu-para-o-sucesso, e provavelmente teria desligado o celular horas atrás. Mia e Ansel raramente atendiam o celular depois do sol se pôr, e a Harlow geralmente já estava acordada em Vancouver Island com seu marido Finn, os dois passando os primeiros dias de casados.

London, minha melhor amiga, era minha última esperança.

Tem alguém acordada? Preciso de ajuda

:(

Quase imediatamente veio a resposta da London:

Você tem um celular, então SABE que horas são.

Prendi a respiração, escrevi e apertei *enviar*.

Eu sei e peço desculpa. Mas... Aconteceu uma coisa.

Uma coisa ou uma ~coisa~?

Não sei qual coisa usar...

O celular vibrou com uma ligação alguns segundos depois, e atendi antes mesmo do primeiro toque terminar.

– Imagino que seja algo relacionado ao Niall Stella.

Soltei um gemido.

– É claro.

– Então, quando eu digo *uma coisa* – London começou a falar, soando cansada e grogue. Ela trabalhava como bar tender, e fiquei imaginando que horas teria saído do trabalho pela manhã. Ela limpou a garganta e, se eu não estivesse tão agradecida por ouvir sua voz, talvez me sentisse um pouco culpada por acordá-la –, o que quero dizer é: uma coisa tipo tomar um café juntos? Ou *uma coisa*, tipo ele viu a sua vagina?

Rolei de costas no colchão, piscando para o teto.

– Hum... – Na verdade, ela praticamente acertou em cheio. Será que ela percebia pela minha voz? Havia algo na maneira como eu falava que gritava *fiquei pelada na frente dele ontem, mas, você sabe, ele só olhou para minha vagina*.

– Oh, meu Deus, sua tonta. Você transou com ele?

Levei a mão até minha testa.

– Não exatamente – respondi com sinceridade.

– Não *exatamente*? Ruby, meu amor. Você sabe que eu te amo, mas não dormi direito a semana inteira por causa do trabalho. Preciso de sono, não de um enigma.

– Certo – eu disse, tentando encontrar uma maneira de explicar

exatamente o que aconteceu. – Imagine sexo por telefone, mas presencialmente.

Ouvi o farfalhar de lençóis do outro lado da linha, como se a London estivesse se ajeitando na cama, ou sufocando a si mesma com o travesseiro. Honestamente, poderia ser qualquer uma das alternativas.

– Você passou de “ele não sabe que eu existo” para “masturbando na frente um do outro” em menos de uma semana?

– Bom... Tecnicamente só eu me masturbei – eu disse, imaginando o rosto dela enquanto me ouvia. – E, aliás, nunca mais quero ouvir você falar a palavra “masturbando”, começando agora.

O barulho dos lençóis parou.

– Espera. Espera, espera, espera. Ruby Miller, você está me dizendo que deu um showzinho para o seu bofe dos sonhos?

– É. Acho que sim. Quer dizer, obviamente.

– Você não parou de falar sobre esse cara nos últimos, o quê? Cinco meses? Imagino que está saltitando de alegria por causa de toda essa masturbação.

– London, você acabou de quebrar sua promessa.

– Eu disse “masturbação”, uma palavra diferente. E por que você está me ligando às quatro e meia da manhã? Está querendo receber parabéns a distância ou quer alguém para ouvir você se derretendo de vergonha?

– Talvez as duas coisas? – gemi. Nem *eu* sabia direito como estava me sentindo, como poderia esperar que outra pessoa me ajudasse? – Não me arrependi, mas não sei como vai ficar agora. Não estamos *juntos*, somos apenas colegas. Na verdade, nem sei se somos amigos. Além disso, ele estava bêbado e eu estava bem bêbada, e hoje eu quase posso ouvi-lo surtando do outro lado da parede.

– Surtando como se *ele* estivesse arrependido? – ela perguntou.

– Não sei. – Mordi o lábio, pensando sobre aquilo. – Espero que não.

– Mas ele gosta de você?

– É, sim. Acho. Sei lá. Gosta, considerando que tudo foi tão rápido. Ele passou por um divórcio difícil e isso o deixou um pouco...

– Ruby, sei que isso foi seu jeito para fazer ele notar que você existe, mas o que você achou que iria acontecer?

– Hum... – Na verdade, eu não estava realmente *pensando* naquele momento.

Deixei um suspiro escapar. Por acaso eu achava que ele descobriria que me amava? Que admitiria que estava me procurando por toda sua vida e lá estava eu, disposta a gozar na frente dele durante todo esse tempo? Hum, provavelmente não.

– Não sei direito – respondi. – Acho que pensei que seria um primeiro passo.

A London bocejou e ouvi o som dos lençóis novamente enquanto ela se ajeitava na cama.

– E que primeiro passo. Mas agora você precisa fazer isso funcionar. Vá para o escritório hoje, olhe para ele como se você fosse o tipo de mulher que se masturba... foi mal, foi mal... na frente do amor de sua vida e não se arrepende disso. Você sabe que eu não tenho muita fé na população masculina, mas se ele for metade do homem que você descreve, ele será esperto o bastante para entender. Vai lá pegar ele, Ruby.



Fazer da noite passada o primeiro passo foi um pouco mais complicado do que eu esperava. Pelo jeito, Niall Stella se esforçaria ao máximo para deixar tudo extremamente normal entre nós. Ele chegou cedo e já estava guardando seu notebook para uma reunião quando eu cheguei. E estava com o celular grudado na orelha. Ele me cumprimentou com um leve aceno de cabeça, um sorriso, depois passou por mim e entrou no corredor para ter um pouco de privacidade.

Uma coisa era dissecar tudo que ele dizia nas reuniões, quando havia zero chances de ele estar falando mim. Mas agora? De jeito nenhum ele estaria pensando em outra coisa que não a noite passada. *Tudo* significava algo hoje.

Fiquei ouvindo enquanto ele falava no corredor. Será que estava me esperando? Parecia que estava arrumando as coisas para sair; será que voltaria na sala antes de ir embora?

– Isso não faz sentido – ele disse no celular, seu sotaque charmoso como a única coisa impedindo que soasse irritado de verdade. – O prazo que recebemos para o término estimado era de seis meses antes da data que você está me dando hoje. A alternativa é inaceitável.

Fiquei apreensiva ouvindo aquilo; nunca o vi bravo antes.

Ele ficou em silêncio enquanto ouvia a pessoa do outro lado da linha, e tive uma estranha sensação, com se ele estivesse me observando. Tirei minha echarpe e meu casaco e pendurei os dois no gancho atrás da porta.

Sua atenção pesou sobre minha pele e eu sacudi a cabeça, deixando meu cabelo cair para frente e esconder o calor que surgia em meu rosto.

– Tony, eu não sou o líder do projeto na Diamond Square porque digo “sim” para qualquer coisa, sou o líder porque sei do que estou falando. Diga isso a eles, ou melhor ainda, deixe-me falar com eles. Não terei problema nenhum em ir direto ao assunto – ele disse, seguido pelo distinto som de um suspiro frustrado.

Tony. *Credo.*

Apanhei meu caderno e me aproximei dele.

– Está tudo bem?

Ele assentiu, mas guardou o celular no bolso e não se deu ao trabalho de explicar a ligação para mim.

– Além da reunião com os engenheiros da amt hoje de manhã, eu gostaria de visitar algumas estações e dar uma olhada nas obras. – Ele mostrou mais um sorriso educado.

Niall voltou para sua concha.

Com um gesto na direção das escadas, ele perguntou:

– Você gostaria de me acompanhar?



A estação em South Ferry foi uma das mais atingidas pelo Furacão Sandy. Com uma entrada da rua apenas 100 metros acima do nível do mar, o túnel foi inundado em questão de minutos. A água do mar destruiu praticamente tudo em seu caminho, danificando fiação e equipamentos e enchendo as

câmaras com tanta água que os trabalhadores podiam nadar ali. Era por isso que estávamos aqui, para nos anteciparmos à Mãe Natureza e criar um sistema para prevenir catástrofes como a que aconteceu aqui.

O trânsito corria ao nosso redor enquanto eu seguia o Niall pela estação recém-aberta, meus olhos grudados em seus ombros largos enquanto ele descia as escadas na minha frente. Ele parecia muito sério hoje. Sua expressão havia permanecido neutra durante a viagem de táxi até a estação, apenas com o mínimo de conversa. Ele vestia um terno escuro com um sobretudo preto, com sua echarpe de casimira marrom caindo sobre um ombro. Havia um tom decidido em sua voz.

Alguns engenheiros já estavam lá para nos encontrar, e Niall nos apresentou, tomando o nome de cada um e ouvindo atentamente enquanto eles nos conduziam de um lado a outro no túnel. Era incrível vê-lo desse jeito – tão conhecedor e à vontade em seu elemento – enquanto simultaneamente eu me lembrava de como ele ficou na noite passada. Durante seis meses eu juntei um catálogo de memórias do Niall Stella, mas as lembranças que produzi desde que cheguei em Nova York pareciam eclipsar todas as outras.

Niall me chamou para ficar ao seu lado, e fiquei olhando quando ele se abaixou, tirou medidas e inspecionou uma das entradas propostas. Meu cérebro estava uma bagunça: eu queria prestar atenção e absorver tudo ao meu redor, mas estar tão perto dele depois da noite passada me transformou numa completa louca varrida. *Será que ele está pensando sobre isso? Será que está fingindo que não aconteceu?*

Um pensamento horrível me ocorreu: *Será possível que ele nem se lembre?*

Ele pediu números e várias anotações enquanto trabalhava, mas o lugar era barulhento, o som dos trens e pessoas tornava difícil ouvi-lo. Eu precisava ficar perto, tão perto que ele ocasionalmente encostava na minha perna.

Achei que não era intencional, e tentei não reagir enquanto minha pele se arrepiava. Mas na segunda ou terceira vez, comecei a me perguntar.

– Ruby – ele disse, olhando para mim. – Você reparou que esta foi a última das estações a reabrir?

Eu assenti. É claro que tinha reparado. Mas considerando o quanto isso parecia importante para ele, anotei a informação de novo, mas parei com a caneta no papel quando senti sua mão envolver meu calcanhar. O toque durou apenas um momento, os dedos subiram lentamente na direção do meu joelho, apertando levemente antes de soltarem.

Cada nervo em meu corpo disparou, começando onde ele havia me tocado e terminando bem no meio das minhas pernas. Meus pés vacilaram, os mamilos enrijeceram e os seios ficaram pesados, quando um desejo subiu por minhas coxas.

Meu coração se apertou. Ele se lembrava; apenas precisava de um tempo para processar tudo em sua mente.

Quanto mais tempo passávamos juntos, mais ele parecia relaxar comigo, e seu flerte silencioso apenas aumentou no resto da tarde: sua mão pressionou minhas costas quando saímos da estação, os dedos arrumaram o cabelo em minha testa na fila para o café e, uma vez, seu polegar raspou meu lábio inferior, indo e vindo quando o metrô passou por um túnel escuro.

Eu não conseguia respirar. Mal conseguia ficar de pé.

Quando um assento ficou vago e Niall insistiu que eu sentasse, ele se aproximou até a fivela do cinto ficar a apenas alguns centímetros do meu rosto. Na minha frente estava a longa extensão de seu torso, com a camisa enfiada dentro da calça. E, mais abaixo, o claro contorno de seu pau apertando contra a coxa, semiereto.

Deus do céu.

Levantei a mão e enganchei um dedo numa das alças do cinto enquanto ele olhava para mim em silêncio e vidrado.

Ao chegarmos na estação, ele veio por trás de mim quando parei para apanhar minhas coisas. Suas grandes mãos agarraram meu quadril e ele pressionou o corpo contra mim.

Eu o *senti*.

Quer dizer, eu *o senti*.

Perdi o fôlego quando sua boca se aproximou da minha orelha e ele simplesmente disse:

– Nós vamos para a esquerda.

Quando voltamos para o escritório eu estava prestes a explodir. Eu me sentia tensa e inchada entre as pernas, a pele da minha coxa estava molhada e lisa. Meus sentidos pareciam aguçados ao máximo, e mesmo as coisas mais básicas – a renda do sutiã raspando em meus seios – pareciam eróticas.

Mas quando pensei que estávamos chegando a algum lugar... nada aconteceu. Em vez de fechar a porta do escritório e me tocar – eu não me importava nem um pouco de ser no trabalho – ele foi para sua mesa e começou a estudar alguns arquivos, enquanto fiquei ali, excitada, confusa e sem palavras.

Aquilo era uma tortura. Estar encantada, sentir seu interesse crescer, mas ao mesmo tempo vendo ele se fechar depois de cada pequeno progresso. Eu queria simplesmente *perguntar*, mas fiquei com medo de que ele se fechasse ainda mais.

E meu corpo *ardia*. Foi uma tarde inteira de preliminares discretas e gentis, e eu me sentia como um ferro em brasa recebendo o golpe de uma marreta. Eu estava praticamente vibrando.

Nosso banheiro era privado, graças a Deus, e ao entrar lá dentro eu tranquei a porta, respirando fundo pela primeira vez no dia. Eu podia sentir o cheiro suave de sua colônia, como se estivesse marcada em meus sentidos. Quando cruzei o banheiro até o pequeno banco de couro que ficava debaixo da janela, me permiti imaginar como seria seu cheiro de perto, com meu nariz pressionado diretamente em sua pele.

Com essa imagem na mente, eu me sentei e deslizei minha calcinha pelas pernas enquanto imaginava o calor daquela pele sob meu toque. Meus dedos se transformaram nos dedos dele, e então subiram por minha coxa até o meio das pernas. Se eu escutasse com atenção, podia ouvir sua voz enquanto ele falava com alguém no telefone. Fingi que ele falava apenas comigo.

Eu estava tão sensível, tão molhada, que o menor toque, o raspar de um dedo sobre meu clitóris, fez meu quadril ser impulsionado para a frente, querendo mais. Com os olhos fechados, fiquei ouvindo sua voz, com seu sotaque curvando as palavras em algo que enviava uma corrente elétrica dos meus mamilos até meu sexo. Imaginei suas palavras descendo por meu pescoço; o subir e descer de sua voz se tornando o ritmo de uma penetração,

entrando e saindo de mim. Imaginei sua presença do outro lado da porta, sabendo que eu estava me tocando, e implorando para que ele me tocasse da próxima vez.

Só de pensar nisso, minha excitação foi ao limite, e eu gozei na minha própria mão, meu corpo inteiro dobrando sobre meu toque.

Só então percebi o quanto estava silencioso lá fora, e que talvez eu tivesse feito barulho demais. Eu podia até ouvir o tique do meu relógio e o leve zumbido do trânsito na rua lá embaixo, mas nenhuma outra voz, nenhum passo andando pelo escritório.

Assim que minhas pernas voltaram a ter firmeza, eu me levantei e ajeitei as roupas, andando até a pia para retocar a maquiagem.

Ao sair do banheiro, entrei no corredor e quase trombei com ele.

– Desculpa! – exclamei, tentando apanhar uma pilha de arquivos que caíram no chão. – Deixa que eu pego! – eu disse, definitivamente enfatizando meu constrangimento.

Niall me ignorou e se abaixou para juntar os papéis.

Tentei evitar olhá-lo nos olhos, tendo a certeza que aquilo que eu acabara de fazer estava escrito na minha testa com tinta neon.

Ajeitei minha saia e passei o cabelo para o lado antes de olhar para ele. Niall estava me estudando, com a cabeça inclinada.

– O que foi? – perguntei, fingindo inocência.

– Você está bem?

– É claro que sim.

– Você está vermelha. Tem certeza que não está se sentindo mal? Posso cuidar de tudo sozinho hoje se...

– Estou bem – eu disse ao me afastar um pouco, sentindo uma pequena pontada de irritação.

Ele me seguiu até minha mesa, seu olhar atento quase queimando um buraco em minha cabeça.

– Tem certeza que você não estava... correndo pelas escadas? – ele perguntou com um tom hesitante, como se soubesse que eu não estava muito bem.

– Não, eu... – Considerarei mentir, mas sabia que ele nunca acreditaria. – Jesus, você não desiste. Podemos mudar de assunto?

Seus olhos suavizaram enquanto analisavam meu rosto, e depois ele respirou fundo, olhando sobre meu ombro como se tivesse lembrado de onde estávamos.

– Vamos lá. Fale de uma vez.

– Eu estava... – comecei a falar, querendo que o chão se abrisse e me engolisse inteira. É sério, esse nosso joguinho estava começando a ficar um pouco desigual. – Estava só...

– Você estava... – Suas sobrancelhas se juntaram e seu olhar rapidamente pousou em minha mão sobre minha garganta quando ele pareceu entender. – No banheiro das mulheres? Agora?

– Sim.

– No *trabalho*?

Oh, Deus.

– Desculpe... depois da noite passada e depois de hoje de manhã...

– Espera – ele disse, engolindo em seco. – Você estava pensando em *mim* lá dentro?

– É claro, eu... – Parei de repente, fechando os olhos se respirando fundo. Como ele conseguiu ficar tão quieto, tão parado? – Você me tocou, mas depois se fechou de novo. Esses sinais conflitantes estão me deixando maluca.

E agora eu me sentia maluca e um pouco humilhada.

Quase pulei de susto quando senti o toque gentil de seus dedos no meu queixo.

– Você gozou, minha querida?

Um fogo percorreu minhas veias, e quando olhei para ele, vi a mesma chama queimando em seus olhos.

Lambi meus lábios e assenti.

– Diga para mim especificamente em que estava pensando.

– Em tocar você – eu disse, com minha boca secando de repente. – Em

beijar.

Ele assentiu e seus olhos desfocaram quando olharam para os meus lábios.

Era o convite que eu precisava. Subi na ponta dos pés, raspando o nariz na pele quente de seu pescoço. Ele soltou um som que foi uma mistura entre gemido e grunhido, e tentou diminuir o espaço entre nós ao máximo. Olhando para mim, ele parecia estar lutando contra centenas de coisas diferentes. Percebi imediatamente que ele estava dividido. Acho que eu estava certa, e após o divórcio, ele sentia um pouco de medo do jogo. Talvez estivesse achando que tudo estava indo rápido demais. Ou talvez apenas não estivesse confortável fazendo as coisas do meu jeito: mergulhando de cabeça naquilo que certamente seria muito sexo fantástico e ficar na cama o dia inteiro até nosso voo de volta para Londres.

Naquele momento, senti que eu aceitaria qualquer coisa, mesmo se isso significasse dez anos de flerte terminando num único e cuidadoso beijo.

– Você está bem? – sussurrei.

– Estou só pensando se eu deveria... – Ele engoliu em seco, estremeando um pouco.

– Me enviar de volta para Londres e nunca mais falar comigo?

Ele riu, mas negou com a cabeça.

– É claro que não.

– Conversar sobre o que aconteceu na noite passada?

Ele ergueu a mão e acariciou meu queixo com o polegar.

– Sim.

Alívio e ansiedade se misturaram em meu peito.

– Minha mãe sempre disse que, se você não conseguir conversar sobre alguma coisa, então não deveria estar fazendo essa coisa.

Ele ergueu uma sobrancelha e estudou meu rosto, curvando os lábios no sorriso mais doce e esperançoso que eu já vi.

– Combinado, então. Vamos sair para jantar a sós.



Niall me encontrou em meu quarto do hotel, vestindo novamente o terno cinza que é meu favorito. O terno foi cortado para vestir perfeitamente seu corpo longo e musculoso, e a cor cinza destacava o amarelo em seus olhos castanho-claros. Aqueles olhos focariam em mim a noite toda. Apenas em mim.

Talvez eu entre em combustão.

Tomamos um táxi para o Perry St., um restaurante que ficava no alto de um arranha-céu envidraçado na (advinha) Perry Street. Era elegante e chique, com janelas que iam do chão ao teto e decoração minimalista. Mesas repletas de comida preenchiam o grande salão principal, e de repente achei que talvez não conseguíssemos uma mesa.

– Mesa para dois – ele disse para a hostess. – Reserva em nome de Stella.

Tentei ignorar a batida mais forte do meu coração quando o imaginei fazendo uma reserva para nós dois.

Seguimos a hostess até uma mesa no canto mais afastado do salão.

– Meu Deus, este lugar é lindo – eu disse, olhando para a incrível vista do rio Hudson. – Como você descobriu este restaurante?

– Com o Max, é claro – ele disse, sentando-se.

– Certo. O Max – eu disse, rezando para que não soasse tão inseguro para seus ouvidos quanto soava para mim. Ele ligou para o irmão perguntando sobre o jantar. Se eu não sentisse seu pé pressionando o meu debaixo da mesa, eu poderia sair flutuando por aí. – Faz tempo que ele mora aqui?

Ele confirmou, tomando um gole d'água.

– Alguns anos.

– Ele parece *tão* feliz – eu disse. – Todos eles parecem.

Niall sorriu.

– E são mesmo. Max e a Sara acabaram de ter um bebê, sabe? – Eu assenti, e ele hesitou por um momento antes de perguntar: – Quer ver uma foto?

– Eu adoraria. – *Adoraria* era um eufemismo nesse caso, eu estava *morrendo* de curiosidade.

Niall apanhou seu celular e começou a buscar em suas fotos.

– Aqui está ela – ele disse, todo carinhoso, passando o dedo pela tela. Era uma foto do Niall segurando algo todo empacotado em um cobertor, com uma pequena mão saindo de lá de dentro e segurando seu polegar. Mas não foi a linda bebê que fez meu coração despencar até as profundezas do meu estômago, embora ela fosse mesmo linda; foi a expressão de adoração em seu rosto enquanto olhava para ela. O Niall da foto estava feliz, praticamente cintilando. Ele estava relaxado e sorrindo e absolutamente maravilhado com a garotinha.

– Qual é o nome dela? – perguntei, olhando em seu rosto e encontrando a mesma expressão da foto.

Deus do céu.

Ovulação em 3... 2... 1...

– Annabel Dillon Stella. Coisinha linda, não acha?

Meus olhos se arregalaram quando seu sotaque suavizou.

– Linda. Ela parece um pouco com você, eu acho. Olha esse nariz.

Como se fosse possível, sua expressão ficou ainda mais feliz.

– Você acha?

Eu confirmei.

– É o nariz da família Stella, olha só.

O garçom apareceu e perguntou se gostaríamos de pedir bebidas antes do jantar. Nós rimos e depois nos olhamos. Com a menção a bebidas, a memória da noite passada surgiu com força entre nós.

Eu preendi a respiração.

– Talvez um pouco de vinho? – Niall sugeriu discretamente, buscando minha aprovação e depois estudando rapidamente o menu de vinhos. Ele pediu uma garrafa de *pinot noir* e me entregou o cardápio. – Alguns minutos antes de pedirmos, concorda?

Após o garçom desaparecer, Niall ficou prestando atenção na condensação de seu copo por alguns instantes.

– Eu sei que ontem foi realmente maluco para nós dois – eu disse, encarando o elefante sentado na mesa –, mas espero que você não tenha se arrependido. Eu me sentiria horrível.

Sua cabeça ergueu de repente, as sobrancelhas se juntaram.

– De jeito nenhum – ele disse, e eu respirei aliviada. – Se você lembra, eu é quem fui atrás de você no seu quarto.

Eu lembrava *sim*.

Os segundos passaram e ele baixou a cabeça, olhou para suas mãos e não disse mais nada. Com cada momento silencioso, não pude deixar de pensar, *será que era só isso?* Mordi os lábios, estudando seu rosto.

Ele respirou fundo, rindo um pouco de si mesmo.

– Isso é tudo muito novo para mim, Ruby. Me perdoe se eu precisar de um tempo para encontrar as palavras.

Eu queria ser paciente, mas o silêncio era uma tortura. Em situações profissionais, Niall era confiante e capaz. Nas poucas vezes em que relaxou o bastante para me tocar, mostrou dominância e controle. Mas quando chegava nesta conversa – em situações pessoais onde precisava se expressar verbalmente – ele parecia incapaz de comunicar um único pensamento particular. Talvez a Pippa estivesse certa e esse tipo de reserva emocional era sexy apenas em livros ou filmes. Aqui, era uma tortura para minha pulsação que martelava.

– Deve ter sido estranho – eu disse, sem conseguir estender mais o silêncio. – Fazer aquilo. Quer dizer, *assistir* a mim fazendo aquilo.

Oh, Deus.

Ele olhou para mim, esperando para ver onde eu queria chegar. Inferno, *eu* estava esperando para saber onde eu queria chegar.

– Com alguém totalmente diferente, depois do divórcio – tagarelei. – Ou, voltar para o mundo dos solteiros... *daquele* jeito. Comigo.

Droga, se isso fosse um jogo de futebol, seria o tipo de partida onde eu me atrapalho com a bola, daí a bola explode e o estádio inteiro pega fogo.

Ele passou um dedo sobre a sobrancelha e mostrou um pequeno sorriso.

– De volta ao mundo dos solteiros – ele repetiu. – Não sei se o que venho fazendo desde o divórcio pode entrar nessa classificação.

O garçom voltou à nossa mesa para anotar nosso pedido, e nós dois

abrimos o cardápio, olhando rapidamente.

Eu pedi a primeira combinação de palavras que consegui juntar.

– Quero o salmão.

Niall ficou olhando as opções antes de fechar o cardápio de repente e entregar ao garçom, dizendo apenas “filé” distraidamente. O garçom abriu a boca para listar as opções, mas ele o interrompeu e apenas disse para trazer qualquer um que recomendasse.

Esperamos pacientemente ele ir embora, e depois nossos olhos voltaram a se encontrar.

– Onde estávamos? – ele perguntou.

– Estávamos analisando o significado de “voltar ao mundo dos solteiros”.

Ele riu.

– Certo.

– Você não tem o hábito de sair com garotas de vez em quando?

Niall considerou a pergunta, ajeitando os talheres e limpando uma gota condensada em seu copo d’água.

– Na verdade, não.

– Por quê? Você é lindo e bem-sucedido. Você... – Eu parei, querendo que alguém tapasse minha boca. – Resumindo: você é um partidão.

Ele soltou uma pequena risada.

– Eu nunca, quer dizer... eu sei que não sou... mas eu nunca me descreveria assim.

Ele estava de brincadeira?

– Você deve estar brincando. Já se olhou no espelho? Já ouviu sua própria voz? Acho que vou chamar a hostess aqui para você ler o cardápio pra ela. Tenho certeza que ela se jogaria aos seus pés antes que chegasse nas saladas.

Quando ele riu, uma covinha apareceu.

– Você gostou da noite passada, não é? – ele perguntou.

Ah. Ai está.

– Tenho certeza que nós dois sabemos muito bem que eu *gostei* da noite

passada. – Lutando contra o calor em meu rosto, continuei me concentrando no assunto mais delicado. – Mas depois, quando você me tocou hoje... – Tomei um gole do vinho, sentindo a boca seca de repente. – Passei o dia todo sem saber em que você realmente estava pensando.

– Eu também não sei – ele admitiu. – Meu corpo parecia me impulsionar, mas ainda estou hesitante. Não porque não sinta atração por você. Eu sinto. E achava que isso era óbvio. Mas não sei se posso confiar na minha habilidade de lidar com um relacionamento.

– Só tem um jeito de descobrir – eu disse honestamente. – Eu também não sei lidar direito com relacionamentos. Além disso, seu casamento durou mais de uma década. Você deve ter feito *alguma* coisa direito.

– Acho que mesmo quando eu e a Portia estávamos juntos, nem sempre foi... – Ele perdeu o rumo, limpando a garganta antes de recomeçar: – Com a Portia, você sempre fica com a impressão que fez tudo errado.

O que foi que ela fez com ele? Eu imaginava uma loira de cabelo preso, toda arrumada e com uma constante expressão de nojo. E um marido sentindo que tudo que fazia era errado.

– Bom, o nome dela era *Portia*. Isso já não é um bom começo.

Ele exibiu um pequeno sorriso.

– Acho que encontramos um ritmo no dia a dia. Era algo silencioso, mas previsível. – Ele tomou outro gole de vinho. – Mas com você, quando tudo parece tão intenso e avassalador... quando fico sozinho depois, acabo pensando demais sobre tudo e remoendo cada detalhe.

Deus, ele era tão adoravelmente retraído que eu mal conseguia aguentar. Já presenciei alguns lampejos que mostravam o quanto ele podia ser divertido – quando ele me flagrou no corredor, quando tiramos uma *selfie* na frente do Radio City, quando falou sobre sua sobrinha. Niall apenas precisava relaxar um pouco.

– Acho que fica melhor entre nós quando não pensamos demais. Tem sido bem legal quando apenas passamos um tempo juntos.

– Concordo. Porém... quando se trata de intimidade, eu não sou tão bom. Então...

– Você quer dizer sexo? – eu disse, tentando ser franca.

Ele sacudiu a cabeça para mim, um sorriso paciente curvando sua boca.

– Não só o sexo. Mas também a intimidade que vai além disso. Nós não transamos ontem, mas foi uma das experiências mais íntimas que eu já tive. Ainda estou digerindo tudo isso.

Prendi minha respiração, concordando lentamente.

Então ele *entendia* o quanto ontem foi diferente, o quanto aquilo foi muito mais profundo do que uma rapidinha numa cama de hotel.

Niall coçou o queixo, contemplando sua taça de vinho.

– Você pode achar que – ele disse cuidadosamente – muito disso pode parecer um retrocesso para você, se estiver acostumada a combinar com antecedência como será uma relação, ou como irá proceder. Mas para mim, nada disso é familiar. A Portia decidiu que ficaríamos juntos, então ficamos. Depois disso, era mais comum conversarmos sobre o clima do que sobre emoções. E quanto ao sexo... acho que *nunca* conversamos sobre isso. Então o mero fato de eu e você estarmos aqui juntos, discutindo o que fizemos ontem... apesar de nem termos nos beijado ou tocado... é meio que uma revelação para mim.

– Uma boa revelação? – perguntei, sem conseguir esconder minha esperança.

– Sim, uma boa revelação – ele concordou, assentindo lentamente. – Eu gosto da sua companhia. Apenas quero explorar isso da maneira certa. – Ele fez uma pausa, olhando em meus olhos. – Já compartilhamos uma grande intimidade sem nem nos conhecermos direito.

Eu concordei, engolindo com dificuldade. Mas uma sensação estranha me abateu, pois eu sentia que já conhecia o Niall. Porém, pensando melhor, aquilo era verdade; ele não *me* conhecia ainda.

– Podemos recuar um pouco. E conhecer melhor um ao outro.

Sacudindo a cabeça, ele murmurou:

– Mas essa é a questão. Não sei se quero recuar, nem se *preciso* recuar. Por que preciso saber tudo sobre você antes de nos divertirmos fisicamente? Eu gosto de você. Isso não é suficiente?

Encolhi os ombros, sentindo meu estômago se contorcer enquanto o

observava.

– Pra mim é suficiente. Mas não precisa ser pra você.

– Eu quero que seja. Sinto uma liberdade diferente quando estou perto de você.

Sorrindo para o vinho, perguntei:

– É mesmo?

– Você me faz sentir aventureiro e interessante... e *divertido*.

– Divertido? – repeti, fingido estar chocada. – Sr. Stella, como ousa pensar assim?

Sua risada veio profunda e calorosa, enviando um calafrio sobre minha pele.

– Você também me faz pensar sobre coisas que eu não considero gentis ou recatadas ou apropriadas.

– Tipo o quê?

Ele procurou meus olhos.

– Acho que prefiro *mostrar*. Apenas preciso dar permissão a mim mesmo, se você concordar.

Não parecia possível que meu peito ficasse mais apertado, mas aconteceu.

– Sim.

Seus olhos estavam tão sinceros e expressivos quando perguntou:

– Você vai continuar sendo tão aberta comigo como foi ontem?

Eu concordei, levando a taça de vinho aos lábios com a mão trêmula. Como isso estava acontecendo...?

Como?

– Nesse caso – ele disse, tentando controlar o nervosismo –, sei que pode ser difícil explicar essas preferências, ou seja, é difícil vocalizar coisas que são mais da ordem das reações físicas... – ele tagarelou num único fôlego, até que finalmente olhou para mim. – Mas ajuda saber.

Fiquei completamente boiando, sem entender.

– Saber? Saber o quê?

Niall engoliu em seco e olhou rapidamente para os lados para confirmar que ninguém podia ouvir.

– Saber o que funciona – ele disse, hesitando. – Francamente, eu não sei se ela alguma vez...

– Gozou? – sugeri.

– Ah, não... ela sempre gozava – ele disse, esfregando o queixo com o dedo indicador. – Mas eu nunca soube se ela *queria* sexo. Se ela queria a *mim*.

Senti como se uma pedra despencasse em meu estômago, e precisei de um momento – e de um pouco de vinho – para limpar qualquer sinal de dó em minha voz antes de responder.

– Bom, então ela realmente é uma besta. Como eu disse antes, você já se olhou no espelho ultimamente?

Ele riu e depois pareceu se arrepender imediatamente. Eu me senti horrível.

– Ruby, não quero falar mal dela. Você tem que entender que ela é a única mulher com quem já fiquei. O que estou tentando dizer é que nós não explorávamos muito. Existe muita estrada entre chegar a um lugar e aproveitar a jornada. – Ele me olhou e sorriu. – A noite passada, com seu showzinho desinibido, foi uma experiência completamente nova pra mim.

Fiz uma pausa, olhando para a água enquanto considerava como responder. Não era de se estranhar que ele vivesse atrás de uma barreira. Ela havia construído uma fortaleza ao redor da vida sexual deles há uma década.

– Você ainda a ama? – perguntei.

– Não. Meu Deus, não. Mas, sem dúvida nenhuma, nossa relação me influenciou muito. Ela deixava muito claro que fazia sexo comigo apenas para *mim*. Nunca para ela.

Ergui minha taça.

– Bom, se você se sentir melhor, não tenho problema nenhum que o sexo seja apenas para o meu prazer – eu disse, querendo aliviar o clima.

– Quanta generosidade – ele disse, exibindo meu sorriso e covinha favoritos. – Mas também não é tão fácil. Do que as mulheres realmente gostam? Pornografia não ajuda em nada a responder isso.

– Nem sempre – eu corrigi. – Nós gostamos sim de pau grande e de escutar sacanagem.

Seu novo conforto comigo passou no teste quando ele nem piscou.

– Mas, por exemplo, sexo oral... – ele começou e depois deixou o resto no ar, simplesmente erguendo as sobrancelhas.

– Na verdade, a maioria das mulheres é fã do sexo oral.

Ele ajeitou os talheres de novo e depois olhou para mim do outro lado da mesa.

– Recebendo?

– Isso é uma pergunta séria?

– Infelizmente, sim. – Ele sorriu para mim, e naquele breve instante Niall pareceu tão jovem e brincalhão. – E dando?

Mordi o lábio, imaginando como seria bom passar minha língua sobre a ponta de seu pau enquanto ele gemia.

– Oh, sim.

Ele olhou ao redor do salão, apenas o suficiente para ter certeza que ninguém estava ouvindo.

– As mulheres gostam de engolir?

A conversa oficialmente despencou desfiladeiro abaixo. Eu mal conseguia me conter.

– Vou fazer um chute completamente não científico e dizer que setenta por cento *não é* a favor de engolir.

Seus olhos se acenderam junto com um sorriso provocador.

– E em qual categoria você se encaixa? Nos setenta por cento, ou nos outros trinta?

– Com você? – eu disse num sussurro, inclinando-me sobre a mesa. – Nos trinta.

Niall respirou fundo, jogando a cabeça um pouco para trás. O salão

parecia encolher até eu sentir que havia apenas nós dois na mesa, olhando um para o outro.

– Eu também quero – ele admitiu.

A imagem, a ideia, diminuiu ainda mais o espaço entre nós até sobrar apenas uma coisa viva e pulsante.

– Diga algo safado – eu sussurrei, me sentindo toda corajosa. Sentindo que estava insana. – Diga a coisa mais louca e safada que você consegue pensar. Me deixe sem palavras.

Ele assentiu como se eu tivesse feito um pedido normal, e olhou para suas mãos juntas sobre a mesa por vários segundos antes de piscar de volta para mim. Seus olhos castanhos tinham uma cobertura tão grossa de cílios e mais uma vez ele parecia um *homem*, e não a paixonite intimidadora que eu idealizei por vários meses.

Eu o queria ainda mais.

Ele chegou mais perto, dizendo:

– Eu gosto muito de...

– Mais safado – interrompi. – Pare de pensar tanto.

Seus olhos ficaram sombrios quando olhou em minha boca.

– Eu *quero*.

– Quer o quê? Não filtre nada.

– Quero você chupando meu pau, chupando com tanta fome que você implora com os olhos para eu deixar você engolir.

Oh.

Niall Stella aprendia rápido.

O garçom chegou com nossa comida, colocando na mesa antes de perguntar se queríamos mais alguma coisa. Eu queria pedir um balde de gelo. Para pôr no meu colo.

Segurei uma risada, mas o Niall respondeu com um sorriso.

– Por enquanto, não. Obrigado.

– Uau. Boa jogada – murmurei quando ficamos sozinhos de novo, ainda abalada. – Não sei como vou conseguir comer agora.

O barulho ao nosso redor pareceu retornar de uma só vez, lembrando que não estávamos sozinhos como no quarto do hotel. Estávamos inclinados na direção um do outro, quase nos beijando sobre a mesa.

– O que estamos fazendo um com o outro? – ele sussurrou.

Eu encolhi os ombros.

– Estamos... tentando?

Ele ergueu seu garfo e faca, cortando o filé.

– Na verdade, agora fiquei com fome.

– Fome pós-sexo? – brinquei.

– Não mesmo – ele grunhiu, dando uma mordida.

Niall olhou para mim enquanto mastigava. Observei seu queixo flexionando com o movimento e os lábios se apertarem juntos. Como ele conseguia *mastigar* de um jeito sexy? Isso não era justo.

Depois de engolir, ele perguntou:

– O que foi?

– Nada. Acontece que você é sexy até quando come. É uma distração, depois de ouvir aquilo que você falou sobre sexo oral.

Ele apertou os lábios numa reação adoravelmente dúbia antes de perguntar:

– Então, vamos voltar a algum assunto normal?

– Boa ideia. – Finalmente, experimentei meu salmão.

– Palavra favorita? – ele perguntou.

– *Boceta* – eu disse sem hesitar.

Ele deixou o queixo cair, fingindo estar horrorizado.

– Você roubou a minha palavra.

Eu quase engasguei.

– Eu não consigo nem imaginar você pensando essa palavra, muito menos *dizendo*.

Rindo, ele sacudiu a cabeça enquanto cortava mais um pedaço do filé antes de mastigar e engolir.

– Acho que tenho várias outras coisas que penso, mas nunca digo. Eu adoro essa palavra. Mas é verdade que eu nunca falo isso.

– Qual é o contexto favorito?

Depois de pensar um pouco, ele acabou dizendo:

– Gosto de usar quando é para xingar alguém num jogo de futebol, entende? Tipo, “para de agarrar minha camisa, boceta”. – Ele comeu algumas ervilhas e nem percebeu meu suspiro diante daquele sotaque incrível. Niall engoliu, limpou a boca com o guardanapo e depois acrescentou: – Qual é o seu contexto favorito?

Tomei quase metade da taça de vinho.

– Provavelmente algo mais grosseiro do que isso.

– É mesmo? – ele disse, sorrindo. – Eu achava que os americanos odiavam essa palavra.

– *Eu não odeio.*

Niall levou sua taça até os lábios e tomou um longo gole.

– Vou me lembrar disso.

Oito

Aquela conversa descontraída se transformou em algo menos picante quando terminamos de comer. A conversa fluía na mesma medida do vinho. Ruby tinha uma atitude liberal quanto ao sexo, mas, quanto a relações em si, ela podia ser curiosamente conversadora. Admitiu, entre o jantar e a sobremesa, que, apesar de todo aquele flerte, não gostava da ideia de sexo sem algum tipo de conversa antes.

Estudei a Ruby — boca macia, olhos arregalados, mãos gesticulando docemente enquanto enfatizava suas ideias — e fiquei maravilhado com o quanto tudo isso parecia natural nela. Ruby era paciente com minha inexperiência e hesitação. De fato, nem parecia surpresa com isso.

Depois do jantar e das bebidas, ela apanhou sua bolsa e se levantou. Observei suas mãos envolvendo o couro, e o pescoço se esticando quando ela soltou o colar que estava preso na gola do vestido. Jogou os cabelos para trás da orelha e depois se virou para me olhar.

Ruby me flagrou de olhos vidrados nela; eu estava hipnotizado por cada movimento seu.

— O jantar estava ótimo — ela disse, sorrindo.

Meu Deus do céu.

— Cada mordida — concordei, ajudando-a com seu casaco.

— E você morde? — ela perguntou, enquanto saía do restaurante e ganhava a rua.

O ar estava carregado com o vapor dos exaustores e os barulhos que surgiam da rua.

— Imagino que sim — eu disse, depois viramos na Greenwich. — Dependendo das circunstâncias.

Minha pele vibrava, meus dedos se moviam inquietos, até que finalmente criei coragem para tocar em suas costas. Debaixo do toque, ela se endireitou e estremeceu, antes de esticar o braço e tomar a minha mão.

Seus longos e magros dedos se entrelaçaram com os meus e ela me puxou

para o seu lado.

— Você está preocupado por causa do trabalho? — ela perguntou discretamente.

— O trabalho...? — perguntei confuso.

— Sobre *nós*. E o trabalho.

Senti minha sobrancelha se erguer quando entendi.

— Ah. Bom, por enquanto não. — Levantei a mão e chamei um táxi, segurando a porta para ela. — Acho que precisamos deixar claro o que estamos fazendo, e depois nos esforçar para que isso não interfira em nosso trabalho, mas... — Eu a segui para dentro do carro, notando seu sorriso divertido enquanto eu tagarelava. — Não acho que seja proibido pelas regras da empresa.

— Não é — ela disse, apoiando-se ao meu lado e olhando para mim. — Eu já chequei isso faz tempo.

— *Faz tempo?*

Ela mordeu o lábio enquanto sorria.

— Uns quatro meses?

Ficamos em silêncio enquanto o táxi andava alguns quarteirões.

— Quatro meses atrás eu nem sabia...

— Que eu existia — ela completou. — Eu sei. Acho que eu queria me convencer a esquecer de você — ela disse, rindo. — Se eu descobrisse que era proibido, então, bom, então já era.

— Ou talvez isso fizesse você querer ainda mais — eu disse, acariciando seu queixo com meu polegar.

— Talvez — ela respondeu, virando o rosto para minha palma. — Quando você me notou?

— O dia que o Tony disse que você me acompanharia nesta viagem foi o primeiro dia que eu *realmente* notei você...

Ela tocou meu queixo e atraiu meus olhos de volta para seu rosto.

— Você está ficando nervoso desnecessariamente. Sei que eu era invisível pra você antes. Isso não me incomoda.

Engoli em seco, olhando para sua doce boquinha rosa e os calmos olhos verdes.

— Você não era invisível para mim, mas... — Olhá-la nos olhos não era fácil. — Acontece que, e isso tem que ficar apenas entre nós... o Tony sugeriu que eu usasse a viagem para “dar uma escapadinha”.

— “Dar uma escapadinha” — ela repetiu, sem entender direito. Fiquei olhando para ela, sorrindo constrangido, até que a ficha caiu e ela começou a rir. — Aquele cara é um nojento.

Sua reação me acalmou imediatamente, até que um pensamento me ocorreu.

— Ele nunca tocou em você, não é?

Inclinando a cabeça, ela disse:

— Não, é só um pervertido. Às vezes ele olha para mim e para a Pippa de um jeito... — Ela sacudiu a cabeça, estremecendo.

Eu apenas sorri. Não queria confirmar que concordava com ela e também percebia a maneira inadequada com que ele olhava as mulheres do escritório. Em mais de uma ocasião quase avisei o RH para ficar de olho nele.

— Mas eu adoro essa frase — ela disse, desviando os olhos. — “Dar uma escapadinha”. É uma frase sexy, de um jeito meio grosseiro. Gosto da ideia de você me levar para uma escapadinha aqui e ali.

Fechei os olhos, respirando fundo para me acalmar.

— Olha, eu nem cheguei a considerar a sugestão dele. Mas, afinal de contas, sou um homem. E mesmo se ele não tivesse falado aquilo, só de saber que viajaríamos juntos já fiquei completamente desconcertado. — Ela riu, e percebi novamente o quanto ela me conhecia bem, o quanto havia aprendido apenas observando. — E então esbarrei em você no elevador. — E eu parecia uma *louca*.

— Sim, parecia. Uma psicopata, na verdade — provoquei. — Mas eu queria sair dali apenas porque senti algo desorientador perto de você.

— Meu poder de constrangimento foi demais para você?

— Sem dúvida — murmurei, passando uma mecha de seu cabelo para trás

da orelha. — Você está brincando, mas eu não estou. Havia algo em você...

Ela fechou os olhos e eu desci meus dedos lentamente por seu pescoço até a garganta. Sob meu toque, sua pele estava muito macia e fresca por causa do ar noturno. Eu mal podia imaginar como seria intenso beijá-la, muito menos fazer amor com ela. Eu provavelmente rasgaria suas roupas, como ela havia sugerido ontem mesmo. E com certeza eu morderia.

— Mas eu notei você antes, sim. Nas reuniões, nós já havíamos trocado uns olhares...

Ruby abriu os olhos novamente e sua expressão dizia que ela duvidava disso, como se eu estivesse brincando com ela.

— Não tem problema se você não me notou antes. Também não tem problema se você quiser apenas experimentar como seria sair com outra pessoa que não seja a Portia. Prometo que vou me comportar como uma perfeita adulta.

— Não é isso... — comecei a falar, mas parei quando o táxi estacionou.

Conduzi a Ruby para dentro do hotel até o elevador, que estava cheio. Descemos em nosso andar em silêncio e andamos pelo corredor até nossos quartos, ouvindo os passos ecoando no vazio.

Quando chegamos em minha porta, eu disse a ela:

— Nunca nem considereei ficar com alguém só por ficar. Com exceção daquela interação bêbada, sexo apenas pelo sexo nunca me interessou.

Ruby lambeu os lábios e exibiu um sorrisinho hesitante.

— Então você precisa de sexo de verdade.

Ela continuou me olhando com paciência, aqueles olhos sapecas, e o momento se arrastou pesadamente.

— Eu acho que sem dúvida eu preciso de sexo de verdade — admiti num sussurro.

Suas sobrancelhas ergueram-se sugestivamente e ela inclinou a cabeça na direção de seu quarto.

— Eu me diverti muito no jantar...

Ruby me deu mais dez segundos para fazer ou dizer alguma coisa antes de chegar mais perto e beijar meu rosto, quase sobre o canto da boca.

— Boa noite, minha paixonite secreta, sexy e hesitante.

Fiquei olhando quando Ruby se virou e andou os dez passos até seu quarto. Ela entrou e a porta se fechou levemente atrás dela, antes de eu murmurar:

— Boa noite, minha garota linda e exuberante.

—

— Que tipo de imbecil é você? — perguntei ao meu reflexo no espelho do banheiro. — Você poderia ter beijado. Poderia ter se divertido com ela. E, no mínimo, poderia tê-la convidado pra entrar. — Fechei os olhos, inspirando profundamente pelo nariz. Eu sentia como se minha pele pegasse fogo e, com exceção de entrar debaixo do chuveiro ou derrubar sua porta e finalmente transar com ela, não sabia como acabar com essa sensação.

Juro que conseguia me lembrar de cada sorriso dela hoje, ou cada risada onde jogava a cabeça para trás e fechava os olhos. Ruby parecia se divertir em cada pequeno instante de sua vida. Havia algo sobre ela que me fazia querer ficar ao seu lado, colocá-la num pedestal e me banhar com sua energia e doçura desinibida.

Diga algo safado, ela disse. Diga a coisa mais louca e safada que você consegue pensar. Me deixe sem palavras.

Andando até o armário, tirei meu casaco, a gravata e a camisa. Pendurei as roupas, sentindo-me quente, sensível e excitado até o ponto onde achei que fosse explodir. E me sentia estúpido. Ruby não teria dito “não” se eu avançasse, tomasse seu rosto nas mãos e a beijasse. Ela nem teria negado se eu simplesmente pedisse “Posso entrar? Você poderia me mostrar como fazer isso de verdade? Tenho medo de estragar tudo.”

Porque, sinceramente, eu nunca avancei na vida desse jeito. Profissionalmente, sim: me lancei por aí e busquei aquilo que queria. Mas na vida pessoal tudo meio que aconteceu por acaso. Quando tínhamos dezesseis anos, Portia me encontrou numa floresta perto da minha casa e sugeriu que eu a beijasse. Quanto tínhamos dezoito, ela me informou que estava pronta para fazer amor. Sendo a Portia, ela foi incapaz de aguentar e contou para sua mãe, e sendo a família Windson-Lockharts, seus pais imediatamente sugeriram que nos casássemos. A partir daí, tudo aconteceu de um jeito

comportado: um grande casamento, um apartamento com dinheiro emprestado de seu pai (e que paguei em menos de quatro anos), um carro, um cachorro e uma vida a dois construída sob demanda.

Coisas que eu nunca quis novamente.

Então, precisava de um novo plano. Eu libertaria esse outro lado de mim — o lado secreto que esteve dormindo por muito tempo: o romântico, passional, desesperado para me aventurar com alguém que fosse só um pouco mais selvagem do que eu — e não permitiria que isto se voltasse para a rotina, para a educação, para a conveniência.

Se a Ruby realmente quer que eu me abra, então farei qualquer coisa possível.

Eu pedirei o que quero a ela.

Eu aprenderei a jogar.

Mostrarei que posso dar aquilo que ela precisa.

Após essa decisão, uma sensação de alívio se apoderou do meu corpo e sentei de cueca à mesa, com a intenção de ouvir a pilha de mensagens de voz do escritório de Londres. Com meu gravador de voz, eu registrava observações após cada mensagem: aquelas que precisavam de retorno imediato, aquelas que eu poderia passar para minha assistente, aquelas com informações importantes. Mas, depois de apenas quinze mensagens, minha mente voltou ao jantar.

O hábito da Ruby de sorrir com sua língua entre dentes, combinado com a doçura do sorvete de abacaxi que ela pediu, me deixou quase gogue de curiosidade: será que a língua ficou fria? Fria e doce? Será que ela gostava de sentir sua língua sendo chupada e lambida?

Como seria se ela tomasse o sorvete e depois me lambesse, com a língua fria deslizando pelo...

Eu me permiti imaginar a Ruby diante da minha porta, vestindo seu calção de seda e camisola, os seios duros nas pontas, a curva dos quadris estreita e lisa. Ela entra em meu quarto, segurando uma taça de água gelada em uma mão e usando a outra para pressionar meu peito e me empurrar até a cama.

– Não se sente – ela me alerta.

Sem palavras, eu obedeco. Estou usando apenas minha cueca, e ela não diz mais nada, nem mesmo me beija; mas ela morde aquela língua rosa entre dentes, sorrindo para mim, e depois desce até os joelhos, puxando minha cueca no caminho.

Deslizei minha cueca pela cintura, deixando a fantasia crescer.

Estou duro, impulsionando-me em sua direção e observando vidro quando ela toma um cubo de gelo na boca, chupando e depois deslizando o gelo por meu abdômen e sobre o quadril.

— Ah — eu começo a ofegar quando ela passa a mão livre na parte de dentro da minha coxa, apanhando tudo no caminho, testículos e pau de uma vez só, segurando com força. Eu finalmente crio coragem para segurar a cabeça dela e depois deslizo os dedos para dentro de seus cabelos. É macio, assim como imaginei, e ela geme baixinho quando eu agarro e puxo.

Ela não esperava isso, ela deixa o cubo de gelo cair de sua boca.

Eu seguro meu pau, puxando para baixo e gemendo.

— Lambe — eu digo, com minha voz soando estranhamente alta no quarto.

Os olhos da Ruby passam de acesos e sapecas para cerrados e docemente obedientes. Posso senti-la fazendo força contra minha mão que agarra seus cabelos, tentando me alcançar.

— Você é tão linda — gemi, movendo minha mão cada vez mais rápido, imaginando como seria sentir a mão dela agarrando a cabeça do meu pau, e sua língua macia lambendo... Soltei um gemido.

— Vá mais devagar — eu disse. — Quero sua língua brincando comigo antes de você mostrar como fica quando implora.

Sua língua apareceu, lambendo o líquido que vazava ali, chupando e querendo mais. Garota insaciável e safada. Eu me afasto, passando meu pau sobre seus lábios, e pergunto:

— Você ficou pensando nisso? Quando lambeu a sobremesa da colher ou quando chupou a cobertura no seu dedo, você ficou imaginando meu pau na sua boca?

Ela confirma, abrindo a boca e olhando para mim com os lábios separados, esperando por mais.

— Você quer?

Confirmando novamente, ela move os lábios apenas o suficiente para sussurrar “por favor”.

Com um gemido agudo, eu deslizo fundo, adorando a sensação de sua língua, de sua boca me envolvendo e vibrando com seu gemido de surpresa. Seus olhos se arregalam apenas por um instante com a abrupta invasão antes de relaxar, lambendo e gemendo gostoso, olhos fixos nos meus. Eu deslizo para dentro e para fora, respirando com dificuldade, quando digo:

— Assim...

... e...

— Oh, minha garotinha doce... me chupa...

... e...

— Nunca vou tirar essa imagem da minha cabeça.

Suas mãos se aproximam para me segurar mais embaixo, puxando e acariciando... e isso é o paraíso. É bom demais, e é cedo demais. Quero olhar em seu rosto quando ela me sentir gozando.

Fechei meus olhos para a fantasia. Não recebo sexo oral há mais de sete anos, e estava obcecado com a boca e a língua da Ruby, e suas palavras obscenas e corajosas.

Eu toco em seu queixo com um dedo, sussurrando:

— Estou gozando. Ruby. Ruby. Por favor... por favor, deixe eu gozar dentro.

E com uma estocada em sua boca eu finalmente gozo. O prazer sobe por minhas pernas e costas até pulsar quente em minha pele, formigando e e e

— Ohhh...

Gozei em meus dedos, gemendo seu nome.

—

Precisei de quase um minuto até minha visão clarear e

eu poder usar a cueca para limpar a mão e o chão. O quarto parecia quieto demais, como se eu estivesse em algum palco, atuando.

Sobre a mesa, meu relógio batia alto no meio do silêncio.

Olhei para a mesa e senti meu rosto queimar de vergonha.

O gravador de voz esteve ligado o tempo todo.

Meu dedo pairou sobre o botão *delete*. Nada no mundo poderia ser mais aterrorizante do que ouvir a si próprio masturbando. Eu poderia apagar tudo.

Mas algo me desafiou a hesitar, e deixei o gravador sobre a mesa, olhando silenciosamente para a parede que separava nossos quartos.

A oportunidade de progredir com a Ruby escapou de mim hoje, mas eu não deixaria que acontecesse novamente. Ela era meu porto seguro; estranhamente, após apenas alguns dias eu sentia que nos conhecíamos melhor do que eu conhecia Portia após quase onze anos de casamento.

Eu *podia* dar à Ruby o que ela precisava.

Apertei o botão para gravar novamente. Apanhei meu celular, disquei seu número e esperei tocar uma vez...

Meu coração está batendo tão forte.

... duas vezes...

Continue, Niall. Continue.

... e então ela atendeu, limpando a garganta antes de dizer:

— Niall?

— Oi, Ruby.

Depois de uma pausa, ela suspirou.

— Está tudo bem?

Meu coração martelava no peito, e então me ocorreu que eu estava no meio do meu quarto, *pelado*, falando ao telefone com ela.

— Sim, tudo bem — murmurei. Fechando os olhos, imaginei-a ouvindo a gravação do que eu acabara de fazer, e depois ela saberia que liguei logo em seguida. Sorrindo, eu disse: — Queria apenas confirmar que você estará presente na reunião de amanhã, às oito e meia.

Outra pausa, e quando respondeu, ela pareceu levemente decepcionada.

— É claro. Encontro você no saguão às sete e quinze?

Olhei para o relógio. Já era quase meia-noite. Apenas uma questão de horas antes de vê-la novamente.

— Sete e quinze — eu disse. — Perfeito.

— Boa noite...

— Boa noite, querida.

Desliguei, depois apertei o botão e parei a gravação.

Nove

Na manhã seguinte, preendi a respiração durante toda a descida do elevador até o saguão. Eram 7:43 e eu sabia, sem nenhuma dúvida, que o Niall já estaria solenemente lá embaixo. Terno: impecável; cabelo: imaculado; corpo: sexy. O que eu não sabia era exatamente *qual* Niall encontraria.

Seria o provocador e quase-meu-namorado Niall da noite passada? Aquele que enviou minhas mãos diretamente para minha calcinha segundos após a porta se fechar? Ou seria aquele Sr. Stella estranhamente sóbrio e abrupto que me ligou uma hora depois?

O cérebro do Niall parecia ser seu pior inimigo, incapaz de desligar ou ficar em silêncio o suficiente para ele simplesmente se *divertir*. No jantar, ele baixou os escudos, provocando e sendo safado do outro lado da mesa junto comigo. Mas ele só precisava de uma hora em seu quarto, sozinho com seus pensamentos, para jogar um balde de água fria em qualquer encantamento que eu estivesse sentindo.

Uma pequena voz me alertava para que eu prestasse atenção e ouvisse os sinais de alerta – por mais fracos que fossem – ecoando em minha cabeça. Embora parecesse um homem que carregava o mundo na palma da mão, Niall também era uma pessoa que remoia todos os pensamentos e detalhes, e talvez eu devesse controlar meu desejo de mergulhar de cabeça.

Com certeza, um bom conselho.

Mas quando as portas do elevador se abriram e eu vi Niall Stella em pessoa do outro lado do saguão, esse conselho foi facilmente ignorado.

Como sempre, minha pulsação acelerou, minha pele se arrepiou e quase ficou quente demais para o toque. Ele olhou em minha direção e encontrou meus olhos. As pessoas andavam em fila na minha frente e os segundos pareciam passar em câmera lenta enquanto eu esperava uma reação dele – qualquer reação. Meus sapatos batiam no chão de mármore enquanto eu andava, e precisei desviar os olhos, ajustar o cinto em meu sobretudo e me forçar a manter os ombros retos. Afinal de contas, Niall era apenas um

homem, e pelo que disse ontem, eu tinha mais experiência nesse tipo de situação do que ele. A vantagem era *minha*.

Você adora mentir para si mesma, não é?

Com o casaco dobrado no braço, ele checkou o relógio e ergueu uma sobrancelha quando voltou a me olhar.

– Pontual, como sempre.

Uma provocação. Respirei aliviada e ajeitei os ombros.

Eu sabia como provocar de volta.

– Pontualidade é uma virtude crucial – eu disse.

– Concordo plenamente. E acho isso *muito* atraente. – Sua voz parecia mais grave hoje, mais confiante. Havia algo na maneira como seu sotaque acentuava a palavra “muito”, transformando a frase em algo safado que enviava calafrios pelos meus braços. Se fosse qualquer outra pessoa, eu ficaria desconfiada pensando que ele estava tramando algo, mas o Niall era o Sr. Certo. Eu tinha certeza que ele não iria me agarrar num saguão de hotel ou no meio de uma reunião com o Gabinete de Transportes de Nova York.

Eu sabia que ele tomaria cuidado para manter tudo entre nós estritamente profissional no trabalho, mas, após a noite passada, quando sugeriu que gostaria de me mostrar as coisas que não considerava “gentis, ou recatadas, ou apropriadas”, a questão sobre o que estávamos fazendo ainda se mantinha de pé, e eu estava tentando de todo jeito que ele mostrasse o quão rápido poderíamos avançar ou não. Você poderia *pensar* que ele quisesse começar imediatamente. Você poderia *pensar* que ele ao menos me daria um beijo de boa noite.

Olhei para ele com expectativa quando fez um gesto para que eu fosse na frente. – Podemos ir?



No meio da primeira reunião, decidimos fazer uma pausa. Eu me sentia bem inútil durante essas discussões sobre orçamento e percepção pública, em vez dos detalhes das estruturas em si. Mas eu ouvia, sabendo que as conversas que pareciam mais difíceis agora eram as que eu mais deveria

prestar atenção para o futuro.

Porém, até mesmo o Niall Stella parecia distraído, repetidamente olhando para a mesma página em sua agenda, e duas vezes precisando de um toque quando chegava sua vez de falar. Ele mal olhava em minha direção, mas aconteceram alguns toques mais demorados quando eu entregava papéis para ele. Sua perna se encostou um pouco confortavelmente demais contra a minha, e com certeza isso foi intencional.

Na verdade, sua falta de concentração estava quase cruzando o limite do tolerável, então fiquei aliviada quando ele me puxou de lado, perguntando se eu me importaria de sair da reunião para lhe fazer um favor.

– Sei que isso é terrivelmente rude da minha parte – ele disse, mostrando o celular em suas mãos –, mas acabei de checar minhas mensagens e tenho que cuidar de algumas coisas. Nada muito urgente, mas a Jô enviou alguns nomes e datas que preciso para uma chamada em conferência com o Tony. Você poderia... – Ele fez uma pausa e seus olhos pareciam pedir desculpas. – Sei que você não é minha assistente, nem está sob minha guarda aqui, mas você se importaria de ouvir a mensagem e anotar as informações para mim?

Soltei um suspiro de alívio, tanto por existir uma razão para sua distração, quanto por ser poupada de outras duas horas naquela reunião chata.

– Com prazer – eu disse, tomando seu celular. – Esses encontros entre as equipes não tem nada a ver com meu departamento. Preciso de algo para fazer, *qualquer* coisa, antes que eu fique louca.

A parede de vidro que separava a sala de conferência da sala menor de espera tinha cerca de seis metros e vidro do chão ao teto. Dentro do espaço havia um par de sofás brancos de couro, algumas mesas de metal e duas poltronas combinando. Uma parede de janelas exteriores tinha vista para uma rua cheia de restaurantes e árvores floridas. Sentei no sofá, puxei um caderno e caneta e comecei a abrir seu celular.

– Só mais uma coisa.

Quase me assustei com sua voz vinda da porta.

– A senha é o meu aniversário...

– Zero, seis, zero, nove, eu sei – eu disse sem pensar, depois percebi que ele ficou me olhando com cara de surpresa. Abri um lento sorriso hesitante.

– Você provavelmente sabe que eu quero que o chão abra e me engula agora – eu disse. – Pois acabou de me flagrar na minha mais terrível paranoia com você.

Ele riu.

– Acho que não sou muito esperto com senhas.

– Acho que se ficar olhando vidrada para alguém por tempo o suficiente você acaba pescando essas coisas – eu disse, fingindo uma tosse para tentar aliviar o clima.

Mas Niall apenas riu de novo, sacudindo a cabeça e agradecendo mais uma vez antes de se virar para sair.

– Ah, e Ruby? – ele disse, parando na porta.

– Sim?

– Ouça tudo. Algumas das mensagens são bem longas... tem uma no final que é particularmente importante.

– Pode deixar – eu disse, e nem me dei ao trabalho de fingir que não estava olhando para sua bunda quando ele finalmente saiu.



Do sofá, eu podia vê-lo perfeitamente. Ele parou na mesa de comes e bebes para tomar água antes de voltar a sentar, e fiquei pensando se era a luz que estava deixando seu rosto corado ou só minha imaginação.

Já que as mensagens seriam longas, apanhei minha bolsa e procurei por meu fone de ouvido jogado no fundo. Inseri o plugue e coloquei um dos fones no ouvido, depois digitei a senha. Quatro mensagens. A primeira, como previsto, era da Jô, e fiquei ouvindo enquanto ela ditava uma lista com nomes e datas correspondentes, anotando cuidadosamente. A segunda e terceira mensagens eram parecidas, e em menos de três minutos uma folha inteira do meu caderno foi preenchida.

Levantei os olhos para checar a reunião de novo, encontrando Niall discutindo algo com uma pessoa ao lado. Sem o benefício de sua voz, eu podia *ver* a maneira como sua boca formava as palavras de um jeito diferente dos outros: seu sotaque era visível mesmo a distância. Ele usava mais os lábios, segurava o formato das palavras por mais tempo. Fiquei

imaginando como seria ouvir essa voz em casa, encostada em meu ouvido enquanto dava ordens, dizendo o que eu deveria fazer.

Algum dia eu escreveria um romance repleto com todas as coisas que eu imaginava sobre aquele homem.

Apertando o *play* novamente, flagrei os olhos do Niall por apenas um segundo antes que desviasse o olhar. A última mensagem começou e eu esperei, tentando entender o que estava exatamente ouvindo. Alguém respirando... o zumbido de um ar-condicionado... o leve som do trânsito? O farfalhar de tecido – como se uma peça de roupa estivesse sendo esfregada sobre o telefone. Olhei para o celular, checando a conexão para ter certeza que eu não tinha feito nada de errado.

Mas então ouvi um “ahhh”... e *isso*... bom, definitivamente eu não estava esperando.

“Você é tão linda.”

Eu conhecia essa voz. Passei os últimos seis meses treinando meus ouvidos para reconhecê-lo saindo do elevador para entrar no meu andar e durante as reuniões. E ouvindo-o falando *comigo*. Era a voz do *Niall*, e ele estava... eu acho...

“Vá mais devagar. Quero sua língua brincando comigo antes de você mostrar como fica quando me implora.” *Oh, meu Deus*.

Fiquei branca de medo. Será que eu tinha topado com algo que não deveria ouvir? Era mesmo o Niall? Parecia impossível ele gravar algo assim, muito menos deixar que eu ouvisse.

A não ser que ele não soubesse que estava gravando. Será que ele estava... *com outra pessoa*? Será que eu deveria contar que tinha ouvido essa gravação?

“Você ficou pensando nisso?”, ele disse na gravação. “Quando lambeu a sobremesa da colher ou quando chupou a cobertura no seu dedo, você ficou imaginando meu pau entre seus lábios?”

Sobremesa? Ela estava falando sobre o...?

Eu me ajeitei e olhei para a sala de conferência, sem saber se deveria estar surpresa por encontrá-lo olhando para mim. Não sei quanto tempo ficou me olhando, mas, quando assenti lentamente, tive a certeza que ele sabia

exatamente o que eu estava ouvindo, e que havia tramado isso desde o começo.

“Você quer?”

“Assim..”

“Oh, minha garotinha doce... me chupa...”

Ele estava se masturbando, pensando em mim chupando...

Ele deve ter feito isso ontem depois do jantar. *Putá merda!*

O ar-condicionado estava no máximo no escritório, mas eu estava suando.

Niall não parou de me olhar nem por um instante, e juro que a situação só poderia ficar mais indecente se ele me jogasse numa mesa e abrisse minhas pernas. E mesmo assim, seria só um pouco mais erótico. Como ele conseguiu isso? Nós mal nos tocamos, mas parecia que ele já havia me tocado de maneiras que ninguém nunca fez.

“Nunca vou tirar essa imagem da cabeça.”

Cruzei e pressionei as pernas juntas e me ajeitei no sofá. Eu podia sentir o quanto estava molhada, o quanto meu corpo estava pronto para fazer exatamente as coisas que ele estava descrevendo.

“Estou gozando. *Ruby. Ruby.* Por favor... por favor, deixe eu gozar dentro.”



Quando a reunião parou para o almoço, notei a maneira como o Niall hesitou para sair. Ele teria que me encarar agora – agora que tinha ouvido sua gravação pervertida – sem a segurança da parede de vidro e quinze engenheiros da autoridade de trânsito entre nós. Ele estava nervoso, e isso foi a coisa mais fofa que já vi.

Sem conseguir enrolar mais, ele juntou suas coisas e saiu da sala.

– Está com fome? – ele perguntou.

– Faminta – eu disse, imaginado se ele entendeu minha indireta. Na verdade, *querendo* que ele tivesse entendido.

Julgando pela maneira como ajeitou o nó da gravata, eu diria que ele entendeu.

Inclinei a cabeça na direção do corredor.

– Me acompanha?

Andamos para fora do escritório e por um longo corredor vazio. Um homem da reunião nos parou no caminho.

– Estão oferecendo almoço no andar de cima. Hoje é dia nacional do taco, ou algo assim. Se estiverem com fome, esse almoço deve ser... Interessante.

Bom, a coisa mais interessante no dia *desse cara*.

– Precisamos entrar em contato com o escritório de Londres – Niall disse suavemente. – Mas vamos subir assim que possível.

Eu tive que admitir, fiquei impressionada.

Assentindo, o intrometido foi embora e nós continuamos, dobrando o corredor e passando por outro, até que o som das vozes se transformou num mero zumbido na direção oposta.

– Então nós vamos ligar para Londres? – perguntei.

– Não exatamente. – Niall olhou para mim, sorrindo. –

Imagino que você está me levando para algum lugar tranquilo para conversar?

– *Conversar?* – sorri.

Ele apertou seus lábios incríveis.

– Talvez.

– Falando nisso, aqui estão as suas anotações – eu disse, entregando o caderno.

– Ah. Obrigado.

Havia uma sala escura no fim do corredor, e eu o levei para dentro, fechando a porta atrás de nós. Então, encostando na madeira fria da porta, eu disse:

– Suas mensagens foram muito... contagiantes.

– Contagiantes? – Ele deu um passo em minha direção.

– Elas me afetaram – eu disse, rindo um pouco. – Muito.

Inclinando sua cabeça e exibindo um sorriso delicioso, ele murmurou:

– De que maneira?

Eu também me aproximei, querendo dizer algo engraçado e provocante, mas quando nossos olhos se encontraram, todos os pensamentos racionais sumiram da minha mente. Meu coração começou a bater forte quando eu subitamente entendi que isso não era uma fantasia, que não era apenas um simples flerte. Eu não estava no meio de uma reunião imaginando isso.

Passamos por tantos itens da lista Momentos Com o Niall Stella que parei de contar.

O Número de Vezes Em Que o Niall Stella... Tocou Minha Perna; Arrumou Meu Cabelo Atrás da Orelha; Olhou em Meus Olhos; e Perguntou Se Eu Tinha Gozado.

Disse que Queria que Eu Engolisse Quando Gozasse.

Gravou a Si Mesmo Se Masturbando Para Me Mostrar Depois.

Estava Prestes a Me Beijar.

Isto era algo. *Nós* éramos algo.

– Responda.

Por um momento, perdi a capacidade de entrar no jogo e baixei a cabeça.

– Não aguento *mais*.

– Então me diga – sua voz pareceu ao mesmo tempo gentil e dominadora quando ele se abaixou e beijou meu pescoço. – Quando você não aguenta mais, o que isso quer dizer?

Ele sabia muito bem. Tinha que saber. Ele queria que eu colocasse em palavras.

– Significa que estou molhada.

Ele respirou fundo enquanto raspava o nariz subindo por meu pescoço e queixo.

– Maldição, Ruby, olhe para mim e me *beije*.

Inclinei a cabeça, completamente sem fôlego e sentindo o coração esmurrando meu peito. O cheiro de sua colônia permeava a escuridão, e eu me senti quase bêbada por sua causa, sua proximidade e a percepção de que eu iria realmente tocá-lo. *Beijá-lo*. E ele iria me beijar de volta.

Ele se abaixou para me encontrar, com lábios abertos e a respiração entrecortada. Niall esperava um beijo pequeno, um leve raspar dos lábios. Eu sabia disso porque o conhecia melhor do que deveria a essa altura, mas também por causa da maneira cuidadosa com que se abaixou para mim, e o toque gentil de suas mãos em minha cintura.

Mas eu não conseguiria beijar de leve e discretamente. Eu queria isso há tempo demais. O alívio – sua presença, seu aroma e o calor da pele – subiram por minhas costas, atravessaram meus braços e eu o puxei para mim. Meu beijo foi tudo, menos pequeno e discreto. Meus lábios deslizaram sobre os dele, puxando seu lábio inferior, e ele soltou a respiração contra mim num gemido.

Eu queria engolir tudo, queria consumir seus sons e mantê-los dentro de mim para ouvi-los mais tarde infinitamente.

Sua boca era irreal: lábios firmes e aquela perfeita combinação de macio e duro, entregando e comandando. Meu mundo girava. Mergulhei as mãos em seus cabelos, pressionei os seios naquela parede sólida que era seu peito e deixei escapar o som de alívio e desejo mais ridículo do mundo.

Ele gemeu mais alto, com a surpresa e excitação fazendo suas mãos me agarrarem, como num reflexo, antes de deslizarem por minhas costas e me apertarem, puxando para mais perto.

Perto o bastante para que eu dobrasse para trás enquanto ele se curvava sobre mim, abrindo os lábios apenas para deixar escapar outro gemido quando sua língua deslizou em minha boca, degustando meu sabor.

Perto o bastante para ele sentir meu coração martelando no peito.

Perto o bastante para eu sentir seu volume aumentando, endurecendo, pressionando minha barriga.

Eu estava tão faminta e delirante por ele, por isto, que soltei pequenos gemidos ao sentir sua língua deslizando sobre a minha. Mal consegui processar o que estava dizendo antes de deixar escapar um “Niall, por favor...”.

– Por favor o quê? – Ele deslizou a língua em minha orelha, beijando e soltando lufadas de ar. – Qualquer coisa.

– Apenas... me beije.

Senti uma pequena risada.

– Achei que *estava* fazendo isso.

– Então me toque. Em *qualquer lugar*. Eu sinto...

– Mostre pra mim – ele sussurrou contra minha boca.– Mostre onde você mais quer.

Não consegui impedir o pequeno gemido que escapou da minha garganta, então afastei o rosto apenas o bastante para olhar em seus olhos.

Virando minha mão para que nossas palmas se tocassem, entrelacei os dedos com ele, trazendo sua mão para cima para beijá-la. Seus olhos rapidamente olharam para minha boca antes de voltarem para meu rosto, e ele assentiu lentamente. Com as mãos ainda entrelaçadas, levei as duas para baixo até chegarem juntas à barra da minha saia.

– Sim – ele gemeu, sentindo a pele nua enquanto subíamos juntos, finalmente raspando o tecido molhado da minha calcinha. Dei um passo atrás, depois outro, trazendo-o junto comigo até minhas costas tocarem a porta.

Ele me seguiu, passando a ponta dos dedos por baixo da renda e alisando a pele macia e molhada por sua causa.

– Mas já? – ele sussurrou, indo e vindo com muita facilidade.

Confirmei, mas não consegui formar nem mesmo uma única palavra para responder. Eu o queria tanto que até doía, e agora ele estava me tocando, *finalmente*, com seu longo dedo indicador alisando minha pele sensível, rodeando e depois voltando pelo meio, finalmente caindo onde eu mais queria.

Ali mesmo.

Oh, Deus, ali.

Oh, é tão bom.

Entreguei-me ao desejo antes mesmo de estar consciente disso.

Ele traçou o mesmo caminho novamente, ao redor da minha entrada e subindo de novo até o clitóris com um toque muito competente para alguém que nem sabia se a mulher com quem passou uma década gostava ou não das noites que passavam juntos. Seus lábios se moveram do canto da minha boca

para o queixo e depois subiram, finalmente percorrendo a curva da orelha.

– Isso é o que eu quero – ele sussurrou. – É o que eu sempre pensei. O que pensei ontem. Pensei em sua língua macia, como seria tocar aqui. Como seria deslizar para dentro de você, para dentro de sua boca. Penso nisso quase obsessivamente.

Eu me pressionei contra a porta, querendo escapar da urgência de seu toque, ou precisando do suporte que me oferecia, eu não tinha certeza. Apenas sabia que estava perdida, apenas a um instante de me desfazer tão completamente que ele poderia nunca mais conseguir me juntar de novo.

– Dentro – sussurrei, quase sem voz. – Quero gozar com você dentro de mim.

– Quando você fala assim... – ele disse, e então me obedeceu. Enfiou um dedo em mim, depois outro, bombeando profundamente. – Maldição...

A sensação aumentava, deixando minhas pernas fracas e meus beijos distraídos e molhados sobre seus lábios, seu queixo. Meus sons desesperados não passavam de sua boca antes que ele os consumisse. Seu polegar circulou, firme e seguro de si, enquanto os dedos entravam e saíam. Eu podia jurar que chegava mais fundo a cada entrada, alcançando algo dentro de mim que era selvagem e intocado.

E então, a sensação cresceu até transbordar e gozei, meu corpo arqueando sobre sua mão. Sua boca encontrou a minha novamente, e ele sussurrou coisas que eu mal consegui entender.

– Quero ouvir seus gemidos – ele disse. – Quero poder lembrar deles hoje à noite.

Mas tínhamos a noite toda juntos, lembrei. Nenhuma reunião, nenhum jantar planejado com alguém da conferência. Ninguém para nos interromper. Será que ele sabia disso também? Talvez fosse mais fácil fazer isto aqui, com os sons distantes do escritório vindo até nós pelas salas ao redor, lembrando-nos que não poderíamos ir longe demais. Talvez...

– Não acredito que *eu* vou dizer isso a *você* – ele disse, passando a ponta do nariz sobre o meu –, mas pare de pensar.

– É só que... uau – eu disse, querendo me derramar como mel quente pelo chão. Infelizmente, ele tirou a mão da minha saia e envolveu meu corpo com

seus braços, impedindo que eu caísse.

– “Uau” é bom. Eu aceito um “uau”.

– Precisamos fazer isso de novo – eu disse, sentindo meu sorriso estúpido.

– Você se desfez tão rápido em meus braços...

– Nem me fale.

Niall olhou para a porta, sua expressão entristecendo levemente.

– Mas já desaparecemos por algum tempo; é melhor voltarmos.

– Você... – comecei a falar, baixando os olhos até seu pau.

Ele ainda estava duro – impressionantemente duro –, mas segurou minha mão quando tentei abrir seu cinto.

– Já estou acostumado a essa altura, posso lhe assegurar.

Franzi as sobrancelhas.

– Mas eu posso...

Como se fosse combinado, uma voz chamou do outro lado do corredor. Nosso tempo havia acabado.

Por enquanto, pensei. Tínhamos uma noite inteira, e eu planejava aproveitar cada segundo.

Dez

Pelo jeito que a Ruby me olhava, eu sabia que ela estava tramando algo.

— O que foi? — eu disse, apenas fazendo o gesto com a boca, quando ela mordeu aquele seu lábio rosado e finalmente olhou para meu rosto depois de ficar vidrada em meu pescoço, braços e mãos.

Ela encolheu os ombros.

— Nada — ela respondeu, também sem usar a voz, e sua língua apareceu entre dentes por uma fração de segundo.

Ela *sabia*. Tinha que saber o que aquela língua fazia comigo.

Forcei meus olhos a voltarem para a mulher que liderava a reunião sobre verbas de socorro a desastres com furacões. Ao redor de toda a sala, olhos piscavam sonolentos e mãos rabiscavam em cadernos. Da minha parte, eu achava as reuniões da semana previsivelmente intensas, mas fascinantes. Eu adorava meu trabalho, adorava o assunto sobre prevenção de desastres e os detalhes que precisávamos escrutinar. Eu gostava de trabalhar, e suspeitava que meus colegas sentissem o contrário: mas este emprego era o meu escape, a minha paixão. Então fiquei um pouco consternado quando percebi que eu mesmo estava olhando para o relógio, minha mente voltando para a Ruby e o que aconteceria à noite.

Não tínhamos reuniões, nem compromissos sociais. Das cinco da tarde até a manhã seguinte, não tínhamos nada além de tempo... juntos.

Com a Portia, tínhamos todo o tempo do mundo; onze anos, precisamente. Porém, mesmo no começo, mais tempo na companhia um do outro nunca era algo que realmente desejávamos. Tudo parecia mais importante do que almoçarmos juntos; mesmo algo simples como algumas horas assistindo televisão juntos sempre perdia para o trabalho ou algum projeto pessoal. Mas a Ruby parecia praticamente vibrar com a possibilidade de algumas horas sozinha... *comigo*.

Claramente, aquilo que aconteceu no almoço era uma confissão de que precisávamos avançar, sair da zona do flerte que gostávamos de jogar

durante o dia e entrar em algo mais pessoal e íntimo à noite.

Eu simplesmente não sabia se conseguiria me sair bem fazendo isso. Eu não tinha muita experiência em falar francamente sobre minhas emoções, e ainda menos em me entregar sexualmente para outra pessoa. Eu sabia que a faria gozar. Sabia que poderia dar muito mais prazer a ela do que dei hoje. Não era isso o que me preocupava. O problema era saber que ela daria a mim exatamente aquilo que eu queria dela.

Se eu quisesse fazer amor com ela hoje à noite, eu poderia. Se quisesse saber como era a sensação de me enterrar em sua garganta, eu poderia. Se quisesse limites, precisaria ditá-los *eu mesmo*. Mas será que eu realmente queria limites, ou apenas *pensava* que devia querer limites?

Senti um nó no estômago e olhei de novo para a mulher na cabeceira da mesa. Com o canto do olho, percebi a Ruby inclinar a cabeça e olhar para mim, e suspeitei que ela enxergava todos os meus pensamentos como se estivessem escritos em meu rosto. Comecei a achar que ela possuía um decodificador escondido e era a única pessoa, com exceção do meu irmão e irmã mais nova, que podia olhar para mim e simplesmente saber o que eu estava escondendo.

Virei o rosto e olhei em seus olhos.

Ela me estudou brevemente, com a expressão suavizando enquanto sorria e mexia os lábios, dizendo “não se preocupe” antes de voltar a olhar para suas anotações e depois para a anfitriã.

Ao mesmo tempo, meus ombros e meu queixo relaxaram.

Deixe estar, sua voz sussurrava em meus pensamentos. *Nós vamos descobrir tudo juntos*.

—

Caminhamos de volta para o hotel, e a Ruby tagarelava docemente sobre a reunião, o estranho clima quente, a banda que estava morrendo de vontade de assistir ao vivo na cidade. Ela conversou comigo sobre todas as banalidades maravilhosas que eu queria ouvir, distraíndo minha mente de minha própria neurose sobre a noite iminente.

No Parker Meridien, Ruby nos conduziu para o elevador, depois pelo corredor, e parou na frente da porta do meu quarto. Virando seus olhos

verdes para mim, ela sussurrou:

— Então. É hora da decisão. Você quer passar um tempo comigo hoje à noite? — Ela pressionou as palmas em meu peito. — Sem pressão. Posso voltar para o meu quarto e me masturbar assistindo a algum filme do Ryan Gosling, e você pode voltar para o seu e bater uma pensando nos meus peitos, mas a escolha é inteiramente sua.

Engoli em seco, respirando fundo algumas vezes para me acalmar antes de dar um beijo que começou no canto de sua boca e deslizou sobre o rosto, terminando na orelha.

— Sim, por favor — murmurei.

— Então — ela disse, arrastando o som da palavra. — Jantar fora ou dentro?

Não demorei mais do que três segundos para responder “dentro”, e com um largo sorriso ela apanhou o cartão da minha mão e abriu a porta, cruzando toda a extensão do quarto. Ruby chutou os sapatos para longe, pulou na cama e rolou até seu rosto cair sobre meu travesseiro.

— Droga, eles trocaram os lençóis. Esse travesseiro não tem o seu cheiro. — Ela virou de costas e abraçou o travesseiro mesmo assim.

— Vou pedir para eles deixarem os lençóis amanhã.

E então, imitando minha voz, ela disse:

— Excelente ideia — e assentiu de um jeito exagerado, trazendo um sorriso para meus lábios. Sorrindo de volta para mim, ela apanhou o cardápio do serviço de quarto. — Você está com vontade de comer o quê?

Eu me encostei na mesa e fiquei olhando para ela. Estava adorando vê-la em meu quarto, na minha cama, tão leve e confortável no papel de... *minha namorada*.

Sentando para desamarrar meus sapatos, murmurei:

— Hum. Talvez um hambúrguer?

— Você está perguntando pra mim? — Ela voltou a olhar para o cardápio.
— Eles têm algumas opções.

Cheeseburger e fritas?

— Perfeito. E alguma cerveja escura.

Ela jogou o cardápio no chão e apanhou o telefone. Ouvi o eco da voz do outro lado da linha e Ruby riu, colocando a mão sobre o bocal. Com uma voz escandalizada e divertida, ela disse:

— Eles me chamaram de Sra. Stella.

Sorri e tirei meus sapatos. A Sra. Stella era minha mãe ou — num tempo longínquo — a Portia. “Sra. Stella” não poderia ser essa criatura vivaz esparramada na minha cama com a saia subindo pelas longas e sinuosas pernas.

Mas esse era o problema, não é? Eu estava preso pensando que a ela era um pouco divertida demais, bonita demais, aventureira demais para alguém como eu. Minha ideia sobre uma pessoa que eu merecia, que poderia gostar de mim, era muito diferente de Ruby.

Se ela pudesse ouvir esse pensamento, tenho certeza que arrancaria o telefone da parede e o jogaria em minha direção.

Fiquei ouvindo enquanto ela fazia o pedido. Tudo isso era tão comum, tão fácil, tão confortável; meus ombros relaxaram, meu estômago se acalmou.

Ela deu uns tapinhas na cama, erguendo as sobrancelhas num sorriso sedutor.

— Temos aproximadamente quarenta minutos para brincar.

— Ruby...

Seu sorriso fraquejou por um segundo antes de voltar ao normal.

— Por que você tem tanto medo de ficar numa cama comigo? — ela disse, e eu podia ouvir o constrangimento em sua risada. — Prometo que não vou roubar sua virtude.

— A questão não é o medo. Eu... — Parei de repente, tirando a gravata e a deixando sobre a cadeira. Sempre que eu queria me explicar, dizer algo importante — ... algo pessoal. — As palavras em minha mente viravam uma bagunça. É por isso que, com a Portia, eu desistira de falar por muito tempo.

Eu sabia que precisava parar de comparar tudo ao meu casamento. A Ruby estava tentando me ajudar a encontrar meu verdadeiro “eu” novamente, e era preciso deixar que ela ajudasse.

Uma nova relação. Um novo padrão.

— Conte pra mim.

Fechei meus olhos, formando a frase antes de continuar falando.

— Sinto que mal processei a ideia de ficar com você e o que isso significa, mas aqui estamos nós, num quarto com uma cama. Embora não exista um “normalmente” em minha experiência com mulheres, gosto de pensar que “normalmente” eu levaria você para jantar algumas vezes, beijaria na despedida, seria muito mais cuidadoso em minhas interações. Ao menos é isso que minha versão de dezoito anos faria naquela época — eu disse, junto com uma risada discreta e meio forçada. — Porém, aqui estamos, num quarto de hotel, eu enfiei meus dedos em você hoje, e tudo que quero agora é me juntar a você na cama e aliviar esse desejo que senti durante o dia. Eu também fico surpreso em perceber que meu corpo e meu coração estão mais avançados que meu cérebro.

Ruby ficou de joelhos para se arrastar até o pé da cama. Esticando o braço, ela deslizou o dedo para dentro da alça do meu cinto e me puxou para perto.

— Por que as pessoas agem como se o coração e o corpo não respondessem ao cérebro?

Ela desabotoou o primeiro botão da minha camisa e passou para o seguinte. E depois o próximo. Os dedos faziam cócegas quando raspavam meu peito.

— Quando você me quer? — ela perguntou. — Isso é o cérebro que decide. Quando você gosta de ficar perto de mim, adivinha? — Ela me olhou, com aquele sorriso em que a língua ficava presa entre os dentes. — Também é por causa do cérebro.

— Mas você entende o que quero dizer? — perguntei num sussurro. Nossos rostos estavam muito próximos; eu precisava apenas me abaixar para beijá-la. — Tenho medo de você ser jovem demais. Tenho medo por eu ser neurótico demais. Como podemos fazer funcionar e ficar longe disso tudo?

— Na verdade — ela disse, juntando as sobrancelhas numa seriedade fingida —, acho que seria mais fácil pra você se estivéssemos na Inglaterra. Em seu espaço, com as suas rotinas. Eu diria que o mais difícil pra você é estar longe de casa, e sou apenas mais uma peça jogada no meio desse caos.

Suas palavras acalmaram minha mente e diminuíram minha onda de ansiedade.

— Você tem certeza que não é uma mulher experiente de sessenta anos com um belo cirurgião plástico? Você parece incrivelmente sábia.

— Tenho muita certeza — ela disse, sorrindo para mim. — Mas também tenho certeza que você não precisa fazer nada que não queira, Niall. Você tem o direito de não querer isso.

Olhei para seu pulso, imaginando como seria sentir sua pulsação em meus lábios.

— Tenho certeza que... O que quero dizer é... — suspirei, frustrado por meus próprios pensamentos. — Eu quero, sim, fazer isso — disse, finalmente.

Ruby riu um pouco, caindo de costas na cama e me puxando para cima dela. Caímos suavemente no colchão e eu facilmente rolei para o seu lado, tirando minha camisa. Quase como se fosse planejado — como um antigo hábito nosso —, ela dobrou os joelhos, levando as pernas para cima das minhas e deixando os pés debaixo das minhas coxas quando eu me virei de lado sobre ela.

Olhei para nossa posição e fiquei sem palavras.

— Nós encaixamos — Ruby observou num sussurro. — E olha só. Desta vez eu consegui trazer você pra cama. — Ela usou a mão para alisar as linhas que se formaram em minha testa. — Para deixar claro, eu quero só passar um tempo com você e ficar abraçadinha enquanto conversamos — ela me assegurou. — Não precisamos tirar a roupa antes do jantar. Nem depois.

Eu sorri e acariciei sua barriga perto da cintura.

— Conte-me sobre sua família.

— Vejamos... — Ela passou a mão por meu pescoço até meus cabelos. — Tenho um irmão, que é meu gêmeo...

— Você tem um irmão gêmeo? — perguntei. Como pude beijá-la, observá-la gozando na cama, fazer ela gozar com minha mão e passar os últimos cinco dias com ela sem saber uma informação tão básica?

— Pois é, ele estuda medicina na UCLA. Seu nome é Crain.

— Crain? Não é um nome que se ouve todo o dia.

— Bom, todo mundo chama ele pelo sobrenome, Miller, sabe como é. — Ela passou os dedos sobre minha cabeça, perdida em pensamentos. — Ele é um cara legal.

— E seus pais?

— São casados — ela disse, olhando em meus olhos.

— Eles moram em Carlsbad, que fica ao norte de San Diego. Acho que já mencionei que os dois são psicólogos, não é?

Afastei um pouco meu rosto para estudá-la.

— Como é possível que seus *dois* pais sejam psicólogos e você pareça ser tão... normal?

Rindo, ela fingiu empurrar meu peito.

— Esse é um estereótipo tão estúpido. Faz mais sentido pensar que se os dois pais são bons psicólogos, então seus filhos seriam mais bem ajustados, e não menos.

— Talvez... — Senti meus lábios se apertarem num sorriso contido. Ela... ela era *inacreditável*. — Então você cresceu em Carlsbad antes de fazer faculdade em San Diego?

— Isso — ela disse, focando onde seu dedo subia e descia sobre meu peito. — Foi uma infância feliz. Pais legais. Irmão gêmeo que apenas de vez em quando saía com as minhas amigas... — Ela parecia distraída, e confirmou isso quando se esticou e beijou minha garganta. — Sou uma garota de sorte.

— Nenhum demônio interior, então? — murmurei.

Ruby se afastou lentamente, seus olhos sombrios por uma fração de segundo.

— Sem demônios.

Estudei seu rosto, deslizando minha mão sobre suas costelas antes de dizer com a voz baixa:

— Isso não foi muito convincente. — Não sei por que tinha perguntado, mas agora eu precisava saber. Meu peito se apertou com um desejo de mergulhar fundo, de transformar isso em mais do que um simples flerte e uns

amassos. Era isso, bem aqui, que eu precisava, mas também morria de medo de buscar: intimidade com palavras antes da ação.

— Certo — ela disse, sorrindo um pouco. — Mas você primeiro.

Pisquei, surpreso. Apesar de ter pedido por isso, não esperei que a pergunta se virasse contra mim.

— Bom, acho que minha infância foi feliz também. Olhando hoje, entendo que nós éramos bem pobres, mas as crianças não notam esse tipo de coisa quando estão felizes com o que têm. Meu casamento, como já mencionei, foi bem... *quieto*. Principalmente comparado com uma infância cheia de irmãos e irmãs barulhentos. Nós não discutíamos muito, não ríamos muito. No final, não havia quase nada nos mantendo juntos.

Ruby levou a mão até meu queixo, seguindo o formato com a ponta dos dedos enquanto me ouvia.

— Acho que meus demônios pessoais são o fato de eu ser reservado demais, e meu medo de ter passado a melhor parte da adolescência e dos meus vinte anos com uma mulher que provavelmente não vou mais ver até o fim da vida. Acho que foi um desperdício.

— Você se acha reservado? — ela perguntou com a voz baixa.

Confirmando, murmurei:

— Sempre me pergunto se as pessoas me veem do jeito que quero ser visto.

— E como você quer ser visto?

— De um jeito amistoso. Interessado — eu disse. — Responsável.

— Você parece responsável. — Os lábios dela se torceram num sorrisinho. — Talvez um *pouco* distante.

Rindo, admiti:

— É justo. Sempre fui o cara quieto, um pouco embaraçado. O Max e a Rebecca, que são mais próximos da minha idade, eram os palhaços da turma. Eu era o contido, mas isso também significava que eu podia me safar de coisas que eles não podiam.

— Isso parece uma história que eu preciso ouvir...

Sacudindo a cabeça, abaixei para beijar seu queixo, falando sobre sua

pele.

— Agora é sua vez.

Quando afastei o rosto, ela olhou para o meu queixo, fazendo círculos com o dedo sobre minha garganta.

— Ruby?

Subindo os olhos para me encarar, continuei olhando enquanto ela respirava fundo.

— Tive um namoro ruim no meu primeiro ano de faculdade — ela disse, simplesmente. As palavras foram vagas o bastante para não me deixarem entender o que ela queria dizer. Será que era um namorado violento?

Instável?

— Como assim...?

— Acho que chamá-lo de namorado não seria exatamente correto — ela disse, inclinando a cabeça no travesseiro enquanto considerava as palavras. — Nós saímos algumas vezes e ele quis sexo antes de mim. Conseguiu o que queria.

Quando entendi o que ela estava me dizendo, meu coração quis subir pela garganta, então minhas palavras saíram bagunçadas:

— Ele machucou você? — Quando olhei para seu corpo magro, o queixo delicado, os lábios cheios e os grandes olhos honestos, um fogo tomou conta do meu peito; fui consumido por uma onda de raiva e vingança que nunca senti antes.

Ela encolheu os ombros.

— Um pouco. Não foi uma violência dramática, foi apenas desagradável. Não foi minha primeira vez, mas... Minha sobrelha se ergueu.

— Mas doeu mesmo assim.

Ela confirmou, focando a atenção em meu queixo novamente.

— Pois é. Então, você perguntou sobre demônios pessoais. Acho que esse é o meu.

Eu não sabia o que dizer. Senti minha boca se abrir e fechar novamente. Queria socar uma parede, tomá-la em meus braços e cobrir seu corpo com o

meu. Mas então tirei a mão de suas costelas, repentinamente preocupado.

— Pare — ela disse, junto com uma risada desconfortável. — É por isso que eu não gosto de falar sobre isso. Foi uma noite ruim, mas um dos muitos benefícios de ter dois ótimos *pais psicólogos* é que você aprende a conversar sobre essas coisas, o que me ajudou muito.

Ruby parecia tão saudável, tão segura de si, me ajudando com minhas neuroses. Dito isso, a ideia de se aventurar sexualmente com alguém parecia ótima, mas isso me fez considerá-la com mais seriedade como uma pessoa com boas e más experiências, que não apenas queria lidar comigo cuidadosamente, mas que também precisava de cuidado.

— Apenas pergunte — ela disse, lendo corretamente minha expressão. — Se vamos fazer isso — ela fez um gesto entre nós —, então você precisa saber essas coisas sobre mim.

— Você não é... — Comecei a falar com um tom constrangido. Engoli em seco, depois engoli de novo, tossindo um pouco.

— Niall — ela disse, se esticando para me beijar, deixando os lábios demoradamente sobre o canto da minha boca. — *Pergunte*.

— Sexo... não é um problema para você. — Não foi uma pergunta, e eu quis fechar meus olhos e desaparecer quando senti a onda de constrangimento que se arrastou por minha pele. Ela era tão aberta, tão confortável sendo sexual.

Ruby não pareceu se importar com minhas palavras fortes.

— No começo era — ela disse. — Quer dizer, talvez ainda seja, às vezes. No primeiro ano depois de acontecer eu fiquei um pouco... maluca. Saí com um monte de caras, quase como se dissesse “ei, universo, eu escolhi fazer isso. E *isso*, e *isso*”. Mas meu terapeuta me ajudou bastante. O que o Paul fez não era nada sobre sexo. Ele estava perdido. Quando fiquei com outros caras depois dele foi muito diferente. Não sinto como se ele tivesse acabado comigo, mas mostrou que algumas pessoas são simplesmente... ruins.

— Você pensa muito sobre isso?

Ela sorriu para mim e tocou meus lábios com o dedo indicador num gesto que foi ao mesmo tempo doce e extremamente sedutor.

— Acho que sim. Depende de que momento estou passando na vida.

Eu me afastei um pouco, instintivamente.

— Mas, principalmente em momentos como este, onde fico preocupada que você fique cuidadoso demais comigo, ou hesitante... — Seus olhos buscaram os meus, como se implorasse. — Prometa que nada vai mudar.

Eu queria prometer, mas essa história simplesmente reforçou meu desejo de ir mais devagar.

— Eu...

Fomos interrompidos por uma batida na porta: nossa comida tinha chegado. Levantei-me e vesti a camisa para deixar o funcionário entrar no quarto. Assinei a conta e ele deixou o carrinho ao lado da cama. O quarto foi preenchido pelo silêncio; o eco de nossa conversa ainda pairava no ar.

Ruby sentou-se na cama, dobrando as pernas sobre o corpo quando tirou a tampa das bandejas de prata. A porta se fechou atrás do funcionário e eu me sentei ao seu lado na mesa.

— Com fome?

— Faminta — ela murmurou, despejando ketchup em seu prato. Ruby chegou mais perto e beijou meu rosto. Nada parecia abalar seu humor. — Obrigada pelo jantar, bonitão.

E, quando ela atacou a comida, ficou claro que, por enquanto, o assunto havia terminado.

—

Ruby desabou na cama com um gemido de satisfação.

— Seja lá o que acontecer hoje, saiba que você estará competindo com aquele cheeseburger.

— Acho que a cozinha do hotel ganha de mim em experiência.

— Então aposte em suas habilidades de sedução, Sr. Stella — ela provocou.

O jantar foi bom, mas não prestei muita atenção e fiz tudo no piloto automático. Eu sabia, sem dúvida nenhuma, que eu não queria ir rápido demais, e por causa de sua honestidade comigo, também queria ser muito cuidadoso com suas emoções.

Tirei a mesa do lado da cama e voltei para ela, subindo e pairando sobre

seu corpo.

— Bom começo — ela sussurrou, movendo as mãos para desabotoar minha camisa. De novo.

Meus dedos brincaram com o botão no topo de sua camisa de seda.

— Você está se arrependendo? — ela perguntou, provavelmente porque demorei demais para abrir o botão.

Eu neguei com a cabeça e pensei um pouco. Seus olhos verdes estudaram meu rosto, com paciência, mas intensidade.

— Acho que apenas gostaria de esclarecer ao máximo o que estamos fazendo — admiti. — Fiquei um pouco abalado com a história que me contou.

Sua testa relaxou ao entender meu receio, e ela virou a cabeça para me olhar melhor.

— Sobre o Paul.

— E sua resposta ao acontecido, correndo atrás de vários parceiros sexuais.

Um lampejo de mágoa cruzou seu rosto, mas ela escondeu a expressão rapidamente.

— Faz muito tempo que não faço algo desse tipo.

Eu sorri diante dessa afirmação. Ela tinha 23 anos. *Muito tempo* era uma coisa tão relativa.

— Não estou tentando julgar você, Ruby. Ir mais devagar pode ser uma boa ideia, inclusive para mim.

— Você quer dizer, nada de sexo.

Olhando em seus olhos, assenti.

— Sou um cara antiquado, eu sei, mas isso é algo que quero fazer apenas quando estiver apaixonado.

Seu rosto refletiu uma emoção confusa e ela se preparou para dizer alguma coisa, mas preferiu simplesmente assentir.

Eu queria esclarecer minhas palavras, sabendo como ela deve ter interpretado: que a nossa relação não era desse tipo, que não estávamos

seguindo nessa direção. Mas como eu poderia saber se estávamos na direção certa? Em meus momentos de lucidez ao seu lado, me ocorreu que tudo isso parecia impossivelmente fácil. Eu queria aproveitar nosso tempo e não esperar demais. Meu cérebro sempre parecia ser tão *sincero* sobre tudo isso. Talvez nossa relação fosse apenas algo adorável e fácil, mas, no fundo, essencialmente sexual.

E temporário.

A maioria das pessoas passa por várias relações em suas vidas; eu gostava da ideia de ter algo mais permanente com a Ruby, mas eu a conhecia há apenas duas semanas.

— Posso praticamente ouvir você pensando — ela sussurrou, puxando minha cabeça para me beijar docemente. — Por que ficar sozinho comigo neste hotel dispara seu alarme de pânico? Ninguém está nos julgando. — Era como se ela pudesse ler meus pensamentos. — Eu gosto de você. Quero ficar perto de você, seja lá o que isso signifique no momento.

Seja lá o que isso signifique no momento.

Essas palavras me libertaram, e eu me inclinei sobre seu toque, adorando a sensação de suas mãos subindo por meu pescoço e chegando aos cabelos. Eu adorava quando ela puxava e arranhava. Adorava os sinais de paixão que sempre estiveram ausentes em minha vida romântica.

Os lábios da Ruby estavam cheios, quentes, e eu podia sentir o sabor de Sprite e do chocolate de menta que veio junto com o jantar. Sua boca se abriu, a língua deslizou sobre seus lábios até os meus, mergulhando em minha boca e deixando eu sentir as pequenas vibrações de seus gemidos.

Eu *estava* pensando demais; eu sempre pensava demais sobre tudo. Deslizei minha mão sobre suas costelas, sobre os seios, voltando para o botão que tinha causado aquela pausa em meu cérebro.

Abri o primeiro, depois o seguinte, e mais outro, até a Ruby tirar a camisa e deitar-se debaixo de mim com seu sutiã amarelo-claro.

Meu Deus, eu podia mergulhar meu rosto naquela pele e nunca mais precisar de qualquer outra coisa.

— Você tem os seios mais perfeitos que já vi.

Ela congelou e depois levou as mãos ao rosto, como se quisesse se

esconder.

Olhei para ela. O que eu tinha dito? Que tinha seios perfeitos? Será que eu não podia fazer nenhum comentário?

— Ruby?

— Estou passando por um momento, apenas me dê um segundo — ela disse, com a voz abafada pelas mãos.

— Fui direto demais?

— Não — ela disse, tirando as mãos e olhando para mim com aqueles olhos lindos. — Acabei de ter uma experiência extracorpórea. Niall Stella acabou de tirar minha camisa e admirou meus seios.

— Você precisa notificar alguém? — eu disse, forçando uma risada.

— Só preciso lembrar de acrescentar esse tópico para minha planilha de Momentos com Niall Stella — ela brincou, e puxou meu rosto novamente. Tracejei a linha de um ombro a outro.

Ela se arqueou debaixo de mim.

— *Niall*.

Eu sorri levemente e pedi paciência a ela.

A alça do sutiã era fina, apenas um fiapo de tecido sustentando seios tão perfeitos. Eu quase não queria revelá-los; a expectativa era sublime demais.

— Você já me viu completamente nua — ela me lembrou.

— Mas ainda não *toquei* em você completamente nua. — Olhando seu rosto, sorri. — E nunca fui diretamente responsável por *deixar* você completamente nua.

Ela fingiu um olhar exasperado e brincalhão, mas atrás dos olhos eu podia enxergar sua urgência, e isso despertou um fogo em mim.

— Você poderia me deixar completamente nua *agora*?

— Você é linda demais para eu me apressar. — Eu me abaixei, cheirando seu pescoço. — Sua pele precisa ser saboreada. Seu tesão precisa ser revelado com cuidado, precisa ser acumulado, crescer dentro de você. — Olhando para ela, eu disse: — Vou fazer amor com você hoje usando apenas minhas mãos, mas quero que você goze com tanta violência nos meus dedos

que vai acordar no meio da noite desesperada para recriar isso... — Beije seu ombro e murmurei: — Mas não vai conseguir.

Sua boca se abriu.

— Você não vai conseguir o ângulo certo, entende? — Passei um dedo sobre seu queixo. — Nem o tamanho certo do dedo, nem a profundidade. Mas principalmente não vai conseguir ter um prazer igual ao que vou dar porque não conseguirá ser *paciente*.

Ela gemeu, mergulhando as mãos em meu cabelo e me puxando.

Passei meu dedo de sua garganta até o peito.

— Você não vai querer perder tempo nos lugares perfeitos: a pele quente aqui, a única pinta no torso bem aqui. Você não conseguirá beijar a própria costela.

Eu desci e beijei logo abaixo do sutiã antes de deslizar minha mão debaixo dela, soltando o fecho e deixando o sutiã solto no lugar enquanto ela se contorcia e gemia na cama. A alça esquerda escorregou no ombro e eu beijei o pequeno novo ponto revelado.

— Você não vai tirar? — ela sussurrou, apoiando no colchão.

— Ainda não.

Ela parou, respirando pesadamente quando chupei a pele logo abaixo do seio, minha mão trabalhando para desabotoar a saia e deslizar por sua cintura.

— Niall?

— Sim?

— Não aguento *mais*.

Minha risada saiu como uma lufada de ar em sua pele.

— É mesmo?

— Você pode *provocar* o quanto quiser, mas *pegando* em mim.

— Vou usar a mão quando eu estiver pronto. Confie em mim. — Nunca pude ir devagar desse jeito e apenas aproveitar, saborear. Comparado com meu tempo com a Ruby, minha experiência sexual até hoje parecia como instruções de computador executando um programa.

Eu me abaixei, chupando a ponta inchada de um seio. Tão cheio e firme. Pressionei os dentes na pele, gemendo. Eu queria morder e chupar e consumir. Aqueles seios me faziam querer me transformar num animal, montando e mordendo e... nossa, *fodendo*. Imaginei-me subindo sobre seu corpo, apertando os seios ao redor do meu pau e impulsionando, buscando de um jeito egoísta o prazer que eu tanto desejei ao estar perto de sua pele, seu aroma, seus gemidos roucos e ofegantes.

Uma pequena parte de mim quis recuar instintivamente diante de um pensamento tão selvagem, mas a voz da Ruby em minha mente era mais alta: *Relaxe, ela dizia, mostre o que você quer. Pegue aquilo que precisa.*

Com um grunhido, subi sobre seu corpo, tomando os seios sobre o sutiã e apertando-os juntos, chupando a pele onde eles se tocavam, deslizando a língua para dentro e ao redor daquele decote delicioso.

Debaixo de mim ela ofegava e se arqueava, as mãos puxando meu cabelo, as pernas envolvendo meu corpo, arrastando meu quadril para que ela pudesse se esfregar em mim.

Puxei as alças do sutiã por seus braços, jogando a peça de roupa longe antes de voltar para ela. Os mamilos tinham a mesma cor rosada dos lábios, e sem pensar — sem nem mesmo hesitar — abaixei-me, puxando um para dentro da minha boca, chupando faminto enquanto minha palma apertava o outro seio.

Ruby arqueou o corpo no colchão, gritando e puxando meu cabelo tão forte que a sensação oscilou entre a dor e o prazer.

— Niall — ela ofegou. — Oh, Deus. Oh, *Deus*.

A intensidade de sua resposta me abalou; *eu* estava causando isso por simplesmente lambe o seio e cobrir seu corpo com o meu. Queria capturar essa reação dela, envolvê-la cuidadosamente e esconder só para mim. Meus pensamentos mudaram o foco, passando do meu próprio prazer para dar a ela mais desse prazer. Eu precisava me alimentar com suas reações até ela ficar suada e gritando debaixo de mim.

Sua pele parecia brilhar sob meu toque; meus lábios seguiram as linhas saradas de seu abdômen, o perfeito círculo do umbigo, a curva do quadril. Raspei os dentes sobre cada uma dessas descobertas, seguindo com a ponta

dos dedos, faminto para conhecer cada centímetro. Empurrando meu quadril sobre o colchão, eu me desesperei por alívio.

Ruby se pressionava contra minhas mãos, perdida e implorando; uma fina camada de suor surgiu em seu peito. Meu cabelo estava todo desarrumado por causa de suas mãos, que puxavam e arranhavam.

Oh, ela era uma maravilha.

— Quero sentir seu sabor — ela implorou. — Quero *tocar* você.

Suas palavras enviaram uma onda elétrica por minhas costas até meu pau.

— Espere, querida.

— Não *consigo*.

Puxei o elástico da calcinha para o lado, beijando a pele macia do umbigo.

Ela sussurrou um *sim* e ofegou quando deslizei a renda fina por debaixo do quadril e coxas, terminando de tirar toda sua roupa.

Ruby estava completamente nua, e ela era *perfeita*.

Senti seus olhos sobre mim enquanto eu subia a mão por sua perna, observando meus dedos se moverem sobre sua pele, a minha mais escura do que a dela, meu bronzeado contra sua palidez. A parte interna das coxas tinha a pele mais macia que já senti, e meus dedos tremeram quando os movi mais para cima. Dentro do peito, meu coração martelava. Eu já havia tocado o meio de suas pernas antes, é claro, mas no escritório foi diferente: apressado e intenso. Agora, eu tinha horas. Podia deixá-la acordada a noite toda com minhas mãos dando prazer e minha boca nos seios, costelas, barriga.

Meus dedos alcançaram a junção onde o quadril encontrava a coxa e parei ali, a meros centímetros de onde ela mais queria. Sob meu toque, ela tremia, empurrando o quadril para fora da cama.

— Você está me matando com essa provocação — ela sussurrou, segurando meu pulso. — Juro que vou gozar assim que você me tocar.

A maneira como ela disse “gozar” e a ideia de que estava excitada assim — que meu toque podia fazer isso tão facilmente —, tudo isso me enlouqueceu. Com um sorriso pressionado em seu quadril, deslizei meus dedos sobre ela, gemendo ao ouvir seu grito agudo. Ela estava *encharcada* e

lisa e quente, e tive que lutar para não cair de boca ali ou — ainda mais tentador — erguer meu corpo sobre ela e simplesmente enfiar tudo. Eu não conseguia nem imaginar como seria.

Dei graças a Deus pela barreira da minha calça e a hesitação que ainda existia em meus pensamentos, numa constante lembrança para *ir mais devagar*.

Era impossível não comparar aquela experiência com a única outra que eu realmente tive — com exceção de alguns amassos nos bares da vida —, embora o sentimento de culpa tentasse afastar esses pensamentos. Eu sabia que não deveria pensar na Portia agora, nem mesmo como um alívio para minha independência, mas com a Ruby nua em minha cama e meu cérebro obcecado pela ideia de dar prazer a essa criatura divina, eu não tinha a disciplina mental com a qual estava acostumado. A Ruby me libertava, abria algo dentro de mim e me fazia querer ser mais transparente comigo mesmo e com ela.

E enquanto eu a tocava e lhe dava prazer, primeiro com dois dedos, depois com três, deixei meus pensamentos correrem por minha mente. *É assim que deve ser na intimidade, dar prazer a alguém que deseja isso ardentemente, os dois parceiros se entregando*. Ela se abriu para mim hoje — era esse o propósito de sua confissão, entendo isso agora —, e em troca me deu a liberdade para relaxar com ela, com *isto*. A cada círculo da minha mão e cada gemido que escapava de seus lábios, minha confiança se multiplicava até eu me convencer que nenhum outro homem desejou uma mulher mais do que eu desejava a mulher em minha cama agora.

Eu queria beijar e lambe e foder, mas uma parte mais básica de mim — um pedaço sombrio que nunca reconheci — queria uma dominância maior sobre seus lábios, a pele brilhante, os gemidos, as coxas macias. Tive que admitir para mim mesmo que era a boceta mais linda e molhada que já tinha visto. Queria olhar para ela com uma sensação profunda de que ela era *minha*.

Ruby começou a ter espasmos sob meus movimentos, e minha excitação aumentou ainda mais. *Que estranho, pensei, que meu corpo inteiro sinta o desejo por seus ombros, a curva da barriga e a pulsação acelerada ao lado do pescoço*.

Assisti-la se derreter sob meu toque parecia literalmente fazer meu coração subir pela garganta. Tirei meus olhos de onde a tocava para subir e chupar enlouquecidamente os seios quando ela começou a relaxar — com a respiração profunda e lenta —, e então jogou a cabeça de volta para o travesseiro, quase gritando quando seu orgasmo explodiu e pressionou meus dedos em seu interior.

Ela parou por apenas um segundo antes de me puxar pelo cabelo para ficarmos cara a cara e eu poder passar a língua sobre a respiração rápida e aliviada que escapava de seus lábios.

— *Putá merda.* — Ela fechou os olhos, relaxando ao meu lado. — Eu só...

— Você fica linda quando goza — sussurrei, chupando seu queixo, pescoço e boca.

— Isso... — Ela começou a dizer, olhando para mim. — Nesse exato instante você parece algo saído da minha imaginação quando fico acordada à noite.

Passei meus dedos molhados sobre sua barriga até as costelas, discretamente dando voz ao pensamento carnal que invadiu minha mente, compartilhando meu lado mais íntimo:

— Adoro seu cheiro. Acho que vou perder minha cabeça quando finalmente saborear você com a língua.

Após as palavras saírem da minha boca, Ruby me puxou de volta com mãos ansiosas e um desejo renovado. Eu estava me sentindo selvagem, e ela estava quase maluca — suada, passando a boca molhada sobre a minha. Dentes raspam queixos, beijos tornaram-se desleixados, e ela arrancou meu cinto, raspando minha barriga em sua pressa para tirar minha calça.

Estranhamente, a dor apenas aumentou minha excitação.

Com minha calça abaixada até os joelhos, Ruby tocou em mim, com a mão forte e quente quando agarrou meu pau.

— Caramba — ela disse. — Você é...

Afastei meu rosto, olhando para ela com olhos selvagens. Ruby era apenas a terceira mulher em minha vida que havia tocado meu pau, e eu honestamente não me importava como ela terminaria aquela frase; eu pulsava

em sua mão, praticamente implorando para que me desse algum alívio.

— Grande — ela disse, olhando para mim. — *Nossa*. — E então ela deslizou a mão sobre a cabeça com uma pressão tão perfeita que eu quase não ouvi suas palavras entre meu gemido alto e aliviado. — Nunca fiquei com um cara que não fosse...

Minha mente embaçou com a sensação de seus lentos movimentos, subindo e descendo. Que não fosse o quê? Americano? Disposto a ir devagar? Experiente com várias mulheres?

E então entendi, quando ela parou com a mão na ponta, explorando.

— Que não fosse circuncidado?

Ela confirmou, baixando a cabeça para beijar meu pescoço.

— Imagino que seja a mesma coisa, talvez um pouco mais fácil, de certa maneira.

— Mais fácil? — Ela parecia tão extasiada quanto eu.

Se você mexer a mão um pouco mais rápido, vai entender o que eu quis dizer.

Segurei sua mão para guiar seus movimentos. Eu podia sentir a tensão quente em minhas costas, minha crescente necessidade de foder sua mão, foder *qualquer coisa*, e ela gemeu baixinho quando a ficha caiu: a pele do meu pau deslizava mais facilmente sobre a cabeça quando ela movimentava para cima.

— Que tesão — ela gemeu. — Oh, merda, não acredito que estou fazendo isso. Não acredito...

— *Shh* — sussurrei, querendo que ela se perdesse em mim. Não tinha ideia do que estávamos fazendo. Isto era a realidade: eu estava sobre ela, meu pau preso em sua mão, minha boca em seu pescoço e meu coração lentamente sangrando para dentro do coração dela. — Continue assim.

Minhas palavras se transformaram num mantra contínuo que apenas repetia

Assim

Assim

Oh, merda, Ruby, Ruby

Continua

Não para...

... eu nem sabia direito o que estava dizendo.

Continue me dando prazer e suas palavras honestas e a confirmação de que isto é real. Continue dando a liberdade para minhas palavras fluírem facilmente. Continue dando a permissão para relaxar e me abrir do jeito que há tanto tempo eu preciso. Continue dando um lugar onde eu sinta segurança e onde eu possa simplesmente ser eu mesmo.

Sua mão diminuiu a velocidade, deslizando o polegar sobre a cabeça lisa e molhada, arregalando os olhos enquanto me observava. E eu observava de volta. A visão de sua mão me envolvendo causava gemidos em minha garganta e me fazia impulsionar em sua palma.

— Adoro saber que eu deixei você duro assim — ela sussurrou.

— Você sempre deixa — admiti. — Duro o bastante para me deixar louco, o tempo todo.

Eu parecia desesperado. Inferno, eu me *sentia* desesperado.

Ela olhou para minha boca e eu baixei o rosto para beijá-la, chupando seu lábio molhado.

Seus mamilos enrijeceram, a pele se arrepiou, e então percebi que ela se comportava como se tudo isso fosse para ela, como se meu prazer fosse algum tipo de presente. Eu tinha que admitir que me senti quase bêbado por ser desejado desse jeito, com tanta devoção e abandono. Ao mesmo tempo, queria que ela sentisse a mesma calma comigo em nossa intimidade quanto sentia no trabalho ou simplesmente caminhando pela Quinta Avenida.

Passei um dedo sobre seu lábio, prendendo-o num beijo e adorando o sabor dela em minha pele.

Sua mão continuava subindo e descendo com perfeita habilidade.

— Posso sentir seu sabor no meu dedo — murmurei em sua boca enquanto me ajeitava, começando a mover meus quadris enquanto beijava seu peito.

Eu inchei em sua mão, sentindo a pressão subir por minhas pernas e descer sobre minhas costas até eu começar a foder sua mão com desespero, minha boca chupando ferozmente um seio até deixá-lo vermelho enquanto

ouvia seus gemidos implorando para *gozar, gozar, gozar...*

Com um profundo gemido, parei de lutar, gozando em sua mão, quadril, umbigo, e até sobre o seio que eu havia marcado com a boca. Mesmo depois de o meu orgasmo acabar e minha respiração pesada ser o único som no quarto, Ruby não me soltou. Ela subiu a outra mão e tocou sua pele onde eu havia gozado.

Apenas quando me acalmei sobre ela percebi o quanto fomos selvagens com nossos toques e beijos. Seu peito estava vermelho por causa do raspar da minha barba; seus lábios pareciam inchados e abusados. Suor cobria nossa pele. Sem beijá-la entre as pernas, sem ter feito amor com ela, eu havia acabado de ter a experiência sexual mais louca da minha vida.

Ela fechou os olhos antes de admitir:

— Estou morrendo de medo que meus sentimentos por você se tornem algo grande demais para...

Eu a silencieei com um beijo, chupando seu lábio e levando meus dedos para o meio de suas pernas novamente.

Eu mal havia escapado do caos em meus próprios pensamentos. Isso foi mais intenso do que qualquer coisa em meu casamento. Foi mais intenso do que qualquer coisa que já experimentei; *ponto final*.

Mas algo sobre isso parecia aterrorizante e errado.

Eu precisava mergulhar de volta na sensação antes que o pânico dessa emoção enorme inchasse e me deixasse mudo.

Onze

Eu achava que ele dormia do jeito que trabalhava – todo formal, levando a noção de ser *adulto* até as últimas consequências. Mas a realidade era outra. Ele dormia de bruços, com as mãos debaixo do travesseiro e o rosto sobre o braço. Como uma criança ou um universitário bêbado, completando com ocasionais palavras murmuradas e a respiração entrecortada.

O braço no qual eu estava apoiada começou a formigar, e com um gemido quieto rolei de costas, tomando cuidado para não acordá-lo. Eu queria continuar olhando para ele. Queria manter essa sensação viva – de total satisfação – apenas mais um pouquinho. Se eu achasse que um monte de remédios para dormir pudesse esticar o momento, eu até consideraria essa opção. Os lençóis tinham seu cheiro, minha pele ainda vibrava com a lembrança de seus dedos, lábios e – caramba – seu *sêmen* em todo lugar. Se fechasse os olhos, eu ainda podia sentir a pressão leve dos dedos se movendo entre minhas pernas.

Mas junto com os discretos sons do Niall dormindo veio aquela dúvida familiar. Ainda era leve o bastante para ignorar, como se fosse uma pessoa gritando do outro lado de uma parede, mas fiquei pensando por quanto tempo continuaria assim. Se havia uma coisa que meus pais encorajavam era ouvir seu instinto e prestar atenção quando algo parecia errado ou amedrontador. E isso definitivamente era amedrontador. Aterrorizante.

Niall lidava com nossa relação aos trancos e barrancos. Eu sabia que ele não se sentia confiante com sua capacidade de ser um bom parceiro, mas será que era só isso?

O quarto ainda estava escuro e eu rolei novamente até me acomodar no espaço quente ao seu lado. Sua pele tinha um leve aroma de sabonete e sua respiração era calma e suave. Fechei os olhos, pensando que era cedo demais para me preocupar com coisas que eu não podia controlar. Haveria muito tempo para isso depois.

Quando voltei a abrir os olhos, estava sozinha, olhando para o teto lá em cima.

As cortinas azuis brilhavam, iluminadas pelo sol matutino do outro lado, e a luz do banheiro invadia o carpete perto da porta do quarto.

Eu podia ouvir a água correndo e o som de algo batendo na pia.

– Niall? – eu disse, apoiando num cotovelo. A água parou e uma cabeça de cabelos escuros apareceu na porta.

– Bom dia – ele disse, com um lado do rosto ainda coberto por uma camada de creme de barbear. – Acordei você?

Fiz uma careta quando percebi que ele estava sem camisa – *sim!* –, mas de calça – *não!*

– Onde você está indo? – perguntei em meio a um bocejo.

Ele voltou para o banheiro e ouvi sua voz junto com a água.

– Acordei com uma mensagem do Tony – ele disse, e revirei os olhos como sempre fazia ao ouvir aquele nome. – Ele marcou uma reunião hoje cedo e eu preciso ir.

– Às... – olhei para o relógio – ... sete da manhã?

– Infelizmente, sim.

Achei que fôssemos tomar café da manhã juntos. Na verdade, pensei em pedir o serviço de quarto e depois participar de uma sessão de sexo vigoroso no chuveiro.

– Certo – eu disse, sem muito entusiasmo. A cama pareceu subitamente menos vazia quando minhas dúvidas sobre a noite passada voltaram e se acomodaram entre os lençóis.

Niall saiu do banheiro e enfiou os braços nas mangas da camisa. Fiquei olhando para seu torso desaparecer a cada botão fechado.

– Você me encontra depois no escritório? – ele perguntou.

– É claro. – Apoiei-me em dois travesseiros e um pensamento me ocorreu. – A noite passada foi...?

Mas o que eu queria dizer? *A noite passada foi incrível? Confusa? Aterrorizante?*

Todas as alternativas anteriores?

– Foi o bastante pra você? – ele perguntou, e eu sabia que ele não estava

querendo elogios baratos nem um afago no ego; honestamente queria saber.

– Mais do que suficiente. Acho que as pessoas não dão o devido valor a uma boa dedada.

Ele riu, sacudindo a cabeça enquanto dava o nó na gravata.

– Você diz cada coisa...

– É sério. Quando você é jovem, cada passo é um marco na vida. Primeiro, você beija, depois pega no peito, e *depois* – eu disse, ignorando o modo como ele me olhava. Dobrei meus joelhos até o peito e envolvi meus braços ao redor. – Se eu pudesse voltar no tempo e dar uns conselhos para a Ruby Adolescente... bom, primeiro eu diria para usar mais protetor solar, mas a segunda coisa mais importante seria ir mais devagar e aproveitar todas essas primeiras vezes. *Aproveitar* a expectativa. Depois que você transa, todas as boas coisas se tornam um meio para um fim. Ninguém mais quer *apenas* dar uns amassos.

Niall levantou os olhos e sorriu do outro lado do quarto.

– Obrigado.

– Por quê?

– Por ser paciente comigo, com tudo isso. Eu sei que, às vezes, posso parecer um pouco... reprimido. Mas eu lhe asseguro que... estou começando a gostar muito de você, Ruby.

Mordi os lábios para segurar um sorriso.

– Eu também *gosto muito* de você, Niall Stella.

Ele se aproximou da cama e se abaixou, beijando minha testa.

– Vejo você daqui a pouco, querida.



Não me apressei ao me arrumar no quarto – escolhendo um vestidinho preto, alisando o cabelo e passando meu batom favorito para ocasiões especiais – e tomei um rápido café da manhã antes de me dirigir para o escritório. Precisava de uma camada extra de confiança hoje, e essa combinação sempre funcionava. Estava frio em Manhattan, então apertei meu casaco – vermelho, para combinar com o batom – fechando um pouco mais

na garganta.

Decidi caminhar hoje, escolhendo um caminho diferente depois de encontrar no Google um lugar que minha mãe adoraria ver numa foto. Lembrei de uma velha cópia de *Love Story* que ficava em seu criado mudo quando eu era pequena, e a capa era inspirada em uma versão da escultura que fica na Sexta Avenida.

Foi fácil de achar. Grupos de turistas se acotovelavam ao redor, recriando poses icônicas enquanto tiravam fotos. Era simples: caracteres maiúsculos vermelhos com toques azuis, as letras L e o em cima de v e E. Puxei meu celular, querendo tirar uma foto rápida para ela.

– Olá, Miss Miller. – Ouvi o sotaque tão familiar que enviou calafrios por meus braços.

– Max! – eu disse, e *meu Deus*, os homens dessa família eram lindos. Era óbvio que o Max e o Niall eram irmãos, mesmo o cabelo do Max sendo um pouco mais claro e os olhos algo mais verdes. Eles tinham o mesmo nariz estreito, o mesmo queixo esculpido e o mesmo sorriso com covinhas, embora o sorriso do Max aparecesse mais vezes. E, nossa, os dois eram muito altos.

Espero que ele tenha achado que o rubor em meu rosto era porque ele tinha me flagrado tirando uma *selfie* em Nova York, e não porque tinha acabado de perceber o quanto sua família era feliz no quesito genética. Mas então eu notei o Will – *Jesus amado, Will parecia o pecado vestido de terno* – de pé, atrás dele, falando no celular e acenando para mim.

– Onde está meu irmãozinho querido hoje? – Max perguntou.

– Uma reunião de última hora. Vou encontrar com Eleno escritório mais tarde.

Max deu uma piscadela e tirou a luva de couro da mão. Uma grande aliança brilhou sob a luz da manhã.

– Bom, então posso convidar você para um café? – ele perguntou.

Will terminou sua ligação e ficou ao seu lado, sorrindo e concordando com o convite. Como suas mulheres conseguiam fazer qualquer coisa era algo que eu nunca saberia.

Eu já tinha tomado café, mas como poderia recusar?

– Claro. Vamos lá.

– Ótimo. William?

– Hum?

– Está pronto?

– Estou sempre pronto – ele disse, oferecendo o braço para mim.

Aceitei quase sem acreditar, e a coisa só piorou quando o Max enlaçou meu outro braço. No que eu estava me metendo?



No pequeno café dobrando o quarteirão, segui os dois até uma mesa perto dos fundos do lugar, que estava cheio de turistas e homens de negócios tomando café antes do trabalho. Nossas bebidas chegaram quase imediatamente, e eu não conseguia parar de pensar sobre o que o Niall acharia se soubesse que eu estava tomando café com seu irmão.

– Vi uma foto da Annabel – eu disse. – Ela é maravilhosa. Parabéns.

Max, que estava tirando um cachecol do pescoço, ficou radiante.

– O Niall te mostrou minha princesinha?

Eu confirmei:

– Ela se parece muito com você.

Will franziu as sobrancelhas enquanto abria o saquinho de açúcar.

– De jeito nenhum, não esse cara. A Sara é linda e aquela menina é a coisa mais bonita que eu já vi. Ela vai ter seu tio Will com uma espingarda montando guarda em sua porta caso algum garoto sequer ouse *olhar* para ela.

– Sossega, William. Mas eu não podia ter dito melhor.

A mãe dela, a Sara, é maravilhosa. Se minha pequena Amada tiver a metade da vivacidade e do charme... estarei completamente ferrado.

– Ah, com certeza – Will disse, erguendo seu café.

– E você, tem filhos? – perguntei ao Will.

Max riu e quase engasgou com sua garrafa d'água.

– Hum, não – Will respondeu, diminuindo o sorriso. – Por enquanto, nada de rebentos para nós. – Não por falta de prática – Max disse.

– Isso é verdade – Will completou, com a devida expressão de orgulho.

Colocando creme em seu café, Max virou seu sorriso para mim. Até onde eu sabia, o Max estava *sempre* sorrindo – principalmente quando provocava alguém – e tinha o tipo raro de charme que me fazia querer revelar todos os meus segredos e falar sobre *tudo*... e algo me dizia que ele estava morrendo de vontade de ouvir.

– Então, como o Niall está tratando você? – ele perguntou.

– Ótimo – eu respondi, mexendo meu café. Mantive os olhos na xícara, observando a espuma desaparecer no centro do turbilhão, tentando soar casual e completamente normal. Eu não tinha nada para confessar. Não, não. Nadinha de nada. – Quer dizer, ele é ótimo... *não*, ele está me tratando de forma ótima... *bem*, está me tratando muito bem.

Perfeita como sempre, Ruby.

– É mesmo? – Max disse, arrastando as palavras e sorrindo com o canto da boca.

– Pare com isso – Will disse, apontando a xícara para o Max. – Não pense que não conheço essa cara. Você é pior que a minha mãe; deixe a pobre garota em paz.

Max ergueu as sobrancelhas com uma inocência exagerada.

– A sua mãe é uma mulher adorável. Essa comparação é um elogio.

– Ignore-o – Will disse para mim. – Ele é um fofoqueiro que adora saber os segredos das pessoas só para ficar fazendo gracinha. Não conte nada. Deixe-o sofrer.

Max parou uma garçonete que estava passando.

– Desculpe, querida. Você acha que pode trazer um pouco de cereal pra esse cara aqui? – ele disse, mostrando o Will. – Ele está muito irritável hoje e um pouco de fibra pode ajudar, sabe como é.

A garçonete olhou para os dois e assentiu constrangida antes de ir embora. Will apenas riu um pouco em sua xícara.

Eu estava começando a entender que isso era *normal* entre eles, e que era exatamente por isso que Niall me disse que seu irmão era uma peça. Eu poderia passar o dia todo assistindo àquilo.

– Vocês gostariam de ficar sozinhos? – perguntei finalmente. – Posso emprestar meu quarto no hotel, se quiserem.

Os dois me olharam; Max já estava rindo.

– Essa garota entende o seu jeito – Max disse para o Will. – Não seria nada mal tê-la por perto.

– Tem certeza que o seu querido irmão está pronto? –

Will disse. – Ela não é nada fácil e o Niall...

– Ah, ele é legal, não é mesmo? – Max interrompeu, docemente querendo proteger o irmão. – Ele só precisa limpar o sistema daquela outra. Você sabe, a megera.

Niall gosta de aventura, como qualquer pessoa.

Eu concordei, sem saber o que dizer.

– Acho que você está certo – Will disse. – O que foi mesmo que você tinha falado sobre energia sexual reprimida?

– Ele tem o bastante para energizar a cidade inteira – Max disse. – É aí que sua experiência com urbanismo

seria útil... você sabe, para achar uns atalhos... Will disfarçou uma risada em sua xícara.

– Bom, funcionou com a Chloe e o Bennett. Um chefinho, uma estagiária gostosa...

– O Niall *não é* meu chefe – eu disse, talvez um pouco enfática demais. Era como se alguém tivesse embrulhado todo o constrangimento do mundo e soltado bem no meio da nossa mesa.

Felizmente, eles foram educados a bastante e não retrucaram. Apenas tomaram goles de café, ajeitaram os talheres e olharam para o relógio. Sutileza não era seu forte.

– Certo – eu disse com um suspiro, incapaz de tolerar aquele silêncio por mais tempo. – Eu gosto dele. *Muito*.

O sorriso enorme do Max voltou e, meu *Deus*, assim como seu irmão, era um sorriso encantador.

– Agora você se ferrou de vez – Will disse. – Esse cara não vai mais

largar do seu pé. É melhor você convidá-lo de uma vez para morar junto. Pode ir planejando o casamento, escolhendo o nome dos filhos...

– Apenas seja paciente com ele – Max disse, ignorando o Will. – Ele é um ovo um pouco difícil de descascar.

– Estou descobrindo isso – eu disse. – Ele não é muito bom na arte de compartilhar sentimentos.

Max riu e ergueu a xícara em resposta.

– Ele pode não dizer muito, mas posso assegurar que para cada pensamento que ele verbaliza, existem ao menos seis correndo em sua mente. Foi assim a vida inteira.

– Que ótimo – eu disse ironicamente, baixando a cabeça e olhando para o resto da espuma flutuando em meu café.

Do outro lado da mesa, Max baixou sua xícara.

– Permita-me bancar o irmão protetor por um segundo.

Olhei para ele e sua expressão suavizou quando murmurei:

– É claro.

Até o Will percebeu o quanto a conversa se tornou séria, e então se inclinou para ouvir.

– Meu irmão é o cara mais leal que você já conheceu, sempre foi. Seja com a gente, com seu trabalho ou com uma mulher. Não sei o quanto você sabe sobre o divórcio... – ele disse, deixando a pergunta implícita, “o que ele já contou?”, pairando no ar.

– Nós conversamos sobre isso – respondi, querendo ser honesta, mas sem trair a frágil confiança do Niall. –

Um pouco. Tive a impressão que ela era... *Como terminar essa frase?*

– Talvez um pouco difícil? – eu disse delicadamente.

– Exato – Max disse com uma piscadela. – Acho que a lealdade foi o motivo para ele aguentar por tanto tempo. E também o motivo por ele sentir, de várias maneiras, que fracassou... ou que deveria ter feito algo diferente e a deixado antes. Nada poderia fazer aquela mulher feliz, mas essa é uma verdade difícil de aceitar.

Ele sentiu isso em primeira mão este ano.

– Percebi.

– Dê um pouco de tempo a ele. Talvez você precise descascar um pouco do lado de fora, mas prometo que vai valer a pena.



Niall estava em sua mesa quando entrei no escritório e fechei a porta. Sua caneta parou de escrever imediatamente e ele tirou os óculos para me olhar. Seus olhos se moveram do meu salto alto de couro até o topo da minha cabeça. Um calor se acumulou em meu estômago e se derramou mais embaixo.

– Onde você esteve? – ele perguntou. Não acusando, não bravo. Apenas querendo saber.

– Tomei café com o Max e o Will. – Quando suas sobrancelhas se ergueram, acrescentei: – Eles me encontraram tirando *selfies* na Sexta Avenida.

– Você se divertiu?

– Eles são... legais. – Arrumando o cabelo atrás da orelha, acrescentei discretamente: – Nós conversamos sobre você. Seu irmão mais velho é seu fã.

O sorriso do Niall curvou um lado de sua boca e ele se levantou, dando a volta na mesa para me encarar. Achei que ele fosse perguntar o que Max falou, mas não. Simplesmente ficou olhando atentamente para o meu rosto. Tenho certeza que estava óbvio que conversamos sobre sentimentos, sobre o Niall e eu juntos, e eu podia sentir meu rosto se aquecendo.

– Como foi sua reunião? – perguntei, quase sem fôlego. E não era por causa de exercício físico: subi de elevador. Era a proximidade dele, a maneira como me olhava como se estivesse lembrando de cada toque da noite passada. Pela manhã ele fora tão brusco; com a intensidade de seu olhar agora, percebi que ele saiu como se estivesse fugindo da cena de um crime.

Mas será que eu estava certa?

Será que ele simplesmente queria sentir uma familiaridade? Ou será que

precisava saber que eu estava bem, que *isto* não era um problema para mim?

– Foi tudo bem – ele disse. – Estamos quase fechando nossa proposta. – Seus olhos mal desviaram da minha boca.

– Isso é bom – concordei.

– Muito.

Mordi meu lábio, segurando um sorriso nervoso antes de dizer:

– Você parece um pouco distraído.

Niall assentiu, levantando o braço e tocando cuidadosamente o meu lábio inferior.

– Nunca vi você usar essa cor.

– Está vermelho demais? – perguntei.

Ele piscou lentamente, sacudindo a cabeça com dois pequenos movimentos.

– Não. Não está vermelho demais.

Era assim que eu deveria descascar do lado de fora? Lembrando-o a toda hora que eu não era igual a Portia, que queria ficar com ele e que ele tinha permissão para querer ficar *comigo*?

Com meu coração martelando, fui até a porta e a tranquei com o máximo de discrição antes de voltar. Abri minha bolsa e peguei um batom. Eu ainda não sabia o que estava fazendo, apenas sabia que ele estava vidrado na cor em minha boca, e eu não queria redirecionar sua atenção.

Enquanto ele me observava, encantado, tirei a tampa, rolei o bastão e apliquei mais uma camada.

– Você não pode ser real – ele sussurrou.

Meu pulso batia tão violentamente que eu ainda não tinha conseguido recuperar o fôlego. Deixei o batom na mesa atrás dele, depois tirei sua gravata e abri os dois primeiros botões da camisa. Ele ficou completamente parado quando me abaixei e pressionei a boca na pele quente acima de seu coração.

Levantei a cabeça para olhar seu rosto, flagrando sua expressão de espanto.

– De novo – ele sussurrou.

Inclinei-me para a frente, beijando mais embaixo, abrindo outro botão e depois o seguinte. Beijei uma costela, depois abaixei ainda mais para beijar no lugar onde o peito se transformava em barriga.

Olhei para as marcas vermelhas que desciam por seu torso, começando a gostar da ideia do Niall andando por aí pelo resto do dia com meus beijos debaixo da camisa. Mas eu não queria terminar a brincadeira ali, e ele também não.

– Posso continuar – eu disse.

Ele quer meu beijo ali. Posso ver em seus olhos.

Meus dedos brincaram com seu cinto, os olhos estudaram sua expressão. Se ele mostrasse qualquer sinal de retração, eu pararia.

Mas, em vez disso, enxerguei alívio, permissão, até mesmo algo próximo de desespero.

O cinto saiu com um pequeno som de metal contra metal. O barulho do zíper preencheu a sala. E então esperei, meus dedos segurando sua calça aberta. A ponta de seu pau pressionava contra o elástico da cueca. O silêncio era interrompido a cada vez que ele exalava com força.

Vi seus olhos virarem rapidamente para a porta e depois voltarem para mim.

Sacudi a cabeça.

– Posso parar se...

Seu “*não*” ficou óbvio quando ofegou bruscamente.

Com um pequeno aceno, beijei e lambi a suave trilha de pelos em seu abdômen.

– Meu Deus – ele ofegou.

Deslizei a mão para dentro da cueca e não deixei de notar a maneira como ele engoliu em seco e deixou a cabeça cair para trás. Fiquei maravilhada mais uma vez por seu peso quando puxei toda sua extensão para fora ao mesmo tempo em que me ajoelhava.

– Acho que preciso de mais batom – sussurrei.

Niall se esforçou para levantar a cabeça, olhando para mim e depois piscando de volta à realidade.

– É claro. – Seus dedos procuraram atrás na mesa, derrubando canetas e papéis no chão até encontrar o tubo prateado.

A tampa se abriu com um pequeno estalo e Niall focou os olhos nas próprias mãos, tremendo diante de mim enquanto girava o bastão para revelar o vermelho intenso.

Com uma das mãos segurando meu queixo, ele passou o batom em meu lábio inferior, cuidadosamente deslizando do meio para a esquerda, do meio para a direita, depois repetindo o ritual no lábio de cima.

– Ruby.

Eu sorri, encarando-o de volta quando me abaixei para beijar o meio do seu pau.

O grunhido do Niall foi áspero e suas mãos agarraram a mesa atrás dele.

– *Deus*.

– Está tudo bem?

Ele assentiu.

Fui beijando e descendo, deixando perfeitas marcas da minha boca até a base.

Estudei seu corpo de um jeito que não tive tempo na noite passada, notando a maneira como ele impulsionava para frente, enchendo minhas mãos.

– Você é tão perfeito que eu não sei direito o que fazer com você.

O que eu queria dizer era: *conte como você quer e me use*.

– L-lambe – ele disse com a voz rouca. *Ele entendeu*. – Por favor, querida.

Eu sorri, botando minha língua para fora e passando por seu pau. Niall soltou um gemido grave e quebrado.

– Aqui? – eu perguntei.

– Não. Não, por favor.

Sorri e beijei novamente o meio do pau.

– Onde?

Seus olhos focaram por um segundo quando ele engoliu em seco, depois disse:

– Na cabeça. – Ele me encarou de novo. – Lamba a cabeça.

Eu me sentia quase num estado líquido, meu peito batendo forte com o desejo, a necessidade pulsando selvagem entre minhas pernas. Quando deslizei a língua sobre a larga cabeça, senti o salgado e o doce, a terra e o homem, e senti mais do que ouvi seu gemido aliviado.

Longos dedos correram sobre meu queixo e agarraram meu cabelo quando abri a boca e envolvi toda a ponta, chupando alguns centímetros e depois soltando, deixando o jogo de lado em favor de dar a ele aquilo que eu suspeitava ser sua primeira chupada em anos.

E que desperdício. Ele era grosso, tão longo que chegava a ser intimidador, mas enquanto seu pau parecia quase voraz em seu tamanho e desejo, suas mãos eram gentis com meus cabelos, tremendo enquanto ele docemente me encorajava.

Subindo e descendo, chupando e molhando. Eu não me importava com os sons que fazia ou com o fôlego que perdia quando ia fundo demais, voltando com olhos lacrimejando e uma boca molhada e ofegante. Ele olhava para mim como se eu fosse uma estrela brilhante no meio da sala, e isso me fez querer dar o máximo de prazer que fosse possível dar a um homem.

Minha mão o segurou mais embaixo, a outra agarrou seu quadril, silenciosamente dizendo para ele *fazer o que quisesse*. Eu o incentivei a impulsionar em mim e ele fez isso, primeiro num raso movimento de alívio, depois cada vez mais fundo e fundo, com cuidadosa precisão, auxiliando minha boca a chupar e a soltar, usar a língua e apertar com os lábios.

Fiquei me perguntando se ele gostava dos sons tanto quanto eu, se gostava dos meus gemidos que escapavam quando ele chegava fundo, quando perdia o controle, quando puxava meu cabelo em lampejos de delírio. Tudo soava molhado e gostoso, e os estalos que fazia quando entrava e saía da minha boca nos deixavam malucos.

Niall se permitiu aproveitar – diminuindo a velocidade, acelerando, depois diminuindo de novo – até que se tornou mais determinado: os joelhos

dobraram, os quadris mexiam facilmente. Fiquei olhando seu rosto enquanto ele aumentava cada vez mais a pressão contra minha língua, com uma expressão de quase dor, as mãos agarrando e puxando meu cabelo.

– Oh – ele ofegou. Lembrei de suas palavras, e podia ver em seus olhos que ele também lembrou: *Quero você chupando meu pau, chupando com tanta fome que você implore com os olhos para que eu te deixe engolir.*

Então fiz exatamente isso e implorei.

– Oh, querida, eu... oh. *Oh, Deus.*

Sim

Sim

– Oh. Oh, Deus, aqui eu... oh, eu vou...

Seus olhos se fecharam, o pau inchou imensamente contra minha língua até que ele gozou com um gemido desamparado, quente e fundo dentro da minha boca.

Suas mãos relaxaram antes de caírem em meus ombros. Tirei a boca, engolindo enquanto beijava a ponta, depois me sentei sobre os calcanhares.

Ele abriu os olhos, respirando fundo enquanto olhava para mim.

– Bom. Certo. Isso foi...

Olhei para seu pau ainda duro e fora da calça, depois olhei para as marcas de batom sobre o torso e a expressão de felicidade curvando sua perfeita boca.

– Eu me sinto como uma criminosa deixando um rastro de evidências pra trás – eu disse.

Ele riu, olhando para seu próprio corpo marcado.

– Eu certamente não me sinto como vítima de um crime. – Suas grandes mãos se abaixaram e manobraram seu pau de volta para dentro da cueca. – Nem sei o que dizer.

– Ótimo. – Passei um dedo ao lado da minha boca, sorrindo toda orgulhosa para ele.

Niall alcançou meu cotovelo e me ajudou a levantar.

– Seus joelhos...?

– Estão bem.

Em silêncio, nós trabalhamos juntos para abotoar os botões da sua camisa, e depois alisei as mangas enquanto ele dava o nó na gravata. Eu queria que ele me puxasse em seus braços e me beijasse, sentindo o próprio prazer em meus lábios.

– Ruby?

Olhei para seu rosto.

– Hum?

– Obrig...

Toquei seus lábios, meu coração disparando.

– Não faça isso.

– Você não quer que eu agradeça? – ele perguntou, ainda com meus dedos sobre sua boca.

– Não.

Niall ficou sem entender por um momento, até que gentilmente tirou minha mão.

– Mas foi incrível.

– Pra mim também.

Seu olhar ia e vinha ao encontro dos meus.

– De verdade?

– Quando você quer uma pessoa tanto quanto eu quero você, dar prazer é quase melhor do que receber.

Ele ficou em silêncio e seu polegar começou a acariciar meu lábio, que provavelmente já não tinha nenhum resquício de batom.

– Eu estou uma bagunça? – perguntei.

– Hum... – ele murmurou, abaixando e me beijando. –Muito. E eu gosto disso.

Ele voltou e me beijou mais profundamente, abrindo os lábios, chupando e, finalmente, deslizando a língua sobre a minha.

Quando terminou, ele ficou circulando um dedo sobre minha garganta.

– Ainda estou um pouco atordoado com a... – Ele parou e sacudiu a cabeça um pouco antes de pressionar os lábios.

– Intensidade – sugeri.

– Sim. A intensidade. Mas eu nunca sei o que...

Esperei que terminasse, mas Niall simplesmente assentiu em silêncio.

De repente, entendi o que o Max queria dizer sobre descascar no lado de fora. Em primeiro lugar, não tinha nada a ver com seduzir o Niall. Tinha a ver com não deixar que ele voltasse para sua concha imediatamente depois.

– Vou me limpar. – Estiquei-me e beijei seu rosto antes de me dirigir para a porta. Depois de abrir, olhei para o corredor antes de correr para o banheiro.

Lá dentro, encarei meu reflexo: olhei para minha boca inchada, a leve mancha vermelha ao redor, a maquiagem borrada pelas lágrimas enquanto eu chupava.

Eu não precisava que o Niall terminasse aquele pensamento. Eu sabia o que ele diria, mesmo se ele próprio não soubesse: *Ainda estou um pouco atordoado com a intensidade... Mas eu nunca sei o que fazer com você depois.*



Se o Niall passou a tarde distraído igual a mim, escondeu muito bem. Sua atenção não foi desviada da anfitriã enquanto ela descrevia planejamento atrás de planejamento. Ele tomou nota de tudo, e mal olhou em minha direção. Eu ainda podia sentir seu volume em meus lábios, podia ouvir a respiração ofegante quando gozou. Mas não podia acreditar que fizemos isso em nosso escritório. Minha imprudência estava aumentando.

Nunca me arrependeria por querer algo sexual, mas também não queria que esse desejo me transformasse numa irresponsável.

Porém... depois de hoje de manhã, depois da chupada, depois de sua volta para dentro da concha, eu me sentia insegura. E eu *odiava* me sentir insegura.

Debaixo da mesa, deslizei o pé até tocar o pé dele. Com um sobressalto, Niall olhou para mim e pude ver sua expressão quando ele entendeu que *eu*

precisava saber que ele não estava bravo comigo.

E da mesma maneira que meus beijos estavam escondidos sobre suas roupas caras, seu calcanhar se entrelaçou com minha perna debaixo da mesa. Um segredo que apenas nós dois compartilhávamos.

Nunca pensei em quantos nervos existem num pé humano, mas pelas duas horas seguintes eu podia senti-los todos. Notei cada movimento de sua perna, cada raspar de tecido. Sentia o calor de seu corpo tão perto, mas não podia *fazer* nada. Era enlouquecedor. Quando ele se levantou para fazer sua parte na apresentação, meus olhos focaram nos lugares que eu sabia que estavam marcados em vermelho. Mantive meu rosto impassível, mas, por dentro, eu queimava.



Estar de volta à América não significava que minhas responsabilidades na Inglaterra diminuíssem. Quando eu não estava com o Niall, precisava fazer hora extra. Meu trabalho na pós estava terminado, mas se eu quisesse entrar no programa da professora Sheffield no outono, teria que correr atrás. Não podia negligenciar nada a essa altura, e era exatamente por isso que, ao fim do dia, decidi não comparecer a um jantar em grupo, mesmo significando que eu perderia um tempo com o Niall.

Como líder global da equipe, ele não podia perder o jantar. Então, com um pequeno olhar de desculpas em minha direção, disse a todos que chegaria ao restaurante dentro de meia hora.

Andei até o elevador e senti um calafrio quando ele chegou por trás de mim. Passáramos quase o tempo todo juntos nas últimas semanas, mas hoje à noite seria diferente. Eu me senti um pouco petulante por não querer dividi-lo com ninguém.

– Está tudo bem? – ele perguntou discretamente quando algumas pessoas entraram no elevador atrás de nós.

– Sim, tudo bem. – Sorri para ele por cima do ombro. – Só tenho que ser uma adulta nas próximas horas, mas meu lado adolescente birrenta não quer saber disso.

Ele não podia exatamente me beijar ou fazer qualquer coisa minimamente física. Acontece que tudo ainda parecia tão precário. Nossa relação

começava a parecer um grande castelo de cartas, e de um jeito que me fazia entender a razão para ele querer ir devagar com o lado físico: ainda não havia um *nós* estabelecido. Nenhum momento onde eu sentia algo do tipo *uau, esse cara é meu namorado*.

Havia também uma pequena parte de mim que suspeitava que eu havia complicado ainda mais as coisas quando mencionei Paul. Eu estava sendo sincera quando disse que ainda pensava sobre o que aconteceu de vez em quando, mas sempre acabava sentindo um orgulho por ter superado aquilo e não deixado que ditasse o resto da minha vida. Precisava ter certeza de que ele sabia disso.

– Você vai ficar no hotel trabalhando? – ele perguntou.

Assenti e ele me seguiu para fora do prédio.

– Vou acompanhá-la até lá.

Sorrindo para ele, sussurrei:

– Obrigada.

Alguns táxis passaram por nós, buzinando. O vento frio de março parecia nos envolver com seu toque gelado. Niall passou o braço sobre o meu ombro, nos conduzindo de um jeito um pouco constrangedor pela multidão, abaixando para falar em meu ouvido.

– Antes que eu me esqueça, preciso dizer que me ajuda imensamente se você for honesta. E, só para deixar registrado, não acho que você está sendo birrenta. Eu mesmo estou emburrado por dentro.

E assim, do nada, senti aquele friozinho gostoso no estômago.

Conversamos sobre a reunião e os próximos dias na convenção. Ele segurou minha mão e eu percebi, com certo orgulho, que fiquei acostumada com nossas caminhadas; nós andávamos facilmente no mesmo ritmo. Mas ainda havia a *coisa* entre nós.

– Você quer honestidade? – sussurrei durante a viagem no elevador do hotel, usando a desculpa para chegar mais perto.

– Sim.

Inclinei a cabeça para olhar em seu rosto.

– Você acha que eu avancei demais hoje?

Ele engoliu em seco, entendendo imediatamente.

– Talvez um pouco. Mas não sei se eu queria parar você, ou se conseguiria.

Fechei meus olhos, sentindo-me um pouco enjoada.

– Ou se *deveria* – ele acrescentou rapidamente, movendo meu queixo para voltar a encará-lo. – Ruby, aquilo foi fantástico.

Concordei, forçando um sorriso.

– Você vai passar no meu quarto mais tarde? Quando voltar do jantar?

Niall me olhou nos olhos por um longo momento, depois confirmou assentindo e me deu um doce beijo.

– Você pode entrar sem bater, se quiser – eu disse, entregando meu cartão extra. – Tenho muitas coisas pra fazer, então vou ficar acordada a noite inteira ou... quem sabe talvez eu cochile na mesa no meio de uma poça de baba.

Ele riu, e eu adorei tanto o Niall nesse momento que foi quase como receber um soco no estômago. Com mais um beijo em meus lábios, ele guardou o cartão no bolso. Desci do elevador e acenei, olhando para ele enquanto desaparecia entre as portas que se fechavam.



Acordei com o som da tranca da porta se abrindo e um fecho de luz que desapareceu atrás da porta se fechando novamente. Assim como havia planejado, trabalhei até não conseguir deixar os olhos abertos, arrastando o corpo da mesa apenas o suficiente para tirar a roupa e vestir uma camiseta antes de desabar na cama.

Observei a silhueta do Niall se mover em frente à janela, silenciosamente tirando seu casaco e camisa antes de se sentar perto dos meus pés. Senti o colchão afundar com seu peso e esperei que ele dissesse algo. O silêncio se estendeu junto com os tiques de seu relógio até que ele finalmente falou.

– Você está acordada? – sussurrou na escuridão. A quietude no quarto deu um nó em meu estômago. O que aconteceu depois que eu o deixei no

elevador? Será que ele passou a noite pensando e remoendo e tendo dúvidas sobre o que estava acontecendo entre nós? Sentia-me congelada no lugar, minhas palavras presas no peito, e brevemente imaginei o que aconteceria se eu não respondesse. Será que ele deitaria na cama e me envolveria em seus braços? Ou será que se levantaria, vestiria as roupas novamente e voltaria para seu quarto?

Eu estava com medo de descobrir. – Ruby?

– Que horas são? – finalmente perguntei.

– Quase uma.

Eu me sentei, trazendo o joelhos até o peito.

– Você voltou só agora?

– Não – ele disse, e embora eu não pudesse enxergar seu rosto ou a expressão que o acompanhava, percebi quando ele passou a mão no cabelo.
– Fiquei sentado no saguão por duas horas.

Meu coração bateu mais forte, e eu não sabia se a escuridão era uma benção ou uma maldição. Ele ficou lá embaixo por duas horas?

– Por quê?

Niall riu sem muito entusiasmo.

– Fiquei pensando no que fizemos hoje.

– Oh.

– Você não está surpresa?

Tirei o cabelo do meu rosto e me perguntei o quanto deveria ser honesta.

– Acho que ficaria mais surpresa se não tivesse pensado.

– Sou tão previsível assim?

– Eu diria *consistente*. – Mais um silêncio se estendeu até eu não aguentar mais. – Quer conversar sobre isso?

Ele ficou quieto por um momento até se manifestar outra vez.

– Acho que sim. É, pode ser.

Sorri no escuro, percebendo o avanço que isso significava para ele.

– Eu estava pensando sobre o quanto você deve estar confusa. E como eu

provavelmente deixei você maluca com todos esses sinais conflitantes sobre nossa relação física. – Ele parou e tomou a minha mão, acariciando minha palma com um dedo.

– Eu disse a você que queria ir mais devagar, mas depois... – Ele se virou, apoiando o joelho no colchão para me encarar de frente. – Depois reagi daquele jeito, passei o batom em você e...

– Eu gostei daquilo – admiti. – Sei que nem sempre podemos saber com antecedência como vamos reagir. Às vezes fazemos coisas no calor do momento e depois questionamos tudo. Desde que sejamos honestos um com o outro, acho que não existe uma maneira certa ou errada para fazer isso ou aquilo.

Ele pensou por um momento antes de oferecer um simples “obrigado”.

– E você não é o único que fica pensando demais nas coisas – eu disse. – Acontece que eu sou um pouco melhor em falar de uma vez o que sinto ou fazer as coisas que quero.

– Saber disso me faz sentir melhor.

Houve um momento de silêncio.

– Já que estamos sendo honestos, posso fazer uma pergunta?

Ele apertou minha mão.

– É claro.

– Parte do seu desejo de ir mais devagar tem a ver com aquilo que eu contei ontem?

Ele ficou em silêncio por mais um momento e eu senti seu corpo se ajeitar no colchão.

– Depois do que ele fez com você – ele disse –, sinto que eu *preciso*...

– É melhor você parar agora mesmo. – Eu estava certa. Não era apenas sua hesitação sobre mergulhar de cabeça; ele não queria *me* apressar também. – Conte sobre o Paul porque confio em você, e porque você pediu. Quero que tenha uma ideia das peças que formam a minha pessoa, assim como eu quero conhecer você. O que aconteceu comigo nunca vai desaparecer, pois faz parte do meu passado, mas não quero que você me trate diferente por causa disso. Não sou delicada e não preciso que você

tenha cuidado comigo. Não desse jeito.

Você precisa confiar que eu direi quais são meus limites, assim como preciso que me diga quais são os seus.

Ele se inclinou para frente, esfregando as mãos no rosto.

– Mas aí é que está. Eu me sinto longe da zona de conforto. Poder conversar sobre essas coisas tão cedo na relação é algo muito novo para mim. Meu casamento era um lugar solitário, para nós dois, tenho certeza – ele acrescentou rapidamente. – E tenho muito medo que aquilo não seja apenas uma coisa do Niall e da Portia, tenho medo de que o problema seja apenas *comigo*. Eu sei que não sou de falar muito, e meu medo é que você... que *alguém* possa se cansar de precisar arrancar as coisas de mim a todo instante.

– Niall...

– E se você perceber que eu não sou tudo aquilo que esperava depois que a excitação da conquista passar? Eu... não sei como lidaria com isso.

– Sei que podemos ser muito diferentes nesse ponto –eu disse a ele. – Você sente que não compartilha seus sentimentos e eu sou o oposto disso. – Ele riu, acariciando meu rosto com o nó dos dedos. – E já que estamos sendo honestos... é, *sim*, frustrante quando tenho que tentar decifrar o que você está pensando. Tipo hoje de manhã. Não estou dizendo que preciso saber de todos os pensamentos dentro da cabeça de um homem... mas preciso de alguém que possa conversar comigo. Que possa sair um *pouco* da sua zona de conforto. Isso é o que eu quero para mim.

O quarto foi preenchido com um silêncio tão pesado que era como uma terceira pessoa pairando sobre nós.

Aqueles momentos onde tenho que decifrar seus pensamentos? Agora era um deles. E então a ficha caiu e eu me perguntei se deveria considerar sua insegurança e esclarecer que quando eu disse *alguém*, eu queria dizer *ele*.

Mas o Niall parecia pronto para dar um salto no escuro. Chegando mais perto, ele puxou meu pescoço até nossas testas se encostarem.

– Vou tentar. Por você, vou tentar.

Doze

Eu realmente nunca conheci uma mulher como a Ruby. Em vez de precisar de passos gigantes para provar meu comprometimento, na semana seguinte ela parecia se importar mais com as pequenas coisas: a pressão da minha palma sobre suas costas enquanto esperávamos na plataforma do metrô, um olhar mais demorado na fila do cachorro-quente, apenas beijar por horas durante o pôr do sol. Mas enquanto nossa relação física recuou alguns passos tranquilizadores, ela nunca pressionou para mais nada, e também não pediu que eu me explicasse mais do que já havia explicado naquela noite no quarto do hotel.

Eu queria *mesmo* tentar. Sabendo isso, ela parecia contente em apenas estar perto de mim.

Ruby também me surpreendia de outras maneiras. Ela era esperta, muito mais esperta do que eu inicialmente pensei, e absorvia detalhes como se fosse um superpoder. Eu sempre tomava nota de tudo e geralmente podia lembrar de qualquer informação rapidamente se fosse preciso, mas durante a semana que se seguiu eu me surpreendi em mais de uma ocasião quando alguém perguntava algo numa reunião e a Ruby respondia imediatamente. Foi realmente impressionante.

Nós caímos numa rotina agradável de trabalho e refeições, e à noite cumpríamos um ritual de conversa na cama entre beijos até adormecermos abraçados um ao outro. Era uma amostra de uma vida de fantasia — creio que nós dois sabíamos disso — onde morávamos num hotel luxuoso, comíamos em qualquer lugar e passávamos o dia de trabalho abertamente como um casal, funcionando muito bem juntos.

Então foi estranho quando percebi, no meio de uma terça-feira, que ainda não tinha visto a Ruby nenhuma vez desde que saiu do meu quarto logo de manhã. Estive numa sequência interminável de discussões e conversas ao telefone para terminarmos a primeira fase da conferência. Daqui em diante até voltarmos para Londres, meus dias seriam muito mais relaxados, já que eu praticamente apenas seria um consultor de plantão. Achei isso bom e ruim

ao mesmo tempo. Por um lado, eu queria mais liberdade durante o dia para pensar em tudo que estava acontecendo entre nós. Por outro lado, eu não sabia se precisava de mais tempo pensando sobre essa nova relação, o contraste com minha vida passada, e como eu lidaria com essa mudança abrupta quando voltasse para Londres.

Finalmente a Ruby me encontrou no saguão, conversando com um dos engenheiros-chefes da cidade, e parecia que ela estava praticamente vibrando de expectativa. Quando me despedi do Kendrick e ele foi embora, ela mostrou a mão que estava escondida em suas costas.

Ela segurava dois ingressos.

— O que é isso? — perguntei, tirando um de suas mãos.

BITTER DUSK

BOWERY BALLROOM, 29 DE MARÇO, 8:30 PM.

Um show hoje à noite?

— O que é isso? — repeti, olhando para seu enorme sorriso. Com certeza ela não esperava que...

Ela se virou para começar a andar na direção do elevador, depois apertou o botão.

— É o show que eu estava falando para você. E por uma *enorme* coincidência, também é nosso programa para hoje à noite.

Estremeci um pouco, já imaginando um lugar lotado de corpos suados, dançando e sacudindo ao meu redor, apertando nós dois enquanto guitarras estridentes atacavam nossos ouvidos.

— Ruby, acho que isso não é muito a minha praia.

— Ah, definitivamente não é a sua praia, e vai ser ruim igual você está pensando — ela disse, batendo com o ingresso na minha testa e rindo. Entramos no elevador e fiquei aliviado quando percebi que subiríamos sem mais ninguém.

— Talvez até pior — ela continuou. — O bar é pequeno para uma banda tão grande e vai estar lotado. Americanos suados e bêbados *em todo lugar*. Mas eu quero que você vá mesmo assim.

— Confesso que você não está me convencendo.

— Vou deixar você bêbado, já que não precisa trabalhar amanhã e — ela se esticou para beijar meu queixo — aposto cem dólares que você vai se divertir muito e vai querer me recompensar com muitos orgasmos depois.

— Eu quero recompensar você com orgasmos *agora*.

— Então considere o show como motivação. — Ela me jogou um olhar que eu sabia que dizia “isso é exatamente o que conversamos, faça isso comigo”.

Suspirei, fingindo irritação, e saí do elevador atrás dela. Por mais que minha pele queimasse para senti-la deslizando sob os lençóis agora — e por mais estranho que fosse admitir —, gostei de pensar em *sair* um pouco.

— Por acaso eu vou conhecer alguma música?

— É bom que conheça — ela disse, virando para me jogar um olhar divertido sobre o ombro. — E se não conhecer, logo vai. É minha banda favorita.

Quando alcancei seu ritmo, ela me olhou, cantando alguns versos de uma música que eu até conhecia de tanto escutar por aí. A voz da Ruby era fraca e desafinada — horrível, na verdade —, mas ela não se importava nem um pouco. Deus, será que existia uma única coisa nessa garota que eu não achava infinitamente adorável?

— Aposto que você está pensando que eu canto pessimamente — ela disse, cutucando minha costela.

— Sim — eu admiti —, mas eu *conheço* a música.

Então vou conseguir tolerar a atividade dessa noite.

Ruby lançou uma expressão de espanto.

— Que gesto nobre da sua parte.

—

O exterior do Bowery Ballroom me lembrava uma antiga estação de bombeiros: tijolos expostos, grande arco central, dois luminosos em neon verde indicando as entradas de cada lado. Quando saímos do metrô logo na frente do local, Ruby deu um pulinho de excitação ao meu lado e me puxou para a entrada. Lá dentro o espaço se expandia por uma pista bem menor do que eu esperava, posicionada a menos de um metro de um palco estreito

cercado por cortinas de veludo. Logo entendi por que a Ruby estava tão animada por causa dos ingressos: num lugar como este, ela ficaria extremamente perto de sua banda favorita.

Subindo as escadas, um balcão envolvia as laterais e os fundos do salão, com vista diretamente para o palco e a pista, e já estava começando a encher com algumas pessoas segurando bebidas. A pista também já estava quase cheia, e o ar úmido criado por mais de uma centena de pessoas disparou minha claustrofobia. Como se pudesse sentir meu pânico iminente, Ruby puxou a manga da minha camisa e me levou para o bar.

— Dois gimlets com muito limão! — ela gritou para o bartender. Com um aceno, ele apanhou dois copos e os encheu com gelo. — E não estou brincando quando digo *muito* limão — ela acrescentou com um sorriso charmoso.

O bartender sorriu de volta para ela, olhando demoradamente para sua boca e depois para seus peitos.

Sem pensar, passei meu braço sobre seu ombro, puxando-a de volta para a minha frente. O movimento a surpreendeu. Percebi isso por causa da maneira como se equilibrou segurando meu braço com as duas mãos e a risada que soltou. Arqueando sobre mim, ela passou as mãos atrás das minhas costas para me puxar para mais perto.

Ela virou a cabeça, apoiando no meu peito, e eu me abaixei para que sua boca ficasse perto do meu ouvido.

— Passei meses louca por você — ela me lembrou com uma pequena mordida em meu queixo. — Ver você com ciúme de mim foi a coisa mais incrível da minha vida.

— Não gosto de dividir nada — alertei discretamente.

— Eu também não.

— E eu não jogo charme por aí.

Ela fez uma pausa quando pareceu entender a profundidade da minha reação. Droga, nem *eu mesmo* entendia minha reação. Nunca fui ciumento com a Portia; mesmo quando ela tentava me provocar, dançando em alguma festa ou bebendo e flertando com os amigos. Mas com a Ruby... foi uma questão de instinto, um desejo de declarar minha posse que me deixou ao

mesmo tempo inquieto e excitado.

— Sei que às vezes posso parecer um pouco saidinha demais — ela admitiu, estudando meu rosto —, mas eu nunca trairia ninguém desse jeito.

E por algum motivo, eu sabia disso. Sob a luz fraca do bar e no meio de uma multidão tão barulhenta, nossa conversa pareceu ainda mais íntima.

— Estou me divertindo com você mais do que em qualquer outra ocasião que eu me lembre — eu disse a ela. — Confio em você, embora às vezes eu sinta que sei muito pouco sobre você, e em outras vezes eu me lembro que somos quase apenas conhecidos.

Eu precisava constantemente relembrar que a Ruby tinha só 23 anos, que tinha mais experiência sexual do que eu, e muito mais experiência em flertar — mas nunca teve um relacionamento de longa duração, nada que mostrasse como entrar em algo que precisa ser tratado inicialmente com fragilidade. Eu queria equilibrar sua tendência de pular de cabeça nas coisas e a minha tendência de esconder a cabeça na areia.

— Não somos “quase apenas conhecidos” — ela disse com certa irritação, beliscando minhas costas. — Só porque essa relação é nova não quer dizer eu não conheço você de maneiras que mais ninguém conhece. E de que outro jeito podemos começar? Não dá para saber tudo logo de cara.

O bartender voltou com nossas bebidas e eu soltei a Ruby e paguei antes que ela pudesse pegar sua carteira na bolsa. Ela me jogou um olhar petulante, depois se virou, subindo na ponta dos pés e me puxando para um beijo que eu esperava que fosse apenas um raspar dos lábios, mas imediatamente se tornou um beijo profundo, com sua língua deslizando em minha boca, deixando claro que ela também queria declarar sua posse sobre mim.

E por um momento, eu me esqueci que estávamos longe da privacidade do hotel ou da segurança de Londres. Com minha mão tocando seu pescoço e suas palmas pressionadas em meu peito, havia apenas ela e eu, como amantes, despencando nessa *coisa* que havia me capturado tão imediatamente.

Afastei o rosto para recuperar o fôlego e diminuir minha pulsação, voltando para a realidade dos corpos nos apertando ao redor no bar lotado,

os olhos sobre nós tentando disfarçar seu interesse, o lampejo de um smartphone capturando nossa paixão. O bartender deixou meu troco sobre o balcão com um movimento que dizia que ele também estava nos observando. E a Ruby não estava nem aí. Ela apanhou seu copo, ergueu as sobancelhas para mim e tomou um longo gole.

— Você beija como se não houvesse amanhã — ela disse.

Com um pequeno sorriso, tirei uma das muitas fatias de limão em meu drinque e a joguei sobre um guardanapo. Gosto de limão em meu drinque igual a todo mundo, mas a minha Ruby parecia gostar mesmo é de um drinque de limão com um pouco de gim.

Minha Ruby.

Engoli em seco, olhando para ela enquanto lambia o limão dos meus dedos. *Minha Ruby.* Ela observou minha língua deslizar sobre meus dedos com olhos arregalados e fascinados.

— Agora — comecei a dizer com um sorriso — você está imaginando até onde eu posso enfiar minha língua em você, ou quantos dedos cabem?

Ela ficou sem fôlego e seus olhos queimaram por um segundo antes de um sorriso confiante tomar o centro do palco.

— Na verdade, estou imaginando se você gostaria de me olhar lambendo seus dedos tanto quanto eu gosto de olhar *você* fazendo isso.

Engoli com dificuldade, encarando seus lábios semiabertos. Estavam brilhando por causa da bebida e seu hábito de lambê-los frequentemente, e imediatamente eu me lembrei de como eles ficaram quando envolveram meu pau na única vez em que ela fez isso: inchados e molhados.

— Eu prefiro olhar você chupando outra coisa — admiti, sentindo um calor descer por meu peito, a adrenalina sendo bombeada até meus dedos, e então acrescentei: — Outra vez.

Enquanto ela me encarava, ouvi a voz de uma mulher murmurando logo atrás dela:

— É verdade. Aposto que eles transam todo dia.

Os olhos da Ruby se arregalaram, um sorriso se espalhou em seu rosto quando inclinou um pouco a cabeça para ouvir.

— Aposto que ela *vive* com o pau dele dentro dela.

Suas sobrancelhas se ergueram e eu desviei os olhos só por um instante para não explodir em risada. Ruby ainda estava sorrindo quando voltei a olhar.

— Elas estão falando sobre a gente? — ela sussurrou.

Eu confirmei. Estavam definitivamente falando sobre nós.

Ruby olhou para seu próprio corpo e depois para mim, sussurrando:

— Hum... não. Não está dentro de mim agora.

Deslizei a mão dela sobre minha barriga até chegar ao volume do meu pau.

— Não, especificamente agora, não.

Mas Deus, não havia nada que eu quisesse mais nesse mundo.

A banda de abertura subiu ao palco e uma parte da multidão imediatamente começou a migrar para a pista. Ruby agarrou minha mão, bebendo metade do drinque em alguns goles e gesticulando para eu fazer o mesmo. Enquanto ela me olhava, virei todo meu drinque num gole só, deixei o copo no balcão e ergui uma sobrancelha para ela. Sacudindo a cabeça levemente, ela inclinou seu copo sobre os lábios e bebeu o resto, estremecendo e batendo com o copo no balcão.

Quando puxou minha mão, eu não deixei que ela saísse do lugar, pois estava gostando demais daquele momento para terminar tão rápido.

— Minha condição para o resto da noite é você ficar conversando aqui comigo enquanto a banda de abertura toca.

Ela inclinou a cabeça, sorrindo misteriosamente para mim.

— É engraçado quando você diz que não joga charme por aí — ela disse, passando as costas da mão sobre sua boca.

Sinalizando para o bartender nos trazer mais dois drinques, eu perguntei a ela:

— O que você quer dizer?

— “Você está imaginando até onde eu posso enfiar minha língua em você?” — ela repetiu minha frase forçando um sotaque britânico —, “ou

quantos dedos cabem?”. — Encostando o queixo em meu peito e olhando para mim, ela disse: — Isso, *meu querido*, é provavelmente a coisa mais charmosa e safada que alguém já me falou.

Fiquei olhando em seus olhos quando deslizei mais uma nota de vinte sobre o balcão para pagar as bebidas.

— Ah, minha linda, você não pode me culpar por fazer uma simples pergunta — eu disse.

Ela riu afastando o rosto e batendo em meu peito de um jeito brincalhão.

— Não se faça de inocente comigo. Já conheço você muito bem. Um homem calmo e estoico em público, mas dentro de quatro paredes, insaciável.

Fiquei parado, olhando para a Ruby. Era assim que ela me enxergava? Pensei sobre a semana passada junto com ela nessa nova e fácil relação e tive que admitir que meu comportamento estava tão longe do normal que eu próprio não me reconhecia. Mas ao mesmo tempo, desempenhar esse papel ao lado dela parecia algo muito natural.

— Sabe quando você permite a si mesmo aproveitar? — ela disse, com a voz mais discreta agora enquanto as pessoas se apressavam para assistir a banda tocar. — É quase demais para eu aguentar. Eu não sabia que homens como você existiam. — Entrelaçando nossos dedos, ela completou: — Conte o que está pensando nesse instante.

Desviei os olhos, lutando contra meu reflexo de fugir desse tipo de pergunta e dizendo a mim mesmo o quanto era importante para ela que fôssemos abertos um com o outro.

— Estou contente por você ter insistido que eu viesse.

Ela ficou em silêncio, claramente esperando por mais.

— Bom, você quer honestidade, não é?

Confirmando, ela disse:

— É claro.

— A semana passada, desde que concordamos em levar as coisas mais devagar, foi ótima. No começo, uma parte de mim se preocupava que você achasse que nossa relação seria puramente sexual.

— Eu quero muitas coisas sexuais de você — ela admitiu —, mas quero isso porque quero *você*. Não porque o sexo seja a coisa mais importante ou que eu esteja tentando superar algo. — Ela desviou o rosto e olhou para a multidão e o palco.

Demorou um minuto para eu perceber que havia irritado sua paciência, que aquilo que disse havia magoado seus sentimentos.

— Eu não duvido que você possui sentimentos genuínos por mim — eu disse. — Espero que sinta o mesmo afeto de mim em relação a você.

Ela riu, se esticando para beijar meu queixo.

— Você é tão adoravelmente formal que eu mal consigo aguentar.

Tomamos nossa segunda rodada um pouco mais devagar desta vez, e quando pedi a terceira, eu já podia sentir a onda quente do álcool atravessando meu corpo. O rosto da Ruby estava vermelho, sua risada saindo fácil dos lábios enquanto eu contava histórias da minha infância em Leeds: Max correndo para casa aos quinze anos sem as calças depois de ser flagrado comendo a filha do executivo-chefe do Conselho da Cidade no meio do Pudsey Park; o casamento da minha irmã mais velha Lizzy, quando sua dama de honra derramou uma taça inteira de vinho vermelho sobre seu vestido de casamento e o Tio Philip ficou tão bravo que caiu sobre o bolo dos noivos; o famoso mau humor da minha outra irmã, Karen, e sua reputação no colegial como a melhor (não oficialmente) boxeadora de Leeds.

Quando a banda de abertura — um grupo absurdo de homens estridentes chamados Sheriff Goodnature — terminou o show, as pessoas começaram a voltar para o bar, pedindo mais bebidas antes da atração principal. Ruby deixou seu drinque pela metade sobre o balcão e pediu licença para usar o banheiro. Segui-a até um dos muitos corredores estreitos do lugar, e a encontrei de novo no saguão quando ela voltou, notando seu grande sorriso quando me abaixei para beijá-la.

— Não conseguiu me esperar voltar? — ela perguntou com o rosto corado.

— Certo, eu admito — murmurei em sua boca. — Você é absolutamente linda.

Com um gritinho de excitação, ela me puxou de volta para o salão principal até o meio da multidão suada e pulsante que esperava ansiosa pelo Bitter Dusk. Os membros da banda surgiram e começaram a plugar os instrumentos, testar os microfones, entrando e saindo dos bastidores. Eu podia sentir a Ruby vibrando ao meu lado e fiquei olhando enquanto ela absorvia cada movimento que eles faziam. Tinha muito barulho para eu poder falar com ela, mas embora o salão lotado não fosse minha praia e eu tinha certeza de que reclamaria do barulho depois, ver a Ruby feliz assim apagou qualquer desconfiança que eu tivesse. Eu poderia passar a noite inteira olhando para ela e amaria cada segundo.

Um silêncio caiu sobre a plateia e o vocalista se aproximou do microfone. Ele não disse nada, apenas olhou para seus companheiros e assentiu. O baterista contou um, dois, três.

Era bateria, baixo e guitarra juntos de um jeito que apenas poderia ser descrito como pura beleza. Num instante, essa combinação pulsou por minhas veias e deixou minha pele arrepiada. A música era incrível: cheia e rica, com uma guitarra com raízes no blues, uma bateria precisa e vocais que me surpreenderam. Eu sabia que no fim da noite meus ouvidos ficariam tinindo e a Ruby precisaria gritar dentro do meu cérebro para ser ouvida, mas era um tipo de mágica que eu nunca havia imaginado: senti a música como uma presença física sobre toda a minha pele e por dentro do corpo.

Ruby não havia me avisado sobre o que esperar, e talvez ela pensasse que eu já tinha feito isso antes — mas a verdade era que eu nunca fiz. Já assisti sinfonias, balé e musicais intermináveis com a Portia na cena teatral de Londres, mas nunca experimentei nada visceral como isso.

A voz do vocalista às vezes era rouca e crua, em outras era doce e suave. As letras excitaram minha imaginação de um jeito que eu nunca sonhei, fizeram coisas crescerem em meu peito, como arrependimento e culpa, expectativa e alívio. Senti-me estranhamente nostálgico pelos meus anos perdidos e extremamente esperançoso sobre o que a vida poderia ser, começando neste exato ponto no tempo. Era quase demais, intenso demais com as luzes explodindo pela plateia e a Ruby erguendo os braços sobre a cabeça e cantando cada palavra das canções.

Na minha frente, ela dançava balançando os quadris e ombros e me

deixando louco por ela, querendo agarrá-la e puxar seu traseiro diretamente sobre meu pau. Meus dedos agarraram seus quadris, meus olhos se fecharam e fiquei ouvindo o som penetrando cada centímetro do espaço no salão, sentindo cada movimento sedutor da Ruby contra mim. Suas mãos procuraram e agarraram meu cabelo, puxando meu rosto para o lado de seu pescoço.

Eu chupei e mordi, gemendo para ela, e então — quando comecei a ficar duro, minha mente esquecendo a música e focando somente na linda criatura na minha frente — tive que decidir se a puxaria para uma das muitas pequenas alcovas ao redor ou se ficaria com ela aqui aproveitando o show. Eu me ajeitei e decidi simplesmente deixar o momento me carregar.

A banda encaixava música atrás de música praticamente sem pausa, parando apenas para cumprimentar a plateia e tomar um gole de cerveja. Era diferente de tudo que já vi ou ouvi, e senti como se pudesse ver um lampejo do coração da Ruby: seu amor por energia e aventura, espontaneamente conseguindo ingressos para ver sua banda favorita numa cidade desconhecida. Admirei a confiança que tinha em seus próprios instintos ao me trazer aqui.

Ela sabia que minha reação à música, luzes, e o ritmo pulsante de centenas de pessoas pulando ao meu redor seria profunda.

—

Com meus quase dois metros de altura, eu me acostumei a me curvar para ouvir as pessoas falarem, e a me abaixar para passar em portas, e a ficar fora de círculos para as pessoas não sentirem que eu estava excluindo alguém. Mas na viagem de metrô de volta para casa, enquanto estávamos de pé balançando junto com o movimento do trem, eu podia sentir que a Ruby queria que eu me esticasse em toda minha altura, segurando a barra no alto para que ela pudesse se apoiar em mim, praticamente escalando meu corpo em sua excitação pós-show.

Sua barriga raspou sobre meu pau de novo, e de novo, enquanto suas mãos deslizaram para dentro do meu casaco e debaixo da camisa para que pudesse pressionar as palmas frias sobre meu estômago. Os dedos provocaram sobre os cabelos em meu umbigo e a fivela do cinto. Senti ela deslizar o dedo indicador para dentro da minha calça.

E, meu Deus, ela sabia exatamente o que estava fazendo. Eu podia ver no brilho safado em seus olhos. Seu sorriso era malicioso, deslizando para o lado, empurrando os lábios para cima enquanto eu a ouvia falar sobre o show, a plateia, as músicas. Minha mente se perdia a cada vez que ela raspava as unhas sobre meu estômago, a cada vez que apertava seu corpo macio em meus quadris. Aguentei aquela tortura em silêncio, sem nunca tirar os olhos de seu rosto, absorvendo o tesouro oferecido em cada palavra cheia de alegria. Com cada sacudida do metrô, cada curva do trem, eu mentalmente calculava quanto tempo até eu poder devorá-la na cama.

Emergimos da estação e ela fez uma pausa para respirar fundo. Uma pausa longa o bastante para eu pressioná-la contra a parede de um prédio perto do nosso hotel e respirar o aroma de mel e rosas de sua pele.

— O que você está fazendo comigo? — sussurrei.

— Hum... — Ela se espreguiçou como uma gata em meus braços.

— Onde está a disciplina do meu cérebro? Onde está o juízo que me diz para ser cuidadoso com você?

— Você *não* precisa.

— Você está bagunçando todos os meus pensamentos. Estávamos indo tão bem nas últimas semanas.

Suas mãos subiram até meu pescoço e me puxaram para um beijo tão íntimo que senti algo latejar em meu peito. A maciez de sua boca me destruiu, o jeito como oferecia os lábios e língua era tão sincero junto com os gemidos discretos quando me sentia lambe seu lábio, chupando entre dentes.

— Ainda estamos nos saindo bem. Não vou fazer amor com você até *ser* amor para você — ela disse.

Não, não disse... ela me *reassegurou*. Ruby estava me dizendo que sabia que havia roubado minha mente, possivelmente meu coração, e trataria as duas coisas com cuidado.

Por algum motivo essa promessa que não faríamos amor até eu ter certeza apenas aumentou meu delírio. Comecei a puxar ela pela rua.

Dois segundos dentro do quarto e eu arranquei seu casaco, joguei o meu no chão e a pressionei de costas contra a porta. Seu tênis foi jogado em

algum lugar perto da cama; a calça jeans foi arrancada pelas pernas e jogada de lado.

Nunca senti uma fome assim; minha pele me apertava e praticamente vibrava. Ruby me encarava, banhada apenas pela luz que vinha da rua pela janela, os olhos arregalados com excitação. Sua expectativa e a rigidez do meu pau pressionavam igualmente em meus pensamentos. Em algum lugar lá no fundo da minha mente eu sabia que precisava me segurar, mas no momento, com o coração martelando tão forte que eu podia ouvi-lo, eu não conseguiria me conter mais, nem que minha vida dependesse disso.

— O que você está... — ela começou a dizer quando eu abaixei minha própria calça até os joelhos e caí pesadamente sobre ela, com minha cueca e sua calcinha sendo as únicas barreiras me impedindo de tomá-la pela primeira vez, ali mesmo, no chão.

Entre suas pernas, meu pau pressionava sua entrada através do tecido fino, e pude sentir o quanto ela estava molhada debaixo da renda. Gemendo, impulsionei o quadril contra ela várias vezes, com pressa e desespero, puxando sua camisa e sutiã para cima dos seios para poder agarrá-los.

Eu podia imaginar como seria — *como será* — com suas pernas envolvendo minha cintura e seus quadris gulosos puxando e raspando, para cima e para baixo, acompanhando cada uma das minhas investidas famintas. As mãos da Ruby agarraram minhas costas, implorando para ir mais rápido e mais forte.

Segurei meu peso sobre ela, apoiei sobre meus cotovelos e a beijei loucamente; meus dentes deslizavam sobre sua pele, a boca chupava sua língua, os lábios, o pescoço. Ela não se importava com meu desespero — isso parecia excitá-la ainda mais — e seus gemidos e lábios e mãos me faziam sentir *selvagem*.

Eu já estava tão perto de gozar — perto *demais* —, mas dane-se, eu poderia ir mais devagar depois. Eu precisava de alívio da loucura que se instalou em mim por ficar tão perto dela, saboreando, sentindo-a debaixo de mim. A necessidade de alívio se acumulou em minhas costas, disparando eletricidade até que, jogando com força meus quadris para frente, eu gozei, gritando no meio do quarto escuro.

Ruby ofegou, agarrando meu cabelo quando eu imediatamente me afastei,

arrancando a calcinha de suas pernas e me abaixando para pressionar minha boca naquela doçura molhada, enterrando minha língua entre suas pernas.

Ah, o alívio disso, de tomá-la, saboreá-la dessa maneira.

Seu grito saiu sufocado, seus quadris subiram do chão e, em algum lugar no fundo da minha mente, eu sabia que precisava ser gentil e carinhoso, mas enquanto eu abria seu sexo com os dedos, chupava e fodia com minha língua, ela se tornava cada vez mais agitada.

— Niall... — Meu nome se desintegrou em seu grito desesperado. Ela puxou meus cabelos, tirando minha boca dela. — Me leve para a cama — ela disse quase sem ar. — Quero olhar você me chupando.

Eu me levantei, chutando minha calça e tirando minha camisa antes de erguê-la, carregando-a até o colchão e ajudando a tirar o emaranhado de sua camisa. Meu corpo havia esfriado o bastante para eu poder simplesmente olhar para ela, beijando seu pescoço até ela me puxar para seu rosto.

— Adoro isso — ela sussurrou entre beijos, repetindo minhas palavras de nossa primeira noite íntima em seu quarto do hotel. — Adoro sentir meu sabor em sua língua.

Senti seus arrepios em minhas mãos e fechei os olhos, apenas curtindo os doces beijos que ela me dava, a maneira como tomou minha mão e a levou para o meio de suas pernas.

Afastando meus lábios, eu descii para seu pescoço, o peito, dando atenção aos seios e barriga, antes de me acomodar entre suas coxas, beijando o quadril.

Ela correu os dedos em meus cabelos, estudando meu rosto enquanto eu olhava seu corpo nu de cima a baixo. — Você ficou tão quieto de repente — ela sussurrou.

Eu abri seu sexo com os dedos e adorei a sensação em meu polegar, molhado por ela, esfregando para cima e para baixo em seu clitóris.

— Estou me concentrando.

E por que eu falaria em meio aos deliciosos gemidos roucos e respiração ofegante?

Desenhei vários círculos com o polegar e seu quadril se ergueu do

colchão.

— Eu... — sua voz sumiu junto com o ar dos pulmões.

— *Shh...* — Eu me abaixei, pressionando minha boca sobre meu polegar, lambendo e acariciando com o mesmo ritmo. Por muito tempo em minha vida eu não fantasiei sobre sexo oral — dando ou recebendo —, já que nunca foi algo que a Portia quisesse fazer depois de nossos primeiros anos juntos. Ela só queria papai-e-mamãe, uma música ao fundo para que nossos sons não fossem tão óbvios, olhos fechados, luzes apagadas.

Mas eu adorava o sabor de uma mulher, adorava como esse ato era ao mesmo tempo carinhoso e safado. Beijar uma mulher aqui sempre me pareceu o auge da sensualidade febril: um homem querendo saborear a fonte de seu prazer. E aqui, na cama, a Ruby se apoiou nos cotovelos para me assistir de olhos arregalados, os cílios tão grossos e sombrios e parecendo puxar as pálpebras com o peso.

Enquanto eu circulava o polegar e língua, seu peito subia e descia com a respiração forçada, sua boca levemente aberta, a língua deslizando para dentro e fora do lábio inferior.

— Você gosta de fazer isso comigo? — ela perguntou, com a voz quase inaudível.

— Acho que “gostar” não faz jus àquilo que eu sinto — eu disse, beijando-a e provocando. — Acho que nada no mundo me daria mais prazer agora.

Sua respiração diminuiu, os quadris subiram e congelaram quando tirei a boca. *Tão perto.*

— *Niall.* Por favor.

— Por favor, o quê, minha querida? — Mordisquei a coxa e a delicada pele ao lado da minha mão, diminuindo os movimentos do polegar.

— Ponha a boca de volta... *ali.*

Lutei contra um sorriso.

— Ali onde, exatamente?

Seus olhos encontraram os meus, suavizando.

— Você sabe onde.

— Bem aqui? — sussurrei.

Ela se contorceu.

— Eu preciso.

— Você ainda apenas *quer* — eu disse, adorando voltar para nosso joguinho agora que eu podia tocá-la de verdade e cumprir minha promessa de fazê-la gozar em meu beijo.

Vi seu lábio tremer antes de mordê-lo, exibindo um olhar de súplica para mim.

Foi fácil trazê-la até aqui, até este ponto. Nada era capaz de mostrar com tanta nitidez o quanto ela fantasiou sobre este momento do que a maneira como seu corpo se derramou tão facilmente sob meu toque.

— Diga pra mim — sussurrei, abaixando e respirando sobre seu clitóris.

Ela fechou os olhos com força e agarrou meu pulso, com urgência e desespero. Ela estava tão molhada; Ruby tremia em minha mão, o corpo todo tenso, a respiração presa na garganta.

Eu estava delirando com seu prazer, perdido na visão de sua boca aberta, a pulsação martelando na garganta, o sabor de seu sexo ainda em meus lábios.

— Diga pra mim, minha linda.

Deslizei a língua sobre ela, de novo e de novo.

Suas coxas tremiam ao lado da minha cabeça.

— Estou muito perto.

— Não, quero que você *fale* — repeti em sua pele, tirando a boca novamente.

Ela precisou forçar os olhos a abrirem, e eles me olharam, confusos.

— Por favor, eu...

— Tenho vários dedos para brincar — eu disse, com um pequeno sorriso.
— Seria um desperdício se não fizessem nada. Diga pra mim... você quer que eu faça algo com eles?

Ela gemeu quando eu comecei a lamber desesperado, fazendo seu corpo todo tremer, e eu podia sentir como minha pergunta a deixou à beira do

precipício.

Eu simplesmente quis que ela soubesse o que estava por vir, e sem hesitar, pressionei os dedos juntos para dentro dela, fundo, forte, enquanto a chupava para dentro da minha boca. Quase perdi a cabeça quando ela gritou, arqueando as costas e gozando violentamente, fechando as pernas sobre meus ombros, as coxas tremendo ao meu redor.

—

Carreguei Ruby até o banheiro, com suas pernas ao redor da minha cintura e os lábios em meu pescoço, beijando, confessando discretamente que nunca sentiu nada igual.

E eu também não.

Ruby tremia em meus braços, fraca e em êxtase, e eu cuidadosamente baixei seu corpo no chuveiro, protegendo-a do jato d'água enquanto ensaboava cada centímetro de sua pele. Ela pousou as mãos sobre minha cintura, observando meus movimentos em silêncio, com olhos cheios de uma emoção que, de repente, fiquei aterrorizado que ela expressasse em voz alta. Os olhos da Ruby não escondiam nada: eu sabia, sem dúvida nenhuma, que ela estava apaixonada por mim, e não era apenas o prazer da minha boca agora, ou a ideia de minha personalidade reservada se abrindo sob seu charme, mas apaixonada de verdade. Por mim.

E se fosse simples assim, eu faria amor com ela agora mesmo, pois sabia que meus sentimentos rapidamente passaram de uma atração inicial para uma emoção muito mais profunda. Amor, talvez. Mas depois de passar tanto tempo com a Portia sob a desculpa daquilo que eu sinceramente achava ser amor, como eu poderia confiar em minha própria definição? Sim, eu me dedicava a ela. Era extremamente leal. Mas amor? Eu já não tinha tanta certeza.

Uma lembrança me atingiu de repente, da noite do meu casamento, enquanto dançávamos na frente dos convidados e eu me senti estranhamente efervescente e esperançoso.

— Sabe por que acho tão atraente você vestindo branco? Porque é como um segredo — eu disse naquele dia antes de beijar seu pescoço. — *Nosso segredo.*

— Como assim? — ela perguntou. Se eu fosse um homem mais esperto, poderia ter percebido a tensão em sua voz e a expressão que passei a conhecer tão bem e que me dizia para ter muito cuidado.

Mas eu não era um homem esperto.

— Eu já fiquei com você, meu amor — eu disse. — Vou ficar de novo e de novo hoje à noite.

Portia congelou em meus braços, deixando seu corpo ser levado por meus movimentos pelo salão. A música terminou e os convidados aplaudiram.

Olhei para seu rosto, frio e endurecido sob o calor das luzes penduradas na tenda.

— O que foi?

Ela forçou um sorriso, se esticou para beijar meu rosto e disse:

— Você acabou de me chamar de vadia em nosso casamento.

O começo. Embora não tenha sido assim sempre, mas a maior parte foi. Pedi a Portia em casamento com uma aliança que comprei numa confeitaria e ela riu tanto que até chorou, depois me beijou na frente das pessoas que passavam pela Piccadilly Circus.

Nosso noivado era uma lembrança que se perdia frequentemente no meio de todas as memórias entediadas e sem emoção que se seguiram. Eu me forçava a lembrar os bons tempos sempre que precisava falar com a Portia ultimamente e me apegava a essas lembranças com uma estranha dedicação para um homem que não tinha desejo algum de se reconciliar com a ex-mulher. Eu as revivia porque precisava lembrar que existiu um tempo quando casar com ela não era apenas uma clara expectativa, mas uma ideia adorável.

Eu estava chocado pelas coisas que sentia pela Ruby — desejo infinito, admiração, respeito e uma vontade de me abrir completamente —, coisas que nunca senti antes, mesmo com a mulher com quem me casei.

Uma culpa apertava meu peito — culpa por achar que desperdicei meu tempo, que eu poderia dar mais à Portia do que dei. Culpa por estar pensando tudo isso enquanto banhava o corpo da mulher por quem eu estava me apaixonando.

Ruby me fazia sentir exultante, mas eu estava aterrorizado. Com medo da velocidade do que estava acontecendo, com medo que realmente não fosse algo passageiro.

Acariciei seus seios, quadril, costas e cada uma das pernas até chegar aos pés. Meu corpo vibrou por ela novamente, insaciável, e mais do qualquer coisa, eu estava aterrorizado pela ideia de já estar viciado na maneira como ela me olhava, viciado em seu afeto e devoção de um jeito que nunca senti com a Portia. E que sabia que nunca sentiria, não importa quantos anos fôssemos sofrendo juntos.

Levantei-me, virando a Ruby sob a água para enxaguá-la, incapaz de tirar as mãos daquelas curvas e — quando ela terminou — guiei sua mão para onde eu estava rígido entre nós, praticamente implorando, sem palavras, por sua boca sobre a minha.

Ela se esticou para me beijar, puxando-me até nossas bocas se encontrarem debaixo d'água, sua outra mão se movendo sensualmente sobre minha ereção.

Com seus olhos fechados com força e pequenos gemidos escapando de sua garganta, seus lábios tremeram quando ela me beijou. Eu não seria capaz de distinguir lágrimas da água que corria em seu rosto, mas eu soube que a amava quando registrei o quanto eu adorava vê-la tão entregue a mim. E um segundo pensamento me ocorreu, com uma única pontada afiada em meu coração, quando percebi que se o afeto da Ruby algum dia se esfriasse, isso me destruiria.

Treze

O fato de eu estar apaixonada pelo Niall Stella era segredo apenas em teoria. Ele sabia, ele sabia. O fato de que ainda faltava pronunciar as palavras era apenas uma formalidade. Eu enxerguei em seu rosto quando a ficha caiu – uma expressão adorável, apesar de um pouco amedrontada – se comportando como se eu fosse uma taça de cristal que podia ser estilhaçada em vários pedaços e ele precisasse consertar tudo depois.

Essa sensação pairou no espaço ao nosso redor e foi difícil não sentir um início de irritação. Minha adoração selvagem, sua constante desconfiança; eu não sabia o que era pior. Minha confissão silenciosa estava escrita em meu peito com letras enormes, mas mesmo assim ele não disse nada.

Então, eu também não.

Niall nos envolveu em toalhas e caímos quase imediatamente na cama. Na cama dele? Na minha? Eu já nem sabia mais. E importava? Meu orgasmo me deixou muito relaxada, mas eu estava completamente sem sono. – Se você pudesse estar em qualquer lugar agora, onde seria?

Já fazia um tempo que estávamos quietos, com as luzes apagadas e apenas o som da rua lá fora ou um ocasional barulho no corredor para invadir nossos pensamentos. Ele se posicionou como de costume – esticado sobre a barriga, agarrando um travesseiro – e olhou para mim no escuro. Eu adorava o fato de que sabia como ele dorme. Era algo tão íntimo, saber como uma pessoa se arranja para cair no sono, e uma parte de mim se deliciava por eu ser uma das poucas pessoas que conhecia esse pequeno segredo dele.

– E não pode dizer “aqui mesmo” – acrescentei, passando um dedo sobre seu braço. Sua pele ainda estava macia e aquecida pelo banho. Apertei um pouco, massageando o músculo, e ele suspirou de prazer. – Qualquer outro lugar.

A lua estava alta no céu, e uma luz cortava a cama, passando sobre seu corpo. Observei suas sobrancelhas se juntarem enquanto ele pensava na resposta.

Eu nem sabia por que fiz essa pergunta. Talvez estivesse me sentindo

vulnerável depois do banho, e aquela pequena semente de dúvida estava me deixando com saudades de casa. Talvez fosse a parede que eu sentia que fora derrubada hoje, vendo o Niall se entregando para a música e a multidão ao redor. Ou talvez fosse apenas meu jeito de tentar entrar naquela cabeça complicada dele. Sei lá.

– Hum, qualquer lugar?

Eu confirmei. Os lençóis mantinham minha pele fresca, mas eu podia sentir o calor de seu corpo ao meu lado.

– Por que não posso dizer “aqui mesmo”? – ele perguntou, esticando o braço para acariciar a ponta do meu nariz.

Dei de ombros e ele mexeu a perna, enganchando sobre a minha para me trazer ainda mais perto. Foi um pequeno gesto que me deixou sorrindo no travesseiro.

– Quando éramos pequenos, nosso pai tinha um amigo que trabalhava no Elland Road, o estádio de futebol em West Yorkshire. O Max já tinha idade para dirigir e às vezes ele me levava junto... eu, o irmãozinho irritante. Ele nos levava até lá e ficávamos batendo uma bola. O Leeds United joga no Elland Road – ele disse, todo reverente –, o time que eu assisti minha vida inteira pela televisão em casa. Também torci por eles na arquibancada, mas lá estava eu, no meio da mesma grama usada pelos homens que eu adorava. Eu gostaria de voltar lá um dia com meu irmão. Ver se eu ainda sentiria tanta emoção.

– Eu gostaria de ver isso também – eu disse, sorrindo ainda mais. – Você e o Max, adolescentes correndo pelo campo. Os dois sem camisa, não é?

Niall cerrou os olhos para mim com uma intensidade que me fez explodir em risada.

– E você, onde estaria, Srta. Ruby?

– Sinto falta de San Diego.

– Você não gosta de Londres?

– Eu *amo* Londres, morar lá foi a realização de um sonho, mas é um lugar caro, chove muito e eu sinto saudade de todo mundo.

– Todo mundo?

– Minhas colegas de quarto, Lola e London. E principalmente meu irmão.

– Deve ser difícil ficar longe deles.

– O fuso horário é uma porcaria – eu disse, gemendo.– Tipo, a gente só tem quatro horas onde todo mundo fica acordado no mesmo dia, e isso é logo de manhã ou tarde da noite.

Niall assentiu, continuando a correr os dedos sobre minha franja. Comecei a sentir meus olhos pesados.

– Mas você vai ficar em Londres, não é? – ele perguntou, e eu pensei ter ouvido uma certa ansiedade em sua voz.

– Pelo menos até terminar a pós.

– Então, mais alguns anos.

As palavras queimaram na ponta da minha língua.

– Espero que sim – acabei dizendo.

– Então, conte sobre San Diego. Como foi crescer por lá?

– Você já esteve na Califórnia? – perguntei.

– Já estive em Los Angeles – ele disse. – Muito sol e muitas palmeiras. E muita gente loira.

– Los Angeles não é San Diego – eu disse, sacudindo a cabeça, mas sentindo meu peito aquecer só de pensar em casa. – Los Angeles é só cimento, carros e pessoas. Em San Diego você encontra palmeiras, céu azul e mar em todo lugar. Quando eu era pequena, Crain e eu visitávamos a casa de um amigo que ficava perto da praia. Carregávamos as cestas em nossas bicicletas e passávamos o dia todo por lá.

– E vocês faziam o quê? – ele perguntou.

– *Nada* – eu disse com um suspiro. – Apenas deitávamos na areia o dia todo, jogávamos vôlei ou ficávamos lendo ou conversando, ouvindo música. Quando ficava calor demais, pulávamos na água, às vezes emprestavamos a prancha de alguém, quando dava fome comíamos um lanche. Minha mãe nos via pela manhã e só nos encontrava de novo depois do sol se pôr.

– Parece ótimo. Fico só imaginando a imagem da Ruby adolescente – ele disse, enrolando o dedo numa mecha de cabelo e puxando. – O cabelo queimado pelo sol e o nariz cheio de sardas. Pele morena e biquíni apertado.

– Ele pensou um pouco sobre isso antes de limpar a garganta e acrescentar: – Vamos imaginar o Niall adolescente nesse cenário também.

Eu ri, puxando o lençol sobre meu corpo.

– Carlsbad foi um lugar incrível para crescer, sabe? Antes de sair dos Estados Unidos eu estava dividindo um ótimo apartamento com duas das minhas melhores amigas. A sala de estar tinha vista para o mar – eu disse, sentindo tanta falta delas naquele momento que era como uma dor física. – Entre nossos trabalhos, parecia que nunca nos encontrávamos, mas quando finalmente conseguíamos ficar todas juntas, preparávamos cappuccinos para ficarmos acordadas a noite inteira conversando, às vezes até assistindo o sol nascer sobre a marina. Acho que foi por isso que foi tão fácil ir embora... Estávamos sempre tão ocupadas que nunca nos encontrávamos.

– Talvez. Ou talvez você soubesse que algo maior estava à espera. À espera de você.

Olhei para ele por um longo tempo depois que disse isso, imaginando se ele se referia à minha pós, ao trabalho ou algo mais.

– Você deveria visitar algum dia. Deitar na areia, visitara Disney, andar na Space Mountain.

Niall franziu o nariz desaprovando minha ideia, mas eu o beijei mesmo assim.

– Disney?

– Você também achou que não ia gostar do show, lembra? Às vezes é divertido fazer alguma coisa boba.

Ele ficou em silêncio por um tempo antes de assentir uma vez e inclinar o queixo na minha direção para outro beijo.

– E o que achou de Nova York? Você gostou?

– É grande e barulhenta, mas... é excitante. Nunca vou esquecer – eu disse, com os olhos ainda sobre o edredom.

– Talvez você volte algum dia.

Encolhi levemente um ombro.

– Talvez. Mas pode não ser a mesma coisa sem a companhia.

– Quem compraria cachorro-quente pra você e faria graça com a sua

mostarda?

– Quem me iria encoxar no metrô?

– Exatamente. Então, primeiro a pós, depois o quê? Voltar para San Diego?

Estávamos sendo tão honestos hoje e eu não queria parar agora.

– Não sei – eu disse. – Depende de um monte de coisas.

– Tipo?

Estudo, encontrar trabalho, encontrar um apartamento. Você. Eu.

– Estudo – eu disse. – Um emprego que pague o suficiente para morar lá.

– Tenho certeza que nenhuma dessas coisas vai ser problema.

– Eu ainda não consegui a vaga no programa da Maggie, sabe?

– Mas vai conseguir. Margareth Sheffield seria malucas e não aceitasse alguém como você. Você é brilhante, Ruby.

– Mas estou momentaneamente *distraída* – corriji.

Ele alisou minhas costas até a curva da bunda e parou nos quadris.

– Ah, mas logo vamos voltar para casa, não é?

– Acho que nós dois sabemos que Nova York não é a causa da minha distração – eu disse honestamente.

– Acho que isso é verdade para nós dois – ele disse, acariciando minha pele com o polegar.

– E o que vai acontecer quando voltarmos? – eu disse, fazendo a pergunta que estávamos evitando. A volta seria dali a dois dias. As passagens já estavam compradas. O e-mail de confirmação chegaria em menos de 24 horas. Tudo aconteceu tão rápido, mas será que continuaria? Concordamos em não avançar fisicamente a relação até ele saber que me amava, mas o que isso significava? Já podíamos nos considerar um casal? Podíamos contar para os outros?

Ele olhou em meu rosto e percebi que o Niall não estava esperando isso, que eu perguntasse tão diretamente.

– Nós vamos dar um jeito – ele disse. – É claro que as coisas serão diferentes no trabalho, mas fora isso, tudo pode continuar como estamos

agora.

Sua expressão ficou tensa, igual à minha. Eu não sabia qual dessas frases eu odiava mais. *Vamos dar um jeito* parecia que mal estávamos sobrevivendo, que *nós* éramos algo que precisava ser suportado. *As coisas serão diferentes no trabalho*. É claro que sim, como não poderia ser? E *continuar como estamos agora*. Acontece que não é isso que eu queria. Não queria que tudo continuasse igual, eu queria mais. Eu queria o Niall por inteiro.



Quase três dias depois pisamos na calçada do Heathrow. O céu estava cinza como sempre, o ar frio e cheirando a pedra úmida e fumaça, mas estávamos em casa, afinal. Niall segurou minha mão pela maior parte do voo, cada vez mais confiante para me tocar, e mesmo agora estava tão perto que a lateral de seu corpo encostou em mim.

Ele sugeriu que fôssemos para seu apartamento, mas estávamos exaustos e, honestamente, não dormiríamos nem um pouco se estivéssemos juntos. Passamos semanas longe e tínhamos pessoas para encontrar, correspondência para abrir e, depois de nove horas viajando, não havia nada que eu quisesse mais do que um bom banho e minha própria cama. Principalmente porque o Tony havia pedido para eu aparecer no dia seguinte no trabalho e apresentar um relatório de tudo que aconteceu e, além disso, ele “não via meu rostinho lindo fazia um mês”.

Niall e eu definitivamente deveríamos ter conversado mais, ao menos discutido algum tipo de plano para o trabalho, mas em vez disso tentamos aproveitar ao máximo os últimos minutos a sós. Ele não largou minha mão enquanto a paisagem lá fora passava dos campos ingleses na estrada para as ruas lotadas de Londres, e quando o táxi parou em frente ao meu prédio, tudo que pude fazer foi dar um beijo de despedida – embora um pouco entusiasmado demais, considerando que estávamos no banco de trás de um táxi – e depois cambaleei com minhas malas até a porta da frente.

À noite, a chuva começou a cair lá fora, acertando com força as janelas do meu apartamento. Por algum motivo isso pareceu correto, chover em nossa primeira noite de volta a Londres, num retorno bem-vindo para a

normalidade.

Fui para a cama logo depois do banho, vestindo meu pijama favorito quando meu celular vibrou no cria do mudo.

Sinto falta de ver seu rosto no travesseiro ao meu lado.

Algo estalou em meu peito. Ele estava fazendo isso – estava tentando – assim como disse que faria. Digitei de volta, já sorrindo com a resposta que eu sabia que receberia:

Sinto falta de ouvir aqueles gemidinhos que você solta quando está dormindo.

Sou masculino demais para soltar “gemidinhos”, Srta. Miller.

Eu ri alto depois de ler aquilo e meu coração disparou.

Acho que preciso ver você totalmente pelado de novo, só pra ter certeza.

Nenhuma resposta veio por um minuto inteiro, e então o balãozinho apareceu, indicando que ele estava escrevendo.

Mal posso esperar p/ ver você de novo, esta cama é grande demais para uma pessoa.

Meus dedos tremeram no teclado enquanto eu digitava uma resposta, meu rosto já doendo de tanto sorrir. Ele realmente estava fazendo isso. *Nós* estávamos fazendo isso.

Eu também mal posso esperar para ver vc de novo.

Então até amanhã. Durma bem, querida.

Se um coração pode explodir de felicidade, o meu estava chegando lá.

Finalmente dormi com o som da chuva, um sorriso no rosto e o celular debaixo do travesseiro. A voz em minha cabeça estava quieta.

Quatorze

É fascinante a rapidez com que a mente humana incorpora novos hábitos. Apesar de estarmos de volta a Londres, apesar de nunca ter compartilhado esta cama com ela, acordar sem a Ruby foi estranho.

Peguei meu celular e enviei uma mensagem para ela.

Conseguiu dormir?

Quase nada. Acho que vou precisar de alguém atrás de mim mexendo meus braços e boca para conseguir trabalhar hoje.

Então vejo você no escritório, minha linda marionete.

Tomei café da manhã, li o jornal, vesti meu terno e saí. Poderia ser um dia qualquer... acontece que não era. Minha vida parecia milhares de vezes maiores.

Ruby estava em sua pequena sala compartilhada quando cheguei. Geralmente eu entro antes das oito, mas tenho certeza que nunca cheguei antes dela. Mas hoje eu tentei. Queria pelo menos um momento sozinho com ela, um momento de entrega antes que a realidade batesse. Infelizmente, não aconteceu. O escritório já estava vibrando com o burburinho da manhã, e apenas consegui dar um pequeno sorriso e uma piscadela para a Ruby, reparando em seus lábios molhados cor-de-rosa.

— Oi — ela disse, apenas movendo os lábios.

Fiquei olhando mais um pouco, querendo simplesmente me aproximar e beijar sua boca, mas apenas assenti e continuei andando até minha sala.

Ouvi as duas batidas de sempre do Tony em minha porta e, como de costume, ele entrou sem esperar resposta.

— E aí, tudo certo? — ele disse antes de sentar na cadeira em frente à minha mesa.

Eu me recostei na cadeira, sorrindo e tentando parecer relaxado.

— Tudo certo.

Ele cruzou as pernas e sorriu maliciosamente para mim.

— Imagino que fez uma boa viagem.

Nunca senti tanto como se estivesse num jogo de xadrez.

— Sim, ótima.

Anthony me olhou com olhos cerrados e os dedos formando uma pirâmide sob o queixo. Olhei para meu monitor fingindo checar os e-mails. Eu ainda não tinha decidido o que diria ao meu colega. Por um lado, eu não queria esconder o que estava acontecendo entre mim e Ruby, e se eu a conheço bem — e acho sinceramente que conheço — eu sabia que ela não conseguiria esconder nosso envolvimento. Por outro lado, eu queria que nossa privacidade fosse preservada, e o Tony adorava fazer piada com esse tipo de situação.

— Algo está diferente — ele disse, apontando um dedo para mim. — Seus olhos estão sorrindo. — Ele fez um gesto para sua própria sobrancelha. — Tem um brilho pairando sobre você.

— É mesmo?

— Você se deu bem em algum clube de Nova York?

Sua grosseria caiu pesadamente sobre a sala.

— Tony, não começa.

Ele pensou um pouco.

— Comeu uma daquelas dançarinas do Radio City?

— Não enche.

Ele me olhou de cima a baixo de novo, depois sorriu.

— Então, finalmente comeu a Ruby?

Engoli em seco, pego de surpresa, fingindo olhar algo em minha mesa.

— Ah, não. Isso... bom, eu, quer dizer, não comi. Não.

Tecnicamente, era verdade. Tecnicamente, ainda não tinha feito sexo com a Ruby.

Tony bateu na mesa com a mão.

— Seu cachorrão!

Senti o sangue sumir do meu rosto. Essa era exatamente a reação que eu queria evitar.

— Não, Tony, não é isso...

— Você comeu ela sim, não é? Você pegou a minha Ruby!

Eu agarrei os braços da minha cadeira, sentindo uma tempestade se acumulando em meu peito.

— A “sua” Ruby?

— Então comeu mesmo — ele disse, batendo as mãos juntas, numa palmada violenta que ecoou pela sala.

Olhei para a porta e falei irritado:

— Fala baixo, seu idiota.

Ele fingiu limpar uma lágrima do olho. Tony adorava tirar sarro dos colegas, mas agora havia uma diversão extra em seu tom de voz.

— Ah, assistir a você se constrangendo todo no escritório por causa disso vai facilitar muito a espera pela nova temporada de *Game of Thrones*.

— Para de falar merda.

Seus olhos negros se arregalaram.

— Olha só, até palavrão ele está usando! Ouso dizer que ela conseguiu fazer você se soltar. Acho que vou até lá agradecer por essa proeza.

Respirei fundo, fechando os olhos.

— Tony, *não* faça isso.

— Ah, vamos lá, então me conta — ele disse, se ajeitando na cadeira, sua voz voltando para um tom um pouco mais sincero. — O que aconteceu?

Olhei para ele com uma expressão de quem não estava para brincadeira.

— Certo, já parei de sacanear, Niall — ele me assegurou, sorrindo mais honestamente. — Desculpa. Acontece que nunca imaginei que...

— Não é o que você está pensando — eu o interrompi, apoiando os cotovelos na mesa. Eu precisava ter algum controle de volta. E eu tinha que admitir que ajudaria se o Tony soubesse de modo geral o que estava acontecendo entre eu e a Ruby, mas com certeza ele não precisava de mais informação do que isso. — Acontece que ela gostava de mim e, bom... — Não consegui encontrar um jeito de articular onde minha cabeça estava em relação à Ruby, então apenas acrescentei: — Eu gosto da companhia dela.

Tony podia claramente enxergar o eufemismo nas minhas palavras.

— Hum, é claro.

— E agradeço se você não mencionar isso por aí.

Ele assentiu, fazendo um gesto ridículo de zíper sobre a boca e depois dando uma piscadela para mim.

—

Ruby estava sentada na pequena sala de descanso com sua amiga Pippa quando entrei para pegar meu almoço na geladeira. Nossos olhos se encontraram, e ela rapidamente desviou o olhar, mas um rubor se espalhou por seu pescoço subindo até o rosto.

— Ruby. Pippa — eu disse, cumprimentando-as.

— Olá, Sr. Stella — Pippa respondeu, num tom de voz alegre. Alegre demais. Será que a Ruby também passou por um interrogatório?

— Sr. Stella — Ruby disse, olhando de volta para mim junto com um sorrisinho cúmplice. Seus dentes morderam a ponta da língua e eu precisei respirar fundo, lembrando do último beijo que ela me deu antes de nos despedirmos ontem. Sua boca tinha o sabor da bala de hortelã que ela chupou na volta do aeroporto. Limpei a garganta e abri a porta da geladeira.

— Já se ajustou ao fuso horário? — eu perguntei, olhando sobre o ombro para ela.

Ruby sorriu ainda mais, encolhendo os ombros.

— Tentando.

Pippa ficou olhando atentamente para seu prato enquanto a Ruby me olhava nos olhos.

Senti o ar sumir dos pulmões e quase não consegui respirar. De volta para nosso cotidiano, a realidade de que agora havia algo entre nós fazia cada parte de mim doer de tanto desejá-la. Com a Ruby tão perto o dia inteiro, será que eu conseguiria me concentrar no trabalho? Concentrar em qualquer coisa?

Se pensasse em suas feições uma de cada vez, talvez não ficasse tão perdido. Seus olhos eram intensos demais; eles me diziam que ela estava tão desesperada para ficar sozinha quanto eu. Sua língua apareceu para

umedecer os lábios. O pescoço era longo, suave, e imaginei levá-la para casa, beijando a curva daquela garganta enquanto desabotoava cada uma das pequenas pérolas que se alinhavam na frente da...

— Hum... Sr. Stella? — ela disse, arregalando os olhos e inclinando a cabeça na direção da minha mão... que ainda estava tocando a porta aberta da geladeira. O ar frio invadia a sala e batia em meu peito.

— Ah — eu disse, voltando à realidade e apanhando minha salada. Peguei um garfo numa gaveta e corri de volta para minha sala.

Como suspeitava, eu não conseguia me concentrar e sabia que precisaria encontrar uma maneira para acalmar a bagunça em minha mente. Isso certamente não era do meu feitio; era desorientador. Eu precisava saber qual seria nossa agenda: ela dormiria na minha casa hoje? Como poderíamos continuar indo devagar fisicamente... ou já era tarde demais para isso? E será mesmo que eu ainda queria isso? A essa altura, o sexo parecia mera formalidade. Tudo que fizemos até agora parecia infinitamente mais íntimo, mas assim que pensei sobre isso, eu soube que ficar com a Ruby dessa maneira significaria mais para mim do que um simples próximo passo na relação.

Será que era isso que eu queria? Quando fizesse sexo com ela, será que conseguiria manter qualquer tipo de proteção ao redor do meu coração, caso eu não seja aquilo que ela realmente queria?

Eu achava que a Portia era o amor da minha vida, mas desde o primeiro momento em que a Ruby se esticou e me beijou com tanta coragem e ousadia, eu soube que estava errado.

Meu celular vibrou sobre a mesa e me arrancou de minha análise obsessiva.

Vamos jantar na minha casa ou na sua?

E antes de responder, lembre-se q tenho uma colega de quarto e uma cama pequena e sou a pior cozinheira do universo. PS: Pare de pensar tanto.

Rindo, respondi:

Nesse caso, a única opção é o meu apartamento. Moro sozinho, tenho uma cama enorme e acho q sou um pouco mais capaz na cozinha (mas só um pouco). Talvez eu peça delivery.

No lado de fora da minha sala ouvi uma voz de desenho animado gritando “Bundovski!” e depois a mesma voz rindo. Alguém bateu na minha porta imediatamente depois.

— Pode entrar — eu disse.

Ruby apareceu, sorrindo para seu celular.

— Combinado.

Meu coração inchou ao vê-la novamente.

— Combinado?

Ela fechou a porta.

— Combinado, vou jantar na sua casa, já que você insiste tanto.

Foi só então que entendi que o som que ouvi antes era seu alerta de mensagens.

— Aquilo foi...? — Recostei-me na cadeira e sorri para ela. — Por acaso seu alerta de mensagem disse “Bundovski!”?

Ela encolheu os ombros e qualquer traço do rubor de antes desapareceu quando ficamos sozinhos na minha sala.

— Especificamente, é o alerta para as *suas* mensagens. É dos minions. Sabe, do filme? — Ela sacudiu a cabeça e se aproximou. — Precisamos fazer você sair mais. Mas enfim, acho que combina. Você tem a melhor bunda deste lado do Atlântico.

— “Deste lado do Atlântico?”. Isso quer dizer que quando estávamos em Nova York você achou uma bunda melhor que a minha?

Ela franziu os lábios, fingindo que estava pensando.

— Não tive chance de fazer uma pesquisa detalhada, mas aquele amigo do Max, o Will, é bem sarado e...

Eu me inclinei sobre a mesa, grunhindo.

— Termine essa frase, Ruby Miller, e vou jogar você no meu colo e estapear a *sua* bunda.

Ela jogou a cabeça para trás, rindo do meu jeito favorito.

— Se você acha que espancar minha bunda seria uma puni...

Ouvimos duas batidas na porta e o Tony entrou de repente, sorrindo. O

sorriso congelou e se desfez, e seu rosto ficou sério quando ele olhou para a Ruby, que se inclinava casualmente sobre minha mesa. Ela se ajeitou imediatamente, fingindo arrumar alguma coisa na saia.

— Olá, Anthony — ela disse discretamente.

— Olá, Ruby — Tony respondeu, com as sobrancelhas juntas. Ele olhou para mim, depois de novo para ela. — Como estão os cálculos da Barclay Industrial?

Seu rubor voltou e seus olhos se fixaram no carpete.

— Estão prontos, só preciso escrever o e-mail.

Desculpa, eu estava só conversando com o Niall... — Ela quase pulou do chão — ... com o *Sr. Stella* sobre a viagem.

— Ruby, tenho certeza que é um alívio saber que ele agora está ciente da sua paixãoite — Tony respondeu com frieza —, mas o Niall é um vice-presidente nesta empresa, e certamente ele tem muito trabalho acumulado depois da viagem.

Senti os olhos arregalados da Ruby se virarem para mim, e meu queixo se apertou com raiva reprimida.

Que diabos ele estava fazendo?

Tony continuou:

— Talvez seja melhor você deixar a porta aberta quando entrar aqui, e deixar a *conversa* para suas horas fora do trabalho.

Com um leve aceno de cabeça e murmurando um pedido de desculpa, ela passou rapidamente por ele e saiu da minha sala.

— Tony — eu rugiu, olhando para ele com raiva. Meu sangue se aqueceu nas veias, o coração martelava no peito. — Tinha alguma necessidade disso? Ela está no horário de almoço. E “paixonite”? Ela não estava aqui me *assedando*. Estou tão envolvido quanto ela, e não tem nada de imoral acontecendo entre nós. Ela não é minha funcionária.

— Não — ele concordou —, ela é *minha* funcionária.

— Tony olhou, com uma expressão tensa, para onde a Ruby havia saído pela porta. — Acho que não imaginei que seria difícil para ela manter o profissionalismo.

Meus olhos se arregalaram quando finalmente entendi: o Tony estava com *ciúmes*.

— Por favor, diga que você está brincando — eu disse, com o máximo de indiferença que consegui. Algo se incendiou em meu peito por causa de suas palavras. Tony não era meu superior; pelo contrário. Tecnicamente, eu estava sendo sondado para a posição que me faria chefe dele. — *Você...* aquele que sugeriu que eu deveria dar em cima da Ruby, quem disse, com as seguintes palavras, que ela tinha “belas pernas e belos peitos”. *Você*, que só contrata as estagiárias mais bonitas do programa da Oxford. *Você* está aqui querendo dar lição de moral para *nós* sobre profissionalismo?

Ele piscou, clareando a vista quando olhou de volta para mim.

— Estou simplesmente dizendo que espero não encontrá-la aqui quando eu entrar novamente na sua sala. — Assentindo levemente, ele se virou e saiu.

Demorou uns dez minutos até meu pulso voltar ao normal. Eu estava extremamente bravo: comecei a andar de um lado para o outro, pensando se deveria contar para o Richard e ter certeza que todos ficassem sabendo que nada de impróprio estava acontecendo, e também falar para o Richard que o jeito que o Tony falou com a Ruby era inaceitável.

Mas eu estava com muita raiva. Uma das minhas regras era não conversar com ninguém nesse estado: a ideia de falar indignado em vez de manter um certo profissionalismo era inaceitável. A questão aqui era o comportamento do Tony, e meu lado se enfraqueceria se eu aparecesse falando no calor da emoção.

Também por essa razão esperei mais quinze minutos antes de enviar uma mensagem para a Ruby de novo. Eu não queria que ela pensasse que a opinião do Tony importava o bastante para me deixar com raiva.

O Tony passou dos limites.

Eu sei. Foi horrível.

Sinto muito, minha linda.

Demorou vários minutos para ela responder, mas quando a mensagem chegou, eu podia ouvir as palavras na voz sempre paciente da Ruby:

Não sinta. Vamos apenas curtir o seu apartamento vazio, sua cama enorme

e a comida que vamos pedir.

Sorri para o celular, digitando:

Vou esperar ansioso.

E era verdade. Eu mal podia esperar para agarrá-la em meus braços e lembrá-la que nossa relação se estendia para muito mais longe do que as paredes do escritório.

—

Ruby foi para sua casa pegar o que precisava para o trabalho no dia seguinte, então usei esse tempo para comprar o jantar no meu restaurante indiano preferido que fica logo na esquina.

Quando chegou, ela olhou ao redor da entrada e depois passou por mim, entrando na sala.

Meu apartamento estava, talvez previsivelmente, muito arrumado e decorado com simplicidade, com um sofá de couro preto macio e largas poltronas combinando, uma mesinha de centro de mármore e um grande tapete felpudo.

— Se eu precisasse desenhar o seu apartamento, seria exatamente assim.

Rindo, eu cheguei mais perto dela.

— Estou feliz por nunca surpreender você.

Ruby se virou e se encaixou em meus braços.

— O fato de nunca me surpreender é uma das razões para eu amar você.

Nós dois congelamos.

— Eu acabei de falar isso em voz alta? — ela perguntou, fechando os olhos com força e estremecendo. — Por favor, diga que essas palavras estavam só na minha mente.

Eu aproximei meu rosto e beijei sua testa.

— Você é amável.

Algo dentro de mim acertou meus pulmões, num forte golpe por não conseguir dizer algo melhor.

Eu te amo.

Você é amável.

Não é que eu tenha ficado surpreso com suas palavras, então por que não me antecipei e preparei algum tipo de resposta? Era oficial: sou o maior idiota do mundo.

Ruby ficou tensa e começou a se afastar, mas puxei-a de volta, beijando seu pescoço enquanto buscava desesperadamente a coisa certa para dizer.

— Ruby.

— Está tudo bem — ela disse, suspirando levemente quando me abraçou e pousou o rosto em meu pescoço. Ela não parecia nem um pouco bem. Eu queria olhar em seus olhos para saber o que encontraria ali, mas eu não conseguia me mexer. Ela respirou fundo, e após um momento, relaxou visivelmente. — Sei que estou bem mais avançada no quesito emoções. Desculpe ter jogado essa bomba de constrangimento.

— Por favor, não é isso... — mas não consegui terminar a frase, não consegui encontrar palavras para descrever o que eu sentia por ela. Com exceção de amor.

Eu a amava?

Eu já não tinha mais ideia de como era o amor conjugal; parecia uma língua estrangeira. Praguejei contra a Portia por sua frieza, por me fazer questionar todos os meus gestos, por desfazer uma infância cheia de declarações exuberantes de adoração, de provocações divertidas com meus irmãos e constante afeto por nossa mãe. Praguejei contra mim mesmo por permitir que eu me tornasse um anão emocional.

Eu não sabia como chamar meus sentimentos, mas sabia que estavam se expandindo, e eram profundos, e *aterrorizantes* — afinal de contas, perder a Portia foi como me livrar de correntes, mas a ideia de perder a Ruby era tão horrorosa que algo dentro de mim se apertou.

Posso apenas imaginar a força que ela precisou para expressar seus sentimentos tão abertamente e depois continuar aqui no meio do meu silêncio, esperando *eu* encontrar palavras... Eu queria dar tudo que podia, queria que ela soubesse o quanto eu era absolutamente maluco por ela.

Passei os lábios pelo seu queixo até o pescoço, chupando, mordendo. *Sinta isso, pensei. Deixe-me mostrar as coisas que não consigo dizer.*

Puxei o casaco de seus braços, jogando-o para o lado e levando meus

dedos aos botões da camisa, silenciosamente implorando que olhasse em meus olhos. Ruby olhou com uma hesitação em suas feições, mas então percebeu algo em meu rosto — uma súplica angustiada, uma necessidade esperançosa — e pareceu exalar um mundo de tensão, trazendo meu rosto para mais perto.

— Você está sugerindo adiar o jantar? — ela perguntou contra meus lábios.

Confirmei, envolvendo meus braços ao redor de sua cintura e conduzindo-a para uma das largas poltronas sem braços na sala de estar.

Minhas mãos estavam impacientes: abrindo o zíper da saia com pressa, puxando sua calcinha pelas pernas, passando minhas mãos famintas por cada parte de sua pele nua. As curvas da Ruby eram suaves, pálidas, absolutamente impecáveis, e eu me dobrei, chupando seu ombro, sentindo seus suspiros em minha palma.

Com muito mais cuidado, ela desabotoou minha camisa, prestando atenção na minha reação.

— Não precisamos fazer isso... — ela começou a falar, mas eu a interrompi com um beijo.

Relaxe.

Ruby deslizou minha camisa pelos ombros, abriu meu cinto e lentamente baixou minha calça pelas pernas até eu poder chutar tudo para longe.

Pegando em meu pau, ela começou a se abaixar até ficar de joelhos diante de mim.

Eu sacudi a cabeça, levantando-a e pressionando meus lábios sobre os dela, abrindo-os, degustando-os. Sua língua estava doce e pequena em minha boca, empurrando e mexendo com um súbito desespero. Suas mãos magras e firmes apertaram meu peito, jogando meu corpo na poltrona, e depois ela me seguiu, subindo sobre mim e enterrando as mãos em meu cabelo enquanto me beijava: com fome, mordendo, gemendo e implorando enquanto minhas mãos deslizavam ao lado de seu corpo, entre as pernas, sentindo sua pele mais macia e vulnerável.

— Você quer ir? — ela perguntou, com os lábios molhados, os olhos pesados.

Ela quis dizer... dentro dela?

— Eu... sim? — arqueei meu corpo debaixo dela, buscando contato.

Ruby chegou mais perto para me beijar de novo e sussurrou:

— Eu quis dizer, você quer ir para sua cama?

Fechei os olhos, lutando contra a maneira como meu cérebro queria dissecar essa pergunta nos mínimos detalhes. Se eu me levantasse e nos levasse para o quarto, poderia arruinar este momento de luxúria e alívio. Eu não queria me mexer nem um centímetro. Ficaria pensando demais sobre o que significava, o que eu sentiria, pensaria que nunca transei naquela cama e que não fazia nem quatro semanas desde que realmente conheci a Ruby.

Meu cérebro queria ter certeza sobre todas essas coisas.

Pare.

Não.

Não.

— Não. — Eu me abaixei, beijando seu pescoço enquanto minhas mãos a traziam para mais perto, apertando-a, quente e macia, contra o meu pau. — Não quero me mexer.

Seu quadril rebolou e ela subiu um pouco até eu ter certeza que um simples movimento dos meus quadris empurraria meu pau para dentro dela.

— *Deus* — eu gemi.

Eu já havia esquecido — ou talvez nunca tenha realmente conhecido — o quanto o desejo pode ser desesperador, angustiante e *selvagem*. Eu não me reconhecia. Eu era um homem que queria prazer, queria *foder*, e estava livre para fazer isso pela primeira vez em minha vida.

— Merda. Proteção — eu disse, quase sem voz.

— Eu me cuido — ela disse enquanto ofegava.

Seus olhos se encontraram com os meus, a questão pairou no ar.

— Venha pra mim, minha linda — sussurrei.

Com um gemido, eu me ergui ao mesmo tempo em que ela se abaixou. Ruby afogou um gemido na garganta que soou tanto como dor e prazer que eu quase enlouqueci.

— Espera — ela sussurrou, com sua voz tão fraca que precisei olhar em seu rosto. Ela encarava minha boca, seus próprios lábios molhados e separados... e ela estava *sublime*.

— Deixe... só... me acostumar... um pouco... — Seus olhos se fecharam e ela deixou escapar gemidos deliciosos e roucos a cada centímetro no qual ela se abaixava.

Eu mal conseguia ficar parado, meus pensamentos enevoados por sentir sua maciez... seu corpo

tencionando, tão apertada... sua respiração ofegante... as mãos puxando minha cabeça para seu peito.

Quando entrei por completo ela começou a mexer em pequenos e perfeitas reboladas *enlouquecedoras*. As unhas cravaram em meu pescoço e ela apertou os seios contra meu rosto, sussurrando coisas desconexas em meu ouvido:

Niall

Oh, Deus

Não vou

É tão

Ela estava usando meu corpo para seu prazer, e então começou a subir cada vez mais e a descer com força. Seus dedos agarraram meu cabelo, a boca quente chupou a curva do meu pescoço. Seu cheiro e seu sabor, o calor das coxas e os seios raspando sobre mim, a sucção e o aperto em meu pau; era como mergulhar por completo e nunca precisar ou querer tomar ar.

E os sons... *meu Deus*. Nunca ouvi uma expressão de prazer tão honesta, implorando e gemendo em meu ouvido. O som e a sensação — o êxtase que ela se permitiu sentir — destruíram minha pobre noção do que é o sexo e minha francamente ridícula experiência. O prazer era dela tanto quanto era meu, e a realidade disso — o que sexo deveria ser, uma intimidade para ser compartilhada mais do que tolerada — causou uma febre por meu corpo, queimando minha pele.

E eu também nunca estive tão duro ou faminto para agarrar e sentir e consumir. Bem quando pensei que não poderia haver mais do que isso, ela se inclinou para frente e para trás, enterrando ainda mais fundo, sugando ainda

mais. Tomei um mamilo em minha boca, chupando e apertando o outro seio, louco para que ela me cavalgasse, mas querendo que continuasse buscando a euforia que eu enxergava em seu rosto, que chegasse lá antes que eu me perdesse.

Pois eu sabia que, com a Ruby, eu me *perderia*.

Eu podia sentir a tensão se acumulando em minhas coxas, a necessidade de me enterrar e *foder*, e tomar, e me entregar. Podia sentir esta fera selvagem querendo escapar de mim, querendo um sexo que eu nunca tive, mas sempre precisei: sem inibições, suado, forte.

Os movimentos da Ruby se tornaram irregulares e ela puxou minha boca para um beijo, de lábios abertos e molhados, simplesmente se esfregando sobre mim, oferecendo gemidos e a respiração ofegante enquanto ela me fodia. Seu quadril perdeu o ritmo, as mãos me agarraram e senti seu aperto antes de se arquear, gritando enquanto gozava. Seu calor, a sensação de seus espasmos sobre mim e finalmente — *finalmente* — a maneira como ela me cavalgou forte quando o orgasmo chegou ao ápice, tudo isso desfez meu último pingo de controle. O prazer para mim era impossível de segurar, então me dobrei, pressionando os dentes sobre a maciez firme do mamilo e gemendo sobre sua pele.

Ela desabou sobre meu peito e, de uma vez só, eu a baixei até o tapete, puxei seus quadris do chão e deslizei para dentro dela com um longo movimento do quadril.

Ruby perdeu o fôlego — ela estava tão apertada que era como um punho me agarrando — e ficou olhando quando comecei a perder a cabeça, perder meu *coração*. Eu já não sabia mais quem era: este homem que se ajoelhou entre suas pernas e segurou o quadril para não afundá-la no chão de tanto foder. Eu não reconheci o homem que disse a ela:

Olha aqui

Olha bem onde estou fodendo

Você está tão molhada e macia

Você é tão quente e encharcada e perfeita

O prazer se derramava em cascata por minhas costas enquanto ela se tocava onde eu tirava a cada estocada, implorando com os olhos para eu me

entregar, para mostrar o quanto pode ser bom.

Eu não podia fechar os olhos. Nem em um milhão de anos eu fecharia os olhos na primeira vez em que ela me visse gozar sobre ela, *dentro* dela. Minhas investidas eram brutais, minha respiração entrecortada junto com grunhidos de tanta força física. Eu me entreguei para essa espiral, perdendo meu ritmo quando gritei no meio do silêncio da sala.

Nunca antes conheci um prazer tão intenso.

Fiquei parado, meu peito suado subindo e descendo com minha falta de fôlego. Os seios da Ruby estavam eriçados e brilhando, o rosto corado e lábios separados enquanto também tentava acalmar a respiração.

— Niall... — ela disse, passando a mão trêmula sobre meu peito.

Meu instinto falou mais alto: uma sensação de pânico e obrigação. Eu me levantei com as pernas fracas e corri para o banheiro, onde apanhei uma toalha e a molhei sob a água quente.

Voltando para ela, eu me abaixei, passando a toalha quente entre suas pernas, com carinho e limpando meu...

— Niall — ela disse, parando minha mão com os dedos.

Eu me sentei nos calcanhares e olhei para o seu rosto.

— Está doendo?

Ela franziu as sobrancelhas, confusa.

— Não! — Ruby tirou a toalha da minha mão e me puxou de volta sobre seu corpo. — Você não precisava sair correndo para me limpar. Eu só queria curtir uns beijos pós-sexo. Eu *quero* me sentir marcada por você.

Constrangido, eu estremeci, beijando-a levemente no rosto.

— Certo. Desculpe.

— Não se desculpe. É sério, o senhor merece os parabéns. — Suas pernas envolveram meu quadril e eu me apoiei nos cotovelos sobre ela. — A posição papai-e-mamãe é claramente seu superpoder. Anotado.

Eu sorri.

— Deve ser mesmo. Foi só o que pratiquei por onze anos. Honestamente, com você por cima... — Eu parei, sentindo meu estômago desabar num

abismo quando percebi o que tinha acabado de falar.

Debaixo de mim, a Ruby congelou imediatamente.

— Maldição... Ruby. Isso foi uma coisa terrível para se dizer e foi o pior momento possível. Eu sou um imbecil.

Ela passou as mãos em minha nuca e me beijou, possivelmente querendo me fazer parar de falar.

— Está tudo bem.

— Não, não está — eu disse com outro beijo.

— Está sim — ela insistiu, num incomum tom de voz endurecido. — Tenho certeza que deve ser estranho ficar com alguém pela primeira vez depois de passar tanto tempo com apenas uma pessoa.

— Não é isso... — comecei a falar mas parei, deixando o pensamento inacabado. Eu precisava consertar isso. Já foi ruim o bastante quando fiquei mudo depois que ela disse que me amava; eu não podia deixar que isso também se tornasse um desastre. — Ruby, meu *timing* foi horrível e peço desculpas por isso, mas sinto que preciso explicar o quanto isso é diferente para mim.

Ela concordou, relaxando um pouco. Enquanto eu buscava palavras, lutei para manter a clareza de apenas alguns minutos atrás, quando me senti completamente unido a ela, como se a *conhecesse*. Ela me deu algo tão raro — um vislumbre do que é fazer amor de verdade — e eu estraguei tudo.

— Logo no começo da minha relação, a Portia leu um artigo explicando que os homens precisam de sexo pelo menos uma vez por semana para evitar que saiam por aí traindo. Era uma besteira, mas se tornou parte de seu manual de relacionamento. Sexo uma vez por semana. Não mais, não menos. Ela era muito organizada, entende? — eu disse, querendo aliviar um pouco o clima. — Reunião da equipe às segundas. Sexo com o marido às terças. Levar o lixo para fora às quartas.

Seus olhos relaxaram com simpatia.

— Ai.

— Não era tão ruim — eu disse, depois inclinei a cabeça, considerando a situação. — Acontece que também não era tão bom. — Olhei em seus olhos

e engoli seco quando as palavras começaram a se formar em minha mente. — Então, veja só... Por favor, entenda que eu não me sinto confortável falando sobre isso, principalmente por causa de nossa circunstância *atual*. — Olhei para nossos corpos para enfatizar meu argumento, e ela sorriu. — Como regra, eu não converso sobre minha vida pessoal. Mas agora, você é minha vida pessoal. Quero que conheça todos os meus lados e o quanto sou diferente com você. E, infelizmente, isso muitas vezes significa saber coisas sobre meu relacionamento com a Portia. De algum jeito a visão dela transformava o sexo em algo ao mesmo tempo especial e um fardo.

Ruby passou um dedo sobre meu lábio, tracejando o formato da boca enquanto dizia:

— Você chegou a falar alguma coisa sobre isso com ela? Quando acabou?

Eu franzi minhas sobrancelhas.

— Não tive chance. Ou talvez, o mais certo seria dizer que estávamos tão exaustos naquele ponto que foi mais fácil simplesmente nos afastarmos.

A pergunta da Ruby despertou alguns pensamentos que eu já havia enterrado há muito tempo. Por que nunca conversamos sobre essas coisas? Certamente, se eu estava infeliz, a Portia também estava. Posso apenas imaginar como a Ruby enxergaria — com seus pais psicólogos e necessidade de sempre se expressar — minha reação ao divórcio. Não houve tentativa de reconciliação, nenhuma tentativa de consertar o que estava errado, nenhuma busca para colocar um ponto final. Simplesmente arrumei minhas coisas e fui embora. A decisão de terminar teve o mesmo entusiasmo do resto do casamento.

Sempre capaz de ler minhas expressões, Ruby inclinou meu rosto de volta para ela.

— Ei, não estou dizendo que você deveria ter conversado com ela, cada pessoa lida do seu jeito com as coisas. Vi o seu rosto antes e depois do divórcio. Sei que você está feliz comigo. Não perguntei aquilo porque estou com ciúme. Odeio pensar que você não teve o tipo de adoração que merece, mas... e por mais horrível que isso possa parecer... fico excitada por saber o quanto *eu* posso dar a você. — Sua mão desceu por minha barriga e envolveu a parte do meu corpo que parecia voltar à vida. — Você ficou tão diferente agora há pouco. — Ela fechou os olhos, pensando enquanto me

acariciava distraidamente. — Tipo... dominador e brutal.

Assim que abri a boca para pedir desculpa por instinto, ela me parou com um olhar direto, depois disse:

— Eu gostei.

Sem palavras, voltei para ela, pressionando nossos peitos enquanto nos beijávamos.

Senti sua mão me guiar para dentro dela novamente e, de repente, estávamos nos movendo juntos com desespero, gemendo, ofegando. Tentei me segurar, tentei ser gentil, mas o aperto em meu peito por causa de sua confissão me deixou exigente, possessivo, desesperado para merecê-la.

Quinze

Abri os olhos e pisquei confusa para as paredes, o teto e os lençóis escuros me envolvendo. Tudo parecia completamente estranho. Por um momento, fiquei completamente desorientada. Não estava no quarto de hotel em Nova York. Não estava em meu apartamento.

Ah.

Eu estava com o Niall, em sua cama, *pelada*, com seu braço pesado sobre meu quadril.

Uma olhada para o relógio me disse que faltava um minuto para as sete horas, e no tempo que levou para os números avançarem, lembrei: Niall Stella me comeu sem piedade ontem.

Quase rolei sobre o travesseiro para gritar.

Fechei meus olhos e curti a memória: eu por cima do Niall, grosso e rígido dentro de mim, o quadril arqueando desesperado para chegar mais fundo. E depois que gozei: Niall me jogando no chão sobre o tapete, Niall cada vez mais brutal e selvagem com as mãos prendendo minha cintura no chão enquanto metia, metia, metia...

Meus olhos se abriram de repente quando a lembrança do *resto* me atingiu... aquilo que aconteceu antes do sexo perfeito e devastador. Mais especificamente, quando deixei escapar que o amava, e depois a maneira como ele ficou piscando em silêncio, os lábios formando uma centena de diferentes desculpas antes de beijar minha testa e declarar: “Você é amável”.

Você. É amável.

Esse foi facilmente o evento mais horrível da minha vida. Seguido de perto pela vez em que ele citou a Portia meros segundos depois de estar dentro de mim.

Número de Vezes Em Que Eu Disse Que Amava o

Niall Stella e Ele Fez Sexo Comigo Para Despistar o Fato Que Não Disse Eu Te Amo de Volta: uma.

Número de Vezes Em Que o Niall Stella Arruinou o Clima Pós-Sexo

Mencionando Sexo Com a Ex-Mulher:

também uma.

Bom, tecnicamente, ele transou comigo duas vezes.

Tomando cuidado, deslizei para fora do peso de seu braço. Meu corpo estava arrasado, os membros e juntas alongados, os seios sensíveis de um jeito maravilhoso. Com cada passo em direção ao banheiro, a dorzinha nos músculos e entre as pernas me lembrava *exatamente* o quão bom foi sentir todo aquele desejo e luxúria acumulados sendo liberados de uma vez. O Max tinha razão, Nova York definitivamente deveria considerar tirar um pouco de energia do Niall.

Mas a sensação que veio depois? Não foi tão boa. Na verdade, quando ele a mencionou, meu primeiro instinto foi dar uma joelhada nas partes sensíveis. O casamento do Niall atrapalhou seriamente sua ideia sobre relacionamentos, e parecia que só agora ele estava começando a perceber isso. Aquilo que funciona para um casal pode não funcionar para outro e, felizmente, ele estava deixando essas ideias para trás.

Meu corpo... meu corpo estava exausto e ainda vibrando com aquilo que foi facilmente o sexo mais intenso que já tive. Meu *corpo* sabia que foi bom para nós dois.

Mas meu coração tinha suas dúvidas. Eu odiava a sensação de que se não tivesse declarado meus sentimentos ontem, nós teríamos nos beijado, abraçado, masturbado um ao outro e depois dormido contentes. Niall era meu gigante gentil e cauteloso, e eu sabia que seu desejo de tratar o sexo com reverência foi eclipsado por seu novo desejo de tentar ser aquilo que eu precisava.

Levei apenas alguns minutos para usar o banheiro e lavar o rosto e as mãos. O sabonete, as toalhas, o lugar inteiro cheirava como o Niall. Tenho certeza que se cheirasse minha própria pele, também sentiria seu cheiro em mim.

Saí do banheiro na ponta dos pés e fui para a sala, onde nossas roupas estavam espalhadas pelo chão. A poltrona estava vazia no meio da sala – uma lembrança de que ele não me levou para sua cama, mas preferiu me comer ali mesmo na sala de estar. Duas vezes. Tentei não pensar muito nisso.

Talvez ele simplesmente quisesse me possuir ali, naquele momento. Ou talvez sexo em sua cama fosse uma fronteira muito nova e amedrontadora.

Meu sutiã estava pendurado num dos braços da poltrona, minha saia estava caída no tapete ao lado. Juntei tudo, relembrando os momentos a cada peça que apanhava.

Seus olhos quando tirou minha camisa.

A imagem de sua boca chupando meu seio.

Os lábios quando tirei seu cinto.

A sensação quando ele finalmente – *finalmente* – entrou dentro de mim.

O lampejo de medo em seu rosto quando eu disse que o amava.

Percebi o Niall acordando enquanto eu me arrumava; eu queria ir embora antes que ele se levantasse. Eu me sentia constrangida. E sabia que *ele* nunca conversaria sobre termos transado na noite passada muito antes do que esperávamos, então, claro, *eu* teria que tocar no assunto.

Mas nem mesmo eu, que tenho compulsão em conversar sobre tudo, queria ter a conversa que precisávamos ter.

Então, sobre ontem... eu acabei, sem querer, manipulando você pra transar comigo? Ou você está tão relutante em confiar em seus instintos que acabou fazendo aquilo só porque achava que era o que eu queria?

– Ruby? – ele chamou, com a voz ainda sonolenta.

Voltei para o corredor com pés descalços, andando sem fazer barulho sobre o chão de madeira. Ele se sentou quando entrei no quarto, cobrindo a cintura com os lençóis quando me viu vestida e segurando meus sapatos.

– Oi – ele disse, mas foi quase uma pergunta. Sua expressão ainda carregava o peso do sono, mas havia um claro toque de dúvida em seus olhos. Culpa e irritação brigavam em meu estômago e apertei minha barriga, dizendo para os dois pararem com isso.

– Esqueci uma coisa – eu disse. Era mentira, e seu rosto me dizia que ele percebeu. – Preciso passar em casa antes do trabalho.

– Agora? – Ele se sentou na beira do colchão, seu cabelo adoravelmente bagunçado e pernas intermináveis até o chão. – Posso levar você de carro.

– Não, tudo bem, eu...

– Ruby, para com isso – ele disse, agora com a voz firme. – Deixa só eu me arrumar.

Niall se levantou, completamente nu, e por algum instinto educado eu desviei os olhos – muito obviamente – em vez de olhar para o outro lado do quarto.

Ele percebeu, *claro* que percebeu. Eu estava agindo como uma maluca de novo.

– Você está bem? – ele perguntou, vestindo uma calça esportiva. – Você nunca desvia o olhar quando estou pelado. Na verdade, você fica sempre olhando igual a uma pervertida.

Ele estava me provocando. Bom, estava *tentando*.

Encolhi os ombros, virando para ele, mas conseguindo apenas olhar em seu rosto.

– É só um pouco de pânico, nada de mais.

Apenas percebendo que falei que te amava depois de só quatro semanas juntos e a parte mais louca é que isso não era mentira.

Apenas percebendo que acho que você transou comigo por piedade ontem.

Apenas percebendo que estou provavelmente agindo como uma louca por nenhuma razão e realmente deveria apenas ir embora e tomar um pouco de café, antes de fazer algo estúpido como falar tudo isso ao invés de só pensar.

– Você quer sentar na minha cama e me contar por que está sentindo “um pouco de pânico” depois de eu comer você loucamente só umas horas atrás? Achei que estaria esgotada demais para conseguir pensar direito antes das sete e meia da manhã. Eu com certeza estou.

Olhei para ele e seu tom provocador, e sorri um pouco.

– Talvez no jantar à noite?

Ele concordou, cerrando os olhos enquanto me estudava. E assim, de repente, sua obsessão voltou. A obsessão do tipo puta-merda-o-que-aconteceu-ontem.

– Certo.

Merda.

Coloquei os sapatos e passei a mão no cabelo, tentando domá-lo quando o celular do Niall tocou sobre o criado-mudo.

Ele se esticou, olhando para a tela e depois para o relógio. Hesitando, ele murmurou:

– É melhor eu atender. Você se importa...?

Niall ergueu um dedo, pedindo para eu esperar, depois entrou no banheiro e fechou a porta.

Bom, isso foi constrangedor. Se fosse uma ligação do trabalho, ele atenderia na minha frente.

Tudo que precisei ouvir foi sua voz gentil dizendo “Portia? São sete da manhã. O que foi, meu amor?”. Apanhei minha bolsa e fui embora dali.



Uma das coisas mais incríveis de Londres é que você não precisa dirigir para lugar algum. Quer café? Tem dezenas de cafeterias descendo a rua. Precisa dar uma passadinha na Selfridges na hora do almoço? O metrô na Oxford Street fica logo ali. Os tradicionais ônibus vermelhos param em praticamente qualquer esquina, e tem até o River Bus para você navegar pelo rio Tamisa. Precisa evitar uma viagem de táxi constrangedora com alguém que você pode ou não ter manipulado para transar? Felizmente, só precisa de uma curta viagem de metrô e a parada em Southwark fica só a uns metros do meu escritório!

Ainda chovia quando pisei na rua, é claro. Tomei um banho rápido em casa, mas nem precisaria. Meus sapatos encharcaram imediatamente pelas poças e a chuva constante, e agora faziam barulho a cada passo.

Carros espirravam água nas calçadas estreitas e até meu guarda-chuva não era páreo para a tempestade.

Felizmente, se andasse colada na parede, os vários toldos das lojas ajudavam um pouco.

Quando cheguei ao prédio da Richardson-Corbett, estava encharcada. Torci o excesso de água da minha camisa e casaco, lembrando a mim mesma

que meu cabelo secaria como sempre secava todos os dias. E, além disso, o banho em casa, a caminhada para o trabalho – tudo isso me deu tempo para me acalmar.

O incidente eu-te-amo-você-é-amável não foi nada. Foi algo normal entre nós. Era isso que fazíamos: eu mergulhava de cabeça; ele molhava só o pé e depois tirava para ficar julgando se a água estava fria demais. É por isso que funcionava, e não havia motivo para questionar isso.

Eu também precisava me acalmar sobre o jeito como ele citou a Portia, e depois quando foi no banheiro atender a chamada. Para ser honesta, meu cérebro teve mais trabalho com essa última situação e fiquei loucamente tentando achar uma explicação. Ele ficou só com uma mulher a vida inteira, e foi casado com ela por mais de uma década. É claro que seria estranho, certo?

Pippa me encontrou no corredor com olhos arregalados que me olharam de cima a baixo antes de me entregar sua xícara de café.

– Pareço ruim assim? – perguntei.

– Já se olhou no espelho?

– Bom, isso responde minha pergunta – eu disse, continuando para nossa mesa compartilhada. – Obrigada pelo café.

Pippa assentiu e se sentou na cadeira oposta.

– Está tudo bem?

– Sim, tudo bem. – Olhei para a luz que piscava no meu celular mostrando que havia novas mensagens. Destravei a tela e falei para ela: – Ainda não são nem nove horas e hoje já aconteceu de *tudo*. Acabei de surtar tão epicamente que parecia algo saído de uma série de TV... – Fiz uma pausa, ouvindo a mensagem, depois soltei um palavrão. – O Anthony quer me ver assim que eu chegar. *Merda*. Por que ele está aqui tão cedo?

– Não pode ser tão ruim assim. Eu vi o e-mail parabenizando a equipe em Nova York. E aquela renovação da ponte em que você trabalhou foi vendida sem problema nenhum. Ele provavelmente percebeu que está chovendo e quer dar uma conferida na sua camisa molhada, se é que você me entende.

– Que nojo – eu disse, desabando em minha cadeira. Abri minha gaveta para pegar minha bolsa de maquiagem e meu casaco de emergência. – Certo,

vou me retocar um pouco e depois acabar logo com isso. – Força lá – ela disse.



– Você queria me ver? – perguntei, olhando para dentro da sala ainda na porta.

Ele estava arrumando algo perto da prateleira de livros e se virou para mim.

– Srta. Miller, sim. Entre.

Srta. Miller?

Entrei na sala e ele acrescentou:

– Feche a porta, por favor.

Meu estômago congelou.

Fechei a porta e cruzei a sala para ficar de frente à mesa, parando ao lado da cadeira extra.

– Pois não? – eu disse, sentindo um calafrio percorrer minhas costas.

– Acho que preciso conversar com você sobre algo muito sério. – Ele empurrou em livro enorme de volta na prateleira e se aproximou da mesa. – Você vai precisar fazer uma escolha.

Já vi o Anthony assim antes: com uma seriedade estranhamente tímida, tentando fazer com que eu tirasse a resposta dele.

Continuei de pé e sorri.

– Que escolha, Anthony?

Ele me encarou com olhos cerrados.

– “Sr. Smith”, por favor.

Quase engasguei nas palavras que eu queria dizer: *Em meu primeiro dia aqui você ficou olhando meus peitos e me disse para chamá-lo de Anthony.* Mas em vez de dizer isso, eu simplesmente respondi:

– Desculpe. Hum, Sr. Smith.

Anthony abriu os botões do casaco do terno e se sentou, puxando uma pilha de papéis, contratos marcados em vermelho e amarelo onde ele

precisava assinar.

– Por causa do seu comportamento pouco profissional em Nova York e desde então... – ele começou a falar, e meu estômago se evaporou. – Ou melhor, por causa da sua fascinação de *longa data* com um dos vice presidentes da empresa e seu recente assédio...

– Meu *assédio*?

Ele folheou alguns arquivos, sem nem mesmo olhar para mim enquanto falava.

– Tenho a obrigação de perguntar se você quer manter sua relação com o Sr. Stella puramente profissional, ou deixar o programa de estágio da Richardson-Corbett.

– O quê? – eu disse, baixando meu corpo trêmulo até sentar na cadeira. – *Por quê?*

– Está claro para muitos de nós na gerência que você se comportou de forma pouco profissional – ele disse, apanhando uma caneta. – Você esteve distraída, e seu trabalho tem sido medíocre. Acho que não preciso dizer mais do que isso.

– Mas isso não é j...

Justo, eu quase disse, mas fechei a boca imediatamente. Eu não queria que ele acrescentasse “comporta-se igual a uma adolescente” para minha lista de transgressões.

Tentando de novo, eu disse:

– Você poderia, por favor, explicar por que esse assunto é relevante para qualquer outra pessoa que não seja eu e o Sr. Stella? Não infringimos nenhuma regra!

– Srta. Miller, por favor, não tenha a presunção de questionar qualquer decisão que eu tome sobre esta empresa, muito menos quem escolho contratar. – Ele assinou um contrato e o som foi suficiente para deixar meus nervos à flor da pele. – Como estagiária, você se qualifica como funcionária temporária no Reino Unido e, portanto, não sou obrigado a explicar nada a você. Mas já que você é tão jovem – e *aí* estava, aquele hábito nojento de achar uma forma de insultar você na sua cara –, espero que isso seja uma oportunidade para você crescer. Sua conduta ultimamente, embora não seja

necessariamente uma falta grave, tem sido aquém do esperado. Com essa última... distração com o vice presidente da empresa...

– Não fiz nada de errado – repeti. – Não foi algo esperto, admito. Mas não foi totalmente contra as regras. Não sou subordinada ao Niall.

– *Niall* – ele repetiu, sorrindo para seus papéis. – Sim. Bom, independentemente disso, esse é o tipo de situação que pode fugir do controle, e nós da gerência achamos que é melhor você terminar sua relação ou desistir do estágio.

Eu podia sentir meu rosto queimando com lágrimas de raiva. *Garotinhas* choram; eu não queria justificar seu insulto. Pisquei várias vezes, determinada a não dar a satisfação de ver o que ele estava causando em mim.

– Posso falar com o Sr. Corbett? – eu disse com a voz mais suave possível. – Acho que preciso de outra pessoa para me explicar o que está acontecendo.

– Richard me deu poder para tomar qualquer decisão sobre o meu departamento.

Um fogo queimou em minhas veias. Eu não conseguia mais me segurar.

– Então, para deixar claro, você incentivou o Niall a *se dar bem em cima de mim*, e agora está me despedindo porque acha que ele fez exatamente isso.

Anthony levantou a cabeça imediatamente, com olhos cheios de autoridade.

– Repita isso se tiver coragem.

– Claramente – eu disse, com o coração fervendo –, eu escolho deixar o programa de estágio. Esta foi uma das conversas mais absurdas da minha vida.

– Nesse caso – ele disse casualmente, assinando outro contrato –, vou deixar uma carta em seu arquivo. Você terá uma cópia antes de ir embora.



A chuva havia parado e fui caminhar um pouco para clarear a mente. Andei tanto que pude até ouvir as badaladas do Big Ben ao longe. Por

instinto, toquei o bolso para encontrar o celular, mas então lembrei que não estava ali. Deixei sobre minha mesa antes de falar com o Anthony, pensando que iria apenas dar um pulo em sua sala, mas depois corri para fora da empresa e nem pensei em pegar o celular. Agora, eu estava pensando se o Niall já tinha chegado, se tinha me procurado, se tinha ligado.

Foi então que percebi o quanto eu estava longe, e que talvez houvesse um pouco de verdade naquilo que o Anthony disse. Meu primeiro pensamento não foi sobre meu emprego ou o fato de que estava a oito mil quilômetros de casa. Também não foi onde eu viveria. Como compraria comida e pagaria a luz? Também não foi sobre a maldita vaga na Oxford, ou o quanto trabalhei duro, ou o quanto me sacrifiquei para chegar aqui. Meu primeiro pensamento foi sobre Niall Stella.



O objeto do meu afeto estava andando de um lado para o outro em sua sala quando voltei e cruzei o corredor em direção ao meu cubículo. Ele pulou quando me viu e esticou os braços para me puxar para dentro.

– Onde você estava? – ele perguntou, fechando a porta atrás de nós.

Acho que eu parecia pior do que pensava, pois seus olhos se moveram do meu cabelo molhado e rosto pálido, até minhas roupas úmidas e postura triste.

– Depende – eu disse. – Primeiro, andei até o trabalho debaixo de chuva, porque fiquei surtando no meu apartamento pensando que tinha manipulado você para transar comigo.

Ele começou a falar, com olhos arregalados e incrédulos, mas eu levantei a mão, pedindo que esperasse.

– Depois, fiquei na sala do Anthony levando sermão. E, mais recentemente, saí para andar um pouco.

– Certo, vamos deixar essa coisa de “manipulação” para mais tarde. É sério, Ruby. – Ele respirou fundo, dando um passo em minha direção. – O que você quer dizer com “levar sermão do Anthony”?

– Não quero falar sobre isso aqui. Agora só quero ir para casa, beber um pouco, dormir um pouco, depois jantar com meu namorado.

Ele estremeceu.

– Sobre isso... – Niall passou a mão no rosto e depois olhou em meus olhos. – Acho que preciso adiar o jantar para outro dia.

Desabei numa das poltronas perto da janela. Não queria conversar com ele sobre a demissão e o *porquê*. E certamente não queria ficar sozinha com meus pensamentos depois disso tudo.

– Sério? Você não pode cancelar? Preciso surtar mais um pouco, por isso preciso do seu cérebro por perto para servir de equilíbrio.

Ele se sentou na minha frente, parecendo... honestamente? Ele parecia *petrificado*.

– O que foi? – perguntei.

Ele engoliu em seco e olhou para mim.

– Você foi embora hoje de manhã quando a Portia ligou.

– Sim – eu disse, estremeecendo. – Isso foi parte do meu surto.

– Eu entendo completamente. – Niall se inclinou mais perto. – Acontece que... acho que foi bom você ter ido embora. A conversa foi um pouco longa.

– Está tudo bem?

Ele não respondeu de imediato e meu coração se apertou dolorosamente. Primeiro fiquei um pouco brava por ele não dizer que ligaria para ela depois. Niall deve ter ouvido a porta da frente se fechando e nem se deu ao trabalho de ir atrás de mim. Mas agora, aqui em sua sala, me ocorreu que algo péssimo pode ter acontecido enquanto estávamos em Nova York. Será que a Portia estava doente?

Umedecendo os lábios, ele disse com a voz muito baixa:

– Ela me ligou porque quer reatar. – Niall fez uma cara, como se eu devesse achar graça do constrangimento inesperado da situação...

Mas em vez disso, meu mundo parou, se partiu em dois, depois se despedaçou em milhões de pedacinhos.

Pisquei incrédula várias vezes.

– Ela quer o quê?

– Ela quer reatar – ele repetiu, suspirando pesadamente. – Estou tão

surpreso quanto você, acredite. Ela disse que teve várias revelações e quer conversar comigo.

– E...? – comecei a falar, sentindo meu estômago querendo subir pelo peito e empurrando o coração pela garganta. – Você *concordou*?

– Não em voltar – ele disse rapidamente. – Mas onze anos é um longo tempo. Ficamos juntos quando éramos adolescentes. Depois da nossa conversa de ontem, e depois de ouvir você perguntar se já tínhamos conversado sobre tudo isso, eu me senti obrigado a, pelo menos, ouvir o que ela tem a dizer.

Ele fez uma pausa dando tempo para eu responder, mas honestamente, eu não tinha palavras em minha mente. Absolutamente nenhuma.

– Considerando como as coisas estão entre nós, achei que precisava contar a você que vou jantar com ela hoje – Niall continuou falando cuidadosamente –, e deixar você ciente de que a Portia quer conversar comigo sobre por que ela pensa que merece uma nova chance.

– E quais *são* as chances dela? Uns cinquenta por cento?

Ele riu desconfortavelmente, pois o que eu disse foi constrangedor e direto. Mas eu não me arrependia da irritação em minha voz.

– Deus, não, Ruby.

– Mas você vai *mesmo assim*? – eu disse, chocada. – Quer dizer, estamos falando de chance zero de vocês voltarem, não é?

Sua expressão ficou séria como se não tivesse pensado sobre isso dessa maneira. Claramente, Niall apenas havia considerado o jantar como uma cortesia. Mas se fosse mesmo só cortesia, e não havia chance de que fosse aceitá-la de volta, então por que não disse a ela que era tarde demais? Por que simplesmente não disse a ela que sua namorada tinha acabado de ir embora de seu apartamento no meio de uma crise histérica e que, por favor, ligasse outra hora para conversarem *apenas* pelo telefone?

– Bom, nem consigo imaginar voltar para ela...

– Então você vai se encontrar com ela apenas por educação?

Ele fechou olhos e suspirou.

– Falando assim, soa terrível.

– Então *não vai* ser só por educação?

– Eu não...

– Fale de uma vez! – gritei. – Porque parece que você está falando que transou comigo ontem e hoje vai voltar para sua ex-mulher! – Senti lágrimas queimando meus olhos e a essa altura eu estava cansada demais para limpar.

– Ruby, não vou jantar com ela para voltar pra ela.

– Mas isso *pode* acontecer.

Ele fechou os olhos.

– Não posso nem imaginar isso acontecendo. Mas Ruby, sei que você é jovem e que nunca...

– Não começa – eu o interrompi, com um tom de voz que até eu achei assustador. Sem perceber, minhas mãos se fecharam em punhos; eu estava com minha paciência no limite. – Não fala isso. A questão não é minha idade. Eu *nunca* fui ingênua com você. Até agora fui muito compreensiva enquanto você lida com sua enorme... *bagagem emocional*.

Niall limpou a garganta e concordou, parecendo arrependido.

– Você tem razão, desculpe. Acontece que acho que seria uma crueldade não ter a conversa que deveríamos ter tido há tantos anos. Você, que sabe tão bem como se expressar, precisa entender. Acho que isso pode aliviar algo entre Portia e eu por simplesmente conversar de uma vez.

Meu coração doía tanto que eu mal conseguia respirar.

Ele esticou o braço e tocou minha mão, mas eu a tirei de seu alcance. A dor em seus olhos foi quase insuportável. *O que ele estava fazendo? Tínhamos uma coisa tão boa entre nós. Será que eu o assustei tanto assim?*

– Querida – ele disse calmamente, e algo em meu cérebro se arrepiou sobre aquela palavra –, quero aliviar sua ansiedade, mas não quero ser leviano sobre o que significa meu encontro com minha ex-mulher. Percebo agora que seria desonesto se eu dissesse a você que não é nada de mais e depois me encontrasse com ela de mente aberta.

– E sua mente *está* aberta?

Sua resposta partiu meu coração.

– Acho que estou tentando manter aberta. Ao menos, devo isso a ela.

Eu assenti, ficando em silêncio. Eu podia ver seu tormento e meu coração também doía por ele, mas doía ainda mais por mim. Niall queria conversar com ela para acalmar algo dentro de si e conseguir colocar um ponto final nessa parte de sua vida. Mas eu sabia que existia uma pequena parte dele, a parte que não conseguia conversar com ela apenas pelo telefone, que também se perguntava se ela *tinha* mesmo mudado. Se eles talvez pudessem encontrar algo confortável juntos, e melhor do que tinham antes.

– Então encontrarei você aqui amanhã? – ele perguntou. – Talvez almoçar juntos?

Quase ri com o absurdo da situação. “Almoçar juntos”, quase como se eu fosse uma cliente. Eu acabei de jogar meu emprego fora para ficar com o Niall, mas ele estava prestes a jantar com sua ex-mulher para conversarem sobre uma reconciliação.

Isso estava mesmo acontecendo?

Eu assenti, com o queixo apertado, incapaz de olhar para ele.

– Claro.

Inclinando a cabeça, Niall perguntou:

– Você poderia me contar o que aconteceu com o Tony? Nós conversamos mais cedo. Ele disse ao Richard que iria enviar uma carta com palavras fortes para mim. Acho que vou receber a pior parte do que aconteceu entre nós em Nova York.

Entre nós. Em Nova York.

Não na noite passada. Não na noite em que o pressionei tanto que acabei fazendo você considerar voltar para a mulher que o deixou infeliz por onze anos, mas que não importunava sua concha.

– Ah, sim – eu disse casualmente, mergulhando num estranho torpor. Levantei-me e andei até a porta. – Ele basicamente só me deu uma carta também.

Dezesseis

Apesar da minha sugestão de nos encontrarmos em algum lugar neutro, a Portia insistiu que eu fosse até seu apartamento — nosso velho apartamento — para jantar. Eu sentia um estranho peso na consciência desde que falei com a Ruby, uma espécie de arrependimento por nossa conversa. Enviei uma mensagem quando saí do escritório, dizendo que ligaria mais tarde ou passaria em sua casa, mas ela não respondeu. Eu sabia que ela estava um pouco ofendida por eu querer conversar com a Portia, e não podia culpá-la. Mas esperava que entendesse a intenção por trás disso. Afinal de contas, eu não esperava me reconciliar com a Portia; eu estava com a *Ruby* agora. Nós éramos um *casal*.

Mas a Ruby tinha um bom argumento: por que eu estava me encontrando com minha ex-mulher para jantar? Será que eu podia honestamente dizer que a única razão de concordar com isso era para deixar Portia falar o que queria para que pudéssemos realmente seguir em frente? Será que existia uma parte de mim — por menor que fosse — que se perguntava se poderíamos encontrar um lugar melhor juntos, com mais comunicação? Nós já conhecíamos nossos ritmos, afinal de contas. Seria fácil voltar para a rotina.

Mas essa ideia azedou em minha mente e a culpa subiu pela garganta. Eu já *tinha* seguido em frente. Não lembrava meu casamento com qualquer tipo de nostalgia. Foi solitário e sem paixão. Nem parecia um casamento com a melhor amiga; era quase como apenas morar com uma colega.

O que eu esperava que ela dissesse para que minha visão mudasse? Será que aceitei o jantar apenas porque, em minha nova felicidade, eu simplesmente me sentia mal por minha ex-mulher?

Eu queria ligar para a Ruby antes de sair para o jantar, queria dizer que não, a Portia honestamente não tinha chance alguma, e que talvez fosse errado deixar que ela pensasse que tinha, mas uma parte sombria e furtiva de mim estava simplesmente *curioso*: Portia nunca em nossa relação pareceu tão sincera e suplicante como no telefonema pela manhã.

Quando desci do elevador, já pude sentir o cheiro do macarrão de Portia — meu favorito, com salsicha, pimenta e ervas. Podia ouvir a música tocando — minha gravação preferida da Filarmônica de Viena tocando Brahms. A porta da frente estava destrancada e ainda precisava da combinação familiar de empurrão com o ombro e um chute para abrir.

Eu me abaixei para fazer um carinho no Davey quando ele correu pela sala até mim, apoiando nas patas traseiras e querendo subir por minhas pernas.

— Bom garoto — eu disse, coçando atrás de suas orelhas.

Ouvindo o som dos pratos na mesa, ergui os olhos. Portia estava descalça em nossa cozinha, vestindo uma calça de algodão, uma camiseta e um avental. Eu pisquei incrédulo. Dificilmente eu via aquela mulher sem suas pérolas.

Quando se virou para mim, ela exibiu seu grande sorriso encantador. Fiquei imediatamente tenso.

— Olá — ela disse, apanhando uma segunda taça de vinho e se aproximando para me entregar, depois se esticou para beijar meu rosto. — Bem-vindo de volta ao lar.

Eu quase quis ir embora imediatamente. Estar aqui era desleal. Senti minha pele eriçando por toda parte. Era errado, eu sabia. E Ruby também sabia.

— O *seu* lar — lembrei-a, deixando a taça com cuidado sobre a mesa. — Moro a várias estações de metrô daqui.

Ela fez um gesto com a mão dispensando meu comentário e voltou para a cozinha, onde separava o macarrão em dois pratos.

— Ainda não vi seu apartamento.

— Não tem muito pra ver — eu disse, encolhendo os ombros.

Ela acenou com a cabeça na direção da sala de jantar e me assustei um pouco. Eu mal havia entrado e ela já estava me levando para a mesa como se eu tivesse simplesmente chegado em casa depois do trabalho. Nenhum cumprimento, nenhuma conversa casual. Certamente, nenhuma troca de gracinhas.

Eu a segui. Foi surreal ver a mesa posta com velas, flores e as toalhas que ganhamos da família Wynn de presente de casamento. E o candelabro que seus pais nos deram em nosso quinto aniversário. Quando morávamos aqui juntos, Portia cozinhava de vez em quando, mas sempre era claramente comunicado como uma produção especial e usado como moeda de troca no quesito *olheo-quanto-eu-faço-todos-os-dias* em nosso casamento.

Apalpei o celular no bolso, agora pensando desesperadamente que deveria ter ligado para a Ruby.

Depois de sentarmos, Portia me passou a pimenta e depois arrumou o guardanapo em seu colo. Davey deitou no chão, pousando a cabeça em meus pés. Lá fora, os carros passavam nas ruas molhadas pela chuva. Aqui dentro, como sempre, o silêncio reinava supremo na mesa de jantar.

— Como foi seu dia? — ela perguntou finalmente, olhando com interesse para seu prato de macarrão.

Meu *dia*? Que tal meu mês ou, melhor ainda, os últimos onze anos da minha vida?

— Foi... — comecei a falar, mas parei. Uma revelação me atingiu quase como um golpe físico: não havia mistério a ser desvendado aqui. Não havia segredo no isolamento silencioso do nosso casamento. Tinha sido e sempre seria assim entre nós.

Portia estava solitária e com dificuldade para encontrar uma nova vida. De certo modo, eu também passei por isso. Eu me concentrei em uma rotina e enterrei meu tempo livre nos esportes. Mal saí da minha concha tempo suficiente para perceber a Ruby me observando, encantada, por vários meses.

E agora quem me observava era Portia, querendo que eu completasse meu pensamento.

— Foi um dia estranho.

Minha resposta foi perfeita para que ela perguntasse mais. Porém, o silêncio voltou e eu tentei comer um pouco. O som da mastigação dela era tão familiar quanto o cheiro da madeira da estante ou o aspecto frio de pedra do chão da cozinha.

— E como foi o *seu* dia? — perguntei de volta, tentando uma conversa

normal. Mas não iria funcionar. A comida que engoli desceu como chumbo em meu estômago, e minha cabeça tinha espaço apenas para a Ruby. — Portia, eu não posso... — comecei a dizer, mas ela já estava falando.

Acontece que ela não disse o que eu estava esperando.

— Nós éramos péssimos juntos, não é mesmo?

Finalmente, uma risada se libertou no meio do desconforto em meus pensamentos.

— Os piores.

— Achei que podíamos... — Ela parou, e pela primeira vez desde que cheguei pude enxergar um cansaço, uma vulnerabilidade em seus olhos. Ela esfregou a mão no rosto. — Sinceramente, não sei o que eu estava pensando, Niall, convidando você para jantar e conversar. Eu queria ver você. Sabe, eu senti saudades. Acho que nunca te dei valor suficiente para sentir saudade antes.

Levei a taça de vinho aos lábios e não disse nada. Tentei dizer com os olhos que eu entendia, que uma parte de mim também estava feliz por vê-la.

Claramente, nunca fui bom em fingir sentimentos. Fechei os olhos, lembrando da noite passada. E aqui, nesta sala de jantar que costumava ser minha sala de jantar, com uma esposa que também costumava ser minha, soube que havia apenas uma razão para o meu mal-estar com toda aquela situação.

Eu amava a Ruby.

— Acontece que — ela continuou, tocando a comida com o garfo — agora que você está aqui, eu não sei o que dizer. Não sei por onde começar. Tem muita coisa, não é mesmo? — Ela olhou para mim. — Temos o hábito de não conversar muito.

Foi mais uma agulha em meus pensamentos. Ruby conversava sobre seus sentimentos, seus medos, sonhos e aventuras. Ela queria ouvir os meus também. Ela se preocupava em transformar essa conversa em hábito, e eu a elogiei por isso. Disse a ela que agradecia por sua honestidade.

Agradecia, mesmo quando ficava aterrorizado. Mais cedo, ela me disse que precisava conversar sobre algo comigo — disse que precisava de *mim*. Fui incapaz de sair de dentro da minha própria cabeça para estar presente

para ela.

— Nem preciso perguntar o que você está pensando para saber que seus pensamentos estão muito longe daqui — ela disse em voz baixa, me arrancando da minha revelação. — Você está aqui por educação.

Não respondi, mas meu silêncio valeu como resposta.

— Agradeço por isso, de verdade. Nem sempre fui uma boa esposa para você Niall, sei disso agora. E eu estava errada pensando que poderíamos nos reconciliar. Eu pensava que poderíamos encontrar algo que não tínhamos antes, mas ter você aqui agora, parecendo tão cansado desse jeito... agora entendo isso também. Realmente, tudo está acabado entre nós.

— Desculpe, Portia — eu disse, baixando meu garfo. — Eu queria escutar o que você tinha a dizer porque sentia que lhe devia isso. E devia isso a mim também. Eu queria entender o que você pensava durante nosso casamento. Mas é verdade: hoje tenho outras coisas na minha cabeça.

— Percebi. É até chocante ver você assim, tão... abalado.

Eu me desculpei de novo.

— Não foi justo eu ter vindo apenas por...

— Você lembra — ela me interrompeu — quando você se mudou? Você parecia completamente equilibrado. A última coisa que me disse foi um “até mais”. Entreguei a pasta com seu passaporte e documentos e você disse calmamente “até mais”. Isso não é incrível?

Apoiei minha cabeça nas mãos.

— Não foi tristeza que senti quando terminamos o casamento, Portia, mas senti, sim, *algo*. Simplesmente não sei como chamar esse algo, ou como expressar. Fracasso, talvez. Ou arrependimento. — Olhei para ela e admiti: — Alívio, também.

— Oh — ela disse com um suspiro. — Eu também senti isso. E depois culpa, por estar tão aliviada. E fiquei passando de um para outro nos meses seguintes. Como pude passar tanto tempo da minha vida com alguém que fiquei tão aliviada por deixar? Como eu poderia ter melhorado as coisas?

Eu sorri com tristeza, concordando.

— Bom — ela disse, dobrando o guardanapo sobre a mesa —, por mim,

eu gostaria de...

— Portia, estou apaixonado — as palavras saíram tão de repente e cruas que imediatamente desejei puxá-las de volta. Baixei a cabeça, estremeando.

Demorou vários longos segundos para ela falar.

— Niall? — Sem olhar para ela, pude ouvi-la engolindo em seco e recuperando o fôlego. — Diga que ela não machucou você.

— Muito pelo contrário. Acho que *eu* a machuquei.

— Oh, Niall.

Deixei minha cabeça cair para trás e fiquei olhando para o teto.

— Desculpe. Não queria dizer isso tão diretamente.

— Algo dentro de mim sente alívio por você ter seguido em frente, mesmo que seja um pouco difícil ouvir isso. — Ela parou para respirar fundo. — Posso ouvir em sua voz, ver em seus olhos. Uma urgência, uma tensão. Eu nunca poderia arrancar esse tipo de reação de você. Às vezes meu comportamento era horrível, sei disso. Mas você me tratava com tanta calma e passividade. Você pode imaginar o quanto é horrível saber, com toda a certeza, que eu nunca conseguiria arrancar uma resposta passional assim de você?

Olhei para aquela mulher que eu maltratei tanto, e que me maltratou tanto.

— Desculpe, Portia.

Ela sorriu um pouco.

— Não peça desculpas. Não foi culpa sua.

— Então você vai ficar bem? — perguntei discretamente.

— Em geral, sim — ela disse. — Tive altos e baixos. Nos primeiros meses depois do divórcio fiquei um pouco maluca. Gastando muito dinheiro, encontrando homens a toda hora.

Nada. Não senti nada quando ela me disse isso.

— Recentemente, estava me encontrando com um cara mais seriamente. — Ela ficou mexendo no guardanapo. — Acho que foi isso que me deixou em pânico nos últimos dias. É difícil ficar com alguém diferente, com medo de repetir os erros do passado. Ficamos juntos por tanto tempo, Niall, que

parecia errado sair com outra pessoa, como se eu estivesse traindo você.

Olhei para ela. Pessoalmente, nunca senti que estava traindo, mas entendia o que ela disse sobre ser difícil ficar com uma novo. E ficar com medo. E descobrir novos ritmos e necessidades. E se preocupar constantemente com o fracasso.

— Eu já o conhecia antes. — Portia hesitou. — Do trabalho.

Uma ficha caiu em minha mente.

— Stephen?

Portia pareceu se sentir culpada quando admitiu.

— Sim, ele. O Stephen.

Eu já tinha percebido a maneira como ele a olhava. Foi só então que me ocorreu o quanto estive apático em jantares de negócios e no escritório dela, quando eu aparecia para deixar o almoço ou alguma coisa que ela havia esquecido. Stephen não conseguia parar de olhar para a Portia, pelo menos não quando eu estava por perto.

Se alguém olhasse para a Ruby como o Stephen olhava para Portia, eu ficaria maluco.

Meu pensamento se partiu, meu sangue ferveu: o *Tony* tinha olhado para ela desse jeito.

— Nada aconteceu antes — ela disse. — Prometo,
Niall.

— Acredito em você. E não estou surpreso, Porsh.

Percebi quando ele olhava para você.

Ela riu.

— Sim. Igual àquela garota no seu escritório, quando passei lá para deixar os papéis do divórcio. Ela tinha dois coraçõezinhos nos olhos, observando você.

Senti algo dentro de mim se apertar. *Cristo*. Até a Portia tinha percebido.

— A Ruby? — eu perguntei, e dizer seu nome enviou uma onda de calor através do meu peito.

— Alta e bonita? Americana?

Eu precisava de um drinque. Confirmando, levei a taça de vinho até a boca e disse:

— Exatamente.

Seus olhos se arregalaram.

— É com ela que você está ficando? — Portia fez uma pausa. — É ela que você ama?

Mais uma vez, confirmei, sem nenhuma hesitação, sem nenhuma dúvida.

— Ela gosta de você faz tempo e agora vocês ficaram finalmente juntos? — ela falou, igual a uma adolescente. E era uma prova da nossa distância ela ter me convidado até ali para discutirmos uma reconciliação e o assunto ter morrido tão rápido. — Niall, isso é tão romântico.

— Igual a você e o Stephen?

— Bom, não sei se ainda somos um casal, mas assim é a vida. — Ela chegou mais perto, inclinando a cabeça quando falou: — Conte-me o que aconteceu.

E assim, com a cabeça nas mãos e o pulso martelando em minha garganta, contei tudo para a Portia.

Contei sobre Nova York, sobre o Tony não poder ir e a Ruby tomar seu lugar. Contei sobre ela gostar de mim por meses antes que eu percebesse, contei sobre sua beleza, humor e como conseguia me acalmar tão rápido. Contei sobre meus medos, meus desejos, minha hesitação. E, embora não precisasse, contei sobre como ela precisava mais de mim — mais comunicação, mais intimidade — e que eu sinceramente tentei fazer tudo certo.

— E então vim jantar com você aqui — admiti. — Não consegui dizer para ela que não era nada sem sentir que estava mentindo, porque eu pretendia mesmo ouvir o que você tinha a dizer, Portia, mas também não queria que ela pensasse que eu estava voltando para você. Ela ficou *devastada* — gemi de frustração, lembrando de sua expressão vazia e o jeito como saiu da sala e do prédio numa única caminhada. — Acho que estraguei tudo.

— Niall — ela disse, com uma voz tranquilizadora. — Você sabe que precisa consertar isso.

Concordei, sentindo um grande mal-estar. Eu não sabia se seria tão fácil assim. Fiz uma enorme besteira.

Ela fez uma pausa.

— Eu te amo, sabe?

Sua voz tinha um raro tom de sinceridade. Ela disse isso apenas algumas vezes durante nosso casamento, mas agora as palavras saíram muito mais naturalmente.

Sorrindo para ela, eu disse:

— Também te amo, Porsh.

E então, o familiar tom controlador voltou:

— Conserte isso.



Desci correndo os degraus até a rua, já discando o número da Ruby.

Chamou e chamou.

Nunca tinha ouvido sua gravação da caixa postal antes, e ouvir sua voz enquanto meu coração se apertava em pânico apenas me deixou com mais urgência.

“Oi, aqui é a Ruby! Deixe um recado e eu provavelmente vou escrever uma mensagem para você porque sou horrível para ligar de volta, mas se você está ligando para este número provavelmente já sabe disso e já me perdoou.”

Depois do sinal, comecei a falar:

— Ruby, sou eu, o Niall. Eu... — Minha voz sumiu e eu já estava querendo arrancar os cabelos. — Acabei de sair da casa da Portia. Ruby, não sei por que fui até lá. Não deveria ter ido. Por favor, me liga. Quero encontrar você hoje à noite. Isso tudo foi um absurdo. Eu *preciso* encontrar você.

Mas, passada uma hora, ela não ligou, nem enviou mensagem.



Admito que cheguei cedo demais no trabalho na manhã seguinte, mas

mesmo assim fiquei surpreso quando percebi que a Ruby não estava em sua mesa.

Mas sua amiga Pippa estava, e quando me aproximei — sabendo muito bem que ela sabia da nossa relação —, ela desviou os olhos e fechou a cara.

— Pippa?

Ela olhou para mim e me estudou com o rosto sério.

— Sim?

— Você sabe onde está a Ruby ou quando ela vai chegar?

Sua expressão mudou de irritada para surpresa.

— Quando vai chegar?

— Aqui, no trabalho — esclareci, achando que era um pouco desnecessário.

— Você está louco?

Gaguejei algumas sílabas até finalmente dizer:

— Hum... não?

Pippa ficou olhando para mim por alguns segundos.

— Você realmente não sabe, não é? — ela perguntou, levantando para me encarar. — A Ruby foi *demitida*, seu tonto.

Pisquei incrédulo.

— Desculpe. Demitida?

— Demitida.

— Ela foi demitida?

Pippa riu forçadamente e depois sacudiu a cabeça.

— Ela precisou escolher entre o estágio ou a relação com você. Ela queria contar pra você ontem, mas acho que você tinha *outros* planos.

Oh.

Oh.

Mas... que... maldito inferno.

Senti o pânico tomar meu corpo, apertando o coração até explodir numa batida frenética.

— Ela... — Perdi o fôlego, olhando ao redor como se pudesse encontrá-la de algum jeito. Como se tudo não passasse de um joguinho cruel.

O Tony obrigou que ela escolhesse entre o trabalho ou sua relação comigo.

Ela escolheu a mim.

E, até onde ela sabia, eu escolhera a Portia.

— Estou *fodido* — sussurrei para mim mesmo.

Pippa riu com desprezo.

— Com certeza.



Invadi a sala do Tony com fogo nos olhos.

— Você só pode estar brincando comigo.

Ele se assustou e levantou imediatamente.

— Niall.

Uma estagiária que eu nem tinha reparado se levantou da cadeira na frente dele, ajeitando a saia e pedindo licença antes de sair.

Nós dois a olhamos enquanto ela andava; sua beleza e juventude dispararam outra explosão em meu peito. Mal esperei que fechasse a porta para me virar para o Tony, com um tom de voz grave cheio de fúria.

— Me dê uma razão pra não esmagar sua cabeça na mesa agora mesmo.

Tony ergueu as mãos.

— É a política do meu grupo, Niall. Segundo as regras que eu passei verbalmente para a Ruby quando ela começou em *meu grupo*, não posso permitir relações desse tipo.

— Desde quando? — Fiz um gesto para a porta. — Você criou essa regra antes ou depois que contratou aquela ali? — Cheguei um pouco mais perto. — Foi antes ou depois que você sugeriu que eu ficasse com a Ruby? Foi antes ou depois de ficar admirando os peitos e as pernas dela?

Tony engoliu em seco.

— Não sei a qual conversa você está se referindo, mas se conseguir

encontrá-la por escrito, ficarei feliz em discuti-la com você.

Eu ri secamente.

— Então você já passou no RH.

Tony fechou os olhos, repetindo:

— Segundo as regras que eu passei verbalmente para a Ruby quando ela começou em *meu grupo*, não posso permitir essa relação.

Fumegando, eu disse:

— Você é uma piada. Espero que a Ruby o processe até arrancar suas calças.



Se alguém me dissesse apenas um mês atrás que eu conheceria uma mulher no trabalho, me apaixonaria e a perderia, tudo antes que a primavera chegasse a Londres, eu acharia uma maluquice.

A Ruby não passou no escritório naquela manhã, nem mesmo para retirar suas coisas. Sua ausência causou um vazio enorme: nem sinal da sua risada boba ou dos olhos verdes brincalhões. Então, às nove e meia da manhã — depois da minha briga com o Tony e minha pressão sanguínea que teimava em não baixar — eu não conseguia me concentrar numa única tarefa à minha frente.

Enviei uma mensagem para ela:

Você não vai me ligar de volta? Sei que estraguei tudo, estou desesperado para falar com você.

A produtividade no trabalho se tornou impossível depois que apertei o botão *enviar*. Eu olhava para o celular a cada dez segundos, aumentando o volume ao máximo. Normalmente, deixava o celular na gaveta quando fazia reuniões, mas agora carreguei junto comigo, deixando-o o mais perto possível. Com exceção de aparecer de surpresa em sua porta, o telefone era minha única conexão com ela.

Logo depois do almoço, ouvi meu alerta de mensagens e me atrapalhei todo tentando apanhar o celular na mesa. Uma esperança se acendeu, imediata e pesada, deixando quase impossível respirar. Não demorei nem

um segundo para ler; meu coração se sentiu quase perfurado. Sua mensagem apenas dizia “Procurando emprego”. Digitando furiosamente, eu pedi a ela:

Por favor, me liga. Pq não me contou o que aconteceu com o Tony?

Uma hora se passou. Duas, três, cinco. Ela não respondeu.

Interpretei a mensagem como a rejeição que eu sabia que ela pretendia me dedicar, então desliguei o celular, para não implorar numa série de mensagens inúteis. Sem conseguir trabalhar, fiquei andando no corredor como um lunático, ignorando os olhares culpados do Tony em minha direção e os olhares incertos do Richard.

Assim que entrei em meu apartamento, corri para o escritório e liguei para ela. O telefone chamou uma vez — meu coração estava preso na garganta —, e mais uma, e finalmente uma terceira vez até ela atender.

— Oi — ela disse, com uma voz pequena e fraca.

Quase sem voz, eu disse:

— Ruby, querida.

Imediatamente imaginei seu estremeamento quando respondeu:

— Por favor, não me chame assim.

Respirei fundo, sentindo a dor irradiar por meu peito.

— É claro, desculpe.

Ela não disse nada em resposta.

— Eu gostaria que você tivesse contado sobre a conversa com o Tony — eu lhe disse, distraidamente dobrando um papel em minha mesa. — Eu não tinha ideia do que aconteceu.

— Eu queria contar, mas fora do escritório. Não queria chorar lá. — Ela fungou, limpou a garganta e depois voltou a ficar em silêncio. Obviamente, ela não estava com a mesma disposição de sempre para falar, e isso aumentou ainda mais minha dor, como se um pedaço do meu pulmão fosse arrancado vivo, me deixando sem ar. De fato, com exceção de alguns suspiros do outro lado da linha, ela estava estranhamente quieta; parte de mim se perguntou se estivera chorando.

— Está tudo bem, Ruby? — perguntei num sussurro.

— Estou bem — ela murmurou —, estou só olhando uns anúncios de emprego.

— Ah. — Então, minhas opções eram falar enquanto ela estava distraída ou perder a única conexão que eu tinha com a mulher que amava.

Contei sobre o jantar inútil com a Portia, deixando claro que no final não havia nada para discutir. Soube disso no instante que entrei em nosso velho apartamento.

— Tenho certeza que foi horrível para você — ela disse, com certo tom de ironia.

Pressionei minha testa e murmurei:

— Não consigo conversar sobre tudo isso no telefone. Tenho tantas coisas pra dizer. — *Eu te amo. Fui um idiota.* — Ruby, por favor, venha jantar comigo.

— Não posso — ela disse simplesmente.

Então, para mantê-la na linha, falei até esgotar todos os assuntos, sentindo-me perdido e atrapalhado pela primeira vez com ela. Descrevi a distração no meu dia, a caminhada de volta para casa, o jantar simples que pretendia preparar. Contei sobre a conversa que tive com o Max mais cedo, que me contou que Sara já estava esperando outro bebê. Continuei falando até esgotar os assuntos normais e comecei a tagarelar sobre qualquer coisa: meias, a nova construção na Euston Road, meu alívio com a diminuição da chuva.

Eu queria que ela me culpasse, que gritasse comigo. Queria que ela jogasse na minha cara o quanto estava decepcionada comigo. Seu silêncio era desesperador, porque era tão diferente. Eu preferia ouvir um milhão de xingamentos do que um único momento de seu silêncio.

Sua opinião e estima já eram fundamentais para mim, mesmo após apenas um mês. A simples verdade era que nunca me senti tão *identificado* com ela, e tão perdido mesmo com apenas um dia de ausência. Ela era diferente de qualquer pessoa.

Mas, por fim, sob o peso de sua quietude estendida, desisti de continuar implorando para que me ligasse quando se sentisse pronta.

Mais dois dias se passaram sem nenhuma palavra dela, e eu não

conseguia nem sair de casa, não tinha fome e só queria dormir. Eu sabia que estava encarando o tipo de tristeza profunda que eu antes apenas imaginava que poderia combater com o próprio estoicismo.

Ruby era a única mulher que já desejei, e a ideia de tê-la em minha vida por apenas as últimas semanas era tão deprimente que algo dentro de mim se tornou amargo.



No primeiro fim de semana após eu destruir a confiança da Ruby e forçá-la silenciosamente a terminar nossa relação, consegui sair de casa para juntar uns arquivos e relatórios no escritório. Queria ao menos que parecesse que estava trabalhando em casa. Não me barbeava fazia tempo e estava usando a mesma calça jeans surrada e camiseta que vesti nas últimas trinta e seis horas. Acho que nem me olhei no espelho antes de sair.

Ainda estava escuro lá fora, tão cedo que as ruas ainda estavam lindamente vazias, oferecendo um tipo de calma externa que me deixou desesperado para tentar puxá-la para dentro de mim. Os carros permaneciam estacionados nas calçadas; as lojas só abririam horas mais tarde. O saguão do prédio estava silencioso como um cofre.

Tirei as chaves do bolso em frente às portas de vidro, olhando curiosamente para a única luz dentro da empresa.

Estava num canto aos fundos. Perto da antiga sala da Ruby.

Abri a porta automaticamente. Lá no fundo, pude ouvir o som de papéis sendo arrumados e porta-retratos sendo guardados. E livros jogados em caixas.

— Olá? — chamei, dobrando a coluna e congelando quando percebi que era a Ruby em sua sala, com a mão suspensa no ar quando me viu.

Ela teve a mesma ideia: passar na empresa cedo no fim de semana para evitar a todos. Mas, ao invés de apanhar trabalho para fazer na privacidade de casa, Ruby estava arrumando suas coisas para não voltar mais.

Meu estômago subiu até o peito, apertando a garganta com várias emoções.

— Ruby? Você está aqui.

Ela fechou os olhos e voltou a arrumar as coisas.

— Estou quase acabando.

— Por favor, não vá embora correndo. Eu... eu queria falar com você. Falar de verdade, não ficar tagarelando igual àquela vez no telefone.

Ela concordou, mas não disse nada. Fiquei lá de pé, olhando para ela sem saber o que fazer.

Seu rosto estava rosado, o lábio inferior molhado e fino sob a pressão dos dentes que o mordiam.

— Ruby.

— Por favor — ela disse quase sem voz e erguendo a mão. — Não faça isso, tá bom?

Era uma pergunta, como se não estivesse mais certa sobre continuar com aquele silêncio horrível. Nunca tive meu coração destroçado antes, *nunca*, e isso era uma percepção gigante para alguém que passou toda sua vida adulta em uma única relação. O peso disso apertou cada parte vital do meu corpo.

Eu queria me aproximar, virá-la para me encarar e depois beijá-la. Simplesmente beijar e dizer que ela era a única mulher que iria querer para o resto da vida. Se ela me deixasse, talvez eu pudesse implorar um pouco. Na verdade, poderia até colocar em palavras as coisas que sentia.

Devoção e desculpas. Adoração, desespero e medo.

E, acima de tudo: amor.

Entretanto, o instinto me dizia para dar espaço a ela.

Virei e andei até meu escritório. Atrás de mim, sua arrumação acelerou e estremei, querendo que fosse mais fácil do que isso. Eu estava errado? Será que meu instinto estava me enganando o tempo todo? Apertei minha cabeça com as duas mãos, me perguntando que diabos deveria fazer.

Distraidamente, apanhei um arquivo em minha mesa e mais alguns no armário. Eu mal conseguia me concentrar na tarefa diante de mim, sabendo que a Ruby estava a apenas alguns metros de distância.

Saindo da minha sala, soltei um longo suspiro reprimido quando vi que ela ainda estava no prédio fechando a pequena caixa com suas coisas. Seu cabelo estava mais despenteado do que o normal, como se não tivesse se

arrumado antes de sair. As roupas estavam amassadas e soltas: uma saia bege, um casaco marrom. Parecia que veio arrastada por uma nuvem de chuva.

Eu sentia tanta saudade dela. Uma saudade que deixava feridas profundas em meu peito, num lugar que eu não alcançava, empurrando coisas que eu precisava para respirar e viver, para andar no mundo de um jeito que um dia já foi reflexivo. Nunca fui de fazer drama com nada, mas, neste caso, a comisseração que eu sentia por mim mesmo estava me matando. Nunca precisei conquistar ninguém em minha vida, ao menos não conscientemente, e agora me sentia totalmente despreparado para isso.

— Sei que você quer ficar sozinha — eu disse, tentando não pensar na maneira como ela estremeceu quando ouviu minha voz — e sei que magoei você de um jeito que vai ser impossível reparar. Mas, eu sinto muito mesmo. E se significar algo, eu queria dizer...

— Acho que vou perder minha vaga em Oxford — ela interrompeu com o tom de voz mais fraco do mundo.

Senti meu corpo inteiro congelar.

— Como é?

— Além de ser demitida, o Tony também acrescentou uma carta em meu arquivo. Ele me enviou uma cópia, apesar de não saber por que diabos achou que eu fosse querer ler, e essencialmente a carta diz que eu era uma funcionária medíocre, porque meus sentimentos por você me distraíam e, segundo ele, afetaram a qualidade do meu trabalho.

Dei um passo atrás, sentindo o sangue bombear tão rápido nas veias que meu peito doía.

— Isso é totalmente absurdo. Ouvi o Tony elogiando você em mais de uma ocasião. E além disso, ele não sabia dos seus sentimentos antes da nossa viagem!

— Eu sei. Obrigada por espalhar isso por aí — ela disse secamente, devolvendo a fita adesiva na gaveta vazia de sua mesa.

— Ruby, mencionei aquilo espontaneamente, de um jeito bem idiota, simplesmente porque eu ainda estava encantado por você ter...

— Niall? — ela interrompeu de novo. Eu podia ver as lágrimas brilhando

sob seus olhos. — Não comece, ok? Eu entendo. Você não teve intenção de contar pra ele, ou no mínimo não queria que soasse daquele jeito. Na verdade, não me importo de você ter contado para o Tony que eu gostava de você antes da viagem; acho que isso não importa. O Tony é um idiota por ter feito aquilo. Meu problema com isso tudo — ela disse, gesticulando entre nós — é que ele não está inteiramente errado. Eu *estava* distraída. Eu *estava* inquieta. Deixei claro que faria qualquer coisa para ficar com você... mas você voltou pra ela.

— Mas não voltei. Eu sabia, antes de encontrá-la, que eu não tinha intenção alguma de...

— O jeito que você saiu na semana passada... — ela disse, a voz rouca com um choro reprimido — parecia que você estava dando uma nova chance para ela.

— Ruby...

— Eu me *joguei* em você. Eu estava tão apaixonada, estive por tanto tempo, que ignorei todos os sinais que diziam que você não estava pronto. Eu disse que te amava depois de só umas semanas, e você claramente não estava pronto para transar comigo, mas transou mesmo assim..

— Ruby, por favor, pare. — Eu me sentia nauseado. Não conseguia continuar, mas suas palavras se tornaram ainda mais fortes e tóxicas em meus ouvidos.

— ... e no dia seguinte você saiu para conversar com a Portia sobre reconciliação, pensando que eu estava tão desesperada por sua atenção que ainda estaria disponível se decidisse não voltar pra ela. — Quando olhou para mim, as lágrimas em seus olhos finalmente caíram. — Acho que você pensou isso porque eu sempre quero conversar sobre tudo, achou que eu entenderia o quanto você queria ouvir o que ela tinha a dizer, e que isso iria superar minha necessidade de me sentir importante para você.

Abri minha boca, mas fechei de novo.

— Você pensou que eu acharia que era uma grande ideia porque, claro, acontece que a Portia não é um robô e tem sentimentos, e finalmente quer compartilhar isso com você. — Ruby limpou uma lágrima do rosto. — Mas eu *não* achava uma boa ideia. Eu *queria* que você dissesse que ela teve onze

anos para conversar sobre essas coisas e que agora você tem uma namorada que carrega o privilégio de conversar sobre o que acontece no seu coração e na sua mente.

Ela respirou fundo para recuperar o fôlego antes de continuar.

— Meu Deus, antes eu queria tanto ouvir tudo que você tinha a dizer. Mesmo se isso significasse ouvir sobre sua vida sexual com a Portia logo depois de fazermos amor pela primeira vez — ela riu forçadamente, sem humor algum. Nunca vi uma emoção tão brutal. Ruby não estava se segurando por mim; ela estava apenas despejando tudo antes que se arrependesse.

— Você poderia ter oferecido um almoço se ela quisesse mesmo colocar as coisas para fora, ou, melhor ainda, poderia ter pedido para ela escrever um maldito email. Mas encontrá-la na primeira noite depois que fizemos amor? E relutar tanto em deixar claro que você estava comigo? — Ela sacudiu a cabeça, limpando ainda mais lágrimas. — Apesar da nossa relação ser esquisita e impetuosa e, às vezes, andar aos trancos e barrancos, era muito melhor. Nós tínhamos uma coisa legal, tínhamos algo *real*, e você sabe disso.

— Nós tínhamos — eu disse. — E *temos*.

Cheguei mais perto e pousei as mãos em sua cintura. Para meu alívio profundo, ela não se afastou, então baixei meu rosto, beijando seu pescoço.

— Ruby, eu sinto muito.

Ela assentiu, com os braços soltos ao meu redor.

— Você me magoou.

— Fui um idiota.

Afastando-se, Ruby fechou os olhos para se recompor e então, para meu absoluto horror, ela apanhou sua caixa e andou na direção oposta a mim, dobrou paredes de cubículos e saiu do escritório antes que eu pudesse encontrar as palavras certas para impedir que fosse embora.



Levar as pastas para casa foi uma futilidade. Passei o resto do fim de semana tão improdutivo quanto antes.

Dormir. Comer. Beber até desmaiar. Olhar para a parede.

Meu celular estava silencioso demais. Achei ótimo não receber ligações do Tony, da família, da Portia. Mas fiquei devastado sempre que olhava a tela e não havia nada de Ruby.

Então, quando começou a vibrar algumas horas depois, sobre um travesseiro no chão do quarto, demorou algumas chamadas até eu acordar do meu transe.

Eu me atrapalhei todo para destravar a tela, então atendi.

— Max.

— Conversei com a Rebecca hoje — ele disse, ao invés de me cumprimentar de volta.

— Hum?

— Mamãe já está adorando. Rebecca já lhe disse que acha que a Ruby vai ser a pessoa certa para você.

Minha irmã.

— Ela nunca nem *viu* a Ruby.

— Aparentemente, não importa.

Eu falava com meu copo de gim nos lábios.

— Pelo menos vocês dois nunca mergulharam de cabeça em alguma coisa.

— Você parece irritado.

Olhando meu drinque, eu disse:

— E extremamente infeliz.

— Ora, vamos lá. O que aconteceu?

— A Ruby terminou comigo.

Max ficou em silêncio por vários minutos.

— Sério?

— Pois é, sério. Nosso caso em Nova York custou seu emprego, enquanto eu recebi só uma reprimenda. E ela acha que não vai mais conseguir a vaga na pós.

Ele suspirou fundo.

— Que merda.

— E eu jantei com a Portia no dia seguinte depois de finalmente transarmos, sem saber que o Tony havia lhe dado um ultimato: ou eu, ou o estágio.

— E ela escolheu você — meu irmão disse.

Eu ri sobre a bebida.

— Exatamente.

— Seu *idiota*.

— Pois é. — Terminei o drinque e deixei o copo cair no chão. — Então, nem preciso dizer, ela terminou comigo de um jeito bem definitivo.

— Então você vai ficar bebendo no sofá, sentindo pena de si mesmo?

— Você sabe como era minha vida com a Portia — eu disse. — E com a Ruby... Nunca pensei muito sobre filhos ou encontrar aquilo que você tem com a Sara, mas com ela eu pensei nisso tudo. — Olhei para o céu lá fora e as folhas novas que balançavam com a brisa da primavera chegando. — Mas nunca vou voltar ao normal depois disso. Ela me transformou e eu... não quero voltar a ser o que era. — A linha ficou quieta por um momento e eu apanhei meu copo para servir outra dose. — Então, beber até esquecer aquilo que perdi... parece correto.

— Ou então — ele sugeriu com uma risada que dizia “seu idiota” — você podia tirar esse traseiro estúpido do sofá e ir conversar com a Maggie. Caramba, Niall, até parece que você já esgotou todas as possibilidades. Descubra o que você pode consertar e conserte. É *assim que funciona*, meu irmão.

—

Eu tinha um pouco de tempo para refletir — finalmente sóbrio — sobre o que eu queria dizer enquanto viajava no trem de Londres para Oxford. Margaret Sheffield era uma das minhas heroínas, depois de participar da banca julgadora da minha tese e ter feito o papel de mentora melhor do que o alcoólatra do meu orientador oficial. Apesar de sua especialidade ser engenharia civil, ela era consultora em design e supervisora de construção de muitos prédios comerciais famosos de Londres, e eu idolatrava o jeito como sua carreira englobava facilmente engenharia, arquitetura e urbanismo.

Um dos momentos mais orgulhosos da minha vida profissional foi quando um colega me apresentou numa conferência como “a Margaret Sheffield da nossa geração”.

Mas nunca fiz uma visita com um assunto tão pessoal.

Na verdade, com exceção de quando invadi a sala do Tony na semana passada, nunca encontrei ninguém da minha vida profissional para tratar de um assunto pessoal. Então, apesar do vento frio que soprava enquanto eu descia a Parks Road na direção do Thom Building, eu estava suando de nervosismo.

Maggie já merecia um escritório emérito em algum dos prédios principais, mas ela preferia ficar mais perto da ação. Seu prédio era estranho, uma estrutura hexagonal, mas com uma linda vista do parque da universidade, ao leste. Só de estar aqui de novo, perto do prédio da Engenharia e Ciência de Materiais, senti uma pesada nostalgia. Eu era jovem quando morei aqui. Jovem e casado, e por essa razão sempre um pouco diferente dos meus colegas, que passavam os dias trabalhando muito, e as noites festejando ainda mais.

Bati em sua porta aberta, aliviado quando ela olhou para mim e sorriu abertamente.

— Niall! — Ela se levantou, deu a volta na mesa e me deu um firme abraço. Maggie nunca foi de apertar as mãos, mas com determinação ela me treinou ao longo dos anos a me entregar para seus gestos de afeto.

Quando me soltou, perguntei:

— Você tem um tempinho para conversar?

— É claro — ela sorriu. — Seu e-mail me deixou curiosa pela completa falta de detalhes.

— E... se não for muito trabalho, você acha que podemos sair para tomar um café?

Suas sobrancelhas se ergueram e os olhos brilharam com interesse.

— Parece que isso não é uma conversa estritamente profissional, não é?

— Não, não é. Mas... é, também. — Suspirando, expliquei: — Prefiro a flexibilidade de um café.

Ela riu, apanhando seu casaco.

— Bom, estou chocada. Uma conversa pessoal com Niall Stella. Com certeza posso arrumar tempo para isso.

Andamos para um pequeno café na Pembroke Street, usando a caminhada para nos atualizar sobre os últimos dois anos. O assunto do futuro da Ruby pairava pesadamente sobre o ar, e apesar do esforço de Maggie para conversarmos casualmente, minhas respostas para suas perguntas benignas foram todas breves e um pouco secas. Fiquei aliviado quando chegamos no café e pedimos chá e *croissants*, antes de sentarmos numa pequena mesa de canto.

— Então — ela começou, sorrindo para mim. O vapor do chá subia de sua xícara —, chega de papo, já captei. Qual é a razão da sua visita?

— É sobre uma aluna que se inscreveu para seu programa e que era estagiária na Richardson-Corbett.

Ela assentiu.

— Você quer dizer Ruby Miller?

— Sim — eu disse, surpreso por ela saber imediatamente quem era, mas então percebendo que eu disse “*era* estagiária”. Claramente a Maggie já tinha lido a carta do Tony. — Não trabalhei diretamente com ela. Como você sabe, ela era subordinada do Tony.

— Eu recebi a carta dele — ela confirmou, franzindo o rosto. — Ele não gostou nem um pouco dela.

Meu sangue ferveu e cheguei mais perto, percebendo assim que ela me olhou que minhas mãos estavam fechadas em punhos.

— Bom, esse é o problema — eu disse. — Acho que ele, na verdade, gostava um pouco *demais* dela.

— Maldito Tony. — A expressão da Maggie voltou ao normal quando ela entendeu a situação. — E você era a distração que ele mencionou.

— Por favor, entenda — eu disse com urgência —, eu nunca conversaria com você se não achasse que isso afetaria uma decisão profissional sua. O Tony lidou muito mal com a situação. E acho que eu também. Mas estou preocupado achando que você pode perder uma estudante maravilhosa se

ouvir o conselho dele. A Ruby é inteligente e dedicada.

Maggie me estudou enquanto tomava o chá.

— Posso fazer uma pergunta pessoal?

Engolindo, assenti:

— Atrapalhei o seu dia pedindo para vir até aqui. É claro que você pode perguntar qualquer coisa.

— Você veio falar comigo porque a Ruby merece uma vaga no meu programa ou porque está apaixonado por ela?

Engoli em seco e lutei para olhar em seus olhos quando disse:

— Os dois.

— Então o afeto não era unilateral?

— Era, depois não era mais. Eu não sabia que ela gostava de mim, e ela admitiu isso apenas depois que comecei a gostar dela também.

Maggie assentiu, olhando atrás de mim para um grupo de estudantes que passava na rua.

— Nunca imaginei que conversaria com você a respeito de uma namorada. Não sei se estou mais surpresa ou animada.

— Mas ela não está — eu disse. Maggie se virou para me encarar, confusa. — Ela não é mais minha namorada — esclareci. — A perda do emprego, a perda da vaga na pós, minha incapacidade de lidar com emoções... Acho que tudo isso a fez repensar suas prioridades.

— Repensar as prioridades? Perda da pós?

— Tony achou que seria uma boa ideia enviar uma cópia da carta para ela. Já que ele é seu ex-aluno e completar um estágio de engenharia é um requisito importante para sua consideração, ela me disse que acha que não vai conseguir entrar em seu programa.

— Niall — ela disse, baixando a xícara de chá —, me perdoe por ser direta, mas, por favor, não me insulte sugerindo que eu descartaria uma boa estudante só por causa de uma paixão no trabalho.

— De jeito nenhum, Maggie, eu não quis...

— Ou por ser jovem e não conseguir sempre deixar o lado pessoal em

favor do profissional. Agradeço por ter conversado comigo, mas o resultado da conversa foi minha satisfação em ver você apaixonado de verdade por uma mulher, e não ajudar a Ruby. O currículo dela é brilhante. Suas outras cartas de recomendação são muito positivas. Suas notas são perfeitas e a deixam no topo da lista. Sua carta de apresentação foi uma das melhores que já li. — Chegando mais perto, ela sacudiu a cabeça para mim. — Veja só, a vaga dela nunca ficou a perigo por causa da carta do Tony. Você não acha que eu já topei com vários Tonys por aí nos últimos quinze anos? Ele é um engenheiro brilhante, e também um completo idiota.

Fechei meus olhos, rindo.

— *Touché.*

— E, se me permite, eu gostaria de esquecer meu profissionalismo por um segundo.

— É claro — eu disse, sentindo uma súbita fome por sua sabedoria, de um jeito que não esperava sentir. — Por favor.

— Você me conheceu como sua instrutora, depois como quase mentora, e agora como uma colega de confiança. Mas sou uma mulher, em primeiro lugar, Niall. Casei aos vinte anos, passei cinco anos casada, depois me divorciei. Casei de novo ao final dos meus trinta. Com a distância da idade e da razão, posso dizer, com o máximo de gentileza possível, que sua razão para esta visita é extremamente presunçosa. A Ruby não precisa de você falando por ela. Além de todos esses méritos que já citei, ela também já veio me encontrar. — Seus olhos sorriram. — Realmente, ela é maravilhosa.

Senti minhas sobrancelhas subirem até minha franja.

— É verdade.

— A Ruby não precisa de um cavaleiro de armadura. Ela precisa de um parceiro. Precisa saber que é notada. E amada. E, ocasionalmente, precisa saber a mecânica interna de *como* é amada. Ela é uma engenheira. Mostre a ela como você funciona por dentro. Mostre a fiação, os parafusos e a planta dos seus pensamentos sempre que puder.



Não me dei ao trabalho de voltar para casa ou para o trabalho depois da

conversa com Maggie. A viagem de uma hora de trem foi um tipo de tortura. Desejei poder voar ou me teleportar. Aquilo que a Maggie disse era verdade e era tão óbvio: eu precisava contar à Ruby como me sentia.

Subi os degraus de seu prédio, hesitando em frente à porta por um longo tempo, até que preendi a respiração e bati na madeira.

Ela abriu a porta, vestindo uma longa saia e uma blusa de moletom com um decote que mostrava o contorno dos seios. Não posso nem imaginar como ficou minha expressão quando olhei para ela por inteiro, mas, quando a olhei nos olhos, encontrei uma ternura que me surpreendeu e me animou.

— Ruby.

— Você está bem? — ela perguntou, vendo meu estado.

Tentei respirar fundo para me acalmar, mas não consegui.

— Não.

— Você parece horrível.

Concordei, soltando uma risada curta e seca.

— Tenho certeza que você está certa.

Ruby olhou sobre meu ombro, com o rosto fechado de angústia.

— Por que você está aqui?

— Porque eu precisava te ver.

Ela voltou a me olhar, estudando meu rosto.

— Parte de mim quer puxar você pra dentro e te beijar loucamente. Sinto falta disso e não posso fingir o contrário.

— Então, me mande embora — implorei, dando um passo em sua direção.

— Ruby, eu deveria ter contado o que sinto por você na noite em que fizemos amor. Eu *senti*; só não sabia como descrever aquilo, nem se confiava em mim para acreditar.

Ruby estava sacudindo a cabeça, os olhos cheios de lágrimas, e eu podia ver que ela não queria que eu dissesse, mas eu precisava dizer.

— Eu te amo — sussurrei com a voz fina por causa da urgência que eu sentia. — Estou desesperadamente apaixonado por você.

— Niall...

— Eu soube disso na casa da Portia. Eu me senti mal por estar lá. Não sei por que fui, mas pelo menos aquela situação esclareceu tudo para mim.

Ela riu, um pouco forçadamente.

— Também esclareceu as coisas pra mim.

Eu gemi, frustrado.

— Por favor, Ruby, me perdoe.

— Eu quero perdoar. Quero *mesmo*. Mas não sei como superar a humilhação e essa enorme frustração que sinto. Não sei mais como lidar com tudo aquilo: primeiro tentando entender o que você precisava, tentando ser tudo para você em todos os momentos. Depois dizendo que te amava e ouvindo de volta “você é amável”. Depois perdendo o emprego e então, pior de tudo, ouvindo você dizer que jantaria com a Portia para discutir seu casamento... ainda sinto tudo isso na pele.

— Acho que eu sentia que precisava fechar aquela porta — tentei explicar. — Ou, talvez, acho que nunca ouvi Portia parecer tão emocional, e uma parte muito sombria de mim ficou morbidamente curiosa. Mas não considerei os seus sentimentos até chegar lá, e foi horrível para mim. Assim que cheguei, percebi que não havia conversa nenhuma para ter, nenhuma verdade escondida a ser compartilhada. Eu me senti infiel com você só de estar lá...

— Porque você *foi*.

Fechei os olhos. Era devastador vê-la dessa maneira.

— Sinto muito mesmo.

— Sei que sente — ela disse. — E acho que entendo.

Mas não consigo evitar. Estou brava com você.

Passando a mão sobre minha barba rala, sussurrei:

— Por favor, me deixe entrar.

Olhando para mim, ela disse com a voz muito baixa:

— Você acha estranho eu sentir que preciso dizer não? Tipo, preciso ter certeza que *posso*? Eu dei tempo para você lidar com todas as suas hesitações. Tentei ser compreensiva e paciente, mas assim que teve uma chance, você não teve a mesma consideração com os meus sentimentos. Eu

me perdi em algum ponto nos últimos meses. Eu disse para você confiar que eu diria onde ficavam os meus limites. Agora, este é um limite. Você me menosprezou, e tão *obviamente*. — Ela baixou ainda mais a voz, olhando diretamente em meus olhos. — Eu achava que esse não era mais o tipo de relação que você queria.

Isso foi como uma facada em meu peito, então afastei-me. E embora seus lábios e mãos tremessem, embora eu pudesse ainda enxergar toda a emoção em seus olhos, ela não voltou atrás em sua reprimenda, não com palavras, nem com a expressão.

Eu poderia insistir. Eu enxergava isso agora, e algum outro homem — um homem mais agressivo — talvez pudesse ter se aproximado e tirado vantagem da dor em seus olhos. Se eu a beijasse agora mesmo, ela me beijaria de volta. Eu sentia isso na maneira como olhava para minha boca, a maneira como continuava tremendo.

Ruby ainda me amava, e eu a amava de volta.

Eu poderia insistir e entrar, poderia colocar minhas mãos sobre seu corpo, poderia tirar suas roupas e dar prazer a ela, saboreando seu suor. Com minha boca e mãos e palavras, talvez eu pudesse até ser capaz de convencê-la por uma noite que eu realmente a amava.

Mas Ruby já estava lutando contra o quanto de si mesma havia perdido tendo sentimentos por mim. Eu não poderia manipulá-la ainda mais.

Puxei meus próprios cabelos, completamente dividido.

— Diga o que devo fazer. Se eu for embora, você vai pensar que não gosto de verdade de você. Se ficar, não estarei ouvindo o seu desejo.

— Niall — ela sussurrou. — Mal posso ficar perto de você assim sem sentir que eu lhe daria tudo. É a sua vez de ser paciente.

Engoli em seco e dei dois passos para trás sem me virar.

— Venha pra mim — eu disse, implorando discretamente. — Quando estiver pronta. Estarei esperando por você. Se é o que precisa, deixe-me sofrer por você. Mas a distância não vai acabar com o que sinto.

Ela concordou com os olhos marejados.

— Prometa que vai me procurar quando estiver pronta. Mesmo se for para

dizer que tudo acabou.

Ruby concordou novamente.

— Prometo.

Dezessete

O mês de abril foi um inferno, mas maio foi pior. Ao menos em abril eu podia reviver, de novo e de novo, a lembrança de como Niall estava quando apareceu no meu apartamento, com olhos selvagens e ansiosos. Ainda podia escutar como sua voz soou – tão profunda e rouca e desesperada – quando disse que me amava.

Mas em maio, já fazia um mês que eu não o via, e foi quase impossível convencer a mim mesma que seu afeto não começara a se dissolver.

Número de Dias Que Eu Precisei Para o Niall Stella Me Dar Espaço: desconhecido.

Tinha me sentido como uma garota carente e maluca, esperando-o jantar com a ex-mulher e depois decidir se eu era a melhor opção. Nunca fiquei tão desesperada por um telefonema tarde da noite como no dia em que ele jantou com ela, mas quando o celular finalmente tocou... eu não atendi. Foi só quando ele percebeu aquilo que eu sempre soube – que a Portia nunca foi boa para ele, e que *eu* era a melhor coisa para sua vida – que também percebi o quanto estava... brava, realmente *brava*.

Sei que às vezes sou capaz de superar as coisas rapidamente, de um jeito que surpreende o Niall. Passei a vida inteira surpreendendo as pessoas nesse sentido. Mas essa regularidade não significa que nunca fico magoada, que nunca sinto raiva, que nunca me sinto traída.

De algum jeito, mesmo com uma pesada pulsação da tristeza a cada passo que eu dava, consegui remendar pequenos pedaços da minha vida. Fiquei determinada a salvar minhas chances de ser aceita no programa da Margaret Sheffield. Então, no começo de abril, após vários dias de muito sono e silêncio, de muitos sanduíches de queijo com pão amanhecido, eu me arrumei de verdade e tomei o trem para Oxford.

Lá, a professora Sheffield me assegurou que a carta do Anthony tinha um peso limitado, e que minhas notas e reputação de San Diego eram impressionantes. Mas embora não tenha dado nenhuma indicação de que a *distração* mencionada por meu antigo chefe impediria minha aceitação no

programa, ela também não disse que eu seria aceita com certeza.

Enquanto esperava a lista final do programa, fiquei em Londres. Tive a sorte de achar uma empresa em South Bank que precisava de um engenheiro para cobrir uma licença-maternidade. Foi uma solução fácil e pagava bem, mas no primeiro dia decidi voltar para casa caminhando, em vez de pegar o metrô, e só depois percebi que passaria a dois quarteirões do apartamento do Niall.

Senti um frio no estômago.

Então, claro, se tornou impossível escolher o metrô em vez de caminhar. Todos os dias eu sentia meu corpo sendo atraído para aquela direção, como se fosse puxado por um enorme ímã em formato de coração. E quando seguia em frente em vez de virar à esquerda, meu peito voltava a doer.

Sua distância e reserva realmente eram difíceis de aceitar; tudo fora lógico para ele: a Portia estava pronta para falar, então ele a ouviria. Eu sempre o encorajei a se comunicar comigo, então, claro, isso também se aplicaria à Portia.

Eu me senti obrigado a, pelo menos, ouvir o que ela tem a dizer.

Acho que estou tentando manter a mente aberta. Ao menos, devo isso a ela.

Naquele último dia, parecia que a emoção não atingiu o Niall até ser tarde demais. Mas para mim, foi quase impossível me livrar daquela dor que ecoava em minha mente.

Mesmo quando ele me encontrou no escritório arrumando minhas coisas e me implorou para perdoá-lo. Mesmo quando foi até meu apartamento e disse que me amava.

Fui uma idiota por mandá-lo embora. Eu sabia disso. Mas, mais do que isso, sabia que se o deixasse entrar em minha casa naquele dia, haveria um pedaço orgulhoso de mim que se perderia e eu nunca mais teria de volta.

Mas o silêncio parecia interminável.

Número de Dias Que Passei Sem Falar Com Niall

Stella:

Um.

Sete.

Quinze.

Trinta e dois.

Cinquenta e nove.



Em junho, recebi minha carta de aprovação no programa da Maggie.

O envelope discreto estava esperando por mim quando cheguei do trabalho. Alguns dias eram mais difíceis de resistir à caminhada para o prédio do Niall. Em outros dias eu fingia estar concentrada em alguma música ou lendo algo em meu iPhone, e isso aliviava o aperto no peito por saber que, se quisesse, eu poderia sentar nas escadas e esperar que ele chegasse em casa. Mas hoje o debate mental fora uma tortura. Será que eu já tinha superado minha raiva? E se tivesse, e se fosse para sua casa, será que ele me receberia constrangido e diria que eu estava certa em terminar as coisas? Será que diria que nossa relação foi apenas uma impulsividade? Que sua vida era melhor com um sistema ordenado do que com uma garota maluca e emocional?

O problema era que eu podia imaginar ele me rejeitando tão vividamente quanto me aceitando. Eu conhecia sua agenda, os fatos de sua vida e até preferências de comida, café e roupas. Mas não tinha certeza quanto ao seu coração.

Abri o envelope, com o coração apertado e aliviado numa estranha combinação, e li a carta três vezes, apertando os papéis com as mãos trêmulas. Por uma eternidade, não consegui piscar nem respirar, porque *estava acontecendo*. Eu iria estudar em Oxford com a Maggie! Aquele idiota do Anthony não conseguira arruinar minha vida.

Li a carta mais uma vez para memorizar as datas em minha agenda mental. As aulas começavam em setembro. Isso significava que eu poderia trabalhar pelo resto de junho, julho e começo de agosto, e usar a primeira parte do mês seguinte para encontrar um novo apartamento em Oxford.

É claro que meu primeiro instinto foi ligar para o Niall.

Ao invés disso, liguei para minha amiga London.

– Ruby!

– Você nunca adivinharia o que aconteceu! – eu disse, sorrindo pela primeira vez em mais de cinquenta e nove dias.

– Harry Styles é seu novo colega de quarto e você comprou uma passagem para eu te fazer uma visita?

– Muito engraçado, tente de novo.

Ela pensou um pouco.

– Bom, você parece bem mais feliz do que nos últimos meses, então eu diria que finalmente ligou para o Niall Stella, ele a recebeu de braços abertos, e agora você está deitada no meio de uma poça de satisfação pós-sexo. E por “poça de satisfação” quero dizer...

Meu peito doeu e eu a interrompi, sem conseguir entrar na brincadeira.

– Não.

Seu tom de voz suavizou.

– Mas esse cenário até que seria legal, não acha?

Sim, eu concordava. Mas ver o Niall não poderia ser melhor do que o papel em minhas mãos.

Será mesmo?

Mas assim que ela disse isso, eu soube que voltar para o Niall seria *tão bom quanto*. Eu o queria tanto quanto estudar com a Maggie. E, pela primeira vez desde que fui demitida, não senti vergonha por isso ter acontecido, nem senti que estava traíndo o lado feminista em mim ao admitir o quanto meus sentimentos eram fortes. Se voltasse para o Niall, em certos dias ele seria minha vida. Em outros dias, o estudo seria minha vida. E em outros dias as duas coisas ocupariam o mesmo espaço. E saber disso – que eu *poderia* encontrar equilíbrio, que talvez precisasse *mesmo* separar o coração da mente – aliviou a tensão que parecia tomar conta do meu peito.

– Entrei no programa da Maggie. Acabei de receber a carta.

London gritou, bateu os pés, provavelmente dançando do outro lado da linha, deixou o telefone cair e depois voltou e gritou mais um pouco.

– Você vai estudar em Oxford!

– Sim, eu vou!

– Você vai estudar com a sua professora dos sonhos!

– É verdade!

Ela soltou o ar com força como se tivesse caído de costas no sofá.

– Ruby, preciso perguntar uma coisa, e você não precisa responder. Mas, sinceramente, aguentei você choramingando por vários meses, então mereço uma resposta.

Gemi, sabendo aonde ela queria chegar.

– Não podemos continuar falando sobre Oxford?

Ignorando meu apelo, ela perguntou:

– Eu era mesmo a primeira pessoa pra quem você quis ligar quando recebeu a carta?

Não respondi, apenas fiquei puxando uma linha solta em minha blusa.

– Por que simplesmente você não conta pra ele? – ela perguntou gentilmente. – Ele ficaria muito feliz por você.

– Ele pode nem lembrar mais de mim.

Ela riu incrédula, depois rosnou de frustração.

– Você me deixa *insana*.

Andei até o sofá e me sentei.

– Estou nervosa. O que eu falo para ele? “Ah, oi, já não estou mais brava, você ainda me quer?”

– Um bom jeito para começar a conversa seria “Oi, vou estudar com a Maggie, você tem algum conselho?”.

Fechando os olhos, eu disse:

– Mesmo com tudo que sei sobre ele, não faço ideia de *como* ele me receberia se eu ligasse...

– Então *não ligue*, meu amor. Vá até o prédio dele, como você sonha fazer todos os dias quando volta pra casa, e espere na escada até ele aparecer, ver você e ficar de pau duro, daí você conta que entrou no grupo da Maggie e, oh, a propósito, você o ama e quer ter um monte de bebês gigantes com ele.

– E se eu for até lá e a Portia atender a porta?

– Isso não vai acontecer.

– Ou, sei lá, ele pensou em tudo que eu disse e decidi que, logicamente, eu estava certa. Pronto, emoções canceladas.

– Você ouviu alguma coisa do que eu falei? – Havia um tom de frustração em sua voz, e eu conhecia a London bem o bastante para saber que ela estava prestes a surtar. Ela sempre demorava um pouco para chegar nesse ponto, mas quando perdia a paciência, não tinha como voltar atrás.

– *Sim*. Estou ouvindo, mas...

London começou a apertar os botões no telefone, enchendo a linha com vários bipes até eu ser forçada a calar a boca e ouvir.

– Você já terminou? – ela perguntou, quando voltou para a linha.

– *Sim*.

– Então, ouça: isso é a vida real, Ruby. Não é um filme onde duas pessoas solteiras começam uma relação com experiências ruins que são hilárias e bonitinhas, que no fim as ajudam a ser pessoinhas melhores e saudáveis e tudo fica bem no final. Na vida real, os relacionamentos vêm acompanhados de ex-mulheres e ex-maridos e filhos de outro casamento e bichinhos de estimação perdidos no meio desse furacão. Às vezes as pessoas ficam magoadas e elas não possuem dois pais psicólogos que ajudam a sair dessa sem muitas feridas. Não é fácil superar uma ex-mulher, principalmente uma que destruiu qualquer confiança que ele tinha em si mesmo.

Engolindo em seco, eu disse:

– Eu sei. Deus, eu sei.

– Então, você pode, por favor, perdoá-lo por ter sido um idiota e desejado colocar um ponto final em seu casamento? Você sabe que sempre estou aqui para dar apoio e sou a presidente do fã-clube da Ruby 99% do tempo, mas acho que já está na hora de você ir atrás dele para resolver se vocês podem ficar juntos ou se você precisa seguir em frente. Você está apaixonada por ele. E foi *você* quem deixou a situação suspensa no ar.

– Eu sei, eu sei.

– Ele disse que também te amava – ela me lembrou, já que eu só lhe

contara isso umas 700 vezes. – Eu nunca encontrei o Niall Stella, mas não acho que ele é o tipo de cara que diria isso e depois negaria dois meses mais tarde.

Fiquei sem palavras, olhando para a parede, sabendo que ela estava certa.



No fim, não era tão simples quanto descer a rua e esperar na escada do prédio. A ideia de vê-lo novamente me deixava ao mesmo tempo animada e dolorosamente nervosa.

Felizmente – ou não –, o trabalho tomou a decisão por mim na segunda e na terça-feira da semana seguinte: tivemos um arquiteto visitante e precisavam que eu ficasse por perto para trazer café quase de madrugada, pedir comida e qualquer outra tarefa noturna que apenas uma estagiária podia fazer.

A tensão dentro de mim estava aumentando e ignorei as ligações da London na noite de segunda e na manhã de terça. Na quarta-feira à tarde, ela já estava gritando comigo por mensagem:

VOCÊ JÁ FOI ENCONTRAR O SEU HOMEM? PELO AMOR DE DEUS, APENAS ASSINALE UMA

DAS ALTERNATIVAS, RUBY: S / N

Com um pequeno gemido, finalmente escrevi, e ela foi rápida na resposta:

Vou lá depois do trabalho hj. Não deu pra ir antes.

O q vc vai vestir?

Não pensei muito nisso.

HAHAHAHAHA. Então, sério, o q vai vestir?

Olhei para minhas roupas e senti o frio na barriga voltar antes de tirar uma *selfie* constrangedora com minha saia azul e minha camisa de seda favorita, azul de bolinhas vermelhas. O ângulo ficou estranho e mostrava só meus peitos, mas enviei mesmo assim. A London conhecia meu guarda-roupa tão bem quanto seu próprio. Sua reação foi perguntar:

Uau. Você está usando os saltos vermelhos?

Sim.

Deus, o pau duro dele vai ficar ENORME.

Sorrindo para a tela, digitei um “espero que sim”, depois joguei o celular na bolsa. Eu não queria me permitir ter a esperança de que nossa noite fosse algo assim. Eu já ficaria feliz com um mero sorriso, um beijo no rosto, uma afirmação de que ainda estava interessado em tentar, se eu quisesse. Eu precisava fingir que não estava querendo mais, querendo tudo, querendo-o por inteiro.

E o dia de trabalho, meu Deus. Você sabe do que estou falando. Os segundos parecem minutos, os minutos parecem horas e o dia inteiro passa como uma década. Quando terminou, eu havia pensado sobre a noite tantas vezes que comecei a suspeitar que tudo não passava de fantasia e que Niall Stella era apenas um fragmento da minha imaginação.

Finalmente, às 17h30, o escritório começou a esvaziar. Passei no banheiro para checar minha maquiagem e roupas, e de repente a realidade me colocou em completo pânico.

Minha camisa de seda estava totalmente amassada e,

Jesus amado, o que eu estava pensando hoje de manhã? Minha saia agora parecia *extremamente* curta. Safadamente curta. “Quanto-custa-uma-noite” curta.

Gemi de frustração e cheguei mais perto do espelho. O rímel estava borrado... basicamente no rosto inteiro. O blush já tinha saído todo.

Fiz o possível para consertar a bagunça, mas o problema era que eu estava tão nervosa que achei que fosse devolver meu almoço à base de bolacha e água. *Será melhor ficar no banheiro, caso eu queira vomitar? Será que devo levar uma bolsa extra?* Por que demorei tanto para decidir encontrá-lo? E se eu não conseguir falar nada?

Mas então a coisa mais estranha aconteceu: comecei a rir. Eu estava surtando porque veria o Niall Stella. Checava a maquiagem e pensava se vomitaria, e me preocupava se poderia ficar muda ou gaguejar.

Isso era normal. Era o que eu sempre fazia.

Com mais uma olhada no espelho, peguei minha bolsa e saí do banheiro.

Corredor, elevador, rua. Dezessete quarteirões, uma ponte e pronto. Na esquina, tomando uma decisão.

Foi então que meu coração decidiu explodir e meu sangue evaporou e perdi controle do meu cérebro.

Ele não sabia que eu estava chegando. Não vi nem falei com ele em mais de dois meses. Pedi que me desse tempo e ele me deu... Fiquei agradecida e brava com isso ao mesmo tempo. E se ele tivesse seguido em frente?

Isso me machucaria ainda mais do que apenas não saber. Eu podia continuar andando e voltar para minha casa confortável. Podia jantar uma tigela de cereal e assistir *Community* até a hora de dormir, depois levantaria e repetiria a mesma coisa amanhã. Podia continuar trabalhando naquele emprego fácil e tedioso até chegar o momento de mudar, depois podia desaparecer da cidade sem nunca precisar encarar isto. Então algum dia eu poderia esquecer o Niall Stella.

Ou poderia virar à direita, andar dois quarteirões até seu prédio, sentar na escada e esperar por ele. Poderia dizer a ele que ainda queria tentar e então deixar que dissesse sim ou não. Se dissesse não, eu voltaria para casa e para o cereal, série de tv e os eventuais curativos no coração. Mas se dissesse sim...

Não havia realmente escolha.

Fiquei olhando para a calçada enquanto andava, olhando para meus sapatos vermelhos sobre o concreto cinza. Era mais fácil me mover olhando para alguma coisa. contei o Número de Rachaduras Entre a Esquina da Verdade e o Prédio do Niall (vinte e quatro), o Número de Vezes Em Que Considerei Dar Meia-Volta e Correr Para Casa (umas oito) e fiquei repassando mentalmente o que eu queria dizer:

Oi. Sei que é estranho me encontrar aqui no seu prédio e desculpe por não ligar, mas eu queria ver você. Senti sua falta. Eu te amo.

Seja simples, eu pensei. Ponha tudo para fora e deixe que ele se decida.

Eu tinha quase certeza que ele não estaria em casa, mas apertei seu interfone mesmo assim. Quando ninguém respondeu, fiquei olhando para a escada por alguns segundos antes de me sentar, já preparada para esperar, e voltei a repetir minha fala.

Oi. Sei que é estranho me encontrar aqui no seu prédio e desculpe por não ligar, mas eu queria ver você. Senti sua falta. Eu te amo.

O sol descia relutante no céu. Carros passavam, estacionavam, vizinhos entravam e saíam depois de me olharem com curiosidade pelo máximo de tempo que a educação britânica permitia. Esse movimento pós-trabalho acabou abruptamente, depois as luzes se acenderam lá dentro. Um cheiro de comida invadiu a rua. E mesmo assim, nada do Niall.

Toda vez que eu começava a pensar que deveria ir embora – *talvez ele tivesse saído com os amigos?* – eu pensava: *Mas e se ele chegar um minuto depois que eu sair?*

Eu achava que iria esperar uma meia hora, mas fiquei sentada por uma hora, depois duas, três, e finalmente estava esperando por quatro horas sem nenhum sinal dele quando algo me ocorreu: Niall pode ter saído com alguma garota.

Essa ideia era tão azeda que tive que gemer. Apoiando os braços nos joelhos e pressionando a testa ali, concentrei-me em inspirar e expirar. Inspirar e expirar.

Acho que fiquei desse jeito por mais meia hora, ou talvez três, já nem sei mais. Quando olhei para cima, foi por causa de uma sensação estranha, uma mudança na atmosfera. Os sons ao meu redor sumiram e então pude ouvir: o leve som de sapatos masculinos batendo na calçada. Eram os passos longos e decididos do Niall

Stella.

Número de Vezes Em Que Fiquei Esperando os Passos do Niall Stella: infinito.

Virei à cabeça em direção à rua e vi sua longa figura. O que aconteceu dentro de mim pode ser descrito em algum livro médico de diagnósticos como “enjoo de amor”: meu coração evaporou e depois voltou como uma coisa enorme e bestial que parecia bater rápido e forte demais. Pulsava em meus ouvidos e enviava sangue aquecendo minhas mãos e pés até formigarem. Fiquei com tontura, cerrei os olhos para enxergá-lo através da minha vista embaçada e tive certeza que iria vomitar.

Ele estava usando seu terno azul-escuro – eu podia ver ao longe, sob a luz intercalada dos postes – e ele parecia... Incrível. Forte, confiante e andando com sua postura de sempre: ombros para trás, braços ao lado do corpo,

cabeça erguida.

E então, parou o peito caindo um pouco, a mão tocando a nuca.

Com pernas trêmulas, eu me levantei, passando as mãos em minha saia. Se minhas roupas já estavam amassadas do trabalho, eu nem podia imaginar como estariam depois de sentar num degrau de concreto por mais de quatro horas no meio do ar úmido de junho.

Quando ele deu um passo para frente, o movimento foi hesitante o suficiente para me fazer também me mover em sua direção. Vê-lo de novo quase doía. Eu o amava tanto. Amava suas feições esculpidas e as longas pernas. Amava a grande extensão de seu peito, os profundos olhos castanhos e os lábios tão macios e beijáveis. Amava as mãos que eram maiores que minha cabeça e os braços que podiam envolver várias vezes o meu tamanho. Amava sua aparência arrumada mesmo depois das dez da noite, e amava o ritmo calculado de seus passos.

Eu queria correr para os seus braços e dizer que já tive tempo demais e agora eu o queria para mim.

Oi. Sei que é estranho me encontrar aqui no seu prédio e desculpe por não ligar, mas eu queria ver você. Senti sua falta. Eu te amo.

Ele andou lentamente, eu andei lentamente, e então ficamos a apenas alguns centímetros de distância, e meu coração estava batendo tão forte que eu não sabia como minhas costelas aguentavam.

– Ruby?

– Oi.

– Oi. – Ele engoliu em seco, e só agora, de perto, pude perceber que estava mais magro, mais abatido. O queixo estava mais fino, os olhos mais escuros. Será que também enxergava isso em mim? Que senti tanta falta dele que fiquei fisicamente doente nos últimos dois meses?

Sei que é estranho me encontrar aqui no seu prédio e desculpe por não ligar, mas eu queria ver você. Senti sua falta. Eu te amo.

Mas antes que eu pudesse dizer minha fala, ele perguntou “O que você está fazendo aqui?”, e eu não consegui decifrar o tom de sua voz.

Foi um tom controlado – *ele* estava controlado –, e engoli nervosamente

antes de responder:

– Eu... sei que é estranho me encontrar aqui no seu prédio.

Como era mesmo o resto?

Niall olhou para trás de mim e perguntou:

– Desde quando você está aqui?

– Desculpe não ter ligado – falei de um jeito automático.

Ignorando meu pedido de desculpas, ele chegou mais perto e perguntou de novo, desta vez mais gentil.

– Desde quando você está aqui?

Encolhendo os ombros, respondi:

– Faz um tempo.

– Desde que saí do trabalho na Anderson?

Ele sabe onde eu trabalho. Ele sabe que horas eu saio de lá.

Pisquei de volta para o seu rosto, mas foi um erro. Ele era a pessoa mais bonita que já vi, e eu conhecia seu rosto. Era o rosto que eu via quando fechava os olhos, quando precisava sentir conforto ou alegria, apoio ou excitação. O rosto do Niall Stella era como um lar para mim.

– Sim, desde que saí do trabalho – admiti.

– Então... *horas* – ele disse, sacudindo a cabeça. – Eu não sabia... quer dizer, eu já não volto cedo para casa. Não tem...

Antes que me mandasse embora, ou dissesse que não era uma boa ideia eu estar aqui, ou qualquer uma das centenas de rejeições possíveis, eu comecei a falar:

– Então, eu... – Olhei para o lado, esquecendo completamente o que iria dizer. Algo sobre querer vê-lo de novo? – Veja só, acontece que... – Voltei a olhar para ele antes de soltar de repente: – Eu realmente, *realmente*, te amo.

Num segundo ele estava na minha frente, no segundo seguinte estava me agarrando contra a parede do prédio, erguendo meu corpo do chão, os braços envolvendo minha cintura. Ofeguei, olhando para seu rosto. Niall olhava para mim com uma intensidade sombria que fez meu peito se apertar dolorosamente.

– Fale isso de novo.

– Eu te amo – sussurrei, sentindo a garganta quase apertada demais para falar. – Senti sua falta.

Sua expressão embranqueceu enquanto olhava em meus olhos mais uma vez e então ele se abaixou, apertando o rosto em meu pescoço. Sua boca... *oh, Deus...* com um gemido profundo, minha boca favorita beijou meu pescoço, meu queixo, e eu não conseguia recuperar o fôlego, não conseguia impedir o nó que subia cada vez mais em minha garganta.

– Niall...

Ele falou contra minha pele:

– Querida, fale de novo. Não sei se posso acreditar que isso está acontecendo de verdade.

Em meio a um soluço, consegui repetir:

– Eu te amo.

Num lampejo de pânico, eu também não soube se isso realmente estava acontecendo ou se eu tinha dormido na escada e agora sonhava o melhor dos sonhos. Mas então seus lábios voltaram a se mover, no queixo, no rosto, depois pressionando meus lábios – com o melhor tipo de maciez, o melhor tipo de força. Engoli outro soluço quando senti sua língua deslizar para dentro e seus sons vibraram em mim enquanto ele gemia em seus beijos.

Atrapalhando-se todo, ele começou a colocar para fora seus pensamentos desconexos sobre o quanto sentiu saudade, que os últimos meses foram um inferno, que pensou que nunca mais me veria. Niall segurou meu rosto e seus beijos se alternaram entre pequenos e fortes, macios e rápidos, e então passou os polegares em meu rosto, limpando uma grande bagunça de lágrimas, mas, honestamente, eu não me importava nem um pouco.

– Você vai subir agora – ele rosnou, movendo a boca até meu ouvido. – Vai ficar comigo hoje.

– Sim.

– Hoje e todas as outras noites.

Concordei, sorrindo enquanto apertava meu rosto em seu pescoço.

– Bom. Até eu me mudar para Oxford.

Afastando-se, Niall me encarou.

– É verdade? Então você recebeu uma carta da Maggie?

– Recebi na semana passada. Eu queria ligar pra você.

Ele sorriu um pouco, incapaz de parar de me olhar, sem nem mesmo piscar.

– Você devia ter ligado.

– Achei que queria ver você mais do que apenas falar.

Assentindo levemente, ele baixou os olhos, entrelaçando nossos dedos.

– Já é tarde. Você ficou sentada aqui por muito tempo.

Está com fome?

– Não muito – admiti. – Só queria...

– Deitar na minha cama? – Sua voz foi um rosnado gentil.

Eu sussurrei:

– Sim. A não ser que *você* precise comer.

– Não. De jeito nenhum quero comer antes.

Foi realmente simples assim, e não houve nenhum traço de hesitação. Eu sabia que precisava senti-lo.

Precisava ser coberta por ele.

Niall se virou e me conduziu até a escada, e eu o segui para dentro até chegarmos ao seu apartamento. Ele me puxou e me apertou contra a porta enquanto beijava meu queixo.

– Vamos conversar mais tarde, certo?

– Certo.

Seus dentes raspavam meu pescoço.

– Ótimo, pois sei que precisamos conversar. Mas no momento, quero colocar minha boca em você e cantar “God Save The Queen”.

Finalmente, uma risada escapou da minha garganta.

Ah, o alívio disso. Quase comecei a chorar de novo.

– Acho que você pode perder sua cidadania por isso.

– Valeria a pena. Beijar entre suas pernas é igual a beijar sua boca, mas ainda mais macio.

Eu estava arrepiada da cabeça aos pés. Como podia ser tão fácil voltar assim?

– Bônus: eu tenho orgasmos quando você me beija ali.

Niall me olhou com uma expressão fingida de escândalo.

– Você quer dizer que não tem orgasmos quando beijo sua boca?

– Já faz um tempinho. Por que não tenta descobrir?

Ele rosnou com um sorriso de predador, e aqui – bem *aqui* – estava meu homem sexy e provocador. A versão dele que apenas eu teria. O mundo ficaria com aquele exterior calmo e contido. Eu teria esta versão bem aqui, que apanhou as chaves no bolso e começou a abrir a porta enquanto me beijava. Suas mãos se atrapalharam com a fechadura e nós rimos em nossas bocas, com dentes batendo e beijos molhados.

Ouvi a fechadura abrir e seu gemido de alívio enquanto mordida meu lábio.

– Nunca mais me deixe sozinho – ele disse, enquanto a mão tocava a maçaneta. – Foi um tempo horrível, Ruby.

– Eu não deixei você. – Olhei-o nos olhos. – Você me deixou. Então, se vamos... – Sacudi a cabeça. – Nunca mais volte para a Portia.

Eu tinha que dizer isso. Mesmo se fosse absurdo, isso nunca fora um medo, até se tornar um.

– Eu nunca... – Ele fechou os olhos com força. – Por favor, acredite quando digo que estou sendo sincero. Foi um erro terrível.

Agarrei sua gravata e o puxei de volta para mim, raspando meus lábios sobre sua boca.

– Eu entendo.

Seu braço envolveu minha cintura, segurando meu corpo para que eu não caísse quando ele abriu a porta do apartamento.

Não caí, mas fiquei de costas no chão quase imediatamente após entrarmos, com o Niall sobre mim enquanto subia minha saia até o quadril, e antes que eu pudesse lembrá-lo que ele deveria estar beijando minha boca primeiro, seus dedos já estavam impacientemente deslizando minha calcinha

para o lado para pressionar a boca sobre o meu clitóris.

Oh, aquela sensação molhada, a vibração das palavras que ele repetia e que eu nem entendia direito. Os beijos suaves e o calor da respiração sobre mim. Outro lampejo de incredulidade me atingiu e precisei agarrar seu cabelo para me ancorar naquela sala, naquele chão, com aquela coisa que ele fazia com a língua e lábios e – puta merda – até os dentes.

A porta nem estava fechada e percebi isso apenas quando ele a chutou, grunhindo alto em minha pele. Seus olhos estavam fechados, os dedos apertando minha cintura enquanto me chupava e falava em minha pele, e tive que me apoiar nos cotovelos para assistir àquela cena maravilhosa. Seria um crime desperdiçar a oportunidade. Era como se cada lambida e gemido aliviado desatasse algo profundo dentro dele. Eu queria dizer a ele, *isto, agora mesmo, é como sei que você é meu. Você não está pensando em nada, exceto nisto. Nem tenho certeza se está fazendo para o meu prazer.*

Mas eu não conseguia dizer palavra alguma, muito menos uma sequência coerente delas; todos os meus sons eram gemidos que imploravam dizendo *isso, sim, ali, mais e*

oh merda eu vou gozar

O gemido que ele soltou em resposta enviou tremores por meu corpo, e a maneira como murmurou “Sonhei tanto com este sabor”, destruiu qualquer autocontrole que ainda me restava. Caí de costas, com os braços sobre a cabeça, pressionando meu quadril contra ele, esfregando e circulando até meu corpo tencionar e se apertar, meu orgasmo usando todos os músculos ao mesmo tempo até me consumir inteira, se espalhando de onde ele me beijava até o resto do meu corpo: para a ponta dos dedos, para o meu rosto corado, para os dedos dos pés apertados.

Agarrei nas costas do casaco que ele ainda não havia tirado e tentei achar o colarinho para puxá-lo sobre mim. Eu precisava dele nu e dentro de mim. Precisava de seu peso por cima e a sensação de sua cintura entre minhas coxas.

Ele se sentou, sem nem se dar ao trabalho de limpar o rosto enquanto se livrava do casaco, tirava a gravata e a camisa. De onde estava no chão, eu podia ver o subir e descer de seu peito, mas apenas em minha visão periférica. Não conseguiria tirar os olhos de seu rosto até que alguém me

retirasse fisicamente daquele apartamento e daquele homem.

Eu estava exausta. Minha pele vibrava, os músculos relaxaram, o cérebro não passava de uma enorme zona de satisfação. Niall tirou minha calcinha, depois tirou a saia, tomando seu tempo para me despir, beijando cada centímetro de pele revelada. Achei que fosse subir por cima de mim e me penetrar imediatamente – senti o quanto ele estava duro quando beijou meu pescoço e pressionou minha coxa. Mas ele me surpreendeu, passando um braço sob meus joelhos e outro ao redor dos ombros para me carregar pelo corredor.

– Onde estamos indo? – perguntei.

– Não quero fazer amor com você no chão de novo.

Chupando seu pescoço, eu disse:

– É isso que vamos fazer?

Ele confirmou.

– A noite toda, e uma grande parte de amanhã também.

Nunca tive tempo para examinar seu quarto antes, já que na única vez que estive aqui acordei e fui embora correndo. As janelas eram largas e altas, as paredes eram brancas com apenas algumas fotografias de Ansel Adams. *Autografadas*. Meus olhos se arregalaram olhando para o resto. Sua cama era enorme, perfeitamente arrumada, com lençóis escuros e um cobertor também escuro. Ao fundo ficava um pequeno banheiro e um único abajur aceso em cima de uma mesa perto da cama. Era um quarto masculino, sem muita decoração.

Niall chegou perto de mim, as mãos passando sobre meus ombros e descendo até a cintura nua, seu peito apertando-se contra minhas costas.

– Suba na cama. – Sua ordem foi suavizada pelo beijo em meu pescoço.

Subi na cama e fiquei olhando ele me seguir com movimentos predatórios até se ajeitar novamente entre minhas coxas.

– Vem me beijar – implorei baixo.

– Ainda não.

Ele se abaixou, deslizando a língua entre minhas pernas outra vez. Foi tão diferente de antes; seus beijos eram lentos e gentis, mais expressivos e

carinhosos do que diretos.

– Ou você realmente gosta de fazer isso ou está *realmente* querendo pedir desculpas.

– Ainda me sinto um pervertido fazendo isso – ele admitiu, beijando a parte interna da minha coxa. – É safado olhar para os seus peitos, bem safado olhar você se masturbando, extremamente safado colocar meus dedos dentro de você... mas finalmente enfiar a língua aqui? – Niall me lambeu, gemendo. – Esse ponto gostoso que só eu posso olhar? Bom, isso é sublime de tão safado.

– Acho que você quer dizer possessivo.

– Isso também. Admito que gosto da ideia de este corpo me pertencer.

– Tecnicamente, pertence a mim.

– Que seja, meu amor.

– Cuidado – provoquei. – Não use a palavra com a sem pensar. – Será que ele podia sentir o quanto eu precisava que ele dissesse?

– Como é? – ele perguntou, subindo os olhos por meu corpo até encarar meu rosto. – Você não me ouviu repetir várias vezes que te amo quando falei em sua pele agora há pouco?

Sorri, abrindo a boca para fazer uma piada antes de perceber que ele não estava brincando. E que ele havia falado. Niall sussurrou *eu te amo* várias vezes no chão, com reverência.

– Oh.

Seu sorriso foi surreal: sedutor e pervertido.

– Você precisa que eu fale de novo em seu ouvido?

Mordi o lábio, encolhendo os ombros para ele.

– Eu gosto de onde sua boca está agora, mas tenho que admitir que não me importaria de ouvir isso um pouco mais de perto...

Ele subiu por meu corpo me beijando, com os lábios molhados por mim, as mãos apertando, os dentes raspando. Cada toque ecoava as palavras.

Ele era tão longo sobre mim, tão enorme, bloqueando tudo mais. A segurança que eu sentia debaixo do Niall era diferente de qualquer coisa.

Ele viu meu lado mais maluco e meu lado mais equilibrado – dois estados causados por meus sentimentos por ele. Nos meses em que o amei de longe e nas curtas quatro semanas em que o amei de perto, ele se tornou mais do que um amante; ele era meu novo melhor amigo.

– Sempre me senti como a única pessoa no mundo que não conhecia a própria mente desde cedo. Meus irmãos, todos eles nasceram já sabendo quem eram. Eu não. Mas com você, eu sei quem sou. Quero confiar nisso. Na verdade, *preciso* confiar. Então, é verdade, foi preciso apenas um mês depois de te conhecer oficialmente no elevador para eu arruinar tudo e você fugir de mim... mas aqui estamos. E eu te amo.

Senti um calafrio se espalhar por meus braços.

– Eu te amo – ele repetiu num sussurro e depois beijou minha orelha. – Eu te *adoro*.

Abri seu cinto e ele ajudou a empurrar a calça pela cintura até eu poder chutá-la. Não queria esperar mais; sentia um desejo pulsante de ficar com ele, de ser preenchida por ele. Em toda parte que me tocava, sua pele estava quente e suave, os pelos macios das pernas raspando contra minhas coxas, o peito apertando meus seios quando subiu em mim.

– Isso é tão bom – sussurrei.

– Eu sei. Isso... – Niall sacudiu a cabeça. – Sinto que não prestei atenção suficiente na primeira vez que ficamos íntimos assim – ele admitiu e me beijou. – Fiquei focado demais em não surtar. Agora quero sentir cada segundo.

Levei a mão entre nossos corpos, agarrando seu pau e olhando seu rosto. Sua boca se abriu, os olhos se tornaram pesados.

– Você ainda toma pílula? – ele perguntou, beijando meu pescoço.

– Sim.

– E não ficou... – Ele fez uma pausa, perdendo o fôlego quando olhou em meus olhos. – Não ficou com...?

Me coração quase parou.

– Mal saí do meu apartamento, com exceção do trabalho. Você quer mesmo perguntar isso?

– Não – ele admitiu. – Acho que só quero ouvir. Fiquei muito mal, Ruby. Pensando em você com outra pessoa enquanto estávamos separados... foi horrivelmente doloroso.

Ele pairou sobre mim, bloqueando toda a luz do quarto até que a única coisa que eu podia ver, sentir ou cheirar era sua pele.

– Achei que você poderia transar com a Portia naquela noite – eu disse. E por que essa conversa era tão mais fácil quando eu podia sentir o calor, a extensão grossa deslizando sobre mim, apenas a um centímetro da minha entrada? – Quando saí do escritório naquele dia, era a única coisa que eu conseguia pensar, que você ficaria com ela de noite. Acho que nunca chorei tanto.

– Ruby...

– Acontece que levou um tempo até eu conseguir tirar isso da cabeça. E não me sentir zangada ou traída. E não precisar que, sempre que ficássemos juntos, você reafirmasse os seus sentimentos.

Ele abriu a boca, mas parei suas palavras com um dedo em seus lábios.

– Eu não preciso que você me tranquilize. Você tinha *muita* história com ela, e praticamente *nenhuma* história comigo. Quero deixar aquela noite pra trás.

Sua voz saiu fraca e apertada.

– Eu queria nunca ter ido lá.

– Eu também.

Ele estremeceu e apertou seu rosto em meu pescoço.

– Ruby, droga, desculpe... sei que estamos conversando... mas vou gozar se você não parar de apertar meu pau.

Soltei imediatamente, explodindo numa risada.

– Oh, meu Deus! Niall! Eu estava toda séria esperando você me ouvir enquanto ficava masturbando e me esfregando em você...

Ele me interrompeu com um beijo que não começou com nenhuma ternura. Foi imediatamente profundo, explorador, e o movimento de seus quadris deslizando sobre meu clitóris me dizia que a conversa estava acabada.

Movi as mãos para sua barriga, para o peito, sentindo a maciez, a firmeza,

os músculos se apertando enquanto se esfregava sobre mim, cada vez mais rápido, com mais pressão, até eu sentir um toque de suor em seu peito e a respiração cada vez mais presa.

– Estou perto – ele sussurrou, fechando os olhos com força.

– Eu também.

Niall olhou entre nossos corpos, entrando lentamente em mim e soltando um “Oh, Deus!” quando seu quadril encostou completamente em minhas coxas.

Eu já havia esquecido a sensação, então segurei sua cintura, pedindo silenciosamente para me dar um segundo para me acostumar.

– Está tudo bem? – ele sussurrou, os braços tremendo ao lado da minha cabeça.

– Sim. – Eu me estiquei para beijar sua garganta e depois rolei meu quadril debaixo dele, sentindo meu coração acelerar descontroladamente quando ele se retirou e começou a penetrar de novo. Primeiro, lentamente, depois, quando percebeu que eu estava bem, quando deslizou tão fácil para fora e para dentro, Niall acelerou e seus *sons*... oh, os sons. Seus gemidos discretos, palavras fragmentadas que faziam eu me sentir possuída e aflita.

Seus olhos se moviam sobre meu rosto, descendo até o peito para seguir os movimentos dos seios com cada batida de sua cintura.

– Ah, nossa, meu amor.

Ele se abaixou e me beijou, mas não foi realmente um beijo. Foi sua boca, macia e distraída, aberta e deslizando sobre a minha. Foi sua respiração, quente sobre meus lábios, minha língua.

– Eu te amo. – Eu estava tão profundamente apaixonada. Era como se meu destino fosse amar o Niall Stella.

Sua mão cobriu meu seio, apertando gentilmente quando se abaixou para chupar, antes de deslizar sobre minhas costelas até a cintura, a bunda, a coxa, levantando minha perna sobre seu quadril. Ele estava impaciente, claramente perdido na sensação, com olhos abertos, mas tão distantes que pude sentir todo o poder que eu possuía sobre ele.

Eu o apertei e seus olhos se fecharam quando um profundo gemido

escapou de seus lábios.

– Diga para mim – ele ofegou. – Diga o que fazer.

– Mais rápido.

Seu quadril se moveu com decisão, batendo forte contra mim, as mãos agarrando a parte de trás do meu joelho com tanta força que pude sentir a pressão de cada dedo.

– Quero ver você.

Niall piscou, com seus longos cílios negros raspando em seu rosto antes de olhar para mim e me puxar, assim que entendeu. Senti toda sua extensão se retirar de mim.

Ele estava molhado, tão duro que apontava diretamente para cima, e estiquei o braço para tocá-lo, para trazer a cabeça até meu clitóris e usar sua ponta grossa para circular e circular e circular contra mim. Eu não queria seus dedos ou boca. Queria a pele macia e a carne rígida me levando ao orgasmo.

Na beira do abismo, quando a sensação parecia se acumular entre minhas pernas, esperando para transbordar e me afogar, eu o deslizei de volta para dentro e senti seu gemido, senti o êxtase daquilo. Assim que seu quadril bateu contra o meu Niall se descontrolou, puxando para fora e dando a mim exatamente o que eu queria: ser fodida – *com força* – em sua cama.

Demorou vários segundos antes de perceber que os gritos que eu escutava eram *meus*, que a pele que eu sentia rasgando sob minhas unhas era *dele*, e que ele estava se movendo tão rápido que sua cama batia fortemente contra a parede.

Suas costas estavam molhadas de suor e seus dentes mordiam meu ombro quando o prazer tomou conta de mim, surgindo fundo em meu corpo. Bem quando comecei a me desfazer, ele começou a gozar, seus dedos apertando minhas coxas enquanto soltava um som rouco de alívio que nunca ouvi antes, e que agora sabia que passaria todas as noites de nossas vidas tentando arrancar dele novamente.

Devagar, ele recuperou o fôlego, deslizando preguiçosamente para dentro e para fora, com os lábios pressionados em meu queixo.

– Essa foi uma bela foda.

Concordei com um som ininteligível.

– É todo seu, sabe?

Piscando para o teto sem entender, perguntei:

– O quê?

– Meu coração, é claro, mas meu corpo também. – Niall continuava ofegando. – Minhas mãos, meus lábios, meu pau. Eu confio tudo isso a você, confio em você mais do que em mim mesmo.

Meu peito parecia se apertar com tanta força que quase perdi a respiração. Até mais íntimo do que o som de seu orgasmo foi o jeito como ele disse isso tão diretamente, tão sinceramente, depois de já ter gozado:

– Gostei quando você usou meu pau para brincar com seu corpo. Essa ideia de você gozar me esfregando em você toda...?

– Sim? – perguntei.

– Caramba. Adorei. E também o quanto você queria mais forte. Quero que você me incite a ser um pouco mais safado com você.

– Só um pouco? – perguntei em tom de brincadeira.

Niall olhou diretamente em meus olhos e percebi um toque de vulnerabilidade ali. Eu sabia que esta conversa parecia uma linguagem completamente estranha para ele.

Eu me estiquei para beijá-lo, desesperada para tirar o tom de provocação do momento.

– O que você quer tentar?

– Tudo – ele admitiu num sussurro. – Mas acho que principalmente eu... Estou um pouco encantando com a ideia de ficar íntimo de alguém e ao mesmo tempo apaixonado. Não quero mais me esconder disso. É tão novo para mim, é até um pouco absurdo o quanto é diferente.

– Você quer dizer fisicamente?

– Quero dizer, tudo. Falar abertamente enquanto fazemos amor. A *sensação* de fazer amor.

Ele ainda estava por cima, dentro de mim, pedindo aquilo que precisava, e por um longo momento não consegui respirar direito. Estávamos fazendo

isso. Ele estava inteiro dentro de mim. Estávamos em sua cama, em seu apartamento, e ele disse *sim*.

– O que você está pensando? – ele perguntou, beijando meu pescoço.

– Só que... estou tão aliviada por estarmos juntos de novo que acho que vou explodir.

– Acho que prefiro você inteira, principalmente debaixo de mim, nua e molhada como um lago.

Envolvi seu pescoço com meus braços.

– Então preciso manter você por cima a noite inteira.

Ele riu, depois me beijou.

– Eu te amo, Ruby.

Número de Vezes Em Que Niall Stella Usou Meu Nome Quando Disse que Me Amava:

Uma, e contando.

Agradecimentos

Alguns livros saem facilmente de nossos dedos, enquanto outros precisam de uma combinação dos seguintes fatores: (1) ficar num canto escuro quase chorando, (2) bolo, (3) acorrentar a si mesma no computador, (4) lágrimas, (5) sangue, (6) álcool, (7) deitar no chão, (8) Ryan Gosling e/ou (9) sacrificio de uma virgem.

Não estamos dizendo que *Surpresa Irresistível* precisou de todas essas estratégias, mas também não estamos *negando* nada.

Então, nosso primeiro e mais importante agradecimento vai para nosso editor, Adam Wilson, e nossa agente, Holly Root, por nos ajudar a trazer este livro à vida. Sem vocês dois, a CLo não existiria, e não se passa nem um dia em que não sentimos isso. Este livro aconteceu apenas com o melhor tipo de esforço em equipe.

Agradecemos à Kristin, nossa Preciosa, nossa rocha, nossa guerreira. Obrigada por escutar tudo, por manter nossa loucura controlada com o Honest Trailers, e por ajudar a colocar todos aqueles livros nas mãos certas. Você é *muito* boa para nós.

Obrigada, Erin, por sempre, sempre, sempre nos assegurar que façamos tudo certo. Obrigada Tonya, por suas leituras honestas, suas opiniões necessárias e todos aqueles gifs pornôs. Obrigada, Sarah J. Maas, pelo entusiasmo que nos permitiu respirar e as instruções finais que deram verniz para nossas páginas. Agradecemos também nossas Captain Hookers – Alice Clayton e Nina Bocci – por nos manter insanas, pelas *selfies* feias e as mensagens que nos ajudaram mesmo nas horas mais estressantes. Obrigada, Drew, por cuidar das tarefas do Team CLo todos os dias; obrigada, Jen, pelos melhores convites de promoção que duas garotas poderiam querer; obrigada, Helen, por nos ajudar com nossos diálogos britânicos e a geografia de Londres; e obrigada, Heather Drawn, por ser a Deusa do Design.

Para nossa família na Gallery: obrigada, Jen

Bergstrom, Louise Burke e Carolyn Reidy, por serem as Melhores

Heroínas de Garotas Que Escrevem Livros Sexy e Inteligentes. Obrigada, Jen Robinson, Liz Psaltis, Diana Velasquez, Trey WASSUP Bidinger, John Vairo,

Lisa Liwack, Ed Schlesinger, Abby Ziddle, Jean Anne Rose, Lauren McKenna, Stephanie DeLuca e – apesar de vocês terem nos deixado – Jules Horbachevsky e Mary McCue: esperamos que sintam nossa adoração.

Sinceramente, é preciso muito esforço para ser esquisito assim, mas vocês todos valem a pena.

Bloggers, críticos, leitoras, tradutores e colegas escritores: vocês transformam a comunidade de escritores na melhor das caixas de areia. Obrigada por nos deixarem brincar.

Finalmente, obrigada aos nossos sempre pacientes maridos, aos filhos mais fofos – que sabem que não devem falar os títulos de nossos livros na escola – e obrigada a essa Parceria em Safadezas que faz da escrita destes livros o melhor emprego do mundo.